

TV  
EXCELSIOR



## GLORIA IN EXCELSIOR

Ascensão, Apogeu e Queda do Maior  
Sucesso da Televisão Brasileira

ÁLVARO de MOYA

# **Glória in Excelsior**

***Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

2ª edição revista e ampliada



# Glória in Excelsior

## *Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira*

2ª edição revista e ampliada

Álvaro de Moya

**imprensaoficial**

São Paulo, 2010

**GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO**

Governador Alberto Goldman

**|imprensaoficial** **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**  
Diretor-presidente Hubert Alquéres

**Coleção Aplauso**

Coordenador geral Rubens Ewald Filho

## No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

**Alberto Goldman**  
Governador do Estado de São Paulo

## Coleção Aplauso

*O que lembro, tenho.*  
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

**Hubert Alquéres**

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



1º logotipo da TV Excelsior



*Álvaro de Moya e Sidney Pike*

## Introdução

Sendo um pioneiro da televisão, que começou a atuar como produtor diretor em 1950 para uma estação de televisão local em Boston (WHDH-TV), eu não tinha o menor interesse em televisão internacional ou mesmo em redes nacionais nos EUA. Eu produzi e dirigi baseball e outros esportes, escrevi programas infantis, e vivia num mundo de TV local em preto e branco. Antes de começar minha carreira na televisão, deixei a Clark University depois de meu segundo ano, quando descobri que teria que aprender dois idiomas para conseguir me graduar. Aos 20 anos de idade, eu estava certo de que nunca teria que deixar os EUA para trabalhar, e sendo veterano da II Guerra Mundial, não via nenhuma necessidade de perder tempo estudando francês ou alemão.

Quando comecei minha carreira na televisão, no decurso de 48 anos, não tinha nenhum elo com o mundo além dos EUA, exceto um. Lembra-me de que, quando criança, meu pai se preocupava muito com sua irmã Flora, que emigrara para

## Introduction

*As a television pioneer who began as a producer-director in 1950 for a local Boston television station (WHDH-TV) I had no interest in international television or even national television in the U.S. I produced and directed baseball and other sports, wrote children shows, and lived in a local black and white TV world. Before my career in TV I left Clark University after my second year when I was told I would have to learn two languages in order to graduate. As a 20 year old I was sure I would never leave the U.S. in order to work; and as a veteran who served in World War II I saw no need to waste time studying French or German.*

*As I began my television career which spanned 48 years I had no ties with the world outside the U.S. except one. As a child I remembered my father's concern for his sister, Flora who had immigrated to Brazil in 1926 when he had immigrated to the United States*

o Brasil em 1926, quando nós viemos para os EUA, da Lituânia. De alguma maneira, eu me senti responsável por manter contato com o lado brasileiro da família quando meu pai ficou impossibilitado de fazê-lo. A impaciência da curiosidade começou quando soube que a filha mais velha de Flora havia casado com um brasileiro, Álvaro de Moya, que tinha uma posição similar à minha em televisão, na **TV Excelsior**.

12 Em 1958, Alvaro e eu começamos a nos comunicar, de tal modo que utilizamos nossas posições similares nas duas estações de TV. Por coincidência, minha estação de TV estava lutando para manter sua licença, por causa de uma pendência entre o editor do jornal Boston Herald Traveler, que era o dono da WHDH-TV, e o presidente da Comissão Federal de Comunicações. Minha sugestão, muito bem recebida pela diretoria da estação, foi de que o intercâmbio entre a WHDH-TV e a TV Excelsior poderia demonstrar que estações locais de TV como a nossa tinham condições de ajudar o governo americano a melhorar suas relações com o Brasil.

*from Lithuania. I somehow felt it was my responsibility to maintain contact with the Brazil side of the family when he became incapacitated. The "pin prick" came when I learned that Flora's oldest daughter had married a Brazilian, Alvaro de Moya, with a similar television position to mine at **TV Excelsior**.*

*By 1958 Alvaro and I started communicating on ways to utilize our twin positions at the 2 TV stations. By coincidence my TV station was fighting to retain its license because of a lunch in which the publisher of the newspaper, the Boston Herald Traveler, that owned WHDH-TV had with the chairman of the FCC (Federal Communications Commission) just before it was awarded its license. My suggestion that WHDH-TV start a television dialogue with TV Excelsior as a way of demonstrating that a local TV station like WHDH-TV could help the U.S. government improve its relations with Brazil was well received by its management.*

Em 1961 visitei o Brasil e programei com Álvaro de Moya a troca de programas de TV e acertei uma série de documentários (o Modo de Vida Americano), que mostrassem as atividades diárias de minha família. Em 1963, retornei ao Brasil e, junto com Alvaro, visitei 12 cidades para apresentar a série às TVs locais. Uma situação pitoresca de que me lembro aconteceu quando nosso voo da Varig estava para pousar em Fortaleza: eu olhei pela janela e disse "Veja, veja Álvaro, a quantidade de pessoas que veio nos receber no aeroporto". Havia uma multidão de pessoas na cobertura do aeroporto. "É domingo à tarde, e as pessoas vêm ao aeroporto para ver os aviões pousando", respondeu Álvaro, baixando a minha bola.

Esta série de documentários foi traduzida para o japonês para a USIA e, por este projeto, eu recebi uma carta pessoal de agradecimento de Edward R. Murrow, um dos maiores jornalistas americanos, na época dirigindo o USIA. Este projeto brasileiro com a TV Excelsior foi minha primeira iniciativa na área de TV Internacional. O segundo aconteceu em 1967, quando desenvolvi um

*In 1961 I visited Brazil and made arrangements with Alvaro to exchange TV programs and committed to developing a documentary series (American Way of Life) that included the daily activities of my family. In 1963 I returned to Brazil and Alvaro and I visited 12 (?) cities to introduce the series on local TV. One incident I remember was when our Varig airplane was preparing to land in Fortaleza. "Look, look Alvaro at all the people that have come out to welcome us." There are crowds on the roof of the airport." "It's Sunday afternoon and families visit the airport to watch the planes land" Alvaro replied to burst my balloon.*

*This series of documentaries for Brazil was converted into Japanese for USIA and for this I received a personal letter of thanks from Edward R. Murrow, the most revered American broadcasting journalist, then head of USIA. This project with Brazil and TV Excelsior was my first foray into the International TV world. My second was in 1967 when I worked on a project for the ABC network in*

projeto para a rede ABC em Nova York, que estava tentando repetir o sucesso de O Mundo dos Esportes (Wide World of Sports), num novo conceito chamado O Mundo do Entretenimento.

A pesquisa para este projeto mostrou que não se alcançaria o mesmo sucesso do Mundo dos Esportes, e ele foi abandonado. De qualquer forma, eu acredito, ainda hoje, que uma organização de TV de conduta mais agressiva, como a Turner Broadcasting, poderia ter transformado este projeto em sucesso usando uma rede de satélites, para criar a primeira rede internacional de entretenimento ao vivo.

A Rede Globo brasileira chegou a considerar a criação de sua própria rede internacional de notícias 24 horas, assim como a NHK japonesa, mas a barreira da língua, em ambos os casos, determinou o fim dos projetos. Entretenimento, no entanto, não precisa de tradução e uma simples legenda, ou coisa parecida, na abertura dos programas, poderia cativar a audiência. Certamente, a TV Globo poderia desenvolver este projeto, principalmente com a preponderância

*New York that was attempting to duplicate the highly successful Wide World of Sports with a new concept called Wide World of Entertainment.*

*The research on this project did not show that the same results as Wide World of Sports was possible and the projects was abandoned. Nevertheless, I believe, even now, that an aggressive international television organization like Turner Broadcasting once was could make this concept successful using satellites to produce the first live international entertainment project.*

*Brazil's TV Globo, once considered its own international 24 hour news, as did NHK in Japan and because of language difficulties both decided to terminate the project. Entertainment needs no language and any introductions could use sub-titles or other means of description to the television audience. Certainly TV Globo could develop this project particularly with the preponderance of entertainment in Brazil. To bad Alvaro*

do entretenimento brasileiro. Pena que Álvaro e eu estamos aposentados – nós poderíamos coproduzir. Mas, afinal, até Pelé se aposentou.

Depois de 1963, com nosso projeto TV Excelsior – WHDH TV, voltei à TV local e, em seguida, me mudei para Atlanta, para dirigir a WQXI-TV, em 1968. Em 1971, associei-me a Ted Turner como diretor de sua WTCG-TV, em UHF.

Acabei de escrever um livro chamado Nós Mudamos o Mundo (We Changed The World) descrevendo meus 25 anos de trabalho para este homem, mas para esclarecer nesta introdução, devo dizer que meu próximo projeto em TV internacional aconteceu quando a CNN já existia há cerca de 4 anos.

A CNN iniciou em 1º de junho de 1980, com a intenção de impulsionar o crescimento dos sistemas de cabo com o auxílio dos EUA. Suas 24 horas de notícias eram populares e conhecidas mundialmente, mas financeiramente apresentava dificuldades. A audiência via cabo na época era restrita a apenas uma parcela das redes.

*and I are retired—we could co-produce. But then, who knows, even Pele came out of retirement.*

*After 1963 and our TV EXCELSIOR -WHDH-TV project I went back to local television and moved to Atlanta to manage WQXI-TV in 1968. In 1971 I joined Ted Turner as Station Manager of his UHF WTCG-TV.*

*I have just finished writing a book WE CHANGED THE WORLD which describes my 25 years working for this man but for purposes of this introduction I would tell you that my next journey in international television came about after CNN had been on for 4 years.*

*It had begun June 1, 1980 with the intent of helping cable systems grow throughout the U.S. It's 24 hours of news was popular and its publicity was world renown, but financially it was struggling. Cable audiences in those days were limited and only a fraction of the networks.*

Os custos de captação de notícias e envio a Atlanta numa escala de 24 horas eram enormes, mesmo com a contratação de jornalistas recém-formados a baixos salários, para atuarem com profissionais mais experientes.

Turner fez um esforço de distribuição global da CNN em 1982, mas depois de dois anos desistiu do projeto sem ter firmado um acordo concreto. Como a TBS se tornara na época a Superstation, cobrindo todos os EUA e o Hemisfério Norte, o ex-presidente da CBS assumiu minha posição e me tornei responsável pela compra de filmes e programas, assim como pela produção de programas da TBS a partir da Califórnia.

Turner convenceu-se de que não havia interesse na CNN fora dos EUA, e talvez do Canadá, depois de dois anos de esforços inúteis, e me pediu para ver o que era possível fazer para despertar o interesse na CNN fora dessa região. Viajei em janeiro de 1984 ao Pacífico Sul e retornei com contratos para o Japão e para a Austrália, num total de US\$ 2,5 milhões.

*The cost finding news and delivering it to Atlanta on a 24 hour scale was enormous even though journalists were hired right out of school at low salaries to work with experienced professionals.*

*Turner made an effort in 1982 to deliver CNN globally and after 2 years gave up the project as impractical when no agreements were made in that entire period. Since TBS was now a Superstation covering the U.S. and the Northern Hemisphere and no longer just an Atlanta TV station the former President of CBS took over my position as station manger and I was now purchasing film and programs as well as producing programs for TBS from California.*

*Turner was convinced that there was no interest in CNN outside of the U.S. and possibly Canada after the failed effort of 2 years and asked me to see what I could do with developing CNN interest outside of the U.S. I left in January 1984 for a tour of the Pacific Rim*

Como a CNN estava então US\$ 1 milhão por mês, e havia até boatos de falência rondando a Turner Broadcasting, aquela soma não era de todo insignificante, principalmente porque indicava interesse externo na CNN.

Porque consegui despertar o interesse na CNN e meu antecessor, não? A resposta é porque eu não estava mergulhado na mentalidade de "cabo", como estavam aqueles que conceituaram a CNN. Eu era, na época, um profissional de TV com 35 anos de experiência, incluindo meu projeto desenvolvido com Alvaro de Moya e a TV Excelsior, no Brasil. Apresentei a CNN a todas as emissoras de TV do mundo, assim como às poucas concessionárias de cabo existentes então. Trabalhei com os programadores e com os responsáveis por notícias das emissoras, mostrando-lhes como a CNN poderia ser utilizada para divulgar suas próprias notícias locais. Foi assim que criei a CNN Internacional, atuando mundialmente.

*and came back with contracts from Japan and Australia that totaled 2 1/2 million dollars.*

*Since CNN was then losing a million a month and there were even overtones of bankruptcy of Turner Broadcasting this was not an insignificant sum, particularly since it signaled an interest in CNN outside of the U.S.*

*Why was I successful and my predecessor unable to generate interest in CNN? The answer is that I was not grounded in the new cable mentality as were those who built the CNN concept. I was a TV broadcaster with 35 years of experience at that time, which included my work in Brazil with Alvaro De Moya and TV Excelsior. I presented CNN to the television broadcasters of the world and only to the few cable systems that existed. I worked with the management and television news staffs to show how CNN could be utilized in their own local news. This is how I built CNN INTERNATIONAL globally.*

17

**Gloria in Excelsis Deo** (Glória a Deus no céu)

Portanto, nada mais justo que **Glória in Excelsior**

*Este livro é dedicado a todos que  
tiveram o privilégio de trabalhar  
na Televisão Excelsior,  
e a todos que tiveram o privilégio  
de assistir à Televisão Excelsior.*

CONVITE

CANAL 9 TV EXCELSIOR

PROGRAMA

- 18,00 hs. - Introdução com a Banda da Fôrça Pública de S. Paulo.
- 18,30 hs. - Cerimônia oficial de lançamento do novo prefixo.
- 19,00 hs. - Show artístico com os maiores cartazes nacionais.
- 21,00 hs. - Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.
- 21,30 hs. - Concôrto Sinfônico com 60 professores interpretando compositores brasileiros.

A Diretoria da TELEVISÃO EXCELSIOR S. A. tem a honra de convidar V. S. para participar das festividades de lançamento de sua emissora de televisão, CANAL 9, TV EXCELSIOR, a partir das 18 horas do dia 9 de Julho de 1960, no Teatro Paulo Eiró, Av. Adolfo Pinheiro, 915.

TELEVISÃO EXCELSIOR S. A.

DIRETORIA :  
Presidente - João de Scantimburgo  
Vice-Presidente - Dr. Paulo Uchôa de Oliveira  
Superintendente - José Luiz Moura  
Tesorero - Rubens Barbalho



## Jules Dassin

P.F.Gastal, crítico de cinema da Revista do Globo (quando era da Livraria Bertaso, em Porto Alegre), citou o diretor de cinema norte-americano, Jules Dassin, que tinha realizado dois importantes filmes no começo de sua carreira: *Brutalidade (Brute Force)* e *Cidade Nua (Naked City)*. Este virou até série de TV.

A pergunta era por que ele se preocupava em colocar conteúdo social em seus filmes – no macarthismo, Dassin foi exilado na Europa, perseguido por ser membro do Partido Comunista Americano – e a resposta dele foi sobre um marcante episódio de sua infância.

No bairro judeu do Bronx, em New York, ele e um grupo de meninos corriam pelas ruas, olhando para o céu, onde um avião escrevia com fumaça. Correndo e olhando para cima, sem olhar onde pisava, tropeçou num velho judeu de barbas brancas, sentado numa cadeira na calçada. Foi recolhido pelo velhinho, que lhe perguntou por que corria tanto. O menino Jew-lees, esbaforido e ofegante, apontou para cima. E o velho judeu de barbas brancas, sem olhar para o alto, respondeu: *“Que o homem tenha aprendido a escrever no céu é maravilhoso, meu filho... mas, olhe o que ele está escrevendo: Coca-Cola!”*

21

No outro extremo, H.G.Wells respondeu a Charles Chaplin – que também foi banido dos States: *“Não há filme ruim. Só as imagens que se movem já é maravilhoso”*.

Essas duas frases podem se aplicar à maravilha que é a televisão colorida e sonora, transmitindo notícias, esportes, música, teatro, cinema, balé, circo, cultura e arte, cobrindo instantaneamente todo o mundo, esta aldeia. E continua escrevendo Coca-Cola...

Álvaro de Moya



## O Mundo em 1960

- Olimpíadas em Roma. Os soviéticos reafirmam supremacia de 1956, com 43 medalhas de ouro, ante 34 dos EUA.

- Em Cabo Canaveral, no dia 11 de março, é lançado o Pioneer V, em perseguição aos russos que detinham a primazia da conquista do espaço, desde o Sputnik. No ano seguinte, Gagarin seria o primeiro homem no espaço, e não Flash Gordon.

- O norte-americano Ken Olsen constrói o primeiro computador PDP. Também nos States, começam os jogos de computador, graças ao joystick.

- Um espião norte-americano com seu avião U-2, cai no reduto comunista da União Soviética. Krushev não vai a Paris se encontrar com o presidente americano Eisenhower. Este, boicota o açúcar de Cuba de Fidel Castro. Francis Gary, piloto do U-2 é condenado em Moscou a 10 anos de prisão.

- No boxe, Floyd Patterson bate Ingemar Johansen e é campeão mundial de pesos pesados.

- Frank Sinatra é solicitado por um ex-contrabandista de uísque a conseguir apoio da Máfia para seu filho, senador candidato à Presidência. É Joe Kennedy. Aos 9 de novembro, é confirmada a vitória de John Fitzgerald Kennedy, para a Casa Branca, em Washington.

- Em 1960, diversos países da África negra conquistam a independência.

- Os Estados Unidos mandam tropas militares ao Vietnã, onde serão derrotados na guerra, nove anos depois, pela primeira vez em sua história.

- A França explode sua primeira bomba atômica.

- *And the winner is... Se Meu Apartamento Falasse (The Apartment)* de Billy Wilder que ganha o Oscar também como diretor e autor da história. Burt Lancaster (*Entre Deus e o Pecado*) e Liz Taylor (*Disque Butterfield 8*), ganham a estatueta de atores. A canção *Never on Sunday*, do filme grego do exilado político diretor americano Jules Dassin, *Nunca aos Domingos* com Melina Mercouri ganha e invade o mundo. O curta de animação antibélico *Munro*, de Jules Feiffer bate Disney.

• E Ingmar Bergman leva o único Oscar internacional com *A Fonte da Donzela (Jung Frukallen)*.

• Outros filmes de Hollywood neste ano: *O Álamo* de John Wayne, *Psicose* de Alfred Hitchcock, *O Vento Será Tua Herança* de Stanley Kramer, *Êxodus* de Otto Preminger, *Spartacus* de Stanley Kubrick, *A Máquina do Tempo* de George Pal. John Cassavetes estreia na produção nova-iorquina *Shadows*.

• Morrem Gary Cooper e Stan Laurel (O Magro).

• Federico Fellini (1920-1993), ganha Cannes com *A Doce Vida*. Em Veneza, André Cayatte vence com *A Passagem do Reno*.

• Andy Warhol (1929-1987) pinta o detetive dos quadrinhos Dick Tracy, na estreia da Pop Art. Em New York, claro.

• No mundo do cinema. Em Cuba, Tomás Gutierrez Alea inicia sua carreira com *Cantos da Revolução*, codirigido por Garcia Ascott. Na Espanha, surge o italiano Marco Ferreri com *El Cocheito* e Carlos Saura com *Los Golfos*. Na França, temos o poeta Jean Cocteau com *O Testamento de Orfeu*, Jean Rouch com o "cinéma vérité" em *Eu Sou Um Negro*, François Truffaut dirige *Não Atire no Pianista* e Jean-Luc Godard estabelece a Nouvelle Vague com *Acosado*. Na Índia, Satyajit Ray dirige *O Mundo de Apu*. Na Itália, além de Fellini em *La Dolce Vita*, Michelangelo Antonioni revoluciona com *A Aventura*, Gillo Pontecorvo faz *Kapó*, Roberto Rossellini com *Era Noite em Roma*. Florestano Vancini em *A Longa Noite de 1943* e Luchino Visconti com a belíssima obra-prima *Rocco e Seus Irmãos*. No Japão, Masaki Kobayashi realiza o épico *Caminho da Eternidade* e Mikio Naruse filma *Uma Mulher Sobe a Escada*. Buñuel, exilado no México, lança *A Adolescente* (coincidentalmente com *A Fonte da Donzela* de Bergman, um estupro de uma menor). Na Polônia, Aleksander Ford na superprodução *Os Cavaleiros Teutônicos* e Andrej Munk, com *Jeito Para Vender*. Na Checoslováquia, Jiri Weiss dirige *Romeu e Julieta nas Trevas*. Na União Soviética, Kalatazov, *A Carta Que Nunca Foi Enviada* e Pyriev, *As Noites Brancas* do romance de Fiodor Dostoievsky. Ufa!

• No Chile, 5.700 morrem num terremoto e no Marrocos, 12.000 mortos num terremoto que quase destrói a cidade de Agadir.

• O prêmio Nobel de literatura vai para o francês St. John Perse (Alexis St.-Léger Léger). O Pulitzer de literatura para Allen Drury por

*Advise and Consent*. O Pulitzer de teatro: *Fiorello!*; poesia, William Snodgrass; música, Elliot Carter para seu Quarteto. Os críticos premiam *All the Way Home* do escritor de TV Tad Mosel e *A Taste of Honey* de Shelagh Delaney.

- O Nobel da Paz foi parar na África do Sul, Albert Luthal. O Nobel de Física, Donald A. Glazer pela invenção da “câmara de bolha”, para estudar partículas subatômicas. Em Química, Willard F. Libby, pelo **relógio atômico**, a fim de medir a idade dos objetos, mesurando sua radioatividade. Na Medicina, Sir Macfarlane Burnet e Peter Brian Medawar pela descoberta da tolerância da imunidade adquirida.

- O desenho animado *Os Flinstones* inicia sua carreira vitoriosa nas TVs do mundo, empobrecendo a animação. Hanna e Barbera lançam, nos anos 1960, outros sucessos: *O Manda-Chuva*, *Johnny Quest*, *Magilla Gorilla*, *Road Runner*, *Scooby-Doo*, *Os Jetsons* e a *Pantera Cor de Rosa*, além de *Tom & Jerry*.

- Em 1960, o longa-metragem *Scent of Mystery* foi o primeiro e único a exalar odores no cinema, num processo intitulado Smell-O-Vision.

- *Aldeia dos Amaldiçoados (Village of the Damned)*, filme inglês de Wolf Rilla, virou **cult** em ficção científica no cinema. Um dos primeiros sobre crianças más, no gênero.

- Talvez a frase mais famosa da Sétima Arte, em 1960, tenha sido proferida por Anthony Perkins em *Psicose*: “*We all go a little mad, sometimes*” (*Todos nós ficamos um pouquinho loucos, às vezes*). Minutos antes de esfaquear Janet Leigh no chuveiro.

- Uma das trilhas de maior sucesso no cinema é de 1960: *Sete Homens e Um Destino (The Magnificent Seven)*, de Elmer Bernstein.

- O filme inglês *Oscar Wilde*, com Robert Morley não recebeu o certificado de censura nos Estados Unidos, nesse ano.

- Pierre Boulez compõe *Dobra Segundo Dobra*, inspirado no poeta Mallarmé.

- Surge o primeiro satélite meteorológico que acompanha grandes massas de ar, com 2 câmeras de televisão.

- Peyo lança *Les Schtroumpfs (Os Smurfs)*, na revista de Paris, Spirou; vai para TV e conquista o mundo.

- Dentre os falsificadores de arte, como o húngaro Elmyr De Hory, em 1960, Alfred Fioravanti declarou à direção do N.Y. Metropolitan Museum, que ele era um dos 6 homens que tinham criado, cinquenta anos atrás, uma estátua de dois metros, de um guerreiro etrusco, que teria sido escavado em 1918, como uma raridade supostamente enterada desde os tempos pré-romanos.

- Morre Albert Camus, autor de *A Peste* e *O Estrangeiro*, prêmio Nobel de literatura em 1957.

## O Brasil em 1960

- Brasília é inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976) no dia 21 de abril. O Grupo Simonsen – futuro proprietário da rede Excelsior – representante da Marconi inglesa, transmite a pioneira rede Brasília – Belo Horizonte – Rio – São Paulo, para o pool de emissoras de TV existentes.

- Brasília, no dia de sua inauguração, lança o Canal 6 TV Brasília das Associadas e o Canal 8 TV Alvorada da Record. Programação local, ao vivo, preto e branco.

- A TV Cultura Canal 2, de São Paulo, ainda não cultural, da Rede Associadas, é inaugurada. O Canal 3 TV Tupi passa para o Canal 4.

- No dia 16 de junho, TV Jornal do Commercio, de Recife, é a primeira estação do país com estúdios especialmente construídos para televisão.

- Chacrinha começa sua Discoteca no Canal 13 TV Rio.

- A TV Tupi de São Paulo grava o primeiro teleteatro com o novo equipamento de vídeoteipe: *Hamlet* de Shakespeare, com Lima Duarte, adaptado e dirigido por Dionísio Azevedo, em 48 horas de trabalho ininterrupto.

- A Ibrape fabrica os primeiros receptores de TV transistorizados.

- Estima-se que, em 1960, existiam 600 mil aparelhos de TV no Brasil. Eram os tempos dos **televisinhos...**

- São Paulo tinha 162 cinemas (36 no centro), 44.800 espectadores na capital e 56.423 no interior.

- O censo deste ano revelou 70.191.370 habitantes no país.

- O Instituto Nacional do Cinema (INC) foi criado a fim de defender o mercado para os produtores brasileiros.

- Os cinemas de arte começam em São Paulo com Apolo, Bijou (1962) e Coral (1958). No Rio, o Alvorada (ainda era obrigatório o uso de gravata na entrada).

- Jânio Quadros (1917-1993) é eleito Presidente da República, toma posse 31 de janeiro de 1961 e renuncia, alegando **forças ocultas**, aos 25 de agosto do mesmo ano, depois de muitos bilhetinhos, proibir brigas de galo e biquínis.

- Santos F.C. de Pelé & Cia. é campeão paulista, iniciando o tri de 60/61/62. No mesmo ano, venceu o Torneio de Paris e o Troféu Giallorosso, na Itália.

- Dois anos depois, no Chile o Brasil seria bicampeão mundial de futebol. Com transmissão em **pool** das emissoras de TV, filmado em 16 mm P&B, no dia seguinte.

- No dia 25 de fevereiro, no Rio, um avião da Marinha dos EUA fazendo performance na visita do presidente Eisenhower (1890-1969), colide com avião brasileiro, matando 61 passageiros.

- Trigueirinho Neto filma in loco, *Bahia de Todos os Santos*, abrindo caminho para Anselmo Duarte ganhar a Palma de Ouro em Cannes, sendo o único cineasta latino-americano a realizar esse feito com *O Pagador de Promessas*. Segue-se a carreira de Glauber Rocha e todo o ciclo do cinema baiano até o cinema novo.

- Carlos Coimbra dirige *A Morte Comanda o Cangaço* (Enrico Simonetti grava a trilha sonora no auditório da TV Excelsior e é transmitido ao vivo o **making of** do fundo musical da produção). No Rio, Nelson Pereira dos Santos realiza *Mandacaru Vermelho*, de Jorge Amado. Lima Barreto, depois do sucesso de *O Cangaceiro*, premiado em Veneza, consegue realizar seu segundo – e menor – filme *A Primeira Missa*. Carlos Manga dirige *Cacareco Vem Aí (Duas Histórias)*, *Dois Ladrões* e *Quanto Mais Samba Melhor*.

- Maurício de Sousa enriquece sua galeria de personagens com o Cebolinha, antes da Mônica.

- Carlos Lacerda (1917-1997) é eleito governador do recém-criado Estado da Guanabara, quando o Rio deixa de ser o Distrito Federal.

- Nos anos 1960, surgem novos dramaturgos, Antonio Callado, Osman Lins, Jorge de Andrade (este escreve em 1960 *A Escada* e *Os Ossos do Barão*).

- A fusão da Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite resulta na *Folha de S. Paulo*.

- A Editora Abril lança Quatro Rodas.

- Em 1960, São Paulo tinha 3.781.446 habitantes.

- Em São Paulo aconteceu a I Convenção da Crítica Cinematográfica, com a presença, entre outros, de Paulo Emílio Salles Gomes, Orlando Senna, Plínio Aguiar, Paulo Perdigão e Cacá Diegues.

- Rubens Gershman é artista plástico da vanguarda dos anos 1960.

- Em Paris Seghers publica, em tradução de Jean-George Rueff, *Reette de Femme et Autres Poèmes*, de Vinicius de Moraes (1913-1980).

- E a Editora do Livro Estrangeiro, em Moscou, lança *Os Cangaceiros* de José Lins do Rego (1901-12.09.1957).

- 3 de Dezembro, a TV Record organiza no Guarujá, o I Festival da Música, trazido por Tito Fleury (casado com Cacilda Becker) do Festival de San Remo. Mas foi transmitido somente pelas rádios Record e Panamericana.

- Em maio, João Gilberto canta no Club Paulistano.

- Em abril inaugura-se a Boite Cave de Jordão Magalhães e Álvaro **Meninão** Assumpção.

- A indústria automobilística produz 133,078 veículos, sendo 37.843 automóveis.

- *Fogo Frio* de Benedito Ruy Barbosa, no Teatro de Arena, resultado de seminário com Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieiri, Walter George Dusr, Álvaro de Moya, Roberto Santos, Flávio Migliaccio e outros.

- *João Sebastião Bar* na Rua Major Sertório. Música brasileira de alta qualidade e início dos **torpedos**.

- Outubro de 1960, a revista *Pererê*, de Ziraldo, na Editora O Cruzeiro, das Associadas.

- No dia 14 de junho, o trem pagador é assaltado. Vai virar um grande filme de Roberto Farias.

- Em 1960, surgem os "chemisiers", na moda feminina.

- Em 1959/60, Joaquim Pedro e Paulo Cesar Sarraceni realizariam *Couro de Gato e Arraial do Cabo* e a seguir, embarcariam com Gustavo Dahl para a Europa. Glauber Rocha retorna à Bahia e no Rio ficariam Leon Hirzman, Miguel Borges e Marcos Farias.

- O Teatro de Arena encena o espetáculo musicado *Revolução na América do Sul*.

- Wallace Simonsen foi presidente do Santos F.C. Ele introduziu o minuto de silêncio no futebol.

- Em 1960, ao completar 16 anos, já tendo participado do Clube do Guri, da Rádio Farroupilha, Elis Regina (1945-1982), assina o primeiro contrato profissional com a rádio Gaúcha.

- É inaugurado no dia 2 de outubro, com 75 mil pagantes, na partida Sporting de Portugal x São Paulo F. C., o Estádio do Morumbi, do São Paulo Futebol Clube, o maior do mundo, propriedade particular de um clube. Nesta partida, o jogador Peixinho fez um gol de **peixinho**.

- Em 19 de novembro de 1960, pela Portaria Ministerial 756, *Viracopos* foi elevado à categoria de Aeroporto Internacional e homologado para aeronaves a jato puro.

- Havia, em 1960, quinze emissoras de TV no Brasil.



## No Princípio Era...

Tudo começou com Getúlio Vargas, ditador de 1930 até 1945, e que em 1950, se elegeu pelas urnas, democraticamente, Presidente da República. Iniciou um processo de tirar a primazia das oligarquias que comandavam os jornais, revistas, rádios e TVs. Samuel Wainer iniciou a rede de jornais Última Hora, em 1951. E Vitor Costa, em 1954, depois de uma carreira vitoriosa na Rádio Nacional do Rio, onde começou como contrarregra, adquiriu a Rádio Mayrink Veiga na então Capital Federal. Começou a Organização Vitor Costa comprando a Rádio Nacional de S.Paulo, a TV Paulista canal 5 e a Rádio Excelsior. Esta tinha a concessão da futura TV Excelsior.

O exportador de café José Luís Moura queria ter uma televisão na sua cidade, Santos. Associou-se a Vitor Costa. Adquiriu um material usado DuMont, no México. Segundo os técnicos, sucata. Moura criou a Rebratel, uma firma fabricante de equipamentos para televisão, com escritório em São Paulo, na Rua Cardeal Arcoverde, entre dois cemitérios.

31

Quando o presidente Juscelino Kubitschek foi participar de um almoço no então chiquíssimo Parque Balneário de Santos, Moura preparou uma recepção e transmissão com as câmeras da TV Excelsior. Pouco antes, iniciara uma precária transmissão experimental. Pediu a Vitor Costa elementos da OVC para prepararem o terreno na Baixada Santista. Vitor ofereceu o grande radialista Rebelo Júnior, o homem do goooooool inconfundível, que fazia parte da cúpula diretiva, com Dario de Almeida, Raul Guastini e outros, e formou uma pequena equipe. Entre os quais, escolheu Álvaro de Moya para ficar alguns dias no Hotel Atlântico, com a família. Moura tinha como amigo e conselheiro, um advogado jornalista que tinha uma coluna política n'A *Tribuna* de Santos, Saulo Ramos.

Eu descia para Santos com o Rebelo, dirigindo um Chevrolet, apavado. Ele sofria de uma doença do sono que o fazia, por frações de

segundos, adormentar. Estava falando, e eu de olho. De repente, o charuto pendia de sua boca, eu esticava a mão e segurava o volante, nas curvas da Via Anchieta. Rebelo acordava e continuava a falar a mesma frase que interrompera. E me dava uma bronca, por tirar a mão da direção. Não tinha a menor noção dos momentos de soneca. Churchill era assim também.

José Luís Moura era um homem de negócios, um empresário bem-sucedido e achava que Vitor Costa tinha os mesmos defeitos dos homens que vieram do rádio e dirigiam televisão. Pensava algo mais profissional, menos amadorístico, mais empresarial. Pensava em filmes. Enlatados, como nós, profissionais da época lutando contra a produção hollywoodiana classe D, dublada em português.

Desde *Rin-Tin-Tin* e *Papai Sabe Tudo*, esses enlatados ocupavam espaço nos dez programas mais vistos da televisão brasileira.

32 O jornalista João de Scantimburgo, proprietário do centenário periódico *Correio Paulistano* – que ficava como uma bela coincidência, na Rua Líbero Badaró, homenagem ao jornalista assassinado por sua luta pela liberdade de expressão – aproximou Moura de outro empresário do café: Mario Wallace Simonsen. João de Scantimburgo ficou como presidente.

Mário também era exportador de café, também tinha uma empresa fabricante de equipamentos de TV, além de um aparelho receptor de TV, All Aces. Era representante da Marconi inglesa e tinha feito a primeira rede ao transmitir a inauguração da nova capital no dia 21 de abril de 1960 Brasília/Belo Horizonte/Rio/S. Paulo. Moura sabia que Mário era um gigante na área. Tinha cerca de cinquenta empresas sediadas em Zurique, na Suíça, a Wasim, Comal no Brasil. Era o homem que conhecia o mercado internacional como a palma da mão. E socorria o governo brasileiro, sempre inepto para cuidar do principal produto, até então, de exportação do Brasil, o café. Simonsen comprou a parte de Vitor Costa na TV Excelsior. Ele também pensava em rede.

Queria ser a AT&T do Brasil, antevendo a Embratel, beneficiando todas emissoras a formarem redes nacionais. A unificação do Brasil, ele era um nacionalista convicto, querendo romper o nosso atraso.

Havia uma campanha contra ele em diversos setores. E havia muitas lendas. Ou verdades. Comprou um quarteirão em Lisboa, uma partida de azeitonas gregas num porto europeu, uma rede de mercados na Alemanha, etc. Mas era verdade que, com seu senso de modernizar o nosso país, lançou a rede Peg-Pag, o primeiro supermercado nacional, com dois endereços: um na Consolação, esquina com a Paulista e outro na Gabriel Monteiro da Silva. Hoje, esses mercados estão com o Pão de Açúcar.

Coerente com sua conduta honesta em relação ao regime democrático, Simonsen resolveu apoiar Juscelino, usando a TV Excelsior para eleger o candidato da situação, marechal Teixeira Lott, um democrata convicto. Lott, mesmo antes de ser ministro da Guerra de Juscelino, impedira as tentativas de golpes, que pululavam nos tempos da UDN.

33

Mas José Luís Moura era janista fanático e queria a Excelsior apoiando a candidatura de Jânio Quadros. Os dois não chegaram a um acordo de manter a nova TV simplesmente num momento de escolha democrática. Moura ofereceu uma quantia para Simonsen e deu prazo para o dia seguinte até meio dia para uma decisão. Mário, antes do meio dia, comprou a parte de Moura pelo preço acertado.

A equipe escolhida por Moura estava trabalhando firme. Era o Saulo Ramos como diretor comercial (depois, ministro da Justiça), o engenheiro Carlos Paiva Lopes como diretor técnico (depois, presidente da Ericsson e da Embratel) e o Armando Piovesan como administrador (depois diretor da Ceasa). Pedimos demissão coletiva. Moura nos garantiu que Simonsen estava satisfeito com nossos planos e Saulo passou a ter contato direto com Simonsen. Saulo Ramos, dada sua capacidade, foi convidado por Jânio para ser seu oficial de gabinete, em Brasília. Eu assumi, interinamente a direção comercial.

E Saulo reatou Jânio e Simonsen. Nos planos da Excelsior, pela primeira vez, as vendas eram do departamento comercial, a administração preparava as condições e o técnico armava a qualidade da transmissão. Mas todos ficamos de acordo que, quando a TV estivesse no ar, a ligação da programação com o público telespectador era da direção artística e este diretor tinha total liberdade de ação quando da transmissão. Saulo também foi pioneiro na ideia de dividir parte do percentual do departamento comercial entre nós quatro diretores, cabendo a cada um 0,7% do faturamento bruto. Esse esquema inovador abriu caminho para Roberto Montoro, Walter Clark, Boni e, posteriormente, Joe Wallach fazer uma proposta vencedora para Roberto Marinho e estabelecer o sucesso da Rede Globo.

34

Ainda sob a direção de Moura, este tinha concordado em deixar a ideia de filmes e fazer uma televisão nacionalista, como Simonsen. Eu mudei rapidamente os planos. Tinha convencido Moura, quando dum visita sua ao governador de S. Paulo, Carvalho Pinto (janista, então), que deveríamos inaugurar a Excelsior no dia 9 de julho, pois era preciso marcar que um novo canal iria surgir no dial, o Nove. Ele voltou todo entusiasmado, dizendo que o governador colocara a inauguração na festividade oficial, com sua presença no show de estreia.

Assim, pude precipitar o início da nova TV. Dia 9 de julho, no Teatro Paulo Eiró, uma inauguração tumultuada, exatamente como eu achava que a televisão não deveria ser. O show, dirigido por Abelardo Figueiredo era ótimo; seu assistente, o Manoel Carlos era excelente; mas as condições do teatro eram insuficientes para tal encenação ambiciosa. O irmão de Mario, Luis, tinha uma loja espetacular, em frente ao teatro, era representante da Ford, e ofereceu o local para os escritórios e estúdios. Só que não tinha infraestrutura nenhuma. O Manoel Carlos e o Jayme Barcelos, que eu tinha convencido a deixar seu talento de ator por uns tempos, e trabalhar com Saulo no setor de vendas, foram ao Teatro Cultura Artística e conseguiram o local, com alguns pequenos problemas.

Ruth Escobar encenava *Mãe Coragem*, de Bertolt Brecht no grande auditório e oferecemos uma compensação exagerada para ela encerrar a temporada. Não ia faturar aquilo nem em um ano. Mas foi bom para todas as partes.

Convenci Moura que este era o local ideal e esperamos Jardel Filho e Maria Fernanda terminarem sua temporada no pequeno auditório, para transformá-lo num estúdio, usando o de cima como auditório da TV. Os concertos programados pela Sociedade de Cultura Artística foram mantidos e salvamos a entidade de uma situação difícil, pré-falimentar, pois não conseguiam pagar a dívida com a Caixa Econômica, pela despesa de construção do teatro na Rua Nestor Pestana.

Tornei a mudar os planos da programação, a fim de utilizar esse belo auditório. O dia 9 tinha sido um fracasso, no meu gosto pessoal, programei para o dia 31, o último domingo do mês, para confirmar a iniciação da Excelsior no mês de julho. Então, deu-se à luz. Sempre gostei de números e o título do show seria *Brasil 60*. Mal sabia que ia caracterizar uma década. Seria um programa nacionalista: só música brasileira. Abelardo objetou que não havia condições de, todos os domingos, só música brasileira por uma hora. Nada disso, respondi. Uma hora e meia, das 20h30 às 22h. Impossível. Mesmo misturando com esses emergentes, a tal de bossa nova? Impossível.

Manoel Carlos sugeriu que ligássemos a música popular brasileira com o cinema, o teatro, a literatura (sua eterna paixão) e até o futebol. Entrevistas, humor, variedades, além da música. Maneco assumiu a produção, eu sugeri alguém inteligente e culta para apresentar: Bibi Ferreira, que estava no Rio num show, recém-chegada de Portugal.

Um emissário foi convidá-la e ela aceitou, pensando que era apenas uma apresentação. O primeiro programa, bolado pelo Manoel Carlos, com minha direção de TV (switcher), com Grande Otelo, Mazzaropi, Roberto Freire, Caetano Zamma trouxe também Oscarito.

Quando o astro das chanchadas da Atlântida entrou no palco, diante do auditório lotado com um público mais de teatro (convidados pelo Maneco), do que auditório de TV, ele fez sinais que estava afônico e não poderia dar entrevista. Então, pediu um violino para um músico, uma cadeira, sentou-se, segurou o arco com os dentes numa ponta, a outra ponta entre os joelhos, pegou o violino nas mãos e tocou *O Tico-Tico no Fubá!*

*Brasil 60* ficou tão bom que eu saí correndo pelos corredores do teatro e deveria estar com uma expressão tão feliz que Maria Fernanda, que tinha terminado seu espetáculo no pequeno auditório, me viu e, feliz também, embora não tivesse participado da TV, me beijou! Um beijo de partilha de felicidade, como só os grandes artistas do teatro vivenciam este momento magno de uma vida.

36 Decidimos, então, que *Brasil 60* seria para sempre. Eu e o advogado do grupo Simonsen, José Carlos Rao, sobrinho do famoso jurista Vicente Rao, fomos ao Rio, no Teatro Serrador, contratar Bibi em pleno show. Ela nos esperaria após o espetáculo para acertar o contrato. Nós chegamos atrasados e a eterna diva brilhava no pequeno palco. Terminou sob aplausos e fomos para os bastidores. Ela soube tratar muito bem de seus interesses e acertou um bom contrato.

Voltamos para a mesa e... Surpresa! Todo mundo se mandara. Nossa mesa estava à nossa espera, todos os garçons perfilados, a orquestra tocando música. Envergonhados, engolimos dois bocados e pedimos a conta. Era cinematográfico. Era o Rio antigo.

Manoel Carlos passou a ser meu assistente, com o sonoplasta da TV Paulista (quando fizemos diversos teledramas juntos) Vicente Dias Vieira, que era meu primeiro auxiliar. O *Brasil 60*, que seria *Brasil 61* no ano seguinte, *62...* passou a ser a cara da TV Excelsior.

Walter George Durst continuava contratado pela TV Tupi e fazia o excepcional TV de Vanguarda, o melhor programa da televisão brasileira

e ponto de partida da linguagem nacional, ou do jeitinho nosso de fazer televisão. Eu tinha supervisionado, produzido (além de adaptar e dirigir um por mês), o Teledrama 3 Leões na TV Paulista, canal 5, criado pelo grande Dermival Costalima a fim de concorrer com o teatro da Tupi. Mas eu e Durst, meu mestre, imitávamos a linguagem dos grandes escritores e diretores de Hollywood. E buscávamos aproveitar esses ensinamentos de Hitchcock, Billy Wilder, Orson Welles, Stanley Kubrick, John Huston, William Wyler, para tentar uma teledramaturgia brasileira. Durst tinha feito, entre outros espetáculos, o excepcional *Calunga*, de Jorge de Lima e eu *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto e *O Cortiço*, de Aluizio de Azevedo.

Na Excelsior, imaginei então o Teatro Nove, às segundas-feiras só com textos nacionais. Gianfrancesco Guarnieri, Roberto Freire, Jorge de Andrade, Chico de Assis, Vianninha, Walter Negrão e outros autores escreviam especialmente para o veículo dirigido por Flavio Rangel e Adhemar Guerra, com Natalia Timberg, Cleyde Yáconis, Rosamaria Murtinho como atores fixos, e Stênio Garcia, Fúlvio Stefanini, Armando Bogus, Irina Grecco, Juca de Oliveira, Bentinho, Geraldo Del Rey, Elísio de Albuquerque, Riva Nimitz, Henrique Cesar e outros, convidados. A produção e direção de TV era eu que fazia e depois passei para Roberto Palmari produzir e Reinaldo Boury no switcher. O sucesso foi tão grande que Saulo Ramos vendeu outro programa do gênero, com peças internacionais, o Teleteatro Brastemp, produzido por Bibi Ferreira e dirigido por Antunes Filho, aos sábados.

Esse processo de teleteatro, antes da invasão das telenovelas, atingiria seu auge com o Teatro 63, de Walter George Durst, Túlio de Lemos e Roberto Palmari. Eu já não estava mais na Excelsior.

Quando a TV Excelsior completou um ano, o faturamento estava cobrindo as despesas, graças ao sistema que eu tinha visto na TV norte-americana e a qualidade dos elementos do departamento comercial, o ambiente interno de coleguismo. No dia seguinte, o homem forte de Simonsen na TV, Paulo Uchoa de Oliveira nos chamou para uma reunião. Pensamos que era para nos congratular.

Tínhamos ganho três prêmios Roquete Pinto da TV Record, Bibi Ferreira, Manoel Carlos e Simonetti. Doce ilusão. Era para nos apresentar mais um diretor. Outro que ficaria entre nós e a cúpula: Lair de Castro Coti, ex-diretor da McCann-Erickson. Ficamos umas araras. O Armando Piovesan era quem mais sofria nas mãos do Paulo Uchoa, pois precisava despachar todo dia com ele. Me avisava: o Paulo mandou despedir, de novo, a Liba Frydman, eu consertava. Depois, o Orpheu Paraventi Gregori. Corri para a sala do diretor e expliquei que o trabalho dele era com o *Cinema em Casa*, às 23 horas e ficava de madrugada preparando os filmes do dia seguinte.

Se quisesse, passaria de madrugada e veria a luz da sala de cinema acesa. Eu sabia que Paulo jamais viria. Ok. Nova chance. Avisava o Orpheu do perigo e advertia para chegar mais cedo. Até hoje, com seu jeito de nobre fracassado, Orpheu não acredita. E pensa que ele vinha mais cedo? Só se fosse para pedir um cigarro, *en passant*, para o porteiro. Este, estava certo que o Orpheu era o dono da TV, e não o Wallinho, que era tímido.

38

Para exemplificar o ambiente interno da TV Excelsior, vamos à folia! Todas as noites, uma turma saía pelos restaurantes do Bexiga, começando pelo Giggeto, ali em frente. E quase morríamos de rir. Jô Soares, Juca Chaves, Agostinho dos Santos, Roberto Palmari, Carlos Paiva Lopes, Jaime Barcelos, mas o Manoel Carlos era o mais engraçado de todos.

Às vezes, estava na minha sala, numa reunião importante com gente de fora e entrava um boy interno, visivelmente ensaiado cuidadosamente pelo Maneco: "*Seu Moya, Seu Manoel Carlos mandou avisar que (caprichava) o Sr. Luigi Pirandello está na sala dele, esperando pelo senhor.*" Os presentes se levantavam, solícitos, alegando que eu tinha outros compromissos. Era um amigo tipo Lelio Castro Andrade, da Livraria Francisco Alves, que editara *Eu Sou Pelé*, escrito pelo Benedito Ruy Barbosa. Íamos tomar sorvete na esquina, fazendo algazarra. Um pedestre nos encontra e pergunta se somos aí da televisão. Queria fazer uma sugestão para o *Cinema em Casa*. É comigo mesmo.

O homem trabalhava todos os dias e assistia no seu dia de folga da semana o filme do dia e notou que estávamos repetindo muito a nacionalidade naquele dia e que parecia ter terminado o estoque, por enquanto. Por que não mudar a data? Passa filme italiano noutro dia e norte-americano naquele. Ótima sugestão. Mudei a programação do *Cinema em Casa*.

Dia de festa no *Brasil 60*, Edson Lopes, o cantor afro-brasileiro, vai interpretar um número de ópera e trouxe um smoking. Depois do ensaio no domingo, com o tuxedo no cabide, pergunta para Manoel Carlos onde pode passar a roupa. Maneco indica minha sala, depois a do setor de cinema e o insta a pedir para o nobre fracassado Orpheu passar a roupa. O cantor recebe um sabão. Volta. Reclama com Manoel Carlos que aquele é um dos diretores. Maneco, matreiro: “*Mas você ofereceu uma gorjeta?*” O cantor volta com o smoking e uma nota de dez na mão...

Como o Paulo Uchoa de Oliveira humilhava muito o Armando Piovesan, entrei na sala, antes do diretor chegar e troquei as identificações do intercomunicador. O diretor chega, aperta o botão correspondente e chama o Armando Piovesan. Pausa. Uma voz inquire: “Dr. Paulo? Aqui é o Arlindo Partiti no videotape.” Dr. Paulo olha o intercomunicador e chama Armando pelo telefone. E manda consertar o intercomunicador...

Wallinho Simonsen chega da Europa, todo entusiasmado com *Il Gattopardo* de Visconti, e nos reunimos na sala do Dr. Paulo. Pergunto se ele quer comer algo, mando buscar no Clube Escandinavo, em frente, uns sanduíches. Enquanto não chegam, montamos uma mesa de pingue-pongue na mesa de reunião da diretoria.

Chegam os sandubás, comilança. Wallinho vai para o Banco Noroeste eu não deixo limpar a sala. Paulo Uchoa de Oliveira chega e vê a mesa montada com redes e raquetes, restos de sanduíches e migalhas. Chama o Armando e pergunta quem fez isso. O filho do dono. (E trate de engolir seco).

Tassilo Marischka, parente dos produtores austríacos da série de *Sissi* com Romy Schneider, era o representante no Brasil da King Features Syndicate Television, de William Randolph Hearst.

Recebeu desenhos novos do Popeye. Proponho para o José Alcântara Machado o patrocínio da Ovomaltine, no lugar do espinafre. Ele acha ótimo e manda a autorização. Dr. Paulo me chama e manda desfazer o negócio, alegando que o Zé tinha prometido essa verba para os intervalos comerciais, com lucro líquido para a TV. Não adianta argumentar que sábado, fim de tarde, meia hora assim vai alavancar a programação noturna. Ligo para a Alcântara Machado Publicidade. “Zé, você sabe como é o Paulo Xuca-Xuca. Manda a outra autorização, mesma verba para intervalos.” Levo a nova autorização, Dr. Paulo aprova, eu a jogo no lixo, compro o Popeye e ponho no ar. Sabia que ele nunca veria a programação dos sábados.

40

Esse comportamento, legado dos grandes de Hollywood que, apesar dos estúdios, conseguiam fazer obras-primas. Tanto que a Caça às Bruxas chegou à Meca do Cinema e encanou dez, e fez uma lista negra para escritores, diretores, atores, que marcou para sempre o cinema. Nós achávamos que poderíamos agir da mesma forma. E eu quase entrei bem. No caso do Sartre.

O Manoel Carlos tinha dois amigos o Bento Prado Jr. e Roberto Schwarcz, ambos eram anfitriões e tinham convidado Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir para virem ao Brasil e ofereceram uma entrevista na TV. Eu era fã dos dois. OK. Sartre fala para Jorge Amado que vai dar uma entrevista na televisão brasileira. O escritor brasileiro o dissuade, Sartre exige as perguntas, acha que são boas e decide dar a entrevista. E eu quase fui despedido.

Quando o Walter Avancini era líder sindical conseguiu, pela primeira vez na história do rádio e TV, uma greve geral. Fiquei na corda bamba. Era a favor da greve, mas era também diretor. Meus amigos comunistas me pediam para tomar cuidado. Pouco antes da greve, a Excelsior tinha dado aumento para os funcionários.

Não havia clima, dentro da nossa TV para adesão. O ambiente aqui era tão bom que a equipe se achava diferente da maneira como tinham sido tratados noutras estações de TV e rádio.

Dr. Paulo reunia-se no Convênio – uma sigla ilegal e imoral em que os donos das rádios e TVs bloqueavam aumentos e evitavam que artistas saíssem de um canal para outro. Havia um teto que impedia o progresso profissional e artístico do meio. Edson Leite dinamitou isso. Mas, na época da greve geral, era um impasse. O que fazer? Aproveitei-me da ingenuidade do Dr. Paulo e disse a ele que seria injusto para com os donos das outras TVs, justo a Excelsior ficar no ar. Se ela ficasse sozinha, todos os telespectadores sintonizariam a nossa emissora prejudicando as deles. Pensei, como diretor, que seria uma boa dar uma lição nos patrões roubando a audiência, pelo menos durante a greve. Mas minha convicção que a parede deveria vencer, conforme meus princípios, falou mais alto.

Matreiramente, convenci o Dr. Paulo de que, em solidariedade aos colegas, ele, num gesto nobre, tirasse a Excelsior do ar. Edmundo Monteiro, Dario de Almeida, Paulo Machado de Carvalho tiraram o chapéu para o nobre colega e agradeceram o *beau geste*.

41

Eu, aproveitei o convite de um anunciante e fui passar uns dias de férias em Campos de Jordão, hóspede do prefeito.

**Álvaro de Moya**



## A Notícia na Hora Certa

A hora certa foi um parto. Tinha visto nos Estados Unidos, no network, que os segundos eram decisivos para uma rede brasileira. Minha argumentação era que um jornal ou uma revista não poderia deixar uma página em branco. Pois as TVs daquela época não entendiam que atrasar a programação era jogar segundos fora, perdendo faturamento. Os programas deveriam entrar no horário preciso e sair antes do programa anterior (as exceções seriam o Brasil 60 e o Cinema em Casa, que não tinham hora para terminar).

Mas, qual era a hora certa no nosso país de Macunaíma? Digo, os segundos. Carlito Maia gozava: diga assim, são mais ou menos, isto é, hora certa para tomar um traguinho! Procurei o mestre dos jingles Gilberto Martins. Perguntei a ele como fazia na Rádio Relógio que dirigira no Rio de Janeiro, que era a rádio da hora certa.

Ele tinha um acordo com a Marinha que dava todas as manhãs o horário exato. Um técnico da Excelsior recomendou que acessássemos uma rádio de Washington e teríamos uma hora de diferença. Para uma pretendida televisão nacionalista isso era impensável. Finalmente, consegui um contato com o Departamento de Física da USP, que tinha os ponteiros ligados ao relógio atômico na Inglaterra. Todo dia, o Nardini "Boné", ligava para a Universidade e acertava o início com a precisão dos segundos. E foi introduzido o conceito de 5, 4, 3, 2, 1, Zero, na televisão brasileira.

O Tele-Notícias balizava o horário certo. O título do telejornal foi dado pelo meu assistente Vicente Dias Vieira que implicava com o termo papel de jornal num noticiário televisivo. As imagens eram de Paulo Salomão. Sempre numa emissora em primeiro lugar o telejornalismo também aparece com índice. Era assim na Tupi, é hoje na Rede Globo e foi assim na Excelsior quando Edson Leite brindou o topo para a rede Excelsior, tanto quando Calil Filho e Oliveira Neto apresentavam, quanto nos belos tempos do Fernando Barbosa Sobrinho.

**Álvaro de Moya**



TV EXCELSIOR

## Cinema em Casa

Em 1958, quando eu estagiei na CBS Television, de New York, à noite assistia ao Late Show, que passava um filme de longa-metragem no final da programação. Naqueles tempos, Hollywood temia a concorrência da TV e permitiu a venda de sua produção apenas anterior a 1947. Dessa forma, pude ver grandes filmes das décadas de trinta e quarenta até o pós-guerra.

Quando planejei a TV Excelsior, em 1959, não esqueci meu amor pela sétima arte. Cuidei de encerrar a programação também com um longa. O diretor financeiro da Excelsior, Armando Piovesan (futuro diretor do Ceasa), recomendou-me a distribuidora de 16 mm Polifilmes. Fui à esquina da São João com a Ipiranga e a firma estava de mudança para a Rua do Triunfo, e o dono, Helio Gonçalves Teixeira estava se associando com Roberto Paulo Dimbério. Contatei a Art Filmes, França Filmes, Paris Filmes e outras independentes. As companhias norte-americanas se recusaram a fornecer filmes. Disse que o azar era deles, pois a nova televisão iria divulgar os astros europeus que, desde o fim da guerra, conquistavam mais público. Inclusive, eu assistira a *E Deus Criou a Mulher* dublado em inglês em Times Square e com legendas, som original num cinema menor. Brigitte Bardot era o grande sucesso sexual nos States, igualando Marilyn Monroe, que conheci em Nova York.

45

No período experimental, colocava filmes documentários cedidos pelos consulados mas o dono José Luís Moura achou chato e eu disse que já tinha muitos longas comprados. Ele aceitou colocá-los no ar. Eram filmes populares tipo *Pão, Amor e Fantasia*. E – surpresa! – a TV Excelsior, ainda não oficialmente no ar começou a dar índices de audiência, por volta de 5%...

O *Cinema em Casa* entrou no ar, portanto, antes de sua fórmula de encerrar o dia. Começou às 22h30 e depois foi para as 23h. O distribuidor tradicional de 16 mm do Rio, Correa Souza, amigo do Hélio, autorizou o uso do nome que tinha registrado.

Cyro Del Nero fez o design do título, depois Chick Fowle, da Lynx Film registrou as luzes da então gloriosa cinelândia paulista e abria com as marquises sendo acesas e, no final do programa, as luzes se apagavam.

Depois de certo tempo, notei que estava sendo vítima da falsa concorrência entre as distribuidoras que me chantageavam e aumentavam o preço do aluguel dos filmes. Tomei uma medida drástica, depois de consultar o Armando Piovesan. Centralizei as entregas todas na Polifilmes com um preço fixo mensal, deixando a barganha entre eles na esperta Rua do Triunfo.

Escolhia pessoalmente os filmes, dentro do meu gosto pessoal, e era uma espécie de cinema de arte, como posteriormente eu faria no cine Marachá-Augusta, nos anos 70. Mandava para a imprensa – tal como o Rubens Ewald Filho viria a fazer – o título do filme, o título original, o diretor, o elenco, o tema, a nacionalidade, o valor histórico ou artístico e mesmo curiosidades.

46

Como destacar, num filme francês que prestassem atenção a dois figurantes que vigiavam uma casa e eram antes do estrelato, Alain Delon e Jean-Paul Belmondo. Ou que Rita Cansino nos letreiros era o nome anterior de Rita Hayworth. Que a tal de Sofia Lazzaretto, figurante de peitos grandes, nariz adunco e queixo pequeno seria Sophia Loren, senhora Carlo Ponti, produtor do filme em cartaz.

As revistas especializadas em TV e os jornais ignoravam solenemente minha divulgação, publicando tão somente o título do filme em português. E mais nada. Eu, porém, não desanimava e continuava meu desejo de ser crítico de cinema aumentando minha carga horária de trabalho na TV.

Então exibimos *A Moça Com a Valise*, de Valério Zurlini com Claudia Cardinali, *Divórcio à Italiana* de Pietro Germi, com Marcello Mastroianni, de Germi também *A Cidade Se Defende* e *A Presidenta* (curiosamente a estrela deste filme, Silvana Pampanini viria a se casar com o presidente

do México), *O Fascista* de Luciano Salce, com Ugo Tognazzi, *As Amigas* de Michelangelo Antonioni, com Eleonora Rossi Drago, de Antonioni também *Os Vencidos* e *Crimes da Alma*, *O Assassino* de Élio Petri com Mastroianni, *O Bandido Giuliano* de Francesco Rosi, *De Crápula a Herói* de Roberto Rossellini com Vittorio De Sica, de Rossellini, também *Paisá*, *Alemanha Ano Zero*, *Francisco*, *Arauto de Deus*, *Viagem á Italia* (com Ingrid Bergman). Com a atriz, Ingrid Bergman, seu filme realizado na Suécia, *A Mulher Que Vendeu a Alma* de Gustav Mollander, antes da ida vitoriosa para Hollywood. *A Besta Humana* de Jean Renoir, *Entre a Mulher e o Diabo* de René Clair, *Fan Fan la Tulipe*, *Orfeu* de Jean Cocteau. O primeiro filme codirigido por Federico Fellini (apoiado por Alberto Lattuada), *Mulheres e Luzes*, com Giulietta Masina, *Passado Que Condena*, de Lattuada, *A Insatisfeita*, de Mario Soldati, do romance de Alberto Moravia, *OK Nero*, com a figurante Brigitte Bardot, *Arroz Amargo* de Giuseppe De Sanctis com a exuberante Silvana Mangano (posteriormente mulher de Dino De Laurentiis, produtor da fita), *Umberto D* de Vittorio De Sica, dele também *Recordações de Amor e Siuscia / Vítimas da Tormenta*, *Filomena*, *Qual É o Meu?* com o autor Edoardo De Filippo.

47

Aos domingos, emendando com o musical nacionalista *Brasil 60*, produzido por Manoel Carlos e apresentado por Bibi Ferreira, passava um longa brasileiro. *O Grande Momento* de Roberto Santos, com Gianfrancesco Guarnieri, *O Preço da Vitória*, de Osvaldo Sampaio com o selecionado brasileiro da Copa de 1958, na Suécia, *Rio, Zona Norte*, de Nelson Perreira dos Santos com Grande Otelo, *Uma Aventura aos Quarenta*, incursão única de Silveira Sampaio no cinema, *Um Caçula do Barulho* com a dupla Grande Otelo-Oscarito e Anselmo Duarte, *Cara de Fogo* de Galileu Garcia com Milton Ribeiro, baseado em conto de Afonso Schmidt, a versão cinematográfica do sucesso do rádio e TV, *Balança Mas Não Cai* com Paulo Gracindo, Brandão Filho e Marlene, outro sucesso do rádio: *Obrigado, Doutor* de Moacir Fenelon com Roldolfo Mayer, *Mar Sem Fim* de Jorge Amado, dirigido por Graça Mello e Marcos Margulies, com Caetano Gherardi e outros.

Filmes americanos, de companhias que tinham falido ou não existiam mais, como Eagle Lion e outras, permitiam a presença de Hollywood num dia fixo da semana. O primeiro filme estrelado por Marlon Brando: *Espíritos Indômitos* de Fred Zinnemann, *No Tempo das Dilegências* western de John Ford com John Wayne. E Wayne em começo de carreira em *Trunfos na Mesa* contracenando com Alan Ladd.

*Scarface* de Howard Hawks-Howard Hughes com Paul Muni, *Pandora*, de Albert Lewin, com Ava Gardner, *Procurado Vivo ou Morto* de Alfred E. Green com Joel Mac Crea, *Espelho d'Alma* de Robert Siodmak com Olivia de Havilland em papel duplo, *Brutalidade* de Jules Dassin, com Burt Lancaster, de Dassin, também o clássico que virou série de TV, *Cidade Nua*, *O Segredo da Porta Fechada* de Fritz Lang com Michael Redgrave, *Homem da Floresta* de Henry Hathaway com Buster Crabbe e Randolph Scott, *Cassidy Destrói o Truste* de Lesley Selander, com William Boyd como Hopalong Cassidy, *Carícia Fatal* do escritor John Steinbeck dirigido por Lewis Milestone, com *Burgess Meredith*, *Betty Field*, *À Sombra da Guilhotina* de Anthony Mann, *O Máscara de Ferro* de James Whale (diretor do clássico *Frankenstein*).

48

Passamos a primeira versão de *Infâmia*, de Lilian Hellman dirigido por William Wyler, dele também *Fogo de Outono*, baseado no livro *Dodsworth* de Sinclair Lewis. E *Porto de New York* de Laslo Beneder, com Yul Brynner ainda com cabelo... *Nova Orleans* de Arthur Lubin com Louis Armstrong, Woody Herman e a única aparição no cinema de Billie Holiday, e o musical clássico *Carnegie Hall* de Edgar G. Ulmer, cujo produtor Boris Moros foi para a cadeia como espião soviético confesso.

Exibimos até um "burlesco", *Folias de Hollywood* com strip-teases, e nomes falsos como Lotus Wing, Arleene Dupre e Patricia Dorsay e Hilary Dan... A censura paulista assistia previamente aos filmes e proibia uma grande parte deles, pois eram filmes europeus, mais liberais que os de Hollywood. Quando Jânio Quadros assumiu a Presidência, em Brasília, retirou a censura dos Estados, tornando-a nacional.

Os censores locais ficaram furiosos, temendo perder o emprego. Aproveitei a deixa e convenci o nosso algoz a dar uma lição em Brasília, mostrando que tudo ficou acéfalo. Ele achou ótimo. Tirei da gaveta, modifiquei a programação, que era feita 45 dias antes e passei *Desfolhando a Margarida*, em que Brigitte Bardot fazia um strip-tease humorístico e, para os padrões atuais, muito colegial e *Você o Veneno*, em que Marina Vlady aparecia nua da cintura para cima, num carro e ainda Milene Demongeot saindo nua do mar... Logo, a censura reassumiu seu posto e ninguém foi demitido, apenas os censores de São Paulo passaram para a esfera federal. E eu desovando a liberdade de expressão.

O amigo Helios Alvarez, finalmente, me ofereceu um pacote de filmes da Columbia que estava para ter seus certificados de censura por terminar. Vinguei-me das companhias norte-americanas, mandando ele entrar em contato com o Helio da Poli, que era quem acertava o preço das fitas. De Hollywood para a Boca do Lixo! Graças a isso, pude exhibir *Endereço Desconhecido* e *Ladies of the Chorus* com Adele Jergens no papel principal e como segunda estrela, Marilyn Monroe.

49

Naquele tempo, antes do presidente Castelo Branco obrigar os filmes na TV serem dublados, os longas eram exibidos com som original e legendas. Às sextas-feiras, das 17h30 até as 18h00, era o programa *Cinelândia* que exibia os trailers dos filmes que estariam em cartaz nos cinemas no fim de semana. E tinha uma hora da saudade: *fita em série*, que passava os antigos seriados das matinês de domingo, sempre estrelados por Larry Buster Crabbe: *Flash Gordon*, *Buck Rogers*, *Red Barry*, normalmente doze capítulos, um por semana.

Como a linha da TV Excelsior era nacionalista, acertei com o diretor comercial Saulo Ramos (depois ministro da Justiça), que corrigiria o horário da televisão – quando um programa terminava antes da hora – exibindo, gratuitamente, o trailer de um filme brasileiro em cartaz nos cinemas. Certa feita, recebo um telefonema do Osvaldo Massaini dizendo que tinha um trailer ótimo para eu usar na TV.

Agradeço e desligo. Logo, toca o telefone de novo e o mesmo Massaini agradece o que eu tenho feito pelo cinema brasileiro, que deveriam colocar meu busto numa praça pública, etc. Estranhei. Dias depois, meu amigo Anselmo Duarte me conta a versão dos bastidores. Estava ao lado do grande produtor nacional quando este, com arrogância, mandou um trailer para a TV.

Anselmo passou um sabão nele. Tinha mesmo é que agradecer. Destacou que a minha posição de prestigiar o cinema nacional, sem cobrar nada, como um ato corajoso, pois neste meio da Boca do Lixo, poderiam pensar que o diretor da televisão estava levando dinheiro por fora e não por idealismo. Daí o telefonema seguinte de Massaini, todo salamaleques.

50 Tivemos a triste notícia que Gary Cooper estava com câncer terminal num hospital nos States. Pedi ao Helio uma cópia de *Adorável Vagabundo*, e guardei no estoque. No que o telenotícias registrou o falecimento desse astro popular, mostrou a famosa cena dele no alto do Empire State e anunciou que, nessa noite, excepcionalmente, a programação do *Cinema em Casa* seria alterada e, numa homenagem póstuma o filme de Frank Capra estaria em cartaz.

Quando eu já não estava mais na TV Excelsior, e o Orpheu Paraventi Gregori cuidava do *Cinema em Casa* como a menina dos seus olhos, inclusive aparecendo como apresentador, dando importância ao filme, o Helio da Poli sempre falava que eu tinha descoberto a grade horizontal. Ele me provou isso quando o Edson Leite pelo telefone cancelou a exibição domingueira do *Cinema em Casa*.

O Helio voou para a Rua Nestor Pestana e disse que retirava todo o fornecimento dos filmes. Ou passava todos os dias ou em nenhum. Edson atendia um pedido do Walter Stuart para ter um programa aos domingos à noite. Ele tinha contratado tanta gente que não cabia nos horários.

Hélio foi firme: ou tudo ou nada. A força dos filmes estava na sua presença diária. Edson comentou: *“entendo, é como a Farmácia Romano?”* Era a então única drogaria a ficar aberta 24 horas, domingos, feriados, Natal e Ano Novo. E manteve a série. Mais tarde, Edson Leite trouxe os bonequinhos da TV Argentina, mudando-os para pequenos bandeirantes e estabelecendo a programação vertical. Essa grade é usada até hoje pela Rede Globo.

**Álvaro de Moya**



O *Teatro Nove* nasceu do Teatro de Arena. Eu, acompanhado pelo Walter George Durst, tinha feito um seminário no Arena, com o Augusto Boal, José Renato, Gianfrancesco Guarnieri, Chico de Assis, Benedito Ruy Barbosa e outros. Argumentei que tinha apenas um roteiro inédito de cinema, *O Goleiro*, mas responderam que o Roberto Santos, também participava com um escrito para longa-metragem. O seminário foi profícuo, resultando em diversos textos aprovados e encenados, como *Fogo Frio* de Benedito Ruy Barbosa e outros.

Quando a Excelsior entrou no ar, surgiu a ideia de fazer um teatro só com textos brasileiros. O Maneco avisou que o Teatro de Arena estava em dificuldades financeiras e acertamos com o José Renato comprarmos quatro peças para exibir na TV. Tal como a Tupi tinha feito, dez anos atrás, com as companhias teatrais que se apresentavam na cidade. O Saulo Ramos vendeu os quatro programas, que seriam o ponto de partida para o *Teatro Nove*.

Justamente no tempo entre a venda e a estreia, Saulo foi para Brasília, como oficial de gabinete do recém-eleito Presidente da República, Jânio Quadros, e eu acumulei o cargo de diretor comercial interinamente. No dia da estreia, uma segunda-feira, com o elenco ensaiando no palco do Cultura Artística a peça *Eles Não Usam Black-Tie*, de Guarnieri, um marco na dramaturgia brasileira, aparece o censor e sou chamado, deixando o ensaio correr, pedindo aos cameramen Ítalo Morelli, Eber Barella e J. Milagres para fazerem as anotações para minha direção de TV, à noite.

Eu tinha sido switchman do *Teledrama 3 Leões*, da TV Paulista, de 1955 a 1959, programa do qual era também supervisor geral, com uma equipe de roteiristas e fazendo uma adaptação minha e produção por mês, com os mesmos operadores de câmeras, que tinha trazido para a TV Excelsior.

O censor veio com a proibição de colocar no ar essa peça subversiva. A vingança é um prato que se come frio. Vivia, desde a TV Paulista sendo vítima dos censores. Agora, Saulo estava em Brasília e a censura era federal e não mais estadual. Telefonei para ele, que tinha vendido a série. Ele ligou para o chefe da censura, o gordo Scrozopi que, coitado!, estava numa consulta com o cardiologista. Uma perua da polícia foi buscá-lo e o trouxe para a Nestor Pestana. Antes dele chegar, mandei os ensaios continuarem e anotarem no meu script, o que um diretor de TV faria. Chamei a minha secretária favorita, Baby Gregori e lhe avisei que, a partir daquele momento não deveria obedecer nenhuma ordem minha. A armadilha estava preparada. Eu acreditava que o chefe de censura tinha recebido ordem da capital federal que deveria revogar a proibição.

54

Logo que ele entrou na minha sala, chamei a Baby e disse que a peça estava cancelada, não ia ao ar e poderia dispensar o elenco. Scrozopi tremeu. Reclamou que eu não queria diálogo, retruquei-o com uma pergunta, o papel da proibição na mão. Ele titubeou. Chamei o eficiente programador do nosso setor de cinema Orpheu Paraventi Gregori e mandei-o entrar em contato urgente com o Hélio da Polifimes e pedir um filme para cobrir o horário. O chefe da censura mexia-se na cadeira. O censor, que tinha chegado antes, reparou e denunciou que os ensaios continuavam no palco. Dei uma bronca na Baby que já tinha mandado parar tudo no estúdio. Cara de pau. Scrozopi, então, disse que poderíamos chegar a um acordo. Recusei.

O censor, com o texto na mão, iniciou sua tarefa predileta: começou a cortar frases e cenas com uma caneta vermelha. Eu o impedi. Aleguei que aquele elenco encenava a peça desde 1958 e seria impossível para eles, lembrar numa tarde o que tinha sido cortado. É melhor não passar por esse vexame, ao vivo, no ar. Scrozopi tirou a caneta da mão do censor, que não desconfiava seu chefe estar pressionado de cima, para autorizar a peça e poderia fazer o papel de magnânimo, não fora minha encenação teatral que o impedia de fingir ser o bonzinho. Eu tentava, diabolicamente, um enfarto.

Já era noite. O teatro iria às 21h. Levantei-me. Teatro ou filme? Falta uma hora. Scrozopi libera a peça e exige minha presença na manhã seguinte na censura. Para manter o nível mentiroso e ardiloso, aleguei que ia para Brasília no dia seguinte e mandaria no meu lugar o nosso despachante com o departamento. Corri para o switch e combinei com os câmeras que, desta feita eles fariam a direção de TV: um assopro no interfone, câmera um; dois sopros, câmera dois; mudança de cenário ou liberação de uma câmera para outra cena, etc. Lembrem-se de que a TV era ao vivo, o vídeotape não tinha chegado à nossa emissora.

Depois dos quatro espetáculos do Arena, começou o Teatro Nove. Dois diretores, Flavio Rangel e Adhemar Guerra, se revezavam. Cinco atores escolhidos pelo Manoel Carlos eram fixos: Rosamaria Murtinho, Cleyde Yáconis, Nathalia Timberg, Leonardo Villar e Mauro Mendonça. Como estávamos proibidos de tirar atores da Tupi, Record e Paulista, optamos por um elenco teatral: Fúlvio Stefanini, Stênio Garcia, Elísio Albuquerque, Xandó Batista, Bentinho, Maurício Nabuco, Juca de Oliveira e outros. Textos de Jorge de Andrade, Gianfrancesco Guarnieri, Roberto Freire, Walter Negrão, Benedito Ruy Barbosa e Walter George Durst, usando um pseudônimo. E assim foram: *O Telescópio* e *Colunas do Templo*, de Jorge de Andrade, *Oceano*, *Guiomar* e *Quarto de Empregada*, do dramaturgo e psiquiatra Roberto Freire, *A Jaula de Ouro*, de Benedito Ruy Barbosa. E *Cimento*, de Gianfrancesco Guarnieri. Este merece destaque.

Quando cheguei ao Teatro Cultura Artística, pela manhã, o excepcional cenógrafo Rodrigo Cid tinha retirado as pranchadas do chão do palco e começara o cenário lá no porão: o edifício que iria ruir (em premonição do futuro nas construções no Brasil), e levantara as gambiarras do teto, fazendo com que o prédio tivesse uma altura considerável, diante do fundo infinito azul. Na hora, tive um estalo, que viria a ser confirmado pelo genial quadrinista Will Eisner na sua graphic novel, *A Grande Cidade*, ao observar que nas urbes gigantescas não vemos o horizonte.

Estamos sob um viaduto, no topo de um prédio, sobre uma ponte, jamais no plano horizontal. Decidi trabalhar sempre em plongé, câmera de cima, ou câmera de baixo. Como as coincidências são coincidências, como diria o Conselheiro Acácio, o Armando Piovesan me chamou na sala dele onde encontrei um dos melhores câmeras do país: Reinaldo Boury. Ele trabalhava no Rio, na TV Continental que, em crise, não pagava o salário dos funcionários.

Tinha tomado um ônibus e veio pedir emprego. Perguntei se podia começar imediatamente, hoje. Sugeriu ao Piovesan que desse um vale, uma passagem de volta de avião e permitisse um telefonema dele ao Rio de Janeiro, para a esposa para ir imediatamente no supermercado (anos depois, na porta da Vênus Platinada, acompanhado do Helio da Poli, encontro o Reinaldo, que faz uma festa e me leva ao carro dele, onde está sua esposa: esta declara que salvei a vida deles).

56 E o Reinaldo salvou minha vida ou pelo menos, a minha encenação naquele dia, pois operou a quarta câmera, no porão. A câmera no praticável, no alto, pegava as cenas em plongé, que aconteciam no plano do palco. A câmera no porão apontava para cima. As enquadrações seriam como Eisenstein fazia, desenquadradas, como quadros de Monet. Cheguei a desenhar, no verso dos scripts dos câmeras, o tipo de colocação dos atores e a perspectiva em fundo.

Desculpem-me ser repetitivo, mas naqueles tempos, o mundo era em preto e branco, o teatro ao vivo, na pancadaria, no *vamu-nóis*, no *sejaoquedeusquiser*. Foi um dos trabalhos na direção de TV que me deu mais alegria. À medida que tudo dava certo, fomos ficando eufóricos e improvisando cada vez mais, jovens audazes em trapézios volantes. Chegou um ponto que consegui fazer contracampo vertical: um personagem aqui em primeiro plano no porão e lá em cima outro. Corte para o personagem de cima, vendo-se, lá em baixo o outro.

E planos de som, quando um gritava aqui, o outro respondia em segundo plano lá, e vice-versa. Nem o nosso cinema conseguia fazer isso,

imagine no jeitinho brasileiro vapt-vupt de fazer televisão! Quando o prédio desmorona, tudo ao vivo, com areia, madeira compensada de aviãozinho despencando, figurantes ensanguentados, o público que assistia ao espetáculo nas cadeiras do Teatro Cultura Artística começou a aplaudir. O sonoplasta Laurino Salvador cortou o som do estúdio alertado pelo contrarregista que fazia sinais desesperados para cessarem os aplausos, encobertos pelo som do ruído das ruínas, felizmente.

Nesse dia, estreava como diretor de estúdio um jovem recém-vindo de Portugal e que me foi recomendado pelo único cineasta latino-americano a ser premiado em Cannes, Anselmo Duarte. O português veio me pedir desculpas. Confessou que não tinha trabalhado. Ficou com o script na primeira página, boquiaberto, diante do receptor de retorno, no estúdio, pois trabalhava em cinema e não sabia que televisão poderia ser assim.

Chamei o José Bastos, boom-man e perguntei onde ele tinha enfiado a girafa, pois com todas aquelas tomadas verticais, ele não tinha entrado nenhuma vez sequer na frente das câmeras, como era comum na TV daqueles tempos homéricos. Ele ficou feliz de ver que o diretor tinha notado seu esforço em acompanhar um estilo de direção de TV que ele dominava bem. Paguei uma cerveja.

O Boné (Luís Carlos Nardini), depois “peixinho” do Boni na TV Globo me chamou do transmissor onde comandava com perfeição o ritmo dos intervalos comerciais e a entrada dos programas destacando a TV Excelsior das outras. Ele e outros no transmissor tinham discutido se o programa tinha sido feito no estúdio, ou naquele prédio em construção em frente ao teatro, na Rua Nestor Pestana: chegaram a apostar entre eles. Perguntei qual era a aposta dele, era o prédio em frente. Perdeu. Não acreditou.

Tomaram um táxi na esquina da Consolação com a Paulista onde ficava a torre e vieram constatar antes que Rodrigo Cid desmontasse tudo para o próximo programa.

Talvez o que os tivesse convencido era realmente a utilização de objetos de verdade do prédio em frente, inclusive os carrinhos de mão sujos e até o elevador que subia e descia, emprestados pelos construtores e operários vizinhos. Eram tempos românticos.

Quando minhas obrigações como diretor artístico (é denominado hoje superintendente de produção e programação) ficaram pesadas, tive que abdicar do que mais gostava de fazer na TV, que era o corte improvisado e a emoção de transmitir a história em planos sequenciais, cortes, fusões lentas ou rápidas, tomadas gerais ou closes funcionais, travellings cinematográficos e tudo o mais.

58 O teleteatro do canal 9 era tão bom que o Saulo vendeu outro programa aos sábados: era o Teleteatro Brastemp, produzido por Bibi Ferreira e dirigido por Antunes Filho, direção de TV de Vicente Dias Vieira. Levavam peças internacionais como *O Delator* de Liam O'Flaherty, com Armando Bogus, *A Pérola*, de John Steinbeck, adaptação de Dias Gomes, cenografia de Rodrigo Cid, com Sérgio Cardoso, Elisio de Albuquerque e Bibi Ferreira, *Esses Maridos* de George Axelrod.

Meu assistente Vicente Dias Vieira, que tinha sido um dos maiores sopladas do País, tinha vindo como diretor de TV e revezava comigo, fazendo Teleteatro Brastemp com Bibi Ferreira e Antunes Filho, sugeri que eu não contratasse novos diretores de TV e deu uma ideia genial. Revezar os quatro câmeras no switch. O Italo Morelli faria o Brasil 60 e os outros, câmera. O Reinaldo Boury faria o Teatro Nove e os outros operavam as câmeras. O Eber Barella faria o programa da Maria Bonomi e Antunes Filho apoiado pelos seus companheiros. Dessa forma, quando operando a câmera, o diretor de TV de amanhã caprichava para auxiliar seu amigo a fazer o melhor possível nos botões da técnica. Bingo!

Aí, aconteceu uma coisa chata. O Vicente Dias Vieira e o Italo Morelli começaram a se desentender. Creio que o Italo não sabia que tinha sido o Vicente a promovê-lo (Italo Morelli chegou a diretor de produ-

ção da TV Cultura, antes de vir a falecer). O ambiente ficou pesado, começaram a me pressionar.

Chamei os dois na minha sala, em particular. Lembrei-lhes que tínhamos trabalhado juntos na TV Paulista e, como em todas as emissoras, todos querem puxar o tapete de outros, criando um clima paranoico. Nós, pelo contrário, criamos na nossa TV Excelsior um ambiente de companheirismo. Aí eu fui duro. Por mais que me doesse, pois os considerava, acima de bons profissionais, meus grandes amigos, mas... Se continuarem a criar este clima aqui, com dor no coração os dois estão despedidos. Está terminada a reunião. E terminou o diz que diz. E a paz voltou à Távola Redonda. Meu apelido na Excelsior era O Rei. Na TV Paulista foi Mosquito Elétrico. Como veem, progredi na vida.

**Álvaro de Moya**



## Vigilante Rodoviário

Quando Alfredo Palácio e Cláudio Petraglia produziram o primeiro seriado filmado brasileiro, *Vigilante Rodoviário*, Bibi Ferreira, no *Brasil 61* entrevistou o ator Carlos Miranda no palco do Teatro Cultura Artística, com o cão Lobo. Era domingo e o programa estrearia na rival TV Tupi na semana seguinte.

Bibi, autorizada pela direção da televisão, elogiou a Nestlé por ter bancado a produção e distribuição desse feito pioneiro nacionalista e conclamou os telespectadores a sintonizarem a TV Tupi, nesse importante momento da televisão do Brasil.

Recebemos uma carta pessoal do presidente da Nestlé no Brasil, nascido na Suíça, ele mesmo um admirador da cultura brasileira, fã do *Brasil 60* e apoiador convicto da série *Vigilante Rodoviário*, particularmente impressionado com a ética da Excelsior, deixando de lado a concorrência e colocando a temática nacionalista, base do programa, como ponto de honra do progresso da televisão brasileira.

61

No ano seguinte, o patrocinador do *Brasil 62*, uma loja de eletrodomésticos local da cidade de São Paulo, não poderia arcar com o ônus de patrocinar um programa nacional como era o show dominigueiro. Propusemos a eles, o patrocínio do Circo do Chicharrão no mesmo domingo, se conseguíssemos um anunciante nacional.

Sexta-feira á noite, Maneco, Jaime Barcelos, Roberto Palmari, o irmão do Saulo Ramos e eu, fomos à casa do Carlito Maia. Não estava. Ficamos no bar da esquina e quando o saudoso companheiro despontou na esquina, oferecemos o programa para a Nestlé. Ele ligou para a casa do presidente da multinacional, que imediatamente aceitou, incluindo a exibição do tape do programa na rede TV Tupi, em rodízio de cópias – como no cinema – um pool de emissoras que a Tupi tinha pelo país. Lembrem-se que não existia rede.

No mesmo domingo, com os comerciais que tínhamos nos intervalos, Bibi anunciou o novo patrocínio nacional da Nestlé em *Brasil 62* e sua exibição nas emissoras da Tupi fora de São Paulo. Saulo Ramos, como bom advogado, criou o direito de imagem, pagando o cachê do artista pela gravação e um percentual para autorizar a exibição de seu número no país todo.

Como sempre, o pioneirismo repercute anos depois. Grande Otelo veio para São Paulo, no lançamento de um livro ilustrado da Imprensa Oficial do Estado, com um levantamento dos filmes do DIP, dos tempos da ditadura de Getúlio Vargas. Quando foi autografar meu livro, apresentei-me e ele respondeu: como iria esquecer do diretor de TV que, pela primeira vez, pagou direitos de imagem? Pedi que ele registrasse isso e autografou meu livro com essa frase.

62 Lembrei-me do primeiro aniversário do *Brasil 60*, então 61, quando o Grande Otelo apareceu de surpresa e o Manoel Carlos mandou-o entrar no palco e de improviso, falar com a Bibi. Explicou que soube no Rio que era um programa especial e como tinha estado no primeiro programa inaugural no dia 31 de julho de 1960, imaginou que o Maneco o tivesse procurado, sem sucesso. Tomou a iniciativa de ensaiar um número com o maestro Jean D'Arco, tomar um avião e chegar a tempo. Infelizmente, não sabia que o programa era de gala, as mulheres de longo, os homens de smoking.

Na hora do programa – ou talvez nunca – seria possível um smoking para o tamanhinho do genial intérprete, escolhido por Orson Welles para seu famoso e inédito documentário sobre o Brasil, *It's All True*. Ele fez o número no aniversário do programa, com o sucesso de sempre, e os telespectadores, que sabiam ser o programa cuidadosamente ensaiado, julgando que se tratava de parte do show.

Nesse mesmo programa de aniversário, notou-se que uma cantora estava completamente embriagada. O Maneco instruiu a Bibi a mudar o que tinha sido ensaiado, anunciava a presença dela e escapulia pelo

outro lado do palco, o regional atacava a música para, quando a bebum chegasse ao microfone, já estaria na deixa para ela cantar. Que nada! Aracy de Almeida quase rola com o pedestal no palco, enquanto reclama que Bibi conversa com todo mundo, menos com ela. Naquela voz de cachaça...

Bem antes disso, já tínhamos dado uma indireta à TV Tupi. O Teatro de Arena foi convidado para fazer uma promoção da peça em cartaz, escrita por Chico de Assis, *O Testamento do Cangaceiro*. Uma cena que um cangaceiro contracenava com outro, escondido dentro do saco.

Quando inquirido do elenco, o nome do Lima Duarte era citado. Bibi, surpresa, perguntava se aquele ator que estava dentro do saco era Lima. Resposta positiva. O auditório aplaude. O entrevistado esclarece que ele não pode aparecer numa emissora concorrente e arrasta o saco pra fora do palco...

**Álvaro de Moya**



A falta de equipamento impossibilitava a Excelsior, em sua primeira fase, de cobrir futebol. No entanto, quando da Copa de 62 no Chile, as emissoras organizaram um pool – lembrem-se sempre, não existia satélite, nem rede – para exibir filmes 16 mm em preto e branco que eram filmados no Chile trazidos de avião pela Panair do Brasil e exibidos em todas emissoras ao mesmo tempo.

Era a primeira vez que uma Copa do Mundo aparecia na telinha. Antes, era apenas o som do rádio. E o Brasil foi campeão.

Eu, então, contratei o Pelé para apresentar um programa na Excelsior. Ele comprou um terno preto e ficava diante do espelho de corpo inteiro, ensaiando. Como ele não tinha experiência, colocamos o locutor esportivo de rádio, Pedro Luiz para conduzir o show com o atleta. Virou uma festa. O Santos F.C. não tinha torcida. O Pacaembu ficava vazio, nos jogos na capital. Apenas estrangeiros que estavam no país compravam ingresso para ver o maior atleta do mundo.

Nós, da direção da Excelsior íamos ver as partidas. Levamos uma vez, o diretor teatral Flávio Rangel que jamais tinha visto uma partida. Ele fez uma observação ao nível de seus espetáculos teatrais: “*Parece Le Balon Rouge.*” Referia-se à obra-prima curta do cinema francês de Albert Lamourisse, vencedor de todos os prêmios do mundo, em que um balão vermelho segue o seu menino dono como se fosse um animalzinho de estimação.

Pelé e Pedro Luiz fizeram uma série de programas patrocinados pela Ultragaz, de Pery Igel. Uma entrevista com o marechal da vitória, Paulo Machado de Carvalho foi antológica. Anos depois, a Excelsior descobriu que ainda tinha contrato com o camisa 10, e Walter Avancini o utilizou na novela *Os Estranhos* de Ivani Ribeiro. Ele fazia um escritor que tem contato com seres extraterrestres aproveitando o tempo que a Apollo chegava à Lua.

No elenco, estavam Regina Duarte, Rosamaria Murtinho, Stênio Garcia, Gianfrancesco Guarnieri, Vida Alves, Sílvio de Abreu, Roberto Maya e Lucy Meireles. Foi apresentada de março a julho de 1969. Segundo o especialista Ismael Fernandes, *“Pelé participou sem se comprometer muito: pouco texto e seu personagem não se apaixonou por ninguém.”* Em 1962, recebemos uma carta da África cujo envelope continha apenas *“Pelé-Brasil”*. O Correio sabia do programa e entregou na Nestor Pestana. Chegou um aviso da Wasim, na Suíça que a Nestlé internacional queria lançar um chocolate Pelé. Mostrei a ele o telegrama e respondeu: Fala com o Pepe Gordo. Dançou, pensei eu. Seu agente na época não tinha nível para negociar internacionalmente. Ele não quis um contrato de direitos, preferindo dolares à vista, desconfiando da honestidade dos suíços em prestar contas! Receberam e a Nestlé jamais utilizou o título. Muitos anos se passaram, a Lacta, tentando repetir o sucesso do Diamante Negro, que utilizava o apelido de Leônidas da Silva, lançou o chocolate Pelé. Este, interpelou a fabricante de chocolates e recebeu a resposta que tinham comprado os direitos à Nestlé. Durante muito tempo, sempre que Pelé me encontrava, com sua modéstia característica e humildade, parecia um figurante perguntando quando eu ia voltar para TV e contratá-lo de novo. Como se eu fosse importante diante do atleta do século... A General Motors tinha um estádio na esquina da Consolação, onde prestigiava o boxe, e o Newton Mendonça, eterno batalhador do esporte nacional, conseguiu que transmitíssemos de lá, as partidas semanais. Pedro Luiz, sob protestos dos fanáticos apreciadores da luta no ringue, que achavam ser ele apenas um locutor de futebol. Mas Pedro era um gentleman. O Manoel Carlos brincava, dizendo que ele era o único homem no mundo que dava gorjetas para ascensoristas. Pedro se defendia dizendo que era Natal. Evidentemente, quando o Edson Leite assumiu a TV Excelsior, ele que era um dos mais brilhantes locutores esportivos, passou a transmitir ao vivo as partidas de futebol, contratando o lendário Mário de Moraes para comentarista e Geraldo José de Almeida como narrador. Era o Galvão Bueno da época.

**Álvaro de Moya**

O Manoel Carlos tirava sarro de mim, ao dizer que eu tinha uma fixação infantil no Nhô Totico. Talvez fosse verdade. Tinha admiração, quando criança, pela criatividade desse homem de rádio quando eu assistia aos seus programas inventados na hora, improvisados. Mandei um emissário na primeira casa do Morumbi, na Francisco Morato e o convidei para comandar um programa infantil de auditório.

Depois, como tínhamos comprado as maravilhosas silhuetas de Lotte Reiniger (que depois, conheci pessoalmente com mais de noventa anos, em Lucca), e Nhô Totico fazia a narração. A fixação infantil deixou uma mágoa. Os programas dele eram lindos, ingênuos e casavam com o tipo de programa que deveriam ser feitos para crianças. O Jayme Barcelos tinha vendido a hora certa, antes da estação entrar no ar. O patrocinador, muito feliz, deu cinco relógios de ouro de presente para os diretores. Estes decidiram dar os relógios para agradar seus recém-contratados: Dercy Gonçalves, Mazzaropi, Procópio Ferreira e outros, inclusive Nhô Totico. E não é que muitos anos depois, num zap, vi uma entrevista de meu ídolo infantil na TV Cultura renegando a televisão e com orgulho mostrou aquele relógio no pulso e disse que a TV tentou corrompê-lo com este relógio de ouro e não conseguiu. E eu, pasmo diante da TV, com relógio japonês de plástico no meu pulso...

67

Outra fixação infantil era o palhaço Piolim. Foi contratado para o espetáculo circense que antecipava o Brasil 60 dos domingos, que era às 20h30 e o palco era usado às 18 horas pelo circo. Infelizmente, o patrocinador hesitou e Piolim lá se foi para o canal 2, TV Cultura, que ainda era das Associadas e não cultural. A Bibi Ferreira me socorreu e na mesma semana trouxe seu tio-avô, o Chicharrão. Este, me comovia nos ensaios, preparando cuidadosamente os tombos que tomaria numa cerquinha, ele nos oitenta anos, a caminho dos noventa...

Uma professora de vanguarda, Arlete Pacheco, dona de uma escolinha infantil, comandava outro programa com ninguém menos que o genial humorista Dom José Cavaca. Em pleno Natal, fizeram um programa em que explicavam para as crianças que Papai Noel não existia e eles deveriam ser gratos aos seus pais que se esforçavam para dar presentes e manter uma tradição. Não é preciso dizer que choveram protestos contra o programa infantil. Mas a direção apoiou a dupla dinâmica.

Roberto Miller nos assessorou na exibição de desenhos do maior inovador do gênero no mundo, superpremiado internacionalmente, o canadense Norman MacLaren. Verdadeiras obras-primas de vanguarda, com mensagens que ultrapassavam fronteiras da linguagem, defendendo a paz, a boa vizinhança, o respeito às escolas, etc. Deveria soar estranho quando alguns dos seus desenhos abstratos passavam no vídeo e alguém deveria pensar que a imagem transmitida estava distorcendo o horizontal ou o vertical da telinha...

68 O convênio dos patrões tinha dado um basta à TV Excelsior, que necessitava de profissionais e tinha, no princípio, avançado em alguns das emissoras Tupi, Paulista e Record. O início da Cultura das Associadas, porém, que também precisava de equipe nos salvou. Mas depois, proibição total. Muitos dos profissionais amigos e competentes que eu gostaria de ter trazido não estavam acessíveis. Um deles, que jamais me perdoou, foi Walter Avancini. Mas eu sempre lhe lembrava que tinha comprado uma ideia (e ele ganhava mais com o royalty do programa no canal 9 do que seu salário no 5), que era um telejornalzinho para crianças, patrocinado pela Antarctica. Só que o nome dele não poderia ser divulgado.

**Álvaro de Moya**

## Entrevista de Arlindo Partiti

*A TV Excelsior tinha o engenheiro Carlos Paiva Lopes (depois, presidente do tronco sul da Embratel) como diretor técnico e uma equipe que incluía entre outros, Juan Fominaya e Arlindo Partiti. Este, depois assumiu o primeiro equipamento de VT da emissora.*

*Entrevista pela agência Magnetoscópio, Estação História: historia@mandic.com.br*

A Excelsior começou muito modesta, com pouco equipamento, sem grandes recursos. O nosso transmissor, na Av. Paulista esquina com Consolação, era de 500 watts, usado, fabricado em 1948 e usado por nós em 1960. Três câmeras também de 1948 e um amplificador de 5 quilowatts feito em São Paulo. Depois, esse equipamento foi progredindo. Houve investimento. Mudou a direção, mudaram o controle da programação.

A nova linha começou a arrebanhar equipes no meio artístico, inclusive do Rio. Formou um elenco muito grande, com grandes programas, como *Times Square*, Bibi aos Domingos. E as novelas. A Excelsior foi a primeira a começar a novela diária, graças ao videoteipe. Foi em julho de 1963, com *2-5499 Ocupado*, com a Glória Menezes e o Tarcísio Meira. A Excelsior, pode-se dizer que era naquele tempo o que é a Globo hoje.

Com o videoteipe foi possível fazer novelas diárias, antes eram dois, ou três capítulos por semana. Os VTs apareceram por aqui naqueles famosos quadrúplex, uns monstros do tamanho de uma sala. Para ter uma ideia, a edição era na base da gilete, a fita era cortada, sem que se visse a imagem, a olho, e emendada. Eu fui o primeiro operador de videoteipe da Excelsior, graças ao meu conhecimento de inglês, recebendo os técnicos americanos da Ampex. Quando o americano viu nossa máquina exclamou: "Baby!" Mas, para nós, o apelido era "Chocolateira", um modelo fora de linha. Era um trabalho maluco.

Um capítulo de novela e uma noite inteira, emendendo, às cegas. Evitando que a imagem pulasse. Era coisa de louco. Mas o vídeo mudou

muito, os erros iam ao ar ao vivo, principalmente nos comerciais com garotas-propaganda. Com a chegada do VT, isso acabou. Era gravado antecipadamente.

Quando chegou a segunda máquina de VT foi uma festa! Agora, uma podia pifar, que tinha a outra. Na Excelsior, minha atividade era no Departamento Técnico e naquele tempo não havia muitos profissionais especializados. Era uma escola, formando equipes. Depois fui trabalhar, quando a Excelsior fechou, na área de vendas de equipamentos para emissoras.

A cor foi uma briga. Entre o NTSC norte-americano e o Pal europeu. Ficamos isolados com o Pal-M, diferente do Pal-N da Europa, e o Secam da França. Só depois, tudo foi unificado. Hoje não existem mais problemas. Trabalham em NT internamente e só mudam para PAL-M na hora de transmitir. Mas agora virá a alta definição.



*Nabor Merchioratu, Álvaro de Moya e Arlindo Partiti, que faleceu sem ter chance de ver a HDTV implantada no Brasil*

Quando estive nos Estados Unidos, em 1958, com uma bolsa de TV, concedida pelo Consulado Americano na CBS-TV em Nova York, entrei em contato com os tios de minha mulher que, vindos da Lituânia, tinham se radicado no norte e não no Brasil, como meus sogros.

Tive conhecimento que um dos meus primos abraçara a mesma profissão que eu, como produtor da WHDH Television de Boston, Mass., Sidney Pike. Eu girei pelos States todo e fiquei na CBS de New York, mas ia frequentemente a Boston. A emissora local também era afiliada da rede Columbia Broadcasting System.

Quando voltei para o Brasil ele propôs um intercâmbio cultural entre a estação dele e a TV Excelsior, que acabara de assumir. Ele mandava programas de lá e eu enviava daqui. Como ainda não tínhamos nada em São Paulo, a TV Rio me cedeu um musical produzido pelo Antonio Seabra, gravado no Copa e na praia de Copacabana, com a música brasileira. Um leitor de Boston escreveu para o jornal que aquele programa tinha sido o melhor presente do Dia dos Pais, provavelmente surdo para a música, mas deleitado com a beleza das cariocas sensuais em seus minúsculos biquínis.

A TV Guide, em 1964 – a maior tiragem do mundo entre as revistas – chegou a fazer uma matéria nacional de duas páginas sobre nosso intercâmbio, incluindo uma foto de Sidney, a câmera da WHDH e o então exilado ex-Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

Sidney propôs fazermos uma viagem pelo Brasil, gravando já em cores naquela época, um documentário sobre as TVs brasileiras. Tivemos o apoio da Embaixada Americana, das emissoras da Tupi nos Estados e da Varig. Veio para São Paulo, em 1962, fomos ao Rio e começamos o tour. Em cada local tínhamos a Varig, alguém do Consulado e carro da Tupi local. Era escolher.

Fizemos Belo Horizonte, filmamos o estádio do Mineirão em construção, Vitória, Brasília, Recife, Belém, Curitiba, Londrina e Porto Alegre, locais em que a Tupi tinha emissoras. O programa foi exibido nos Estados Unidos mas no Brasil não houve interesse. A WHDH foi cassada pelo FCC, a única nos States a sofrer essa penalidade, por não cumprir a legislação. Ted Turner, nessa época, recebe como herança da família, uma firma de outdoor e uma concessão de TV local em Atlanta na Geórgia, a qual colocou à venda. Sidney Pike propôs-lhe a ele ficar com a TV, usando o mesmo plano da WHDH, que tinha comprado o time local dos Boston Socks. Se Ted comprasse o time local teria a base de apoio da população da Geórgia. Tudo deu certo e, como acontece com os ricos, os golpes de sorte se sucederam: Jimmy Carter, governador do Estado foi eleito presidente, surgiram os satélites e a TNT adquiriu a MGM, com todo o arquivo da Warner e RKO incluído e tornou a vender a Metro para o Kerkorian, adquiriu os direitos de colorização dos filmes preto e branco e, acima de tudo, apesar de negar gostar de noticiário, criou sob ceticismo total a CNN, 24 horas de notícias. Então, a rede internacional se impôs, quando da Guerra do Golfo. Haja sorte...

Quando não estava mais dirigindo a televisão, e sim com o Wallinho, preparando o longa inédito *Os Playboys*, chegou na TV Excelsior um telegrama da ABC-TV dos Estados Unidos, solicitando meu recrutamento para assessorar a cobertura aos Jogos Pan-americanos de 1962, em S. Paulo. Finalizei as tratativas com Primo Carbonari, que detinha os direitos exclusivos dos jogos e autorização da ABC cobrir os Estados Unidos e Canadá. Fiquei como intérprete e produtor brasileiro da realização norte-americana. Foi divertido. No final das contas, recebi um telefonema dos States, de Sidney Pike, entusiasmado de ver meu nome nos créditos de uma programação de televisão nos Estados Unidos.

Um fato interessante aconteceu quando voltamos da viagem pelo Brasil com o material filmado. Eu tinha recém-saído da Excelsior e um funcionário da Embaixada Americana disse que queria um encontro comigo sobre a telenovela latino-americana. Mostrou seu interesse em

difundir a novela nos moldes da América Latina no Brasil. Era sucesso em toda a parte, menos no nosso país. Era para eu pensar nisso .

Sabe-se que, nos States, o folhetim – eu o vira – durava anos nas tardes em melodramas ridículos, com música de órgão em fundo. Os patrocinadores eram de sabão em pó, objetivando as donas de casa, por isso apelidados de “soap opera” (ópera de sabão). Já conhecia o dramalhão porque lia a revista *Mad* norte-americana, antes de ir ao país do norte. E eles ridicularizavam esse programa. Já a telenovela latina era diferente.

Não demorou, as firmas norte-americanas Colgate-Palmolive, Kolynos/Anakol e Lever, principalmente a primeira, dirigida po Helior Alvarez, começam a contratar especialistas latino-americanos, compram direitos de novelas e recrutam redatores brasileiros como Walter George Durst e Benedito Ruy Barbosa para adaptá-las. Ofereceram os textos para Cassiano Gabus Mendes, diretor artístico da TV Tupi de São Paulo e ele não se interessou. Edson Leite. que era chegado na TV Argentina, graças a uma de suas companheiras e tinha trazido profissionais e parentes dela para a Excelsior, topou. A primeira novela diária foi, como é sabido, um original de Alberto Migré vertido por Dulce Santucci com Tarcisio Meira e Glória Menezes, às 19h do mês de julho de 1963, intitulada 2-5499. O diretor era argentino, Tito De Miglio.

Como as novelas eram compradas pelo patrocinador, os adaptadores podiam trabalhar para duas emissoras rivais, como Ivani Ribeiro que fizera *Gerações em Conflito* e *Ambição* para a Excelsior, pôde fazer a primeira novela na Tupi, em 2 de março de 1964, *Alma Cigana*. A novela diária, sob o ponto de vista de produção interna no estúdio da TV, resolvia-se com o advento do videoteipe: montava-se um cenário ou dois e gravava-se tudo na segunda e terça, possibilitando a linha de montagem industrial interna. Era simples, como se fazia nos teleteatros, que seriam descartados no futuro da programação da TV. Em vez de se gastar toda a gravação num dia de teleteatro, agora a fita de vídeo, em doses homeopáticas, durava a semana inteira, marcando a horizontalidade da grade.

Até então, as novelas ao vivo eram exibidas duas ou três vezes por semana, confundindo a cabeça das donas de casa. Que dia é hoje? Para a escrava do lar, todo dia é dia de fazer comida, lavar roupa, preparar os filhos para a escola e o maridão para o trabalho, lavar louça, etc. De repente, tem novidade novela todo dia: fácil, não? De segunda a sexta. Com o sucesso, o sábado também, pois a mamãe e a vovó eram capazes de não se lembrar do gancho da sexta para segurar o interesse até segunda...

Então o primeiro estouro, provando que a novela viera para ficar. No triste ano de 1964, ano em que o país virou uma republiqueta latino-americana com generais de fancaria se revezando na caserna, uma moça vem de longe. Rosamaria Murtinho, a empregada doméstica tem um amor correspondido pelo filho do patrão, Hélio Souto, já estabelecendo a base da catarse coletiva do folhetim que é a ascensão social, a negação do choque de classes sociais.

74 *A Moça Que Veio de Longe* era uma novela de Abel Santa Cruz, vertida por Ivani Ribeiro, dirigida por Dionízio Azevedo. Justo ele, que começara o mítico TV de Vanguarda, inaugurando a linguagem da televisão brasileira. Era 19h na TV Excelsior, do mês de maio de 64. A alienação ao momento político brasileiro tinha começado.

A Record e a Paulista também, timidamente, aderem ao folhetim diário. Os patrocinadores inserem seus nomes nos horários das novelas: na Excelsior, às 19h *Grande Novela Lever* e às 19h30, *Telenovela Kolynos*. Então, os fenômenos que solidificaram a telenovela como a linguagem brasileira: *O Direito de Nascer* e *Beto Rockfeller*, ambas da Tupi. E o nível máximo pelo gênero aconteceria com o domínio absoluto da Rede Globo de Televisão, apurando o nível de produção de novelas, inclusive exportando para o mundo todo e sendo reconhecida como um produto de qualidade internacional. Graças a esse progresso, a televisão passa a ser o veículo com maior identidade com o povo brasileiro, deslocando o circo, as histórias em quadrinhos, o teatro, a literatura, a música popular, o futebol, o cinema (que adota a linguagem tele-

visiva, descuidando da gramática da sétima arte), conseguindo uma identificação sem precedentes com sua nação.

Minhoca. Por que será que a Embaixada Americana tinha interesse em difundir a telenovela latino-americana no Brasil? Por que as empresas norte-americanas do **soap opera** investiram tanto? Por que justo em 1964?

Talvez a resposta esteja no mesmo momento, na vida real, em que o líder Chico Mendes foi assassinado, o Brasil inteiro estava mais interessado em saber quem matou Odete Roittman! Olha lá, Lênin, a telenovela também é o ópio do povo...

**Álvaro de Moya**



A Vigorelli do Brasil S.A. tinha um programa de debates políticos democrático, na Tupi e Excelsior. Foi anunciada em 23/08/1961, a presença do agitador golpista, governador de Guanabara, Carlos Lacerda no auditório da Rua Nestor Pestana. Lacerda vinha a convite do Centro Acadêmico 22 de Agosto, da Faculdade de Direito da PUC-SP, presidido por Mario Garnero, que promovia a Semana da Unidade Nacional, da qual participaram diversos governadores. Agito total. O auditório regurgitava, repleto de admiradores do grande orador e jovens estudantes que vieram para tumultuar. A cortina se abre para anunciar o programa no palco, o auditório se levanta em vaias e aplausos, gritos e a cortina é fechada e o programa atrasado. Lacerda está na diretoria, com o patrocinador e os diretores Paulo Uchôa de Oliveira, João de Scantimburgo e Lahyr de Castro Coti. Evidentemente, não pode atravessar o auditório ululante. Impasse.

77

Da minha sala, neófito em política, telefono para Saulo Ramos, no gabinete de Jânio Quadros, em Brasília e ele confirma que o Lacerda deve ter liberdade de falar. Explico que a situação parece grave. Saulo insiste. Vou à diretoria e digo que conheço os meandros e posso levar Lacerda ao palco, porém sozinho; que os outros entrem normalmente pela platéia. Concordam, pois o programa já está demorando para ir ao ar. Entro pelos porões, guiando o político. Olho para ele, e imagino que se ele tivesse morrido ali, vítima de um tiro, tal como na Rua Toneleiros, a história do Brasil seria diferente.

Quando a cortina se abre e Carlos Lacerda está lá, acontece algo indescritível. Começa uma algazarra digna de um faroeste. O irmão de Carlos Zara ameaça Lacerda, este o chama para a briga no palco, Ricardo Zarrattini pula em direção ao homem, é agarrado pela segurança e preso.

As câmeras começam a registrar a briga generalizada ao vivo, no ar. O debate não consegue começar. Ninguém na mesa consegue

falar e ser ouvido. As câmeras dão as costas para as tentativas dos palestrantes de abrirem a boca e focalizam o tumulto, jornalisticamente.

Sou alertado para o que acontece na rua. Subo para minha sala e salto para o parapeito. A rua Nestor Pestana está interditada, cheia de carros da polícia (ou do Exército?), camburões, luzes piscando, sirenes, policiais afastando a multidão na porta, nos bares. Torno a ligar para Saulo. É impossível transmitir o descontrole. Saulo confia em Abreu Sodré, que preside a mesa. Ele confirma que o homem tem que falar. Quem sou eu?

Desço para o auditório. Os jovens estão todos esportivos, de camisetas. Visivelmente, os que estão a favor de Lacerda usam gravatas ou uniforme da TFP. Todos de pé, em litígio entre eles. A solução é simples. Grito para os que forem a favor de ouvir, que se calem, fiquem sentados. Eles entendem a estratégia. Sentam-se, depois dos gritos e ficam em silêncio. A polícia entra em cena e – puxa! O que eu fui fazer? – começa a espancar e prender os que protestam. Um policial mostra para nós, da TV, que um manifestante tinha um canivete. Desta feita eu grito. Mentira, você colocou no bolso dele!

78

Carlos Lacerda com sua admirável verve e carisma, orador privilegiado, com tiques de tirar e colocar os óculos (imitado por Flávio Cavalcanti), consegue dominar a plateia e, creio eu, os espectadores, com um libelo violento contra o Presidente Jânio Quadros. Dois dias depois, ele fala na TV do Rio. Trata-se de um golpista emérito, derrubador de presidentes.

Na sexta feira, estou no barbeiro na 24 de Maio e o rádio anuncia que Jânio renunciou. Largo o cabelo pelo meio e corro para a Nestor. O país entra em violência noutra crise institucional, com a direita negando ao vice-presidente João Goulart assumir, o qual volta da China fazendo escala na Europa, via Panair, aguardando as coisas acalmarem. O parlamentarismo é adotado a toque de caixa e o presidente pode voltar, sem força diante da direita vitoriosa.

No sábado, desço para Santos numa viagem já previamente programada e, com minha família no carro, emparelho com o ex-presidente no seu auto rumo ao mar, acenando a mão e ignorando ser o incendiário, que jogou o país numa de suas maiores crises, culpando as “forças ocultas”...

Jânio Quadros tinha, porém, afastado Teixeira Lott, Estillac Leal e os militares democráticos deixando no poder toda a direita golpista: Sílvio Heck, Grun Moss, Castelo Branco, Costa e Silva, Odílio Denys, Amaury Krueel, os milicos, que se preparavam, como abutres, para o golpe final em 31 de março de 1964!

No dia primeiro de abril, aqueles que viviam em plena democracia desde 1945, quando da destituição do ditador Getúlio Vargas, ficaram desnorteados, sem saber o que fazer, com notícias contraditórias, depois transformadas em lendas ou mitos e tudo desmoronou. Na frente da TV Excelsior, Luis Carlos Paraná e outros boquiabertos esperavam algo, sem saber o quê. Roberto Palmari, Túlio de Lemos e Walter George Durst, do departamento de jornalismo dirigido por João Batista Lemos mandam uma mensagem de solidariedade ao telejornalismo da Excelsior do Rio, dirigida por Fernando Barbosa Lima Sobrinho, pois o golpista Lacerda estava cercado no Palácio da Guanabara pelo Exército fiel à Constituição.

Começaram as demissões dos esquerdistas. Os radialistas se organizam numa reunião clandestina, tentando organizar uma passeata, em plena Praça da Sé. Ninguém tem noção da extensão e gravidade dos acontecimentos, neófitos e desinformados dos planos que a direita de há muito organizava.

No folclore, o repórter Nelson Gatto, da Última Hora, pega seu documento oficial e, em nome da Aeronáutica, confisca a TV Excelsior para lutar pela legalidade democrática. Dizem que Edson Leite ficou ganhando tempo com ele e chamou o Dops pelo telefone. Fazendo juz ao nome, Nelson fugiu pelo telhado do Teatro Cultura Artística, como um gato. Se non é vero...

Seja como for, o ademarista Edson Leite abriu a TV Excelsior de São Paulo ao vivo com o governador do Estado, Adhemar de Barros, cercado de militares de aspecto sinistro fazendo a arenga do golpe como sendo uma revolução para banir os comunistas e sindicalistas do poder e restaurar a honestidade.

Os militares olhavam de soslaio para este arrivista, conhecido como *"rouba mas faz"*, visivelmente contrariados de ter este político do passado sujo ao seu lado. É verdade, que, diante dos assaltos políticos de milhões de dólares de hoje, Adhemar pode ser considerado um simplório, mas... Nas cassações que se seguiram, não demorou para esses golpistas todos entrarem na lista negra: Adhemar de Barros, Carlos Lacerda, Jânio Quadros e todos os outros com os verdadeiros democratas que tinham sido aliados da vida política e desaparecendo um por um da cena em situações suspeitas.

80 A censura se instalou nas emissoras de TV, nas rádios, nas redações dos jornais, profissionais foram despedidos, perseguidos, desempregados, exilados, fugitivos, em clima de terror e perseguição, como jamais na história do nosso país. É verdade que os donos de jornais, rádios e TVs sempre protegeram seus comandados, dando lições de compreensão democrática, protegendo seus funcionários perseguidos, como Roberto Marinho, João Jorge Saad, Júlio Mesquita Filho, Octavio Frias e todos outros empresários dignos de encômios.

Até entrarmos na luta armada de resistência e os assassinatos e crimes cometidos pelos que assaltaram o poder o largaram por absoluta incompetência, devolvendo o país à democracia, arranhada e irremediavelmente danificada.

Semanas depois da queda de Jânio, o mesmo Lacerda iniciou uma campanha contra o grupo Simonsen. Logo na segunda apresentação, o homem da Rua Lavradio desistiu e Herbert Levy assumiu a luta contra Mario Wallace. Edson Leite respondia aos ataques do empresário político e jornalista frisando o sotaque no nome dele, insinuando que ele era judeu. Caiu mal. Nos anos 1990, estava na fazenda do Herbert

Levy, em Campinas, e um dos filhos dele me disse: *Que pena que papai fechou a Excelsior. Ela era tão boa...*

Eu era muito chegado ao João Saad, dono da Bandeirantes. Desde o IV Centenário de São Paulo, quando era muito jovem e atrevido, e fui contratado pela Rádio Bandeirantes para trabalhar com o José Carlos de Moraes, O Tico-Tico, como intérprete no Festival de Cinema. Os filmes eram exibidos no cine Marrocos, que era só luxo, com bar e tudo, à exceção de *Napoleão*, tríptico de Abel Gance que precisou ser exibido na enorme tela Cinemascope do Cine República. Todos ficavam hospedados no hotel ao lado onde hoje é a sede da Votorantim, de José Ermírio de Moraes. Na esquina o Clube Rio-grandense (acho), no qual aconteciam as festas. Artistas do mundo todo, inclusive Errol Flynn, que desceu do avião direto para uma ambulância e passou o tempo todo em estado etílico.

No Hotel Jaraguá, fomos entrevistar o mestre Erich Von Stroheim, de quem exibiram *Greed*, uma cópia rara. A porta do apartamento dele estava aberta e o Tico-Tico, atrevido como sempre, entrou e, no chuveiro, quando o gordo astro se banhava, passou a palavra para mim: *"Pergunta pra ele..."* *"- Out! Out!"* no tom dos personagens nazistas que interpretava tão bem. Eu, que o admirava fiquei envergonhado, mas o Tico-Tico era único.

"Seu" João me preveniu, no seu escritório na rádio Bandeirantes, já nos tempos da Excelsior. Você é amigo do Wallinho, avisa que essa campanha contra o pai dele é coisa do Rockefeller. Fui ao Banco Noroeste, pois a Excelsior estava sob o comando do Edson e Alberto.

No centrão, o único diretor era Rubens Barbalho, os outros estavam na Europa. Avisei ao Rubens, que era uma pessoa doce. Voltou o recado do Wallinho que o prestígio do pai dele aumentara na Europa por causa da campanha contra. Quando voltou me disse que eu via imperialismo por toda parte.

Insisti em que não poderia revelar o nome que me alertara, mas não era um esquerdista e sim um empresário do próprio setor de comunicações. Muitos anos depois com a família arruinada, em uma tese de doutoramento, ele se lembrou que, realmente, seu pai tivera um choque com Rockefeller.

O trabalho de Mario com o café era tão bem sucedido que pensava fazer o mesmo com o trigo, tirando a dependência em relação com os Estados Unidos. Foi desaconselhado pelo próprio Rockefeller. Além disso, lembro-me, as operações de café poderiam ser feitas apenas através de bancos norte-americanos. Mario Wallace escolheu um banquinho nos States que era representante de um grande banco inglês e continuou a operar em libras.

82 Foi-me relatado que ele comprou a Panair do Brasil, porquanto o nosso país, por acordos internacionais que nos eram lesivos, não poderia trabalhar com o café solúvel, somente *in natura*. No entanto, o nosso homem imaginava utilizar o direito que a Panair tinha de chegar a Moscou, pelo acordo com a Aeroflot, invadir a então União Soviética com café solúvel e chegar á China de Mao Tse Tung através de seus aliados russos, substituindo o chá pelo café. Megalomaníaco.

Certa feita, o Wallinho entra na minha sala de diretor – ele não tinha sala – com um rolinho de 16 mm e quer ver o filme que chegara da Europa. Vamos à sala de projeção, na qual Orpheu Paraventi Gregori, Jayme Barcelos e Jô Soares interrompem uma exibição e parte do filme. Lembram de *Giant (Assim Caminha a Humanidade)*, do George Stevens, com Liz Taylor e James Dean? Aquele casarão no deserto? Pois bem, uma câmera no Rolls-Royce filma um gramado típico de 500 anos na Inglaterra e um enorme castelo. Jayme: *Pô, que bruta castelo!* O Wallinho que era tímido, fica vermelho e diz: *esse é dos caseiros, o nosso castelo é mais adiante.*

Quando deixei a TV e acertei trabalhar em cinema com ele, fazendo o roteiro de um longa sobre *Os Playboys*, continuei a receber o mesmo

salário da TV. Recusei a oferta do José Carlos Rao de continuar recebendo 0,7% que ele achava eu ter direito, por ter sido quem implantou a televisão. Tomo um táxi da TV para o banco e Wallinho apalpa os bolsos. Tem dinheiro? Pago o táxi e lembro que venceu um mês e ele deve me pagar; ele hesita. Tem conta no Noroeste? Sim. Pega meu talão e não sabe se coloca US\$ ou o sinal de libra esterlina no cheque. Decide-se. Bom, você preenche. E assina o nome dele no lugar da minha assinatura no cheque. O gerente do Noroeste na Sete de Abril pula: *Esse menino! Da próxima vez, faça-o simplesmente endossar o seu cheque. Quanto é?* Falei a quantia acertada, mas poderia ter proferido um número qualquer que seria pago...

O grupo Simonsen era rico, como jamais tinha visto no Brasil. Eles eram ricos não como brasileiros, mas como um grupo internacional. A Wasim, em Zurique, na Suíça, tinha 51 empresas. A Comal, no Brasil, comandava o nosso café. O Banco Noroeste era deles como a Panair. Parece que eles eram descendentes de ingleses que tinham a ver com o almirante que participou da vitória contra Napoleão em Waterloo. Os negócios deles eram feitos sempre em libras esterlinas, quando a moeda inglesa valia mais que o dólar.

83

**Álvaro de Moya**



## Caminhos da Medicina

Um cliente do contato Jayme Barcelos era o Instituto Pinheiros, através do publicitário João Elek. Foi proposta uma série sobre os grandes nomes da Medicina. Tivemos a verba para executar um piloto. Barcelos se precipitou e tinha encomendado para o psiquiatra e dramaturgo Roberto Freire o script e o Egidio Eccio dirigir. O autor fez um texto muito fraco, copiando a pesquisa sobre Hipócrates, sem nenhuma criatividade.

Vetei o piloto e chamei o Walter George Durst, contratado pela TV Tupi, prisioneiro do convênio dos patrões, para escrever com pseudônimo, como fazia para o Teatro Nove. E Ziembinski para dirigir. Saiu excelente, com Sérgio Cardoso no papel do criador da Medicina e de seu famoso juramento.

85

No TBC, porém, marcou-se uma reunião da classe contra o comportamento antiético da direção da Excelsior. Ou seja, eu. Fui com o Durst e sua mulher, a atriz Barbara Fazio (a Meryl Streep daquele tempo). Minha presença surpreendeu os presentes. Fiquei em silêncio ouvindo as críticas. Finalmente, Flávio Rangel, Antunes Filho e outros defenderam a nova TV, argumentando que tinha uma linha teleteatral, muitos atores do teatro, escritores, dramaturgos, cenógrafos, etc. E que um dos maiores do teatro brasileiro, Ziembinski, faria a direção. Tudo terminou bem.

O piloto foi realizado com excelência e mostramos aos diretores do Instituto Pinheiros. Quando terminou, um deles, inadvertidamente, colocou a bola na marca do pênalti: *Por que não se fazem programas assim na nossa TV?* Eu chutei no canto oposto do goleiro: *porque não tem patrocinadores.* (Pausa. Silêncio). Depois dessa, observou Saulo, só podiam assinar o contrato.

O Jayme Barcelos, muito criativo, fez uma proposta que semearia frutos, depois que eu deixei a Excelsior. Propôs que mandássemos para Hollywood a fita de vídeo quadrúplex para feitura de um kinescope 16 mm, cujos custos seriam pagos pelo cliente e que teria direitos para exibir essas versões para faculdades, estudantes, médicos, congressos e outras TVs. Deu certo. As cópias chegaram com qualidade. Então, Jayme revelou seu plano. Vamos encomendar uma cópia 35 mm e descobrir uma maneira de fazer filmes para serem exibidos nas telas grandes do cinema. Genial. Não haverá gasto de negativo, todo o longa-metragem seria feito em fita de vídeo com som direto e, depois, esse grupo de Hollywood, a Vídeo View, que já tinha ganho um Oscar por progresso técnico, processaria o trabalho. Eles nos mandaram uma versão 35 mm do primeiro programa. E funcionava. Sugeriram que fizéssemos um especial com observações técnicas que nos passaram pelo telefone. Nós, exibindo o vídeo aqui no Brasil e eles monitorando a cópia deles, nos States.

86 É bom lembrar que a TV era em preto e branco. Má qualidade de definição. O tape era quadrúplex, a emenda com gilette, a olho. As nossas câmeras eram velhas. Mas a ideia era válida. Apenas a Franscope, na França, estava desenvolvendo um sistema vídeo view que o diretor não precisava mais levantar de sua cadeira de *director* e enfiar o olho no visor da câmera para saber da enquadração. E, na Inglaterra, Douglas Fairbanks com a Pye, ensaiava o mesmo que nós... O futuro do cinema via vídeo. Imaginem, então, quando tivermos, em breve, a TV em cores, pensávamos! Mas, não tínhamos tempo, era uma equipe muito pequena para dar conta de um projeto ambicioso, que ficaria para depois.

Muitos anos mais tarde, em visita à então TV Morada do Sol, de Roberto Montoro, em Araraquara, vi uma cópia 16 mm do *Caminhos da Medicina*, uma série digna da televisão brasileira. Mas o teste definitivo, pioneiro, da feitura de cinema pelo vídeo ainda viria num dos próximos capítulos.

**Álvaro de Moya**

O ambiente festivo nos bastidores da TV Excelsior incentivava a criatividade. Quando contratamos Leon Eliachar para fechar a linha horizontal de humor, que tinha Mazzaropi, Amandio Silva Filho, Dercy Gonçalves, Zé Trindade, Jô Soares, bolamos uma chamada original. O maestro Enrico Simonetti empunha a batuta, todo sério, e a orquestra começa. Um violino desafina, ele começa da capo. De novo, um violino desafina. Nota Leon Eliachar com um violino na mão. *Ei, você não é da minha orquestra. O que está fazendo aqui? Estou estreando meu programa. Seu programa? Este é o meu programa, Simonetti Show. Mas agora é o meu. Como é seu nome? Leon Eliachar meu programa, toda quarta-feira às 20h30. Quarta-feira? vocifera Enrico, hoje é sexta.* Leon Eliachar se desculpa e sai de fininho. Simonetti o chama: *Como é seu nome, mesmo? Leon Eliachar. OK. Vou ver seu programa na próxima quarta-feira às 20h30.* Foi a chamada de um novo programa humorístico, dentro de um musical humorístico de sucesso.

87

Uma das criações que jamais conseguimos realizar – hoje sem graça, devido ao computador, era a utilização do Romi Isetta do Simonetti (depois do Jô Soares). A ideia era o Romi Isetta, ao vivo, entrar no palco do Teatro Cultura Artística, o motorista era o pianista que saía do minúsculo carro e atacaria a abertura do programa. O contrabaixo sairia do carro e atacava o ritmo, o baterista era o seguinte e assim por diante, até a entrada triunfal do maestro Simonetti. Uma orquestra inteirinha saindo de um auto em que mal cabiam dois passageiros! Era fácil abrir uma pranchada no chão do palco. Mas, infelizmente, o motor do miniauto ficava no chão do carro. Essa, nós perdemos.

No programa do José Vasconcelos, fizemos uma abertura filmada com as iniciais JK, JQ, JG, JFK e finalmente JV, ligando as diversas aberturas das produtoras de cinema, devidamente gozadas pelo Zé. Ele era quem segurava a tocha que queimava sua mão, na paródia da Columbia. Evidentemente, rugia como o leão da Metro. Dava a volta no planeta na abertura da Universal e descia de esqui a montanha da Paramount. Na

abertura da J.Arthur Rank, de tanga, batia no gongo que caía no chão com estrondo. Um dos comerciais, sempre dentro do humor do show, sem interrupção, Vasconcelos fazia um vendedor atrapalhado que ao oferecer a caneta-tinteiro para assinatura da compra, espirrava tinta na camisa do Zeloni que fazia aquela cara de Gordo para o Magro. Imediatamente, uma máquina de lavar roupa Westinhouse entrava puxada por um fio invisível e Zé tirava uma camisa novinha ainda embalada como de fábrica e dava para Zeloni. O público, no auditório aplaudia.

No *Teatro Nove*, na encenação de *Quarto de Empregada*, tivemos a coragem de iniciar a peça antes do intervalo comercial. O teatro começava na sala dos patrões, a empregada servindo um cafezinho. Os donos, no living, estavam assistindo à TV. A câmera entra na TV e vem o intervalo da Excelsior que deveria ter entrado antes da abertura. Correm os comerciais na própria TV na sala e os letreiros da peça de Roberto Freire. A câmera afasta-se e segue os patrões, enquadra a empregada que deixa o enorme living e dirige-se para seu minúsculo quarto, onde se desenvolverá toda a peça. Os espectadores e os patrocinadores devem ter estranhado...

88

O Jô Soares não conseguia patrocínio, mas achávamos que era um programa inovador na TV e o televisor All Aces do grupo Simonsen aparecia como patrocinador. Jô não teve dúvidas em adular o receptor do dono da emissora, nada mais nada menos que dinamitando o aparelho do concorrente.

Na planificação do programa do Jô Soares, como o show era ao vivo e ele em espetáculo solo, havia a necessidade algo entre os quadros do dedinho, dele tocando piano, dançando, etc. Eu, que detestava dublagem, sugeri que, ao vivo, o Jô dublasse cenas dos filmes do *Cinema em Casa* com toque de humor. Tal como as revistas faziam à época, com as fotopotocas. Virou uma atração. Ele e o Orpheu Paraventi Gregori ficavam na cabine dias inteiros escolhendo trechos que davam interpretações hilariantes. Randolph Scott vinha do deserto. Amarrava o cavalo na porta do saloon e encontrava o barman limpando copos (já

notaram que são os copos mais limpos do mundo? Todos barmen de todos os western estão lustrando copos). Na versão original, Randolph perguntava algo como *"Where's Doc?"* E o barman apontava com a cabeça para o lado. Na dublagem de Jô, a pergunta era óbvia: *"Onde é o toailete?"* E o barman apontava com a cabeça. Depois de um enorme deserto...

No mesmo programa do Simonetti, quando era escrito pelo Jô Soares (e também pelo Boni e pelo Walter Silva, o Pica-Pau), foi encenada pelo Edgar e Capacete, excelentes músicos e humoristas amadores, uma paródia do comercial do Ah! Kolynos. Aqui, um ah? de um deles derrubava um urubu que caía lá de cima no palco. Isso nos valeu uma carta da agência de publicidade MacCann Erickson diretamente para a presidência sobre o mau gosto da paródia.

**Álvaro de Moya**



## Televisão Excelsior

por Lauro César Muniz

Início da década de 1960. Brasil vibrando de sonhos: o desenvol-vimentismo juscelinista havia legado ao país uma autoestima que se refletia fortemente nas artes: bossa nova na música, cinema novo, teatro de Arena e Oficina renovando a estética no palco. E a Televisão Excelsior, canal 9 em São Paulo, inserindo-se nessa euforia, propunha uma renovação na teledramaturgia nacional, concorrendo com a tradição da TV Tupi.

A raiz que gerou a telenovela nacional, conscientemente ou não, foi o *Teatro Nove*, com obras brasileiras, muitas inéditas, que ia ao ar semanalmente, ao vivo, transmitido diretamente do auditório da Rua Nestor Pestana. Se a televisão Tupi dava ênfase aos clássicos da dramaturgia universal, no *TV de Vanguarda* ou no *TV de Comédia*, vez ou outra visitando os temas brasileiros, o Teatro Nove se propunha, de forma radical, a discutir a nossa realidade, com uma temática absolutamente nacional.

Era o momento de colocar na televisão o homem brasileiro, rural ou urbano, suas contradições diante de um país em fase de afirmação, em forte ebulição social. Não foi por acaso que os diretores foram selecionados entre os mais dinâmicos do teatro e do cinema local, e o projeto comandado por Álvaro de Moya, de nítida ideologia progressista, engajada até, se propunha a colocar a televisão no centro da discussão de um novo país. No elenco, vários nomes oriundos do teatro, como Cleyde Yáconis, Leonardo Villar, Nathália Thimberg, Rosamaria Murtinho, Mauro Mendonça, Juca de Oliveira, Stênio Garcia, Fúlvio Stefanini, entre outros.

Convidado pelo Flávio Rangel a escrever para o Teatro Nove, coube a mim que, em 1961, era aluno de dramaturgia da Escola de Arte Dramática de São Paulo, contribuir com três peças: *A Bruxa*, *A Estátua* e *Bar de Esquina*.

Exponho os plots e temas desses trabalhos, para que se avaliem o grau de arrojo desses teleteatros e nossa firme determinação de fugir às amenidades.

*A Bruxa*, dirigida por Adhemar Guerra, contava a história de um médico recém-formado, que voltava à sua cidade natal e cuja iniciação sexual, no passado, fora carinhosamente conduzida por uma prostituta da cidade. O médico, noivo da filha do chefe político da cidade, é procurado por essa prostituta, grávida, implorando que ele a ajude a livrar-se da gravidez. Inicialmente, ele se nega a fazer o aborto, mas depois, diante da tentativa malograda de um aborto feito pela própria prostituta, socorre a moça, salvando-lhe a vida. Assume o ato, corajosamente, diante da sociedade reacionária e ultraconservadora, clero incluído. Combatido pelo futuro sogro, é obrigado a deixar a cidade por ter sujado as mãos numa bruxa.

*A Estátua*, também dirigida por Adhemar Guerra, era uma comédia que contrapunha a irreverência de um escultor ao poder de um político do interior, os dois apaixonados pela mesma mulher, bela, escultural... Quando jovem, o artista envolve a moça e esculpe, com realismo e paixão, a nudez e sensualidade da vênus interiorana. Ambicionando tornar-se um grande nome das artes plásticas, tenta convencê-la a partir com ele para São Paulo. Ela não tem coragem de segui-lo, pois sua família o considera um boêmio, um pobretão sem futuro e ela acaba se casando com o político. Anos depois, vítima de um enfarte, o escultor decide voltar à terra natal para rever sua paixão eterna. O político, que pretende se eleger deputado, decide usar a morte do grande artista para se projetar, usando-o como trampolim para sua campanha eleitoral. Hospeda o irreverente moribundo que traz consigo a estátua, obra que ninguém da cidadezinha vira. O escultor faz seu último pedido, antes de morrer: que sua obra seja colocada em praça pública. Durante a cerimônia, ao descerrar o manto que escondia a vênus, revela-se a toda a cidade o grande amor do passado, a nudez e sensualidade da mulher do candidato. O corno público leva a pior em seu embate com o artista morto.

*A Estátua* foi o ponto de partida de uma peça de teatro, encenada em 1966, *A Morte do Imortal*, que por sua vez, foi a base da novela *O Casarão*, em 1976, na Rede Globo.

*Bar de Esquina*, um drama social dirigido por Roberto Palmari, discutia um tema polêmico, que gerou problemas com a censura. O velho dono

de um barzinho, em um bairro de classe média de São Paulo, luta valentemente para dar condições de vida melhor a seus filhos. Com sua bicicleta, sempre saía cedo para entregar leite e outras encomendas a seus fregueses. Certo dia, é pego com uma quantidade pequena de maconha, servindo de pombo-correio entre o pequeno traficante e um cliente. O escândalo destrói sua vida, seus filhos são banidos de um colégio religioso e não conseguem cumprir o sonho do pai. O filho mais velho substitui o pai na bicicleta e continua sua peregrinação difícil. O tema tóxico era, obviamente, um tabu, mas passou pela censura oficial sem a menção à palavra maconha. Como o programa era ao vivo, um "caco", habilmente colocado por um ator, escapou ao controle e o assunto ficou claro.

A TV Excelsior lançou a primeira novela diária brasileira, em 1963, já gravada em videotape. O modelo original argentino serviu para que a emissora assimilasse a técnica, que vinha de Cuba e do México, nacionalizando e logo superando em qualidade os produtos de los hermanos. Três anos depois, já em plena ditadura, sem a liberdade dos temas do *Teatro Nove*, lancei-me à aventura de fazer minha primeira telenovela: *Ninguém Crê em Mim*, dirigida e produzida pelo Dionísio Azevedo, que inaugurava um novo horário na emissora, o das 20h, logo depois da novela mais importante da casa, escrita sempre pela Ivani Ribeiro, a novelista mais ativa da época, que trazia experiência significativa da radionovela.

Naquele momento, as telenovelas eram selecionadas e produzidas sob responsabilidade das agências de publicidade, ao contrário dos tempos atuais em que as emissoras têm o controle absoluto do produto e os anunciantes se restringem aos intervalos comerciais.

Mas *Ninguém Crê em Mim* fugia à regra. A TV Excelsior queria lançar um novo horário para atrair possíveis patrocinadores e agências. Dionísio Azevedo havia sido o ator do filme *O Santo Milagroso*, baseado em minha peça teatral. O filme, produzido por Oswaldo Massaini e dirigido por Carlos Coimbra, foi um enorme sucesso popular. Dionísio entendeu que o autor do roteiro sabia contar uma história com começo, meio e fim, plena de peripécias e expectativas, condimentos básicos para um autor de telenovela.

Convidado por ele, inicialmente, assustei-me com a empreitada. Eu não tinha a menor noção do que era uma telenovela. Via esporadicamente um ou outro capítulo das novelas no ar, mas sem entusiasmo ou interesse. Como me adequar ao novo gênero? Dionísio me animou: *“Escreva como você quiser, use a mesma linguagem do seu teatro e do cinema, fuja dos estereótipos”*. Foi o que fiz. Escolhi um tema bastante ambicioso: abordar, a partir das tragédias gregas, o mito de Eletra, em linguagem, psicologia e roupagens atuais. Eletra mudou de nome, virou brasileira, e era uma jovem (Flora Geny) que voltava ao Brasil para investigar a morte de seu pai, poderoso empresário, e o estranho e precipitado casamento de sua mãe com outro industrial. A novela não obteve os índices de audiência esperados, uma vez que eu não me preocupava com o maniqueísmo habitual para cativar os telespectadores. No entanto, apesar da performance pouco alentadora, os críticos de televisão da época reconheceram que eu trazia uma contribuição à linguagem do gênero, fugindo dos clichês e dos diálogos grandiloquentes, usando uma forma de expressão bastante realista com frases coloquiais, como fizera até então no teatro. Deram-me o Troféu Imprensa de melhor autor de 1966, o prêmio de maior prestígio naquele momento. Ainda assim, jurei a mim mesmo que minha carreira começara e terminara com aquela novela.

O historiador Ismael Fernandes escreveu anos depois sobre minha novela: *“Foi a semente que iria frutificar só dois anos mais tarde, com Beto Rockfeller. Em 1966, era cedo ainda para renovação...”*

Na verdade, eu poderia ter alcançado o público se tivesse sido menos autossuficiente e prestasse alguma atenção à estrutura perfeita das cativantes novelas da Ivani Ribeiro.

Meu *“não”* à telenovela durou apenas um ano. Em 1967, o Benedito Ruy Barbosa, responsável pelas produções da Denison, agência de publicidade incumbida de colocar no ar um novo horário na TV Excelsior, me convocou, argumentando que, fazendo uma novela baseada em uma grande obra literária, eu teria um trilho seguro para narrar uma história. Quando ele me disse que a obra escolhida era *O Morro dos Ventos Uivantes*, clássico da literatura inglesa, de Emily Brontë, minha resistência desmoronou. Eu adorava aquela história, tinha lido o ro-

mance e visto o maravilhoso filme de William Wyler. E o diretor era, uma vez mais, o meu querido Dionísio Azevedo. Era a minha revanche! *O Morro...* inaugurava os estúdios de Vila Guilherme e tinha no elenco Altair Lima, Irina Greco e Egídio Eccio. A novela estava prevista para ter 100 capítulos e, naturalmente, era preciso criar ações novas e paralelas para cumprir a extensão. Além disso, meu nacionalismo ferrenho me impunha uma obrigação: criar uma ponte entre a realidade inglesa e a brasileira. Fui fiel à essência do romance, os personagens eram ingleses, mas consegui, por meio da ascensão do herói Heathcliff e seu enfrentamento com Edgar, de família nobre, fazer um retrato das contradições de classes sociais, que surgiram anos depois em nosso país, entre os aristocratas rurais e a nova classe sem raízes nobres.

Mas, naturalmente, o sucesso foi o imortal amor entre Heathcliff e Catherine, que se casara com Edgar. A retomada deste tema me propiciou, anos mais tarde, novelas como *Os Deuses Estão Mortos* na TV Record, *Escalada* e *O Casarão* na TV Globo.

*O Morro dos Ventos Uivantes* foi um sucesso. Fiz muitos capítulos além dos previstos e a novela ficou seis meses no ar, abrindo para mim um longo caminho.

Descobri a força de comunicação da telenovela, aprendi a dominar sua técnica, me joguei muitas vezes em temas arrojados, desafiando a lei de gravidade do Ibope. Sou um dos autores que mais escreveram telenovelas neste país.

Fiz trabalhos que me apaixonaram, fiz trabalhos que odiei. Colecionei uma quantidade incrível de títulos, um baú cheio de vidas... páginas e páginas, hoje amareladas, quase desbotadas, que nasceram no palco e nos estúdios da TV Excelsior...



## Bibi Ferreira na TV Excelsior

*Entrevista a Álvaro de Moya*

Como você começou na TV Excelsior?

*Eu estava fazendo um show no Carlos Machado, aqui no Rio de Janeiro, no Hotel Serrador, na boate Night and Day quando você, Álvaro (risos) e Manoel Carlos foram falar comigo de uma televisão que estava estreando e queria fazer um programa assim, assim... que seria o Brasil, o nome Brasil 60 apenas com... enfim, com atrações nacionais, com atrações... com entrevistas internacionais e atrações todas artísticas brasileiras, fizeram a proposta. Eu digo: mas eu estou trabalhando aqui. Naquele tempo existia o Corujão, que era um avião que saía... de uma em uma hora tanto Rio quanto São Paulo, cruzava no ar e despejava os artistas vice-versa, do Rio em São Paulo e de São Paulo no Rio. Bom, assim eu posso! Então fazia o programa em São Paulo, depois pegava o avião e ainda pegava o show aqui no Rio de Janeiro.*

97

Nossa! Todo domingo à noite?

*Todo domingo à noite! O tempo que durou o show, chamado Festival no Night and Day. Daí foi aquela maravilha mesmo, que eu vinha no avião, olhava pra baixo e via aquela cidade toda iluminada, enorme. Eu dizia: gente... – Não se dizia gente, né?! A gente dizia assim: Meu Deus! (risos) – Meu Deus! Tão dando quarenta e dois de audiência! (risos) E foi essa a primeira vez que eu tive contato. Depois o grande sucesso que foi o programa e foi indo, Brasil sessenta, sessenta e um, sessenta e dois até começaram, enfim... Quando os comandantes começam... A jogar a culpa um para o outro, a gente não sabia o que estava acontecendo lá embaixo, na parte artística, é que a... televisão começou a ficar um pouco à deriva. A gente sentia a coisa muito instável, quando a direção que era Edson Leite e... Saad, não! Alberto Saad! Falaram comigo, papai também era contratado da Excelsior, se nós podíamos ir falar com o chefe da nação – não se pode dizer que fosse presidente porque não foi eleito – seria... que seria o Castelo Branco?*

*E nós, mesmo sem audiência marcada, o Edson Leite nos colocou dentro de um avião, fomos, chegamos ao Rio, direto para o... Palácio das Laranjeiras, aqui no Rio de Janeiro, e sem horário marcado, fomos recebidos, por sinal gentilmente, pelo Castelo Branco. Ali nós falamos, expusemos a situação da Excelsior que... seria fechada no dia seguinte, com centenas de funcionários na rua, de uma hora para outra! Explicamos tudo. Ele compreendeu, disse que iria fazer uma sindicância a respeito e que amanhã ele não fecharia a Excelsior! Aí então continuou por meses, mas como eu falei há pouco, à deriva!*

E você ficou até o fim da Excelsior?

*Não! Creio que fiquei... quase até o fim da Excelsior!*

*E não esquecer que eu não tinha só o programa Brasil 60, eu tive os Teleteatros Telefunken, Teleteatro Renner, Teleteatro Brastemp, foram teatros muito interessantes, da maior qualidade...*

98

Era o Antunes Filho que dirigia...

*Antunes, Adhemar Guerra, gente da maior capacidade artística...*

Flávio Rangel...

*Nosso querido Flávio, gente maravilhosa que tanto dirigia, como produzia dava as ideias para adaptar tal peça ou tal peça, como você com a adaptação de Cartas de Madeleine e A Mãe, de Paddy Chayevsky, esse era o nível das coisas que fazíamos... assim levamos para a televisão artistas de teatro, como d. Conchita de Moraes, mãe de Dulcina de Moraes, que foi uma das maiores atrizes do Brasil, foi em As Árvores Morrem de Pé, de Alejandro Casona, que ela fez na Excelsior ao vivo.*

Não tinha videoteipe o teleteatro era feito ao vivo...

*Não, não! Esse foi gravado! Eu me lembro que a própria Excelsior, que já estava sem uma noção verdadeira das coisas, desmanchou esse tape, apagou esse tape da d. Conchita, e infelizmente, como muitos e muitos artistas famosos e primeiros artistas que trabalharam nesse teleteatro e enfim.. na TV Excelsior... oram perdidos...*

A TV Excelsior teve três fases: aquela primeira fase minha, a segunda do Edson Leite e depois a fase de decadência, de crise, em razão de qual o governo já estava ameaçando tirá-la do ar.

*A fase de ninguém! Exato! E é por isso que nós fomos... viemos ao Rio, falar com o Castelo Branco.*

E por que de repente o *Brasil 60* virou *Bibi Sempre aos Domingos*?  
*Não sei bem, acho que foi um pedido... Não! Foi uma realização da parte artística que queria fazer uma novidade, seria o programa de maior duração que já teria existido no Brasil, eram oito horas.*

Oito horas?

*Oito horas! Começava às duas da tarde e ia até às dez da noite!*

Era o Walter Avancini que dirigia?

*Exato! Que produzia também! Então isto foi... Era um programa interessante, eu não entrava, é claro, todas essas horas, mas entravam vários programas...*

99

Você ganhou do Silvio Santos naquela época... (risos)

*Ganhava... Ganhava do Silvio Santos.(risos) Por isso o Silvio Santos, a última vez que eu o vi, me disse: a hora que você quiser a minha emissora tá aberta! (risos). Nós tínhamos uma audiência fantástica, e foi um programa que teve uma popularidade muito grande, começou com gincanas, por aquelas cidades de São Paulo e era uma coisa deslumbrante...*

Três coisas que você fez na Excelsior: *Brasil 60*, *Bibi Sempre aos Domingos*...

*Bibi Sempre aos Domingos, que eram oito horas de duração e o Teleteatro...*

E o teleteatro que, às vezes mudava o nome do patrocinador mas era sempre o mesmo teleteatro.

*Exato! Foi Teleteatro Telefunken, Teleteatro Brastemp e Renner!*

Você era amiga do Peri Igel, que era dono da Ultralar e era amigo do dono da Brastemp também, né? O Pessoal...

*Da Brastemp não, mas era do Peri Igel...*

Peri Igel da Ultragás, né?!

É.

Naquele tempo, os patrocinadores tinham uma participação muito grande na televisão, mas num nível cri... participativo, quer dizer, num nível criativo, né?!

*Eles assistiam, hoje não tem muito o que assistir (risos). Mas enfim, tá lá, as coisas mudaram, algumas para pior, outras para melhor é claro! Mas a Televisão Excelsior na minha opinião foi assim, única! Ela deu um... um grande exemplo do que é que pode se fazer de bom, simples, não precisa grandes aparatos, grandes cenários, grandes efeitos especiais, nada disso, era apenas entrar, dizer a verdade e apresentar o talento.*

100

É aquilo que eu falei, você tinha pela sua experiência de show-woman e de atriz de teatro, tinha o senso de timing, então tinha uma... uma relação muito grande com o auditório do Teatro Cultura Artística, que era um público quase que de teatro e esse público reagia com frisson e transmitia isso para o telespectador, graças a essa noção de tempo, de saber comandar uma plateia, né?

*Não sei se... é por aí, por causa da prática do teatro! O teatro me dava esse ritmo, essa...comunicação... Afinal de contas quando estreei no Brasil 60, em sessenta, já vinha com uma bagagem de vinte anos de teatro. Estreei em quarenta e um, com o meu pai.*

Por isso que nós escolhemos você. Queríamos uma apresentadora diferente do comum da televisão, e... uma coisa de que eu gostava muito também do *Brasil 60* é que ele não tinha adjetivo.

*Não, não! Ele era direto no respeito que tínhamos pela pessoa, pois quando começamos a adjetivar, os adjetivos terminam! Não é?! Sensacional, fantástico, maravilhoso, chega um dia que não tem mais, para própria pessoa, pode ser tudo isso, a pessoa que vai entrar a seguir*

*não vai sobrar nenhum adjetivo, então adjetivar é muito... preocupante. E nós cortamos! Eu tinha até... nós tínhamos reuniões sobre isso, conversávamos sobre isso e eu não sou uma pessoa realmente de adjetivar. Outro dia eu assinei uma fotografia que vai sair num álbum de teatro, é uma fotografia de que eu gosto muito, é uma fotografia minha sem rir, ninguém pediu, e eu tava quieta, simples e disse assim: Esta fotografia minha é sem maquiagem e sem adjetivos!*

Também o pessoal que aparecia lá dispensava adjetivos, era Jorge Amado, Pelé, era...Orlando Silva...

*Dorival Caymmi, Dalva de Oliveira, Herivelto Martins, Silvio Caldas...*

O próprio nome deles já era um adjetivo, né?!

*Já era o adjetivo, você não vai...*

Quer dizer, você não precisava acrescentar mais nada...

*Puxa vida!*

101

Mas isso era moderno pra televisão daquela época...

*Muito! Muito! E... enfim foi aquele... quarenta e dois de audiência!(risos)*

*É muita coisa!*

E gozado que você tomava o avião, vinha pro Rio e não tinha noção do que acontecia na segunda-feira em São Paulo.

*Do que acontecia na segunda-feira em São Paulo... Eu sei que... nós lançávamos muitas coisas pela televisão, lembro-me de uma casa, quando apareceram estas plantas... como é que chamam? Essas plantas... De água... ela tem um nome... Uma loja cheia de plantinhas desse gênero... Eu sei que a loja abriu no dia que nós dissemos na televisão e ela fechou no dia seguinte porque não tinha mais nada pra vender!(risos)*

Curioso...

*Isso aconteceu!*

Você lembra de um dia em que a Elza Soares estava ensaiando no palco com você e o Manoel Carlos, e o Garrincha estava no auditório, eu sentei ao lado do Garrincha e ele falou: *Eu e a Elza vamos casar!* Eu falei: *Mas é verdade? Pode?! Aí eu chamei a Elza e falei assim: Elza? Ela: é, é verdade!* E eu: *ela pode falar no ar? Pode falar no ar!* Você falou! Meu Deus! O Walter Silva publicou na primeira página da Folha do dia seguinte, eles foram processados pelo advogado... deu um rolo! Também os dois eram dois... irresponsáveis, né?! Aconteciam coisas assim lá nos bastidores da Excelsior... Você lembra aquele também? Era o primeiro aniversário do Brasil 60, todo mundo de smoking, de repente aparece o Grande Otelo dizendo assim: *quando eu soube que era aniversário do programa, pensei: Decerto o Manoel Carlos queria falar comigo, e não conseguiu, então peguei o Maestro Jean D'Arco, ensaiei o número e vim correndo, só que eu chego aqui e vejo todo mundo de smoking, como é que eu vou conseguir um smoking agora?! Deste tamanhinho! Tem razão, tem razão...*

102 Essas histórias que aconteciam, como o programa era muito bem ensaiado, era o estilo da televisão americana, o público pensava que... Não sabia se era improvisado ou se as coisas eram ensaiadas... *Mas era improvisado! Era improvisado! Porque mesmo as coisas que se ensaiam em... em teatro, nesse tipo de televisão, chega na hora são diferentes... Não é esta coisa tão... mentirosa, parece um... um vidro imenso que antepara toda a emoção, hoje não existe mais emoção porque não existe a comunicação que eu digo da intempérie. É, se você está na sua casa e está chovendo, eu digo: meu Deus como está chovendo aqui dentro! Vocês também estão sentindo a mesma coisa, e isso era primordial, de sentirmos todos a mesma coisa! Quando se perdia uma grande figura nacional, ou quando acontecia um Grande Prêmio, quando era a Copa do Mundo, quando era tudo isso, era na hora, era no dia, com as pessoas ali! Na hora! Isso era muito importante.*

Era ao vivo, como no rádio... Você lembra aquele programa que vocês de repente começaram a cantar As Pastorinhas: era você, Silvio

Caldas, Aurora Miranda, Carlos Galhardo, Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Lamartine Babo, todos assim no palco, cantando As Pastorinhas o auditório levanta e canta em coro...

*Era a estreia. Foi a inauguração. Levanta e canta! Todo mundo cantando!*

Essa emoção que a televisão não tem hoje, que terminou praticamente com os festivais de música popular, que começaram na Excelsior e depois foram pra Record, aquele foi o grande momento da emoção brasileira, né?! Na identificação com a música popular brasileira.

*Tem razão! Foi uma fase muito bonita, e eu fico muito feliz daquela noite, em que eu estava lá no Night and Day, no Rio de Janeiro, e você e o Manoel Carlos apareceram lá e me convidaram pra televisão Excelsior, Canal 9 de São Paulo.*

Era gostoso... Agora fala do bastidor, como é que era? Era uma festa? *Era muita paz! Muita paz! Tudo mundo bom, era guarda-roupa, maquiagem, contrarregra, maquinista... tudo era muito gostoso, os maestros, o Simonetti, outro tão simpático...*

103

Silvio Mazzuca...

*Silvio Mazzuca! E grandes orquestras! Quem que tinha grandes orquestras na televisão? Ninguém! Só nós! Talvez nós tivéssemos assim... nós éramos... (risos) éramos também um pouquinho de tudo o que imaginávamos..., os patrocinadores adoravam a gente porque dávamos audiência, essas coisas, mas de qualquer maneira, para os outros nós éramos um pouquinho, assim, feito a realeza da televisão. Isso que eu acho que nós éramos.*

Mas o bastidor era muito divertido...o Manoel Carlos...

*Muito! Essa parte toda de produção...*

Jô Soares...

*Meu Deus do céu! Isso era maravilhoso! O que é que vamos cantar hoje? A semana que vem quem vamos chamar? Isso e aquilo... Bibi, veio fulano, vai vir beltrano, era muito bom!*

E o programa às vezes extrapolava, passava do horário, e às vezes terminava vinte minutos antes, o Manoel Carlos dizia assim: Bibi, faz alguma coisa!

*E agora Bibi? Fala! Fala!*

Aí se começava a chamar gente, improvisar...

*Você sabia, teve um Natal... teve um Natal muito engraçado! Um domingo que calhou de ser dia de Natal! Era vinte e cinco de dezembro. Tava todo mundo escalado e me lembro que uma das pessoas escaladas era a Aurora Miranda, tava dando já sete horas, sete e meia e não chegava ninguém! Não chegava ninguém! Aqui do Rio. Não estava chegando ninguém pra ensaiar, ninguém pra ver roupa, pra ver... enfim, quando é que entrava, enfim pra ver... o script do horário, se eu fecho o programa ou se eu abro o programa, não veio ninguém! Aí o Manoel Carlos: Bibi, pega o violão e começa a fazer alguma coisa! Eu fui, cantei de tudo, toquei de tudo, e cantava...se aparecia um artista, entrava rápido e se desculpava: eu tenho que ir me embora! Vai cantar um número só porque tem que pegar um avião pra ir pro Rio, pra ver a mãe, que não sei o que, que é dia de Natal... Foi uma confusão nesse Natal! E no vídeo, lá pro público, saiu uma maravilha! Disseram: Que espetáculo com calor natalino!(risos) Foi esse Natal...*

104

Eu lembro um dia que o Oscarito apareceu lá e você ia entrevistá-lo e ele fez sinal que estava afônico, que não conseguia falar! Então... e o que que ele faz? Pegou uma cadeira, um violino, segurou o arco entre o joelho e os dentes, pegou o violino e ficou deslizando o violino em cima do arco, tocando Tico-Tico no Fubá: O público veio abaixo!

*Delírio, né?!*

Nunca imaginei que o Oscarito fosse um... artista, esqueceram que ele era de circo. Aliás falando de circo, quando o Piolim saiu da TV Excelsior, você recomendou o seu tio-avô...

*O Chicharrão (risos)...*

O Chicharrão... que fez o circo...e eu ficava boquiaberto...naquele tempo acho que ele tinha quase noventa anos, né?!

*É... por aí! Oitenta, oitenta e quatro...*

E eu ficava olhando ele dando cambalhota no palco, aquele número da gradinha que fazia, abria e fechava a gradinha, e tropeçava e passava por cima, ensaiando com aquela idade... eu ficava impressionado, né?! E eu me lembro de ter visto uma história em quadrinhos de um palhaço uruguaio chamado Chicharron, era ele mesmo ou não?

*Era ele! Ele era uruguaio.*

Ele era uruguaio? Então ele era o Chicharrão, fizeram uma história em quadrinhos por causa do personagem dele e depois ele veio para o Brasil?

*Exato!*

E ele era seu tio-avô?

*Não, ele não veio pro Brasil como o palhaço Chicharrão, porque os palhaços sempre começam, quando são de circo, como acrobatas, como ícaros, trapezistas, malabaristas, mas nunca propriamente como palhaço! É quando eles perdem o vigor de atletas é que eles passam para esse segundo plano! Na minha família existiu o Chic-chic, existiu o Chicharrão e... eram três. Não é decadência, eles passam para outra função artística...*

Ah, sei! Isso é meio Fellini, essa coisa...

*Todos faziam, por exemplo, um número muito bonito que era o número das estátuas, eles se pintavam todos de branco, malha branca, tudo branco, tudo leitoso e faziam os seis, que eram os seis Queirolo, eles faziam as estátuas, um em cima do outro, se movimentavam e ficavam estáticos e as luzes mudavam, era uma coisa muito bela, e daí a gente via, e a tristeza deles quando diziam: agora vamos nos despedir. Que o atleta pra entrar na comicidade de que era considerado baixo, cômico, quando realmente palhaço fazer palhaçada era muito difícil!*

Piolim era... gênio, né?! ... Infelizmente no começo apoiavam o circo e hoje em dia a televisão acabou com o circo, né?! Principalmente esses programas que plagiavam os quadros do circo e pareciam que o circo estava copiando a televisão quando era o contrário, a televisão é que estava plagiando aqueles quadros famosos do circo antigo, né?!

*Foi uma pena... Mas a Televisão Excelsior foi pioneira e foi amiga... se sentia muito bem lá dentro, tanto na parte artística quanto na parte de produção técnica, éramos muito bem tratados... homens inteligentes como vocês da produção. Era muito bom...*

106 Gozado! Um dia o Manoel Carlos fez uma brincadeira, a gente sempre fazia brincadeiras de mau-gosto, né?! Mas a Lolita Rodrigues que era contratada da Tupi, foi trazida pelo Simonetti para fazer uma secretária burra no programa dele, e um dia nós estávamos no auditório, todos sentados conversando e a Lolita virou pra mim e falou assim: *Moya, você não gosta de mim, né?! E antes que eu pudesse responder o Manoel Carlos falou assim: Ele prefere a Lolita do Nabokov! Anos depois eu falei pra Lolita: Olha, era uma brincadeira do Maneco, ele se referia ao lolitismo, pelo qual todos os homens de certa idade se apaixonam, se interessam sexualmente por moças...* e ela disse: *Ah, eu sabia!, vocês eram sempre brincalhões!* Mas o ambiente nos bastidores era muito engraçado!

*Isso eu não me lembro porque na maioria do tempo eu estava realmente ensaiando, eu comandava o espetáculo inteirinho e depois a pressa de me arrumar pra entrar no meu programa e logo em seguida ir para o aeroporto, com destino ao Rio de Janeiro.*

O Maneco tinha uma capacidade inacreditável de juntar duas, três pessoas e conseguir um resultado que ninguém conseguia! Ele botou, por exemplo, um quarteto de cordas do Teatro Municipal, tocando Villa-Lobos, e de repente entra o Juca Chaves e começa a cantar as modinhas dele naquele mesmo tom, então é... culturalmente as pessoas entendiam que havia uma relação entre Villa-Lobos e a música moderna popular brasileira. Essa... se não me engano acho que foi Zuzu Angel que escreveu no jornal O Globo dizendo que o programa era...

*Hildegard!*

Hildegard?

*Hildegard! Que era filha da Zuzu.*

Ela disse que o programa era sub-repticiamente cultural. Quer dizer, ele era um espetáculo, era agradável só que tinha conteúdo.

Que o desagradável na cultura é quando botam o dedinho! O dedinho assim na frente do rosto e dizem: agora quietinhos que vem um pouco de cultura. É o seguinte, dois pontos, e lá vai. Isso não é assim! Isso, superficialmente é maravilhoso, mas era...toda a televisão era assim, fazia isso sem estar dizendo dois pontos agora vai.

Também, quem estava fazendo a televisão, você vê: Magdalena Tagliaferro, o Ziembski, o Sérgio Cardoso, quer dizer, todo o pessoal na TV Excelsior, os escritores eram o Roberto Freire, o Jorge de Andrade, o Gianfrancesco Guarnieri, o Vianninha, o Lauro César Muniz, o Walter Negrão, o Walter George Durst, o Túlio de Lemos... todos eles estavam lá na TV Excelsior, escrevendo, então tinha conteúdo! O Manoel Carlos, quando a gente chegava à TV Excelsior, uma vez por outra mandava imprimir no mimeógrafo uma poesia do Carlos Drummond de Andrade e depois inundava a televisão de cópias, afixava no quadro, mandava para o transmissor, colocava na mesa do superintendente, não sei o que lá... chegava de manhã, como ele tinha passado a noite em claro escrevendo, de repente, presenciava todo mundo lendo poesia... como uma pré-internet de nível cultural! Eu achava gozado, admirável até o bastidor da TV Excelsior, como a gente se divertia e isso aparecia no ar. Quer dizer, esse amor que um tinha pelo outro...

*Respeito... Cada um na sua! A parte musical do programa, do Brasil 60, é que era primordial, nunca existiu nem vai existir coisa semelhante.*

Foi o fim de uma geração e o começo de outra na música popular brasileira, e a Excelsior teve a sorte de pegar essa transição. A maioria deles já não existe mais e...

*Pessoas assim de uma importância hoje, como Edu Lobo, como o João Gilberto, o João Gilberto esteve muitas e muitas vezes se apresentando no programa...*

Estava sempre lá!

*Sempre lá! Tem fotografia aí! João Gilberto, Vinícius...*

Eu lembro quando você entrevistou o Lamartine Babo e ele começou a dizer assim: Tal música: O teu cabelo... ganhou o prêmio de trinta e dois, agora em trinta e três... E você diz assim: Essa também era sua? Todas as músicas da década de trinta eram do Lamartine Babo, e aí acabou virando um show aqui no Rio de Janeiro. Essa entrevista ficou anos em cartaz aqui no Rio de Janeiro partindo da ideia que de repente se descobriu que ele tinha feito tudo...

*Porque nós inspirávamos mesmo...*

108

E o Juca Chaves cantava com ele, o Juca Chaves então cantou uma música do Lamartine e o Lamartine cantou uma música do Juca. Esse tipo de coisa, né?! O João Gilberto confessou que imitava o Orlando Silva, o João Gilberto conversando com o Orlando Silva diz: Eu imitava você, só que eu não tinha a sua voz. Mas eu queria cantar que nem você! Isso no Brasil 60, quer dizer, eram coisas inacreditáveis que aconteciam.

*O Jorge Amado... que você falou... O Jorge Amado sendo entrevistado e entra... o Dorival! O Dorival! Jorge Amado falando e entra o Dorival Caymmi com o violão e cantando e aí o Jorge pega, Dorival pega o Jorge, fica tudo misturado, ficam duas pessoas que são gêmeas no talento!*

É verdade... a baianice daquele tempo...

*Coisa linda! Coisa belíssima... e que fica! Isso é que é importante. Embora a televisão seja um veículo que se perde no ar, estas coisas não se perderam!*

Fala a última frase sobre... fala a última frase sobre a TV Excelsior para terminar a entrevista. Tô cansando muito você hoje...

*Não, não! Não está me cansando não, é um prazer estar aqui falando com você sobre a Excelsior... A Excelsior com toda essa parte artística... tinha uma coisa muito boa, eu que vinha de teatro, teatro é muito difícil, é uma profissão... a Excelsior deu pra todos nós que viemos de outras emissoras ou que viemos de teatro, ou que viemos de cinema, ou do rádio, nos deu uma estabilidade para, durante um tempo da vida... essa estabilidade cresceu a tal ponto que hoje em dia os grandes salários da televisão brasileira em geral são todos baseados nesses atores que saíram da televisão Excelsior, como Tarcísio, como Glória, toda esta gente, e esta segurança o funcionário mais humilde da televisão Excelsior sentia, ele se sentia como um rei porque era respeitado, todo mundo de carteira assinada, uma coisa que era muito séria, eles tinham seu décimo terceiro, tinham suas férias, tinham isso, tinham seu ordenado no dia combinado, e lutavam como uma coisa primordial... eu acho que nós todos tínhamos um orgulho... da Excelsior... Moya, te adoro!*



*Cyro Del Nero, Álvaro de Moya, Manoel Carlos e Jô Soares*

## TV Excelsior – Canal 9

*por Manoel Carlos*

A TV Excelsior canal 9, de São Paulo, foi um sonho só possível nos anos 1960, uma década de grande significado histórico. Do seu heroico e belo nascimento, precisamente em 1960, à sua insultuosa morte, tudo aconteceu nesse período de dez anos. Aos historiadores, algum dia, caberá analisar como tudo se deu. A mim, neste momento, cabe apenas lembrar a minha passagem por lá, do dia da inauguração até um outro dia qualquer, em 1963.

Em 1960, éramos jovens. Eu tinha 27 anos e o mais velho entre nós não teria mais que 40. Hoje, olhando para trás, fico admirado com o nosso destemor, capacidade de trabalho, idealismo e – modéstia à parte – com o nosso talento. Ah, como éramos talentosos e criativos! Como sabíamos fazer coisas incríveis com um mínimo de recursos! E com o mínimo de pessoas também. Paulo Uchoa, na superintendência, representando diretamente os interesse de Mário Simonsen. Saulo Ramos (ele mesmo, nosso depois ministro da Justiça), na direção comercial; Carlos Paiva Lopes, um doce engenheiro, na direção técnica; e Álvaro Moya na direção artística. No mais, eram salas de reunião, tesouraria, etc. , além de uma área técnica. Eu tinha um cargo criado pelo Moya, de nome pomposo: coordenador geral da programação ao vivo, que significava, na prática, um vice-diretor artístico. Quando o Moya deixou a emissora e me convidaram para ocupar o seu lugar, recusei. Ele foi uma das poucas pessoas insubstituíveis na televisão brasileira.

Muitos profissionais trabalharam na Excelsior, num ou noutro período de sua curta existência, mas o grupo inicial, na criação e realização de programas, era composto de Roberto Palmari, Túlio de Lemos, o ator Jayme Barcelos, Cyro del Nero, Walter George Durst, Orpheu Paraventi Gregory, eu e o próprio Moya. Certamente estarei me esquecendo de muitos, mas nós é que formávamos o núcleo gerador, porque estivemos lá desde o primeiro dia.

*Simonetti Show, Teatro Nove, Mazzaro...piadas e Brasil 60* foram alguns dos primeiros programas da Excelsior. Todos inovadores, para dizer o mínimo. Eu fui o responsável pelo *Brasil 60* e seus sucessores: *Brasil 61, 62* e parte do *63*. Quando saí da emissora, o programa continuou por mais um ou dois anos, dirigido por Waldemar de Moraes.

O *Brasil 60* era apresentado por Bibi Ferreira. Quem se lembrou dela para essa tarefa foi o Jayme Barcelos, num segundo momento de divina inspiração. O primeiro foi lembrar-se do Teatro Cultura Artística para ser o estúdio da Excelsior. Ocupamos o grande e o pequeno auditório. Na verdade, acabamos com os dois, que mais tarde tiveram que ser reconstruídos.

De início, sem patrocínio, com as despesas bancadas pela própria emissora, o *Brasil 60* logo foi prestigiado pela Nestlé e, em 1962, pela Renner. Era um programa muito caro para os padrões da época. Trazíamos artistas de todo o Brasil, inclusive grupos folclóricos com 20, 25 pessoas, o que representava um custo alto com passagens e hospedagens, além dos cachês. Pagávamos bem. Me lembro que o cachê mais alto era o de Orlando Silva, mas com tantas mudanças da moeda, já não saberia dizer em quanto importava. Orlando foi também o artista mais assíduo do programa durante os 3 anos em que estive sob minha responsabilidade, seguido de perto pelo Dick Farney.

O *Brasil 60* era muito simples: câmeras fixas nas laterais do teatro, que aos domingos abrigava mais de mil espectadores. Bibi Ferreira, no centro do palco, anunciava as atrações, fazia entrevistas, cantava, representava, com muito talento para todas essas tarefas. Não tínhamos contratados. Eram todos free-lancers. Mais tarde, acho que a partir de 1963, com a entrada de Edson Leite e Alberto Saad na direção da emissora, um festival de dinheiro comprou o passe dos artistas mais populares do Brasil. Esvaziou as outras emissoras e estabeleceu um padrão rígido de qualidade.

Mas aí já não era a nossa TV Excelsior, aquela que abriu suas câmeras para 4 horas de entrevista com Jean-Paul Sartre e Simone de

Beauvoir, e outras tantas horas com Eugène Ionesco, quando eles estiveram no Brasil. Já não era a TV Excelsior dos nossos sonhos, voltada para o Brasil. Não. Aí já era a Excelsior do dinheiro do Mário Simonsen.

A Excelsior formou muitos profissionais, assim como influenciou os que já estavam formados, como eu mesmo, que estava na estrada desde 1951. Foi lá que eu conheci o prazer e a alegria de fazer televisão. E vem de lá também o embrião de tudo que eu realizei na TV Record, a partir de 1965, como *O Fino da Bossa*, *Bossaudade*, *Corte-Rayol Show*, *Família Trapo*, *Esta Noite se Improvisa*, etc. Foi na Excelsior desse tempo heroico que nasceram o Zimbo Trio, Jair Rodrigues, Elis Regina, para citar apenas três exemplos.

Foi na nossa Excelsior que juntamos no palco Orlando Silva, Silvio Caldas, Carlos Galhardo, Dorival Caymmi, Nelson Gonçalves, Gilberto Aves e Cyro Monteiro. Foi lá também que formamos duplas como Juca Chaves e Lamartine Babo, João Gilberto e Orlando Silva, Aracy de Almeida e Silvinha Teles, Elizete Cardoso e Alaíde Costa, Marlene e Emilinha Borba, Dalva de Oliveira e Ataulfo Alves, Dick Farney e Lúcio Alves. Numa outra ocasião formamos um trio simplesmente genial: Pixinguinha, Jacó do Bandolin e Luperce Miranda.

Em 1962, décimo aniversário da morte de Francisco Alves, fizemos um *Brasil 62* homenageando o grande cantor. E no saguão do teatro montamos uma exposição de objetos, documentos, partituras, fotos, pertencentes a ele.

E toda essa riqueza musical era ensaiada durante a tarde de domingo, algumas horas antes de abrir o pano, em arranjos e direção musical do pianista Pedrinho Mattar (com seu trio) e do flautista Mauro Silva, com seu regional. O refinamento não estava em nenhum arranjo elaborado, que não havia tempo para isso, mas no talento desses músicos brasileiros.

Abriamos espaço para apresentações longas, como a de um domingo em que Vinícius de Moraes ficou mais de meia hora no palco, cantando e dizendo poemas. Abriamos espaço para tudo que era bom. E os artistas que compareciam ao programa, recebendo cachês generosos, certamente teriam pago para participar da festa que era cada programa dominical.

A Excelsior era um luxo de simplicidade e simpatia. E o público gostava, aprovava, incentivava. Lutávamos contra empresas poderosas, em termos de audiência, como a Tupi e a Record, mas não fazíamos feio. Tínhamos uma parcela qualitativa de audiência bastante expressiva.

114

Essa era a TV Excelsior da qual eu participei e da qual tenho profunda saudade. Depois dela veio a Excelsior das novelas, dos shows milionários em palcos giratórios, dos contratos milionários, da opulência. Esta também tem muito valor, já que foi o embrião da TV Globo de hoje, campeã de audiência também. Mas essa última, tendo bastante dinheiro, é mais fácil de fazer do que aquela que precisava contar apenas com o idealismo de todos nós. Essa era a nossa fortuna. E essa não abre falência e nem é fechada pelo governo.

Já não há mais espaço para esses sonhos na televisão, mas lembrar-se desse que sonhamos juntos já é bastante gratificante.

Eu agradeço a oportunidade e dedico essas lembranças ao querido amigo Roberto Palmari, morto tão cedo mas, mesmo assim, ainda com tempo de realizar esse sonho em nossa companhia, de fazer três belos filmes e ocupar um lugar cativo no meu coração e na minha memória.

## A TV Excelsior da Rua Nestor Pestana: Anos 60

por *Cyro Del Nero*

Cheguei da Europa depois de três anos de peregrinação e trabalho nos teatros e expondo pintura em galerias de arte. Encontrei em São Paulo a minha geração colocada e andando: Manoel Carlos escrevia programas de televisão, Flávio Rangel tornava-se diretor do Teatro Brasileiro de Comédia, Bento Prado Jr. e Roberto Schwartz filosofavam e Roberto Palmari dava uma mão ao pai na camisaria do Brás durante o mês do Natal. Saíamos das iniciações e aprendíamos a viver.

Imediatamente eu estava fazendo uma maquete para um programa de Nilton Travesso (*Viagem à Lua*) escrito por Manoel Carlos. Em quatro meses comprei meu primeiro carro e a grande virada veio através do Manoel Carlos. Ele tinha uma ideia para um programa que poderia – como foi – patrocinado pelos Calçados Clark. Era uma espécie de Aventura de um Sherlock Holmes, e o desfecho seria sempre descobrir que “*O Segredo está nos Pés*”.

115

O que eu deveria fazer para a ideia do Maneco poderia ser um “espelho” do programa. Uma apresentação gráfica de como ficaria visualmente o programa que ainda não existia. Maneco foi oferecê-lo ao Álvaro Moya que então preparava a inauguração da Televisão Excelsior que logo mais significaria um divisor de águas entre as televisões anteriores e o futuro brilhante da televisão brasileira.

O Álvaro Moya examinou o espelho do programa e perguntou ao Maneco quem tinha feito aquilo. O Maneco deu meu nome e me referendou como amigo de juventude recém-chegado da Grécia e Alemanha, onde tinha feito teatro e na França, havia exposto pintura.

Moya disse ao Maneco que eu seria o diretor de arte da emissora que em poucos dias estaria no ar. E foi assim.

Álvaro Moya foi o antecedente mais próximo daquilo que seria o Boni. Tinha um entusiasmo e uma alegria revolucionária, uma atitude dire-

ta a respeito do que queria e um gosto moderno do espetáculo. Sua formação vinha das artes gráficas e sua capacidade de julgamento das artes visuais facilitou muito nossa imediata empatia.

Trabalhei durante alguns anos com a Excelsior, cercado de amigos brilhantes como o Maneco, o Álvaro, o Roberto Palmari, o Orfeu Gregori e outros.

Criei um departamento de comunicação visual para a emissora. Minha primeira decisão foi: aqui ninguém desenha. Surgiu meu primeiro assistente, o Tide. E a ordem foi essa: você está proibido de desenhar. Você tem aqui cartões pretos e brancos, uma tesoura, uma régua e um estilete. Corte e cole, faça montagens. Tide é o Tide Hellmeister que – obedecendo à minha ordem – tornou-se um brilhante artista gráfico, fazendo até hoje, exclusivamente... colagens.

116

Tal estilo criou o primeiro programa de identificação visual de uma emissora no Brasil: passar pela imagem da Excelsior era reconhecê-la e reconhecer também a qualidade e a modernidade inexistente nas outras emissoras. Quem criou a marca da Excelsior foi o Ruy Perotti, da Lynxfilme, vindo de encontro a uma linguagem exigente que nós instalamos no ar.

A partir de doze meses depois, eu assumi o departamento de cenografia criando os cenários do programa produzido e dirigido pelo Maneco, apresentado pela Bibi Ferreira, que foi o *Brasil 60* e os subsequentes. Foi neste programa que pudemos exercitar uma nova cenografia televisiva. Tive por norma tornar visualmente informativo o design da cenografia da Excelsior. Domingo à noite, no programa apresentado pela Bibi, tivemos uma favela no palco montada graficamente com velhas esquadrias de madeira, venezianas, portas, janelas patinadas como as de uma própria favela.

Mas, no domingo seguinte, o cenário era dedicado à obra de Joan Miró. Mais uma semana, e teríamos um grande candelabro do qual desciam

grandes cortinas. Este cenário mais sete dias e se transformaria numa jaula de tigres verdadeiros.

A Excelsior nos dava visibilidade. Geraldo Ferraz, crítico de arte de saudososa memória, me convidou para expor na Galeria São Luiz, na avenida São Luiz. A Excelsior veio à abertura da exposição como também a nata dos artistas plásticos paulistanos. Durante a exposição, Geraldo Ferraz me deu um conselho: volte, não fique aqui. Volte para a Europa.

Mas não voltei. O trabalho de equipe – televisão e teatro - me fascinou. Correr toda a semana para colocar no ar um novo programa ou trabalhar para uma estreia teatral – em equipe, são aventuras que dão uma nova vestimenta ao ato de viver. Fiquei: na Excelsior e no TBC.

A Excelsior foi um respiradouro para que uma televisão fizesse mais do que se fazia. Profissionais afluíam com ânimo e ideias novas. A Excelsior estava conectada com o mundo do jornalismo alternativo (tivemos uma noite louca com os jovens do Pasquim) e com a cultura trazida pelas mãos do Bento Prado Jr. Literalmente pelas suas mãos tivemos Jean-Paul Sartre no palco da Nestor Pestana.

117

Nosso teatro para os shows ao vivo era o Teatro de Cultura Artística e nele produzíamos toda a programação. Transformamos aquela rua, na rua da nova televisão. Não seria raro encontrarmos nas mesas do bar da esquina Lamartine Babo, Heitor dos Prazeres, Ataulfo Alves, Cyro Monteiro, Dalva de Oliveira, Silvio Caldas e Orlando Silva. Foi o programa do Maneco e da Bibi, que tirou do oblívio as clássicas figuras da música popular brasileira, dando-lhes um renascimento.

Tive o privilégio de encontrar na Excelsior Ziembski e trabalhar com ele na criação de *Caminhos da Medicina*. Vi nascer Jô Soares para a televisão. Fui o cenógrafo do primeiro Festival da Música Popular Brasileira – e muitos outros depois.

Vi chegar um jovem maestro que estava partindo para Freiburg, para voltar depois de alguns anos como o maestro jovem de maior visão da

música e do que esta poderia significar com um pouco de coragem – Júlio Medaglia.

A sala do Álvaro Moya tinha na parede uma grande tela minha e entrando na sala, Lívio Rangan, da Rhodia, perguntou de quem era a tela. Moya deu meu nome e ajuntou que o cenógrafo da minissérie que Lívio comprara seria eu. Dias depois, Lívio veio ver o cenário e decretou que eu deveria ir procurá-lo. No seu escritório, na Standard Propaganda, ali na esquina – Praça Roosevelt – sua primeira pergunta foi: *Você tem uma firma? Não* - respondi. *Abra uma*.

Esta sugestão de Lívio mudou minha vida. Fui o cenógrafo para a moda nos anos 1960, durante 8 anos.

Enquanto trabalhava na Excelsior, com esses colegas de entusiasmo pela televisão, Flavio Rangel dirigindo e eu criando cenários, produzíamos teatro no TBC de Franco Zampari. Em 1962, ganhei, na Bienal de Artes Plásticas, o Prêmio “Melhor Cenógrafo Nacional”.

118

Foram anos cheios de entusiasmo, e ainda creio que a TV Excelsior do Álvaro Moya gerou a televisão moderna brasileira e foi o fulcro de atividade e energia que gerou o que a partir dali eu viveria.

## TV Excelsior: O Salto Qualitativo

*pelo Maestro Júlio Medaglia*

O mais popular e endemoninhado veículo de comunicação de massa da segunda metade do século XX, a televisão, foi buscar seus primeiros mecanismos de atuação em outras áreas e formas de expressão. A milenar e consistente tradição cultural europeia fez com que aqueles países, conscientes dos recursos e do poder do novo meio, criassem uma TV paraestatal, conteudística e repleta de valores do passado, os quais, ao serem “reutilizados”, emprestavam também maneirismos de suas linguagens ao novo canal de expressão. Nos seus primórdios, portanto, a TV europeia era mais literatura, concerto, cabaré, teatro que um novo código de comunicação. Ou seja, um veículo de outros veículos. Nos Estados Unidos, onde havia uma forte indústria de comunicação de massa moderna, operando e comercializando em grande escala a imagem em movimento e som simultâneos, o cinema hollywoodiano, que os primeiros experimentos televisivos foram buscar suas ferramentas básicas.

119

A televisão brasileira, fundada em 1950 e uma das primeiras do mundo, optou por outro caminho. Como não tínhamos uma tradição cultural de alto repertório tão grande como a europeia e arraigada na população, e nem uma indústria cinematográfica consistente, foi em outro veículo, extremamente popular e criativo, igualmente eletrônico e original em sua linguagem, e o mais recente, à época, o rádio, que o brasileiro foi buscar as bases e os profissionais para a implantação de sua TV. Jogando com a ousadia de linguagem do rádio, com a capacidade do som de atuar diretamente na imaginação, com a falta de compromissos de nossos autores iniciais com linguagens anteriores ou preconceitos culturais, brincando com os recursos do próprio veículo, nossa TV já nasceu original e feiticeira. E foi em consequência desse início “correto” que ela, ao desenvolver-se e industrializar-se, tornou-se a mais apreciada, em termos de linguagem, em todo o mundo. Os primeiros dez anos da TV brasileira, liderados em todos os sentidos pela TV Tupi de Chateaubriand, foram efetivamente de festa. Todo

o brilho mágico do nosso rádio acrescido da imagem em movimento, ganhava dimensão ainda maior. No início dos anos 1960, porém, um novo fenômeno aconteceu em nossa TV que a todos surpreendeu. Todo aquele know-how adquirido na primeira década, fora assimilado por uma nova emissora que surgia, só que de seu mecanismo fazia parte um novo repertório de ideias e profissionais que deram um sentido inteiramente diferente ao veículo: a TV Excelsior.

E o grande responsável por essa guinada foi Álvaro Moya. Competente profissional nas áreas de comunicação, mas também um intelectual de mão cheia, Moya soube entender a criatividade dos intuitivos do início da TV e mesclá-la com a inteligentzia paulista. Sob sua condução, artistas brasileiros que fariam parte de uma “cultura de elite”, passaram a dialogar com os geniais artesãos do novo veículo, fazendo assim surgir uma nova televisão, ao mesmo tempo inteligente e popular, culta e ágil, descontraída e informativa, criativa e acessível, prestadora de serviço e não chata, conteudística e dinâmica, superficial e profunda, ousada e responsável, renovadora e lucrativa.

120

Nela era possível ver-se de Guarnieri a Fellini, de Pagano Sobrinho a Ionesco, de Dick Farney a Magda Tagliaferro, de Oswaldo Moles a Sartre, de Brigitte Bardot a Bibi Ferreira, do maestro Ernrnico Simonetti com seu show bem-humorado ao barroco mineiro (dirigido por mim), de Orlando Silva a João Gilberto (fazendo duetos antológicos) e assim por diante. Ou seja, uma cultura popular infiltrada de valores da cultura universal ao simples toque de um botão doméstico.

Nos dias que correm, neste início de era/século, que tempos uma TV cheia de brilho e competência artesanal, nada melhor se poderia desejar que o reaparecimento de uma nova TV Excelsior, para mostrar que um veículo, para ser de massa, não tem que ser imbecil.

*P.S.: O Julio modestamente esqueceu de um programa que ele e o Rogério Duprat fizeram no horário de um grande sucesso humorístico da TV Record. O contraponto era uma produção voltada à música clássica*

*numa interpretação contemporânea, que apresentava de Bela Bartok a Mayuzumi. A colaboração de Júlio Medaglia com Rogério Duprat já era uma antecipação do que viria a ser o movimento da Tropicália.*

*Graças ao concerto sobre barroco mineiro que o Júlio cita, ele ganhou uma passagem aérea P.P.S., para ir à Alemanha, a convite do governo alemão, para um curso de regência no qual foi colega de classe de Frank Zappa.*

Bom-dia, São Paulo  
São Paulo do meu coração  
Que tenhas um dia de amor e alegria  
No teu crescimento e na tua energia...

Bom-dia, São Paulo  
São Paulo do meu coração  
Canal 9 está entrando em seu lar  
TV Excelsior está no ar...

*(Tema de abertura da programação da TV Excelsior)*

## O Panorama Musical dos Anos 60 e a TV Excelsior

por Fátima Feliciano

### Panorama internacional

Há quem garanta que os anos 1960 não começariam, realmente, em termos musicais, até o lançamento, em 1963, na Inglaterra, do primeiro álbum dos Beatles – *Please Please Me*, e logo em seguida, com o segundo álbum – *With the Beatles*. A rigor, os Beatles já vinham fazendo sucesso desde o ano anterior com *Love Me Do* – o primeiro compacto simples do grupo. Mas, o fenômeno cultural conhecido internacionalmente como Invasão Britânica não teve foco somente nos Beatles. Mais de 300 grupos musicais gravitavam em Liverpool, Manchester e Londres, em torno de uma música que nada mais era que a revitalização atualizada do rock'n'roll da primeira hora.

Na verdade, The Beatles, Gerry and the Pacemakers, Brian Poole and The Tremeloes, Herman's Hermits, The Hollies, The Rolling Stones, The Kinks e todos os grupos que vinham ganhando espaço nas paradas de sucesso internacionais, naquele início de anos 1960, não escondiam suas origens: o blues ou o rock americano original de Bo Diddley, Buddy Holly, Chuck Berry, Little Richard e, claro, Elvis Presley. Apenas, esse rock havia se misturado a influências locais, tais como o skiffle, ritmo de origem também americana dos anos 1920/30, e que era tocado e dançado por grupos de jovens nas ruas, desde a década de 1950.

Mas, em oposição a isso, há os que garantem que a afirmação de não existir música de boa qualidade para jovens desde a decadência do rock de primeira geração até o estouro dos Beatles seria um exagero. O jornalista Ayrton Mugnaini Jr., no seu livro *História do Rock, das Raízes ao Hard*, garante que isso não é verdade, e aponta para a explosão dos Beach Boys – que misturavam doo-wop, boogie-woogie, folk, gospel e o chamado Surf Rock, que também envolveu Ventures e os ingleses Shadows, que inicialmente foram a banda de apoio do cantor inglês Cliff Richard.

Os nova-iorquinos The Four Seasons, que também estouraram na mesma época, também tiveram seu forte nos vocais ao estilo doo-wop, acrescentando uma pitada de pop, por influência de seu líder e vocalista Frankie Valli, que mais tarde voltaria ao topo das paradas de sucesso com o tema de abertura do musical Grease, em 1978.

Esse período de **entressafra** também marcou o surgimento dos artistas da Motown – a lendária gravadora dedicada ao **som negro** – com Diana Ross & The Supremes, Smokey Robinson, Steve Wonder (ainda criança), Martha Reeves & Vandellas, Four Tops e, já no final da década, Michael Jackson e os Jackson Five.

Enquanto isto, ainda em 1962, um jovem compositor havia encantado Nova York. Seu nome? Bob Dylan. O jovem cantava canções folk, e mais tarde abalaria as estruturas musicais tocando folk com guitarra elétrica, por influência do recém-amigo John Lennon.

124

Os estudiosos do som dos anos 1960 consideram, a rigor, então, que houve, pelo menos oito grandes blocos musicais no campo da música internacional cantada em inglês na década: o rock/twist americano do início da década (Beach Boys, Four Seasons, Paul Anka, Neil Sedaka, Ventures, Chubby Checker), a folk music de Bob Dylan, Joan Baez e outros, O Som da Motown (Supremes, Four Tops, Smokey Robinson, Stevie Wonder, Michael Jackson & Jackson Five), a Invasão Britânica (Beatles e grupos já citados), o Som da Califórnia (Mamas and Papas, The Byrds), o Som de San Francisco (Greatful Dead, Santana, Van Morrison), a country music de Credence Clearwater Revival e America (pouco depois), o som dos cantores/orquestras hispânico(a)s tais como Chris Montez, Trini Lopez, Santana e Tijuana Brass, do maestro Herb Alpert.

Devemos considerar, ainda, e sem demérito, o grande sucesso internacional dos cantores e grupos italianos e franceses, que, no caso do Brasil, se constituíram, também, numa segunda invasão européia.

## Música e Cinema

Mas, na verdade, musicalmente, o início dos anos 1960 havia sido morno. O sucesso de alguns filmes traria para o grande público, temas de trilhas de sucesso. Era o caso do tema de *Ben-Hur*, filme que conquistara 11 Oscars, em 5 de abril de 1960, muito embora tenha cedido o prêmio de melhor trilha para *Exodus* e o de melhor música para *Nunca aos Domingos (Never on Sunday)*, estrelado por Melina Mercury.

Em 1961, a atriz Audrey Hepburn estrelaria *Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany's)*, cujo grande sucesso seria *Moon River*, de Henry Mancini e Johnny Mercer, que levaria o Oscar. No ano seguinte, 1962, a mesma dupla repetiria o feito com a belíssima *Days of Wine and Roses*, de *Vício Maldito (Days of Wine and Roses)*. *Tender is the night (Suave é a Noite)* também seria um grande sucesso daquele ano apesar de ter perdido o Oscar para Mancini.

125

Em 1963, *Call Me Irresponsible*, de *O Estado Delicado de Papai (Papa Delicate's Condition)* levaria o Oscar, mas o tema de *Charada (Charade)*, e *It's A Mad, Mad, Mad, Mad World (Deu a Louca no Mundo)*, e *More do filme Mundo Cão (Mondo Cane)* se destacariam.

Em 1964, ganha o Oscar o tema de *Mary Poppins, Chim Chim Cher-ee*, de Richard M. Sherman e Robert B. Sherman.

No ano de 1965, *The Ballad of Cat Ballou*, do filme *Dívida de Sangue (Cat Ballou)*, *I Will Wait For You*, de *Os Guarda-chuvas do Amor (The Umbrellas of Cherbourg)*, de Michel Legrand, e *What's New Pussycat, (O Que é Que Há, Gatinha?)*, cantada por Tom Jones, do filme homônimo, da dupla Burt Bacharach/Hal David fariam sucesso, mas o Oscar iria mesmo para *The Shadow of Your Smile*, do filme *Adeus às Ilusões (The Sandpiper)*, com música de Johnny Mandel e letra de Paul Francis Webster.

Em 1966, temos *Alfie* de *Como Conquistar as Mulheres*, de novo da dupla Bacharach/David e *Georgy Girl (Georgy – A Feiticeira)*, cantada pelo grupo inglês The Seekers, mas a grande vencedora seria *Born Free*, de *A História de Elza*, de John Barry e Don Black, que foi popularizada por Nancy Wilson.

Em 1967, embora a grande vencedora do Oscar tenha sido *Talk to the Animals* do filme *O Fabuloso Dr. Dolittle (Doctor Dolittle)*, letra e música de Leslie Bricusse, o grande sucesso foi *The Look of Love*, de novo da dupla Bacharach/David, do filme *Cassino Royale (Casino Royale)*.

Em 1968, o grande sucesso de *Chitty, Chitty, Bang, Bang*, de *O Calhambeque Mágico*, de Richard M. Sherman/Robert B. Sherman, e outras canções como *For Love of Ivy* (Quincy Jones/Bob Russell) e *Funny Girl* (Jule Styne/Bob Merrill), não empanaram o brilho da magnífica *The Windmills of Your Mind*, do filme *Crown o Magnífico (The Thomas Crown Affair)*, de Michel Legrand, Alan e Marilyn Bergman, ganhadora do Oscar daquele ano.

126

Em 1969, o inglês Oliver cantando *Jean* do filme *Primavera de uma Solteirona (The Prime of Miss Jean Brodie)*, de Rod McKuen e *What Are You Doing the Rest of Your Life?*, do filme *Tempo Para Amar, Tempo Para Esquecer (The Happy Ending)* de Michel Legrand / Alan e Marilyn Bergman, tiveram dificuldades de ganhar da bonita e funcional *Raindrops Keep Fallin' On My Head*, de *Butch Cassidy and the Sundance Kid*, da imbatível dupla Bacharach/David, cantada por B. J. Thomas.

Naquele ano (1969), muito embora o filme só fosse realizado dez anos depois (1979), por Milos Forman, é preciso lembrar o enorme sucesso das músicas ligadas ao musical da Broadway *Hair: Aquarius/Let the Sunshine in*, com *The Fifth Dimension*, *Easy to be hard*, com *Three Dog Night*, *Where do I go*, com *Julio de los Rios* e *Good Morning Starshine*, com o cantor inglês Oliver.

Em 1970, *For All We Know* do filme *As Mil Faces do Amor (Lovers and Other Strangers)* de Fred Karlin/Robb Royer/James Griffin, cantada pelos Carpenters, levaria o Oscar.

Ainda no cinema, vale lembrar que, em 1962, se iniciava a saga do charmoso agente britânico 007, com *007 Contra o Satânico Dr. No (Dr. No)*, com Sean Connery e de suas trilhas famosas, entre as quais Shirley Bassey com *Goldfinger*, Tom Jones com *Thunderball*, do filme *007 Contra a Chantagem Atômica*, Nancy Sinatra com *You Only Live Twice* de *Com 007 Só Se Vive Duas Vezes*, e o magnífico Louis Armstrong com a belíssima e inesquecível *We Have All The Time In The World*, de *007 A Serviço de Sua Majestade*.

### Os seriados, a TV e suas trilhas sonoras famosas

Os seriados já haviam se constituído num grande sucesso no cinema. Levar o público de volta às salas de cinema, semana após semana, era um grande desafio para os estúdios. E os seriados eram uma parte importante deste esquema.

127

Quando a indústria televisiva se estabeleceu nos Estados Unidos, em 1947, Hollywood encarou a televisão como um perigoso concorrente, permitindo a exibição somente de filmes antigos na telinha. Depois, descobriu que poderia levar toda sua produção classes B e C para a TV. Surgiram, então, os filmes seriados. Foi inevitável, e não casual, que o cinema e sua experiência vitoriosa fosse levada para a TV. E a melhor experiência do cinema foi levada para a TV com os seriados. Clássicos como *I Love Lucy* ou *Twilight Zone (Além da Imaginação)* são vistos e causam impacto até hoje. Outros perderam um pouco o apelo ou ficaram anacrônicos.

A TV brasileira também acabou por ocupar-se dos seriados, por aqui maldosamente chamados de **enlatados**. Em princípio, a ideia era completar a programação, ainda defasada.

Mas, embora se reconhecesse, à época, a necessidade de certa **reserva de mercado** para a produção genuinamente nacional, por parte de alguns críticos da **invasão cultural americana**, há que se reconhecer a boa ou excelente qualidade de alguns títulos.

A TV Excelsior, por exemplo, teve grandes sucessos de audiência com vários seriados. Alguns eram excelentes – como por exemplo *Cidade Nua (Naked City)*. Alguns eram bem interessantes, como *77 Sunset Strip*, ou *Pânico*. A saga dos médicos famosos, que teria o auge nos recentes *Plantão Médico (ER)* e *Chicago Hope*, começaria com Richard Chamberlain, no papel do *Dr. Kildare*, e com *Ben Casey*, estrelado por Vince Edwards, e que a Excelsior, para evitar concorrência, resolveu comprar também.

Um seriado considerado clássico e que foi exibido pela Excelsior foi *Outer Limits*, por aqui chamado de *Quinta Dimensão*. Uma das melhores coisas já vistas em todos os tempos em TV e que, infelizmente, pouco vistas em reprises.

128

Outro grande sucesso da Excelsior foi *Big Valley*, com Barbara Stanwick, no papel da matriarca que comanda uma propriedade rural. Mas, talvez, o grande sucesso de crítica e público tenha sido mesmo o super-inovador seriado *The Monkees*, que mudaria o ritmo das produções realizadas até então. Sob a criação/direção/produção dos talentosos jovens Robert Rafelson e Bert Schneider (e da colaboração preciosa de Paul Mazursky e Larry Tucker) fizeram toda a diferença. Isto, sem contar com o talento dos quatro cantores músicos, evidentemente.

O seriado estreou em março de 1967, na Excelsior, apenas alguns meses depois da estreia na TV americana (setembro de 1966), e já no ano seguinte levava dois Emmy, o prêmio máximo da TV americana.

Os Monkees, em princípio, seriam apenas uma reação americana à invasão britânica. Mas a estória dos Monkees, nestes quase 40 anos (eles ainda estão vivos e na ativa), revelou muito mais que isto.

A música foi muito mais que do que os ingleses esperavam e o seriado tornou-se **cult** e inspiração para muitos outros que viriam e contariam a saga de 4 amigos em movimento. Certamente, acabou por inspirar a *Família Do-Ré-Mi (The Partridge Family)* e o desenho animado *The Archie Show*. E mais recentemente *Friends* e, até quem sabe, *Sex and the City*. Na TV brasileira, logo de início, inspirou a formação de quatro morando numa mesma casa dos *Trapalhões*, também na TV Excelsior (naquela época *Adoráveis Trapalhões*) e mais recentemente os quatro amigos de *Sexo Frágil* (embora estes não morem numa mesma casa). Como diria Chacrinha: “*Em TV, nada se cria, tudo se copia.*”

### O panorama musical e televisivo nacionais

Enquanto isto, por aqui, no início da década de 1960, o que se ouvia nos bailes **dos anos dourados** eram estes temas musicados de filmes, tocados por orquestras. Ouvia-se, também, *Moonlight Serenade* de Glenn Miller, que foi o grand-finale da novela de Lauro César Muniz, *Escalada*. Ray Conniff já impunha seu **novo** som, e os grandes nomes internacionais eram Nat King Cole e Johnny Mathis.

129

Nos bailinhos mais descolados estava se ouvindo rock’n’roll. Naquele momento, cantores da depois chamada Velha Guarda, como Vicente Celestino (1895-1968), Francisco Alves (1898-1952), Jorge Veiga (1910--1979) ainda faziam sucesso junto ao seu público e Francisco Alves ainda tinha sua morte prematura e violenta chorada pelos fãs. Miltoninho (*Pa-lhaçada*), Elza Soares (*Mulata Assanhada*), Giane (*Dominique*), Joelma (*Não Diga Nada*), Morgana (*Não Sei Explicar*) com programa exclusivo na Excelsior, Altemar Dutra (*Brigas*) e sua mulher, a cantora Marta Mendonça, já lideravam as paradas de sucesso nacionais.

O *Moacyr Franco Show*, comandado pelo mais popular cantor romântico daquele momento (*Suave é a Noite/Que Será de Ti*) e o *Times Square*, programa musical humorístico, eram os grandes sucessos da programação da TV Excelsior, que já produzia novelas famosas, dentre as quais *As Minas de Prata* e *A Grande Viagem*.

Nos parques de diversão, meio muito popular de entretenimento à época, tocavam-se, sem cessar nos alto-falantes boleros nativos, as músicas populares românticas e a famosa *Cu Cu Ru Cu Cu Paloma*, mais tarde regravada por Caetano Veloso. Tocavam-se, também, *Quem é*, de Silvinho (pseudônimo de Silvio Lima, popularíssimo cantor deste início de década), ou *Sonhar Contigo* (Adilson Ramos) ou *Luar de Vila Sônia* (Mário Martins).

No rádio, entre os programas de maior audiência em São Paulo, estavam *O Pica-pe do Pica-Pau*, de Walter Silva, o *Pica Pau*, e o *Telefone Pedindo Bis*, de Enzo de Almeida Passos, ambos pela Rádio Bandeirantes. Programas de música jovem também surgiam nas rádios Bandeirantes e Nacional (SP) e em outras emissoras do Rio de Janeiro e do País. O principal foi *Os Brotos Comandam*, com Sergio Galvão, em São Paulo e Carlos Imperial no Rio.

130 Em 21 de novembro de 1962, cerca de 3 mil pessoas lotaram o *Carnegie Hall*, para assistir a uma apresentação dos músicos, compositores e cantores da Bossa Nova: João Gilberto, Carlos Lira, Oscar Castro Neves, Luiz Bonfá, Sérgio Mendes, Bola Sete, Carmem Costa, José Paulo, Agostinho dos Santos, Sérgio Ricardo, Roberto Menescau, entre outros. Não por acaso, a Bossa Nova era uma febre por aqui. Mas, entre a classe média. O rádio tocava uma música muito mais popular.

Em 1965, duas grandes marcas musicais: a estreia do programa *Jovem Guarda*, na TV Record e o *I Festival de Música Popular Brasileira*, vencido por Elis Regina, com *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, na TV Excelsior. A primeira mudaria o panorama tanto da música quanto da cultura jovem. A segunda transformaria a MPB, daí em diante.

A Excelsior ainda faria o *II Festival da Música Brasileira*, que seria ganho por Geraldo Vandré e Fernando Lona, com *Porta-Estandarte*, defendida pela cantora Tuca e por Airto Moreira.

Mas a TV Record também faria o *I Festival de MPB*, em 1966, que daria o empate a Chico Buarque de Holanda e Geraldo Vandré/Teo de Barros, respectivamente com *A Banda* e *Disparada*.

Em 1967, ganha Edu Lobo cantando com Marília Medalha, com *Ponteio*. Mas o grande destaque fica por conta dos baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso, respectivamente com *Domingo no Parque* e *Alegria, Alegria*, transformada em tema de abertura da minissérie *Anos Rebeldes*, pela Rede Globo em 1992.

Em 1968, ganharia *São, São Paulo, Meu Amor*, de Tom Zé. E, já decante, em 1969, o Festival premiaria a antológica *Sinal Fechado*, de Paulinho da Viola.

Em 1968, também, se inicia o movimento chamado de *Tropicália* ou *Tropicalismo*, com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Júlio Medaglia, Rogério Duprat, entre outros.

O *Tropicalismo* permitiria a mistura de estilos: e a partir dessa mescla a MPB jamais seria a mesma, jamais poderia ser colocada em caixinhas, como até então. O movimento, a rigor, incorporava as novidades internacionais vindas da Europa e as misturava com tudo que havia de mais autêntico no país.

A partir da *TV Excelsior*, da *Jovem Guarda* e do *Tropicalismo*, o Brasil nunca mais seria o mesmo.



## A Excelsior e o Moya, em Quadrinhos

*por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho*

### **Quadrinho 1: Forma e Conteúdo**

Eu já conhecia o importante trabalho de Álvaro de Moya nas histórias em quadrinhos na imprensa brasileira do gênero, sem no entanto, conhecê-lo pessoalmente. Estávamos em 1955. A Organização Victor Costa acabava de comprar o Canal 5 de São Paulo, a então TV Paulista, e eu estava entrando para a Lintas Publicidade. A OVC me convidou para ver e ouvir os planos que tinham para entrar na televisão e fui até a minúscula emissora da Rua da Consolação, na qual eu havia trabalhado com Roberto Corte Real. O encarregado da apresentação era Álvaro de Moya, recém-nomeado assistente de Dermival Costa Lima. Éramos um grupo de profissionais de agências de propaganda. O Álvaro que, mesmo no início de nossa televisão, explanava suas ideias sobre o novo veículo, com calma e segurança, propriedade e conhecimento. Com um lápis, como se desenhasse sobre a tela do televisor, ele corrigia enquadramentos, cenário e luz, enquanto dava pinceladas sobre o que pretendiam fazer como conteúdo. Ele falava coisa com coisa como falava o Cassiano Gabus Mendes, o Túlio de Lemos, o Walter George Durst, o Fanucchi, o Péricles Leal, o Luiz Gallon e outros pioneiros apaixonados pela televisão. Gostei do jeito do Álvaro desde aquele primeiro momento.

133

### **Quadrinho 2: Brasilidade e Qualidade**

Cinco anos depois, eu estava saindo da Lintas para montar com o Scatena e o César Memolo Jr. a produtora de comerciais "RGE-LYNX FILM" ao mesmo tempo que participava da RGE Discos. Num segunda-feira, Roberto Corte Real me perguntou: "*Você tem visto a Excelsior?*"

Eu estava enrolado com meus novos afazeres e não tinha visto a Excelsior, uma pequena emissora de televisão que começava ocupando o Canal 9, em São Paulo.

O Roberto acrescentou alguns comentários que despertaram a minha atenção. Fui conferir e vi que a Excelsior era uma televisão mais brasileira que as outras, a partir do *Brasil 60*, com Bibi Ferreira, produzido e dirigido pelo Manoel Carlos, e também outros programas com cara nova que apareciam em alguns horários. A linha nacionalista era acentuada pelo *Teatro Nove* apresentado às segundas-feiras. Havia alguma coisa de diferente na emissora. A Excelsior não exibia as séries americanas que infestaram o mercado na época. As exceções eram os desenhos canadenses de Norman McLaren e alguns outros produtos cult do desenho animado americano. Tinha um belíssimo *Cinema em Casa* que o Álvaro de Moya defendia com clareza: *“As séries são estereotipadas. Não têm as grandes histórias do cinema os grandes atores e diretores. Enquanto puder fico com o cinema de verdade”*.

A tese poderia não atender o sempre discutido gosto popular, mas, culturalmente, era absolutamente verdadeira. As preocupações nacionalistas e de qualidade do Álvaro de Moya viriam a influenciar bastante o meu futuro trabalho na Rede Globo.

134

### **Quadrinho 3: O *Simonetti Show***

A Excelsior conquistou magnificativos índices de audiência, chegando a liderar em vários horários e conquistando a simpatia de um público mais qualificado. É nesse clima que recebi um telefonema do Álvaro pedindo que eu fosse até o Teatro de Cultura Artística, onde funcionava a Excelsior. Fui e o Álvaro me convidou para escrever e dirigir um programa com a orquestra do Maestro Simonetti, então contratada da RGE. Trocamos ideias sobre o formato e, rapidamente, fechamos que o projeto seria o de um musical humorístico em que os componentes da orquestra seriam ao mesmo tempo músicos e comediantes. O programa foi recheado com ideias do próprio Simonetti, do Scatena, Jaques Netter e Walter Silva, que também escreveu vários episódios.

O *Simonetti Show* era ao vivo, o que impedia grandes voos de produção, mas acentuava a necessidade de criatividade. Fizemos ali várias experiências, com erros e acertos e, com algum saudosismo, lembro-

me de momentos antológicos do programa. Era divertido preparar o programa tanto quanto colocá-lo no ar. Primeiro, definíamos o roteiro musical. No *Simonetti Show*, nenhuma música poderia ser repetida com o mesmo arranjo. Um *Lady is a Tramp*, cantado pelo convidado, Dick Farney, só poderia voltar com um quarteto de trombones, por exemplo. E não bastava que eles tocassem a música. Era necessário montar uma coreografia, na qual as varas dos trombones se entrelaçassem e terminassem ao final da música, em um tremendo nó. Uma vez emendamos vários arcos de violoncelo para que um músico só tocasse, ao mesmo tempo, quatro instrumentos com o arco gigante, enquanto cada violoncelista fazia apenas as posições de mão. Não raro, eu aparecia de jagunço armado de faca e carabina para dirigir o programa e ameaçar os que cometessem erros. Algum tempo depois, fui trabalhar na Multi-Propaganda, com o Jorge Adib, com a obrigação de criar comerciais para um grupo enorme de clientes. O volume de trabalho era tão grande que não sobrava tempo para mais nada. Para completar o quadro, peguei uma gripe violentíssima e pedi socorro ao Álvaro, solicitando minha liberação do programa. Ele entendeu, conversou com o Simonetti e mandou o novo responsável na minha casa, para que eu passasse a ele o espírito do programa e avaliasse se ele poderia prosseguir com o projeto.

135

No meu quarto, tremendo de febre, lábios rachados e garganta inflamada, recebi o meu sucessor. Nada mais, nada menos que o Jô Soares. Sempre digo e repito que conheci o Jô na cama. Foi uma excelente conversa e, de tanto rir com o Jô, o meu ânimo voltou. Jô assumiu o programa e o tornou ainda melhor. O *Simonetti Show* foi um **goal** da Excelsior. Foi premiado com o *Roquete Pinto*, o maior prêmio da televisão na época.

#### **Quadrinho 4: Bons Tempos**

A Excelsior foi a porta-voz da Bossa Nova em São Paulo. Quando a bossa começava a se consolidar, Álvaro de Moya e Manoel Carlos abriram todos os espaços possíveis para Tom, Vinícius, João Gilberto, Baden, e outros. Os programas eram despojados, simples, e sem cenário.

A luz, quase penumbra. A roupa, cinza e preta, com a indefectível gola rulê introduzida pelo Aloysio de Oliveira. A Excelsior foi a primeira emissora de televisão a assumir a conduta minimalista vinda dos pocket-shows cariocas. E em São Paulo influenciou os bares de bossa como o *Bar Sem Nome* e o *João Sebastião Bar*. Álvaro e Maneco identificaram com precisão essa oportunidade que viria a ser mais uma marca da Excelsior. Moya levou também para frente das câmeras da Excelsior Eugene Ionesco, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. E não eram entrevistas editadas. Eram longas, profundas e completas. Que tempos, hein!

### **Quadrinho 5: Unidade de Comando**

Eu tinha um compromisso com o Edson Leite para ir trabalhar na futura TV Bandeirantes. Em 1963, eu estava na Alcântara Machado quando, em uma manhã, o Edson entrou na minha sala e anunciou: *“Saí da Bandeirantes. Estou indo para a Excelsior. Já falei com o Zé Alcântara Machado e você vem comigo. Vai ser meu assistente direto”*.

136

Eu não tive nem tempo de responder e estava almoçando com o Edson no Gigetto fazendo planos. Doce ilusão. O Edson – o mosquito elétrico – saltitava entre Rio, São Paulo e às vezes, Buenos Aires. Recebia centenas de pessoas, de funcionários a diretores, sem, no entanto, sentar por mais de 15 minutos com alguém. Inteligente e rápido ele pegava ideias no ar, mas sentar para planejar, nem pensar! Procurei o Álvaro de Moya, mas ele também não tinha informações precisas sobre o que iria acontecer. Havia um entusiasmo, mas não havia rumo.

Como sempre fui de trabalhar e evitar fazer política, consegui desvendar alguns dos desejos do Edson. Ele queria uma linha de bonecos animados e **jingles** para personalizar os intervalos. Havia uns modelos argentinos, fraquíssimos. Convidei o Laerte Agnelli e o Erlon Chaves e produzimos os bonequinhos da Excelsior – São Paulo. Mais tarde o Manga produziu com o Miguel Gustavo uma versão carioca diferente. Edson pediu-me também que examinasse algumas sugestões que o Moya havia preparado.

Encantei-me com o *Teatro 63* desenvolvido pelo Túlio de Lemos, Walter George Durst e Roberto Palmari. A partir de entrevistas com pessoas reais montava-se uma peça de ficção. Era um *reality-show* pioneiro e de melhor qualidade que os atuais. Precisávamos de elenco e, em uma das mais importantes decisões da moderna televisão brasileira, o Edson Ferreira Leite autorizou que contratássemos o que fosse necessário, mesmo rompendo com o famigerado convênio, que impedia que artistas de uma emissora pudessem receber propostas de outra. O Edson acabou com isso. É uma dívida que a classe artística tem para com ele.

Contratamos gente de teatro e muita gente das outras emissoras. O Edson não se importava com o volume, pois outro de seus desejos era a novela diária. Para isso alguns argentinos já haviam sido contratados. Entre eles o magnífico cenógrafo Frederico Padilha que até hoje está na Globo. Havia um chato e pretensioso Borda e um sensível Tito de Miglio que acabou fazendo *2-5499 Ocupado* com a ajuda da experiente Colgate-Palmolive. Montamos também o jornal *Telenotícias* e mantivemos a linha de filmes programada pelo Orpheu Gregori, enquanto nos organizávamos para ampliar a produção nacional.

Um dia fui surpreendido com a chamada *Noite de São Bartholomeu*. No Rio, sem que eu soubesse de nada, a Excelsior contratou todo o elenco de humoristas da TV-Rio, liderado pelo Chico Anysio, tendo o Edson entregado para a Excelsior do Rio a responsabilidade de produção da linha de shows. Quem é que não gostaria de ter um Chico Anysio em sua programação? Nenhum diretor de juízo abriria mão disso. Mas o problema não residia nos talentos que haviam sido contratados mas na quebra da filosofia que já havia sido delineada desde o início. E mais: além de um duplo comando, estabeleceu-se disparidade entre os salários do elenco de humor, pago a peso de ouro, e o elenco de dramaturgia, contrato em bases normais de mercado. Conversei com o Edson que me disse não ter tido tempo de discutir o assunto comigo porquanto ele teve que assumir a divisão de polos de teledramaturgia em São Paulo e shows no Rio para viabilizar as contratações, no entanto a programação seria unificada.

Não gostei e quis saber se eu poderia discutir com o Rio quais os programas que seriam produzidos e quais seriam seus conteúdos e custos. O Edson me disse que o Rio teria independência e que eu seria responsável pela compatibilização dos diferentes interesses e pela convivência entre as duas fontes de produção.

Para mim o sonho terminava ali. Tentei argumentar também com o Alberto Saad e outros diretores. Mas a decisão estava tomada. Peguei meu boné e fui embora. Reinaldo Boury ensaiou um movimento de greve para me apoiar. Pedi que ele desistisse disso. Solano Ribeiro, que faria o primeiro festival de MPB da Excelsior e depois os festivais da Record, amigo que eu levava comigo para Excelsior, informou-me que sairia comigo. Não aceitei, como não aceitei que Túlio e Durst voltassem a discutir o assunto com o Edson. O problema não era com ele. Era de conceito.

138

A Excelsior virou uma emissora híbrida, sem personalidade, muito diferente da emissora que Álvaro de Moya havia idealizado em 1960. Mesmo assim subiu. Foi uma meia-sola que deu para caminhar bastante, mas não para chegar ao destino planejado. Com a morte de Wallace Simonsen e decorrentes problemas políticos, além da passagem da Excelsior por sucessivos proprietários, veio a decadência.

Eu já estava na Globo, com Walter Clark e Joe Wallach construindo, finalmente, a rede nacional que havia sido tentada, sem êxito, na Tupi, Record e Rio e também na Excelsior. É evidente que essas experiências anteriores foram de grande utilidade. Mas, a principal lição foi que a unidade de comando é indispensável. Esse é um comportamento que a Globo soube manter.

É muito difícil, anos depois, com a cabeça fria, explicar com lógica por que pedi demissão da TV Excelsior. Briguei com o Paulo Uchoa de Oliveira e, teimoso, sangue espanhol, pedi demissão em caráter irrevogável, redigi um texto e assinei. Saulo, que saíra de Brasília com Jânio, lamentou minha saída, dizendo-se vítima das renúncias, como se eu fosse importante assim.

Há pouco tempo, num almoço no Massimo, pedi desculpas ao Boni. Quando deixei a Excelsior, fui até a Praça da República, onde ficava a Alcântara Machado Publicidade e militavam José Carlos Magaldi, Otto Scherb, Carlito Maia e uma excelente equipe, que viria a ser acrescida de Alex Periscinotto que nesses tempos era desenhista e publicitário na loja Mappin. Conversei com José Alcântara Machado, que era muito gentil apoiando a nossa TV, e avisei que tinha deixado a direção. Nisso, entra na sala o Boni – que era admirador do Cassiano Gabus Mendes, diretor da Tupi. Eu estava fora de mim, p... da vida e falei: *você, Boni, quer dirigir uma TV, vai lá na Excelsior*. Ele levou a sério e perguntou: *Com quem eu falo?* Aí eu exagerei: *vai lá, eles pegam você no corredor*. A história da TV poderia ser diferente se eu não estivesse tão agastado e lhe recomendasse certo. Bebendo o vinho branco que ele escolhera no Massimo, Boni me desculpou dizendo que tinha notado meu estado naquele dia. Foi gentil, também.

139

Quando, porém, o Wallinho me consultou sobre a possibilidade de trazer Edson Leite, Alberto Saad e o Murilo Leite para a Excelsior, eu os apoiei firmemente, sabendo que eles não estavam mais na Bandeirantes, mas tinham um plano formidável para televisão, sendo homens de rádio. Logo depois, os três marcaram um encontro comigo no bar do Dick Farney, na Praça Roosevelt e pediram minha opinião se era uma boa eles virem para a Nestor Pestana.

Disse que Wallinho era ótimo e eles precisavam ter apoio financeiro, coisa que eu não tive, por culpa do Paulo Uchoa.

Murilo desistiu e ficou na Bandeirantes à espera da TV, e Edson e Alberto vieram e botaram para fora o Paulo Uchoa de Oliveira. O Wallinho abriu os cofres para eles e fizeram história.

O grande mérito, entre outros, de Edson Leite, foi de desligar a Excelsior do odioso convênio que mantinha tetos salariais irrisórios para os artistas. Ele entrou de sola e contratou mais gente que cabia no horário de televisão pagando salários astronômicos. Eu tinha contratado técnicos e impedido de contratar artistas, recorrendo a gente de teatro, cinema e não de artistas consagrados no vídeo. Edson teve essa chance e, se conseguiu muitas loucuras, era porque a infraestrutura da Excelsior tinha sido calcada na televisão norte-americana. Saulo tinha até calculado o minuto industrial da Excelsior.

A Excelsior já tinha adquirido o Canal 2 TV Mayrink Veiga do Rio, pertencente às Associadas, e a ideia do grupo Simonsen de fazer o primeiro network brasileiro estava plantada. Edmundo Monteiro comandava as Associadas, de São Paulo para o Sul e João Calmon cuidava do Rio para o norte. Digladiavam-se para ver quem mandava mais. Impossível então uma rede Associada. Os Machado de Carvalho não chegavam a um acordo com o primo deles, o Pipa Amaral, da TV Rio. Este ficou histérico quando Ricardo Amaral, José Carlos Rao, Edson Leite e outros alugaram um escritório em frente à TV Rio, ao lado do Forte de Copacabana e: *Psiu!Psiu!* Chamavam Chico Anysio, Carlos Manga, e assinavam ali mesmo o contrato milionário, esvaziando a TV carioca.

Eu cheguei a levar Lima Duarte, Walter George Durst e Túlio de Lemos à sala do Edson para tirá-los da TV Tupi. Edson teceu loas a Lima Duarte e ofereceu 250 mil. Descemos, Túlio e Durst disseram: *Bom, ele contratou o Lima*. Eu: *Não, os três*. Eles: *Mas o Edson não falou nada*. Pera aí. Subi as escadas do Teatro Cultura Artística e perguntei sobre Túlio e Durst. Também estão contratados. E os salários? O mesmo. Desci e falei: *Os três, o mesmo salário*. Túlio e Durst deveriam ganhar 21 mil cada...

Ao escrever este livro perguntei ao Lima por que ele não veio com Túlio e Durst. Ele me disse que o Cassiano não deixou. Roberto Palmari, um

dos maiores diretores que já vi trabalhar, juntou-se aos dois e o Durst planejou o Teatro 63. Eu estava mais com o Wallinho, porém ainda tinha acesso à TV. Eles gravaram o piloto e decidi mostrar para o Wallinho, pois achava que aquele não era um programa que o Edson Leite iria gostar. Era popular, mas não popularesco.

Agendei escondido, na hora almoço, com o Arlindo Partiti uma exibição do tape para o Wallinho, que ficou entusiasmado com o projeto. Achou que parecia a TV BBC, tipo de televisão que ele queria fazer. Convidou-nos para jantar na casa dele, à noite, no Morumbi, mas achei prudente mandar os três e não aparecer como promotor do programa, que foi considerado um dos melhores teatros já feitos na televisão brasileira. Boni assumiu a direção artística trazido pelo Edson e colocou o programa no ar, pois sua visão de qualidade na TV era superior à de Edson, como provou na Rede Globo.

Edson era um furacão. Grande vendedor. Punha o pé na mesa de reunião da McCann Erickson e ameaçava não deixá-la entrar no futuro, quando a Excelsior estaria no primeiro lugar. A audácia dele era tão grande que os patrocinadores tinham certeza, como realmente aconteceu, do sucesso da empreitada, com o primeiro lugar no Ibope, consagrando o modelo preconizado por Alberto Saad e Edson Leite, e a equipe que ele trouxe para a frente e bastidores da emissora. Infelizmente, a crise interna e a pressão externa acabaram melancolicamente com o sonho da TV Excelsior.

141

**Álvaro de Moya**



*Regina Duarte, Tarcísio Meira, Edson França e Glória Menezes em A Deusa Vencida*

## Telenovela Brasileira: A Grande Viagem de Ivani Ribeiro

por Fátima Feliciano

### A fórmula da telenovela

Foi Ivani Ribeiro, pseudônimo de Cleyde de Freitas Alves Teixeira, quem descortinou os mistérios que fazem o sucesso das telenovelas. Ivani começou seu trabalho dramaturgico adaptando, para o português, as radionovelas argentinas, cubanas, mexicanas, no período áureo do gênero no rádio brasileiro (década de 1940), mas com a chegada da TV, foi contratada pela TV Excelsior, passando a dirigir o departamento de telenovelas da emissora.

Nessa época, escreveu *Onde Nasce a Ilusão*, *A Indomável*, *A Deusa Vencida* (que marca a estreia de Regina Duarte na TV), *Os Fantoches*, *Vidas Cruzadas* entre outras. Ivani liderava uma espécie de laboratório de teledramaturgia e foi então que estabeleceu os **plots** de romance folhetim e melodrama intercalados. Se prestarmos atenção em sua fórmula de sucesso, chegaremos à conclusão de que ela permanece bastante atual no folhetim eletrônico desse milênio. Vejamos por exemplo, a primeira fórmula: encontramos na telenovela, com frequência, um personagem que esconde a identidade (vide *Um Anjo Caiu do Céu*). A *falsa identidade*, portanto, é receita de sucesso. Os novelistas também não abrem mão da *dupla personalidade*. Ivani já profetizava: existem pessoas que durante o dia posam de santas e à noite viram um demônio (vide *Sétimo Sentido*, de Janete Clair, com Regina Duarte como a protagonista de duas caras). Outro esquema que funciona até hoje, em quase todas as novelas é o *mistério do nascimento* (vide *O Direito de Nascer*) quando um personagem passa uma trama inteira sem saber de quem é filho de verdade. Se ele sabe, existe sempre alguém que está sendo enganado e apenas no final da novela vai descobrir a verdade.

Pelos enredos das telenovelas trafegam ainda uma série de *papéis incriminadores*, ou seja, cartas anônimas, testamentos, bilhetes, etc. Tudo isso contribui para o suspense que se mantém. O mistério pode

ser ainda maior quando *há um crime e não se sabe quem será apontado como assassino*.

Outra fórmula que dá certo: a *perseguição da inocência* (vide quase todas as novelas de Regina Duarte. Ela sempre é vítima, boazinha e injustiçada, sendo perseguida por um vilão).

Vamos para mais uma das fórmulas infalíveis de Ivani Ribeiro, para incrementar uma trama novelesca: *as falsas mortes, a ressurreição* (vide *Selva de Pedra*, a mais famosa). E, ainda, *os triângulos amorosos*. Existem dois homens disputando o amor de uma mulher ou, ao contrário, duas mulheres que cobiçam o mesmo homem (vide *todas as novelas*). Quem não opta por esse recurso, provavelmente vai preferir a *vingança*, outro **plot** que frequentemente está no ar. Personagens passam a trama inteira cometendo loucuras em prol de uma vingança que no desenrolar dos capítulos acaba, muitas vezes, perdendo o sentido, esvaziando-se.

144

Um erro do teledramaturgo: vejam o personagem de Malu Mader em *O Dono do Mundo*: a personagem de Malu perde a virgindade(!), por conta de uma aposta(!) para o antagonista, nos primeiros capítulos(!). E o antagonista era Antônio Fagundes(!)

Finalmente, a *polarização entre riqueza e pobreza* – pobres que se tornam ricos ou ricos que se envolvem amorosamente com os pobres. Muitos diriam: “*Só em novelas!*” O fato é que a receita de Ivani Ribeiro, embora esboçada nos anos 1960, permanece inalterada e até hoje é utilizada pelos autores nos enredos das nossas tão populares telenovelas e, por isso, mantém atentos os milhões de telespectadores. E, em um momento em que a perda de audiência das novelas está em discussão, avaliar a tal fórmula da telenovela parece conveniente, já que a dramaturgia sempre se faz de fórmulas, arquétipos e estereótipos, desde as 1001 Noites. Ou não?! – principalmente a teledramaturgia. No entanto, engana-se quem pensa que Ivani Ribeiro só sabia fazer fórmulas prontas. Ela soube, como ninguém, discutir, por exemplo, a

condição feminina em todos os níveis, e em todas as suas novelas, por mais que isso passasse despercebido para o espectador menos atento.

Todas as suas personagens femininas, as protagonistas ou não, ou são extremamente fortes ou vão se transformar em mulheres fortes, ao longo ou ao final da novela. Lembremo-nos de Aracy Cardoso – perfeita como *A Indomável* (TV Excelsior/1965).

Em *O Profeta* (TV Tupi/1978), tínhamos Débora Duarte como Carola, presa em um casulo, até se transformar em uma borboleta e conquistar o protagonista, Carlos Augusto Strazzer.

Em *Mulheres de Areia*, Maria Isabel de Lizandra (1974) e Viviane Pasmanter (1993) puderam colocar em prática todo o seu talento em função da tresloucada Malu.

Em *As Minas de Prata* (TV Excelsior/1969), tivemos desempenhos esplêndidos de um elenco exponencial conduzido por personagens femininos fortes, liderados por Nathália Thimberg e Fernanda Montenegro, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela emissora, que culminariam com sua falência.

Contudo, a primeira heroína de Ivani, na TV, foi Flora Geny, em *Corações em Conflito* (TV Excelsior, 19 horas, de 10 de dezembro de 1963 a 5 de fevereiro de 1964), estrelada por Carlos Zara e pela própria Flora Geny (mulher do ótimo diretor e ator Dionísio Azevedo).

Em *Ambição* (TV Excelsior, 19 horas/março e abril de 1964), estrelaram Arlete Montenegro, Tarcísio Meira e Lolita Rodrigues. Lolita estrelaria esta novela substituindo Glória Menezes, grávida à época.

*A Moça Que Veio de Longe* (TV Excelsior, 19h, de maio a julho de 1964), protagonizada por Rosamaria Murtinho e Hélio Souto, foi outro incrível sucesso de Ivani, embora só tenha ficado no ar cerca de dois meses – o que era absolutamente normal para os padrões da época, e

seria o tempo suficiente para levar ao estrelato os dois atores. Rosamaria Murtinho seria idolatrada e Hélio Souto se tornaria, a partir desse papel, o primeiro galã de novelas brasileiras. Hélio, disputou este lugar com Tarcísio Meira, até que Francisco Cuoco estreasse na Excelsior em *Redenção*, em 1965.

Em *A Outra Face de Anita*, (TV Excelsior, de 28 de julho a 25 de setembro de 1964), Flora Geny quase enlouqueceria os telespectadores com suas maldades (outro tema recorrente de dupla personalidade!), sendo, por esta razão, capa da *Intervalo*, a mais popular revista de TV dos anos 1960 e 1970.

Em *Onde Nasce a Ilusão* (TV Excelsior, janeiro e fevereiro de 1965), Ivani já fazia de Carlos Zara (então marido da garota-propaganda e depois apresentadora Meire Nogueira), um de seus favoritos – algo que seria confirmado mais tarde em muitas outras novelas, incluindo *Mulheres de Areia* e *A Barba Azul* – em que seria protagonista. Compunham também o elenco principal a atriz Maria Helena Dias e o ator Renato Master, uma das vozes mais bonitas da TV.

Em *A Indomável* (TV Excelsior, março e abril de 1965), sua novela seguinte, Aracy Cardoso, Edson França e Nívea Maria segurariam a alta audiência por dois meses. Vimos, à época, uma Aracy Cardoso brilhante, no papel título, e o ator Edson França (então marido, na vida real, da atriz Nívea Maria), ótimo no papel do autoritário marido de uma mulher rebelde... Claro que a inspiração era shakespeariana. Ivani nunca negou ter recorrido à *Megera Domada*.

Em seguida, viria *Vidas Cruzadas* (TV Excelsior, 19h30, maio e junho de 1965), estrelando, novamente, Carlos Zara e Irina Greco – então mulher, na vida real, de outro galã de Ivani – Altair Lima.

Em *A Deusa Vencida* (TV Excelsior, de 1º de julho a 31 de outubro de 1965), incrível sucesso de público, estrelaram Glória Menezes, Edson França, Tarcísio Meira e Altair Lima. A novela marcaria ainda a estreia

em TV de Regina Duarte, pelas mãos da própria Ivani e do diretor Walter Avancini, com quem Ivani formou uma dupla imbatível.

Em *A Grande Viagem* (TV Excelsior, 19h30, de 1º de novembro de 1965 a meados de fevereiro de 1966), Daniel Filho faria um comandante de navio bonito, que se envolve amorosamente com a personagem de Regina Duarte, apesar de Flora Geny.

Em *Almas de Pedra* (TV Excelsior, de março a junho de 1966), teríamos um elenco estelar: Glória Menezes, Tarcísio Meira, Francisco Cuoco e Suzana Vieira, elenco este que mais tarde, com a falência da Excelsior em 1969, se transferiria em peso para a TV Globo.

*Anjo Marcado* (TV Excelsior, 19h30, de julho a novembro de 1966), traria a beleza quase ingênua de Karin Rodrigues, que ficaria famosa, anos depois, na *Última Sessão de Cinema*, da Globo no final de noite, em que sempre anunciava o filme com um gato no colo – coisas dos anos 1960. Ao seu lado, no elenco, o talentoso Geraldo Del Rey, de *O Pagador de Promessas* (Palma de Ouro em Cannes, em 1962).

147

*As Minas de Prata* (TV Excelsior, 19h30, de novembro de 1966 a julho de 1967) foi um marco na TV. Voltávamos, de certa forma à grandiloquência do *TV de Vanguarda*. Esta superprodução, para os padrões da época, tinha no seu elenco central, Fúlvio Stefanini, Regina Duarte, Armando Bogus, Arlete Montenegro e Carlos Zara.

Em *Os Fantoches* (TV Excelsior, 19h30, de julho de 1967 a janeiro de 1968), o ator Átila Iório comandaria os destinos de uma série de pessoas, os seus fantoches. Ligados de alguma forma ao seu passado, os recebe em um hotel de luxo, para um acerto de contas. Também no elenco estavam Flora Geny, Ivan de Albuquerque, Paulo Goulart, Nickette Bruno, Dina Sfat e Regina Duarte (esta parece ter sido a estreia de Dina Sfat em TV e em novelas).

Em *O Terceiro Pecado* (TV Excelsior, 19h30, de janeiro a julho de 1968), tínhamos desempenhos maravilhosos de Nathália Thimberg, Gianfran-

cesco Guarnieri, Regina Duarte e Maria Isabel de Lizandra, entre outros. Seu **remake** na Globo chamou-se *O Sexo dos Anjos* (1989/1990).

*A Muralha* (TV Excelsior, de julho de 1968 a março de 1969), estrelando Mauro Mendonça, Fernanda Montenegro, Nathália Thimberg, Gianfrancesco Guarnieri, Edgard Franco, Maria Isabel de Lizandra, Nicette Bruno, Rosamaria Murtinho, Arlete Montenegro, Stênio Garcia e Paulo Goulart, foi um dos maiores sucessos de Ivani, e seria reprisada pela Globo em 2000, como minissérie, em um **remake** de Maria Adelaide Amaral.

*Os Estranhos* (TV Excelsior, de março a julho de 1969), estrelando Regina Duarte, Rosamaria Murtinho, Cláudio Correa e Castro, Stênio Garcia e Gianfrancesco Guarnieri, foi outro sucesso de Ivani.

*A Menina do Veleiro Azul* (TV Excelsior, 18h30, depois 19horas, de maio de 1969 a janeiro de 1970), era estrelada por Maria Isabel de Lizandra, Patricia Aires, Edson França, Newton Prado, Henrique Martins, Cacilda Lanuza, Lilian Lemmertz e Arlete Montenegro.

*Dez Vidas* (TV Excelsior, 19h30 depois 20h30, de 4 de agosto de 1969 a meados de janeiro de 1970) repetiu um elenco composto de alguns de seus atores favoritos: Carlos Zara, Cláudio Correa e Castro, Nathália Thimberg, Arlete Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, Stênio Garcia, Maria Isabel de Lizandra, Leila Diniz, Osmano Cardoso, Gracindo Jr. e Fernando Torres.

Aliás, Carlos Zara, Cláudio Correa e Castro, Maria Isabel de Lizandra e Regina Duarte, entre outros, foram alguns dos recordistas em atuações em novelas de Ivani, o que comprova, mais uma vez, a tese de total fidelidade aos seus atores/atrizes.

Talvez mais um dos motivos de seu sucesso: trabalhava sempre com pessoas talentosas e em quem confiava plenamente.

Com a inevitável falência da TV Excelsior, por motivos econômicos e políticos, em 1969, Ivani reestrea na TV Tupi com *As Bruxas* (20ho-

ras, depois 21h30, de 18 de maio a meados de novembro de 1970) e, como podemos verificar, leva com ela quase todo o elenco do falido canal 9, de São Paulo. Os que não foram estreariam na Globo nos anos subseqeentes.



*Tarcísio Meira e Glória Menezes em 2-5499 Ocupado*

## Novelas da TV Excelsior

*Pesquisa: Mauro Alencar*

### 1963

2-5499 OCUPADO  
AQUELES QUE DIZEM AMAR-SE  
CORAÇÕES EM CONFLITO

### 1964

AS SOLTEIRAS  
AMBIÇÃO  
A MOÇA QUE VEIO DE LONGE  
MÃE  
A OUTRA FACE DE ANITA  
FOLHAS AO VENTO  
É PROIBIDO AMAR  
UMA SOMBRA EM MINHA VIDA  
ILSA  
MELODIA FATAL  
O PINTOR E A FLORISTA

### 1965

A MENINA DAS FLORES  
ONDE NASCE A ILUSÃO  
EU QUERO VOCÊ  
O CÉU É DE TODOS  
A ILHA DOS SONHOS PERDIDOS  
A INDOMÁVEL  
AINDA RESTA UMA ESPERANÇA  
ONTEM, HOJE E SEMPRE  
VIDAS CRUZADAS  
PEDRA REDONDA 39  
OS QUATRO FILHOS  
AQUELE QUE DEVE VOLTAR  
A DEUSA VENCIDA  
O CAMINHO DAS ESTRELAS

**1965**

EM BUSCA DA FELICIDADE  
A GRANDE VIAGEM

**1966**

A PEQUENA KAREN  
ALMAS DE PEDRA  
REDEÇÃO  
ANJO MARCADO  
NINGUÉM CRÊ EM MIM  
ABNEGAÇÃO  
AS MINAS DE PRATA

**1967**

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES  
O GRANDE SEGREDO  
OS FANTOCHES  
O TEMPO E O VENTO  
SUBLIME AMOR

152

**1968**

O TERCEIRO PECADO  
O DIREITO DOS FILHOS  
OS TIGRES  
LEGIÃO DOS ESQUECIDOS  
A PEQUENA ÓRFÃ  
A MURALHA  
OS DIABÓLICOS  
SANGUE DO MEU SANGUE  
VIDAS EM CONFLITO  
OS ESTRANHOS  
A MENINA DO VELEIRO AZUL  
DEZ VIDAS

**1970**

MAIS FORTE QUE O ÓDIO

## TV Excelsior - Aspectos Históricos

*por Edgard Ribeiro de Amorim*

Inaugurada em 9 de julho de 1960, a TV Excelsior Canal 9 tornou-se a quarta opção do público telespectador paulista. Essa data, escolhida para salientar o número do novo canal, homenageava uma das mais importantes datas cívicas paulistas: o dia em que se deflagrou a revolução de 1932, que lutava pelo respeito à Constituição Brasileira.

Pertencente à Organização Victor Costa, que já era proprietária da TV Paulista Canal 5, a concessão do Canal 9 foi vendida para um grupo empresarial constituído pelos srs. Mário Wallace Simonsen, presidente de um grande conjunto de empresas que atuava no mercado nacional e no mercado internacional, Sr. Ortiz Monteiro, deputado federal; Sr. José Luiz Moura, sócio de uma firma exportadora de café, na cidade de Santos (SP); e pelo Sr. João de Scantimburgo, dono do jornal Correio Paulistano, de São Paulo. Conforme depoimento de João de Scantimburgo, o valor pago à Organização Victor Costa foi de Cr\$ 80 milhões, em 1959. Junto à concessão do canal veio também o material eletrônico RCA, com equipamentos para a instalação da nova emissora: transmissores, câmeras, torre, etc., importado por Victor Costa e que estava preso nas docas de Santos, com uma pesada taxa de armazenagem. Na ocasião, o Sr. João de Scantimburgo conseguiu do dr. Guilherme Guinle, presidente da Cia. Docas de Santos, a liberação gratuita dos equipamentos e os transportou para São Paulo.

Para a instalação da emissora foram alugados os últimos dois andares de um edifício na Rua da Consolação, esquina com a Av. Paulista onde, no topo, se instalou a torre transmissora. Esse local foi escolhido porque a Av. Paulista é o ponto mais alto de São Paulo, compreendendo 900 metros acima do nível do mar. Somada à altura do edifício e à da torre, o transmissor situava-se a mil metros acima do nível do mar, permitindo um bom alcance de imagem.

Nos dois andares, foram instalados os equipamentos de controle--mestre, de telecine e um pequeno estúdio. Na Rua Frei Caneca, instalaram o restante do equipamento e a parte administrativa: diretoria e expediente. Como um dos sócios, Sr. Mário Simonsen, era dono de terrenos em Santo Amaro, pretendeu-se montar ali, na av. Adolfo Pinheiro, em frente ao Teatro Paulo Eiró, um grande estúdio. A ideia não se realizou.

A instalação inicial da TV Excelsior foi bastante precária, com equipamentos básicos, pequenas condições de espaço, começo, aliás, muito comum às televisões brasileiras da época. Foram trazidos técnicos de outras emissoras como a TV Tupi, então Canal 3; e a TV Paulista, Canal 5. A Organização Victor Costa amparou a nova emissora fornecendo técnicos, equipamentos e até cenários. E apesar de João de Scantimburgo nos ter declarado que o material era novo, importado dos Estados Unidos, o diretor Álvaro Moya, em seu depoimento, declarou que o equipamento teve que ser completado com material velho, inclusive câmeras Dumont, quase enferrujadas.

154

Na parte administrativa, o Sr. Mário Simonsen, que não podia dedicar-se pessoalmente à emissora, colocou como seu representante o Sr. Paulo Uchoa de Oliveira. A primeira diretoria do Canal 9 ficou assim constituída: João de Scantimburgo: presidente; Paulo Uchoa de Oliveira: vice-presidente; José Luiz Moura: superintendente; Saulo Ramos: diretor comercial; Álvaro Moya: diretor artístico; Carlos Paiva Lopes: diretor técnico; Paulo Salomão: chefe do Departamento Cinematográfico; e Armando Piovesan: diretor administrativo.

Instalada pela Rebratel, indústria eletrônica brasileira, a TV Excelsior iniciou sua fase experimental de transmissão até o dia de sua inauguração. Às vésperas desse dia, a imprensa paulista deu pouco destaque a mais um veículo de comunicação que iria surgir.

As revistas especializadas trouxeram pequenas notas e comentários sobre intenções e contratações da emissora, mas com muita especula-

ção própria e fatos diferentes dos acontecidos (programas que não se realizaram e contratações não ocorridas).

Em 6 de julho de 1960, o jornal Folha de S. Paulo, na página 5 do seu 2º caderno, divulgou, além do que seria o show inaugural, as intenções da TV Excelsior que *“ao contrário das demais emissoras, não terá cast permanente, trabalhando com produtores independentes como Manoel Carlos, Abelardo Figueiredo, Líbero Miguel e outros. Os programas terão a duração de 27 ou 57 minutos, com apenas 3 minutos de intervalos comerciais. O horário nobre será ocupado por um telejornal, por entrevistas e musicais e às 22h30 será exibido, diariamente, um cinema de longa-metragem, com filmes norte-americanos ou europeus e legendas em português. Com o tempo, a emissora pretende nacionalizar a programação de filmes. Novas fórmulas de trabalhos serão utilizadas, procurando obter o máximo das modernas técnicas de televisão pelo uso do videoteipe e de séries filmadas com artistas e argumentos brasileiros. Às segundas-feiras será realizado um teleteatro, às 21h, sob direção de Adhemar Guerra e Flávio Rangel, somente com peças de autores nacionais”*.

155

O jornal Correio Paulistano, em 6 de julho de 1960, comenta as intenções jornalísticas da TV Excelsior: *“...Rodrigo Rodrigues de Moraes, o conhecido locutor da BBC de Londres, é um dos elementos ativos na nova transmissora. Trabalhando com quantidade enorme de slides, o telejornal do Canal 9 será um tipo diferente e agradável ao telespectador. A equipe de cinema se encarregará de dar cobertura aos atos sociais, políticos, internacionais, esportivos e de polícia, próprios de uma cidade que tem o slogan de ser a que mais cresce no mundo”*.

O jornal A Gazeta, de 6 de julho de 1960, na página 21, trouxe um curioso anúncio de lançamento da emissora em que procurou fixar o número de seu canal associado ao dia da inauguração, ambos números 9, que somados resultava o número 18, horário da inauguração.

O jornal O Estado de S.Paulo, do mesmo dia 6 de julho, na coluna de horários de televisão anunciou, após a programação do Canal 7 TV Record, TV 9: 19 às 21h00 - testes finais de transmissores.

Independentemente das notícias da imprensa, a emissora se articulava, para poder apresentar uma programação básica constante. Seu primeiro diretor artístico Álvaro Moya, que também foi produtor e diretor de TV da emissora, contratou profissionais como Manoel Carlos para a realização de musicais e shows, os cenógrafos Cyro del Nero e Rodrigo Cid, o comico Nhô Totico, os locutores Rodrigo de Moraes e Paulo Mário Mansur, para a apresentação do telejornal e muitos outros. O grande Show de Inauguração, que segundo o jornal Correio Paulistano chamou-se Bossa Nove (trocadilho do gênero musical Bossa Nova, no auge do sucesso, na ocasião), foi encomendado ao produtor musical Abelardo Figueiredo. Para as transmissões das festividades foi alugado o Teatro Paulo Eiró.

156

Conforme depoimento de Cyro del Nero, a produção do show inaugural foi bastante difícil e trabalhosa, com elementos humanos dando tudo de si para o sucesso da realização, mas sem a necessária experiência profissional para solucionar rapidamente as dificuldades que surgiam. Na parte cenográfica ele pôde utilizar os seus conhecimentos, apreendidos na Europa, auxiliando a montagem dos diferentes cenários. No dia 9 de julho, dia da inauguração, assim se manifestou a imprensa paulistana:

*Jornal Correio Paulistano: "Será lançada hoje, oficialmente, a TV Excelsior, canal 9. A Transmissora "caçula" foi aparelhada pela REBRATEL e conta com elementos técnicos que garantirão o seu êxito. Até agora o canal 9 esteve em fase de testes. Hoje, passará à etapa final, ou seja, transmissões em caráter experimental. No dia 30 de julho próximo, passará a ser definida a sua programação. Ontem a reportagem do Correio visitou as instalações da rua Frei Caneca, onde se localizam a diretoria e o departamento cinematográfico, os transmissores na Av.*

*Paulista e os estúdios na Av. Adolfo Pinheiro. O canal 9, a princípio, se especializará em filmes documentários, desenhos inéditos, narrados pelo conhecido comico Nhô Totico e telejornais. Além disso, consta da programação shows montados por conhecidos produtores. Hoje, Abelardo Figueiredo cuidou da montagem de um portentoso show, com a participação dos mais afamados artistas, que abrirão com chave de ouro a nova emissora. Durante toda a tarde de ontem, foram ultimados os preparativos para a grande estreia de "Bossa Nove". A equipe de cinegrafistas, comandada por Paulo Salomão, dará cobertura completa ao ato inaugural.*

*O presidente da Republica, Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, enviou à nova transmissora uma mensagem na qual tece considerações elogiosas ao empreendimento... O chefe da Nação estará no vídeo num filme especialmente produzido no Palácio da Alvorada, quando o mais alto magistrado da Nação enviava a mensagem congratulatória. O governador Carvalho Pinto, o presidente da Assembleia deputado Abreu Sodré, o presidente da Câmara Municipal, vereador Marcos Mélega, secretários de estado, autoridades federais, ministros de JK e outras altas autoridades estarão presentes no Teatro Paulo Eiró, às 18h. Comemorando o 9 de julho, data das mais expressivas para o paulista, São Paulo terá mais uma emissora de televisão, mostrando assim o seu progresso e crescimento. O Teatro Paulo Eiró, na Av. Adolfo Pinheiro 915, defronte aos estúdios da TV-9, viverá uma noite de gala abrilhantada pela Banda Marcial da Força Pública, enquanto holofotes do Corpo de Bombeiros iluminarão a noite. A equipe de cinegrafistas, montadores, laboratoristas organizaram um dos maiores documentários sobre "9 de Julho", jamais apresentado pela televisão paulista. Sob a orientação de Paulo Salomão, os cinegrafistas José Pinto, José Domingues, Waldemar Rocha e Roberto Souza Veloso, assim como o chefe de montagem Weiner Grizante e os laboratoristas de slides Arnaldo Silva e Walter Dionízio trabalharam intensamente para o êxito dessa produção, que será apresentada durante as festividades. Abelardo Figueiredo programou o seguinte show para a festa de hoje à noite: Bahia com Dorival Caymmi e filha; Norte, com as Irmãs Marinho, Jonas Moura e Haroldo*

*de Almeida; Show Ary Barroso, com o grupo Ernani Filho, passistas, cantoras e orquestra; Omar Izar; Lana Bittencourt; João Gilberto e Silvinha Teles apresentados por Aloisio de Oliveira; Luiz Bordon e sua harpa paraguaia; Grande Otelo e Vera Regina com orquestra; Ballet de Ismael Guiser; Concerto Brasileiro de Hackel Tavares; Tito Madi e Ribamar ao piano; Madalena de Paula; Cauby Peixoto; Show Carioca com Trio Irakitã, Lucio Alves, Agildo Ribeiro e Elisabeth Gasper; Elizete Cardoso e violão; Estrelas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com Berta Rosanova e Aldo Lottufo em Cisne Negro de Tchaikovsky; os Jograis de São Paulo.*

*Às 22 horas: Concerto Sinfônico Brasileiro, orquestra com 60 professores sob a regência do maestro Mario Rinaldi apresentando Sinfonia de São Paulo: Episódio Sinfônico de Francisco Braga, Baque de Lorenzo Fernandes, Intermedio de Alberto Nepomuceno, Congada de Francisco Mignone, Descobrimto do Brasil de Villa-Lobos e Protofonia do Guarani de Carlos Gomes.*

158

*Além desses, os seguintes artistas participarão do show: Orquestra do Zezinho na TV, Liris Castelani, Agostinho dos Santos e outros. O professor Carvalho Pinto participará hoje das solenidades comemorativas da passagem de 9 de julho, às 9h00 comparecerá a missa na Catedral Metropolitana.*

*À noite, o chefe do Executivo comparecerá aos estúdios da TV 9 a fim de participar do lançamento dessa emissora de televisão, que será realizada com início às 18h00. Solenidades: às 18h, introdução com a Banda da Força Pública de São Paulo; às 18h30, cerimônia oficial de lançamento do novo prefixo; às 19h, Show artístico com os maiores cartazes nacionais; às 21h, Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro; às 21h30, Concerto Sinfônico com 60 professores interpretando compositores brasileiros.”*

*Jornal O Estado de S. Paulo, página 9: “...na programação do 28º aniversário da Revolução Constitucionalista, o governador Carvalho Pinto*

*comparecerá aos estúdios do Canal 9, a fim de assistir à inauguração dessa emissora de televisão. Nessa ocasião, o professor Carvalho Pinto dirigirá saudação ao povo paulista pelo transcurso da data de hoje.”*

Jornal A Gazeta, página 37, coluna de música, teatro, televisão, rádio, filmes, discos: *“Finalmente, irá para o ar logo às 18h a TV Excelsior Canal 9, que já há algumas semanas vem transmitindo em caráter experimental. É mais uma emissora que poderá ser sintonizada pelos telespectadores paulistas e conforme a divulgação feita pela sua administração, muita coisa nova está em vias de ser executada.”*

Jornal Folha de S.Paulo, 2º Caderno, página 4: *“Hoje às 18h deverá realizar-se a festa de lançamento da TV Excelsior Canal 9, com grande show e a presença do governador do Estado e outras autoridades. A festa iniciar-se-á com concerto da Banda da Força Pública do Estado de São Paulo. Após a solenidade de inauguração será exibido um documentário sobre 9 de Julho e sua significação constitucional. Às 19h30 será iniciado um show artístico”.*

159

À exceção do jornal Correio Paulistano, com interesse na divulgação e propaganda do canal, visto que o seu diretor era também presidente dessa nova emissora, a imprensa paulista deu pequena cobertura à inauguração da Televisão Excelsior, comentando o fato apenas como mais uma das muitas festividades do dia 9 de Julho. A empresa eletrônica Rebratel divulgou nos principais jornais da capital, propaganda de página inteira saudando a nova emissora aparelhada por ela, o que não deixou de ser também uma propaganda própria. No dia seguinte, domingo 10 de Julho, os jornais publicaram poucas linhas comentando a inauguração do Canal 9. O comentário do jornal O Estado de S.Paulo, entre outras considerações, dizia que: *“Nosso objetivo não é apenas o de informar os leitores sobre a realização de programas, mas principalmente o de procurar analisar os espetáculos do ponto de vista qualitativo. Esperamos que o Canal 9 possa oferecer novos programas, aproveitando os elementos experientes que já sabem quais as principais falhas da televisão em S.Paulo”.*

Poucas notas sobre a Excelsior apareceram na imprensa paulistana nas semanas seguintes. Após a fase inicial, em 2 de agosto de 1960 (terça-feira) surgiu no jornal Correio Paulistano, pela primeira vez, a programação da emissora:

17h30 Teste Padrão

19h Filmes

19h30 Entrevistas

20h30 Telejornal

21h Entrevistas

A programação inicial da TV Excelsior foi praticamente baseada em filmes documentários ou seriados e suas apresentações jornalísticas, esportivas ou de entrevistas não se diferenciavam do que era feito por outras emissoras do vídeo paulista.

160

Como a ideia da construção de um estúdio em Santo Amaro não se tornou viável, Álvaro Moya, Jaime Barcellos e o produtor Manoel Carlos iniciaram a busca de um espaço em que a emissora pudesse montar seus espetáculos e partir para a conquista da audiência. Conforme declarou Moya: *"...e então, numa noite, o Manoel Carlos, o Jaime Barcellos e eu armamos pegar o Teatro de Cultura Artística. Nós não sabíamos que a Sociedade de Cultura Artística estava com problemas de dinheiro, ela não podia pagar a dívida que tinha com a Caixa Econômica... Então nós propusemos alugar o teatro e instalar a TV Excelsior lá... No dia 31 de julho, nós já estávamos instalados e ali fizemos o primeiro programa Brasil 60, com a Bibi Ferreira (...) e foi praticamente o segundo show de inauguração da emissora e que determinou o tipo de programação da TV Excelsior. Na hora em que nós entramos com a TV Excelsior no Teatro de Cultura Artística, nós não tínhamos nada. Nós tínhamos um transmissor e um teatro. A nossa programação foi feita em função do teatro...Nós colocamos o Brasil 60, o Simonetti Show, espetáculos que nós fazíamos no palco do teatro e que constituíam a programação da televisão, feita com três câmeras e um palco... No auditório de baixo, nós rebaixamos o assoalho e fizemos um estúdio com duas câmeras Vidicon".*

A partir do Teatro de Cultura Artística, a TV Excelsior definiu sua linha de programação em shows humorísticos, musicais e programas de auditório. Até então, a emissora exibia filmes através do telecine instalado no transmissor do edifício da Consolação. A parte administrativa transferiu-se também para o teatro, desocupando as salas da Rua Frei Caneca.

O começo da Excelsior foi bastante tumultuado, mas seus organizadores tinham uma linha definida de como fazer televisão, ainda que no papel. A meta primeira era estabelecer faixas de programação horizontal, de segunda a sábado, com horários fixos para shows, entrevistas, telejornalismo, etc. Ao mesmo tempo, a programação tinha que ser vertical, ou seja, conseguir prender o telespectador para que depois que tivesse visto o programa que desejava ficasse atraído pelo programa do horário seguinte e assim se manter preso à programação da emissora em todos os seus horários.

Outra ideia inovadora para a época, que nos anos seguintes pôde ser realizada, foi a de rede nacional de televisão, ou seja, adquirir canais de TV em outros estados do país e estender a programação do Canal 9. A emissora pensava inclusive em fazer uma ligação via satélite de toda a televisão brasileira, o que só mais tarde se realizaria com a Embratel. Como Álvaro Moya tinha vindo dos Estados Unidos com a ideia do network americano (rede de emissoras) ficou encarregado de instalar na TV Excelsior o sistema americano, que se concretizou em 1963, com a compra da concessão do canal de TV que pertencia ao grupo Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro. A nova emissora carioca passou a chamar-se TV Excelsior Canal 2.

A TV Excelsior de São Paulo passaria a ser um módulo de produção de programas e a do Rio de Janeiro outro módulo com produção diferente. Cada módulo enviaria ao outro sua produção e os dois locais assistiriam à mesma programação, ainda que através do envio de fitas de vídeoteipe, não por satélite de comunicação como é feito atualmente.

A ideia de rede não existia no sistema de televisão do Brasil. Mesmo as emissoras pertencentes a um único grupo empresarial mantinham programação independente. As Emissoras Associadas, por exemplo, tinham uma enorme cadeia de televisão por todo o País e não cogitava a ideia de formação de rede porque o grupo Associado de São Paulo não se dava com o do Rio de Janeiro e assim por diante. A família Machado de Carvalho sempre pensou na TV Record como um feudo local de São Paulo. A TV Rio, no Rio de Janeiro, que pertencia a um primo da mesma família nessa época, era vista como uma emissora rival.

Mas, nesse primeiro ano de existência, a preocupação maior da TV Excelsior Canal 9 era completar o quadro total de sua produção e dar uniformidade à linha de programação. Alguns programas eram de nível muito alto e outros, de nível bastante principiante, o que confundia o telespectador quanto às intenções e projetos da emissora. O objetivo, entretanto, era se tornar um canal de televisão abrangente, destinado aos mais diferentes tipos de público. Para isso foi sendo utilizada a tática de conquista de espaço. Por exemplo, no momento em que outra televisão tivesse uma programação de humor que dominava a audiência, a Excelsior, sabendo que não adiantava concorrer com ela naquele horário, colocava no ar um programa de música erudita tentando atrair outro tipo de público. Foi muito usada, também, nessa fase inicial, a estratégia de filmes de 30 ou de 60 minutos de duração. Isso porque a emissora possuía praticamente apenas um estúdio e para utilizá-lo em diferentes programas ao vivo, necessitava de um intervalo maior de preparação da iluminação, troca de cenários, marcação de cenas, etc. Assim, esses filmes, utilizando o equipamento de telecine, alternavam-se com os programas ao vivo e davam tempo para que o estúdio fosse preparado para a atração seguinte.

Desde sua inauguração, independentemente do tipo de programação, a televisão Excelsior teve a preocupação da boa qualidade de sua imagem e de uma utilização racional do horário comercial. Quanto à imagem, declarou Cyro del Nero, seu primeiro diretor de arte: "... eu fui contratado pelo Álvaro Moya para dar a imagem

*gráfica da televisão ... e organizei um departamento de desenho... A Excelsior foi a primeira TV brasileira a ter uma imagem própria, um design ... Pela primeira vez, o telespectador teve a experiência de ligar uma televisão num intervalo e saber que ela era a Excelsior pelo seu design, pela qualidade gráfica no ar. ... Todo o trabalho era feito à base de colagem. Isso resultava um desenho duro, ultra-contrastado, sem meio tom. Tinha um força terrível no ar ... a imagem ... toda limpa e dura, branca e preta, ... você ligava e já sabia que era a Excelsior”.*

Esses cartões usados pela emissora tinham o tamanho padrão de 50 x35cm e eram brancos ou pretos, recortados, conforme a figura que se necessitasse. Eram cortados em silhueta, montados um em cima do outro a sugerir filigranas, num desenho geometrizado. Os cartões eram levados para o laboratório fotográfico, retratados e revelados, até chegarem à tonalidade que se pretendia, e depois transformados em slides para serem utilizados pelo projetor do telecine da emissora. Eles representavam todo o desenho de intervalo entre um programa e outro ou entre um ato e outro. Quando era de interesse da emissora associar uma empresa comercial a algum programa seu, os cartões de propaganda do produto dessa empresa eram feitos com o mesmo tipo de design.

163

Em relação ao intervalo comercial, a televisão Excelsior foi a primeira a estabelecer uma duração máxima de cinco minutos para a veiculação de publicidade. Isto numa época em que o intervalo em outras emissoras chegava a durar até 20 minutos. Conforme o depoimento da atriz Arlete Montenegro, pela primeira vez respeitou-se o telespectador, fazendo-o encontrar um programa no horário prometido. Nessa época já havia a lei federal promulgada no governo Jânio Quadros, que regulamentava o horário comercial ao máximo de 5 minutos de duração em cada meia hora de programa.

Mas esta lei foi bastante ignorada em quase toda a década de 60. É importante salientar, nesta questão de horário de programas, que, até então, qualquer problema imprevisto que retardasse a entrada de uma

atração, na época feita ao vivo, a imagem no vídeo era preenchida por um slide com o prefixo do canal, que ali ficava imóvel, com música de fundo, até que a dificuldade fosse solucionada. Às vezes, esse slide ficava 20 ou 30 minutos no ar.

A partir da TV Excelsior, valorizou-se a ideia empresarial de que o tempo, em televisão, é também um espaço comercial e não pode ficar em branco. Sobre isso comentou Álvaro Moya: *"... quando eu vi na televisão norte-americana o bip de contagem regressiva de tempo para o programa entrar no ar, eu disse que isso tinha que acontecer no Brasil... E quando eu vim para a Excelsior, foi colocado o bip para a entrada do programa no horário. A Excelsior entrou com esse estilo empresarial, sabendo que o tempo era um espaço como o de um jornal. Você não pode publicar um jornal ou uma revista com alguns espaços em branco. Quer dizer, a televisão não podia atrasar até 30 minutos uma programação. Ela tinha que entrar no horário e a Excelsior é que começou "*.

164

No primeiro mês de sua existência, a programação da Excelsior iniciava-se às 19h, após o teste padrão. A partir do mês de setembro passou a iniciar-se às 18h e de outubro em diante às 14h. Entre seus programas principais encontravam-se: Nhô Totico, Circo do Piolim e desenhos, destinados ao público infantil; Mazzaropiadadas com o famoso comico Mazzaropi, concertos e música popular, entrevistas, filmes documentários e seriados, destinados ao público em geral, além do noticiário Telenotícias.

Uma importante programação criada para preencher o último horário noturno da estação foi o filme de longa-metragem, com legendas em português, levado ao ar diariamente, às 22h30. Denominado algum tempo depois como *Cinema em Casa*, essa programação era uma estratégia do Late Show da televisão norte-americana, ou seja, encerrar a programação com uma atração longa e de boa qualidade. Havia como introdução uma apresentação feita pela atriz Flora Geny, que comentava o gênero do filme, seu diretor e seus atores.

Alguns meses depois, antes da apresentação do *Cinema em Casa*, a Excelsior introduziu a exibição de pequenos videoteipes, com uns cincominutos de duração, em que a atriz Nathália Thimberg recitava importantes poesias brasileiras ou trechos da nossa dramaturgia.

Outra realização da emissora nesse período foi o *Teatro Nove* levado ao ar às segundas-feiras às 21h. Sobre ele comentou Álvaro Moya: “... o público e os patrocinadores não gostavam muito quando a gente fazia peça brasileira na televisão. Eles preferiam que a gente fizesse aqueles teleteatros mais copiados dos cinemas de Hollywood. Quando eu fui para a TV Excelsior... Pensei fazer uma linha só de peças brasileiras... E quando nós estávamos planejando... O teatro de Arena entrou em crise, eles estavam precisando de dinheiro, então eu consegui que a Rino Publicidade comprasse quatro espetáculos do Teatro de Arena e nós encenamos *Eles Não Usam Black-Tie* de Gianfrancesco Guarnieri, *Gente Como a Gente* de Roberto Freire, *Chapetuba Futebol Clube* de Oduvaldo Vianna Filho e *Fogo Frio* de Benedito Rui Barbosa. Essas quatro peças abriram o caminho para se fazer um teatro só de peças brasileiras... Assim, tínhamos... o *Vianninha* (Oduvaldo Vianna Filho), o *Adhemar Guerra*, o *Flávio Rangel*, *Antunes Filho*, *Gianfrancesco Guarnieri*, *Jorge Andrade*, todos escrevendo peças para a televisão ou adaptando peças de teatro deles mesmos para a televisão”.

165

Sobre o *Teatro Nove*, esclareceu Gianfrancesco Guarnieri: “... Foi o grande momento da Excelsior, eu acho, porque a gente fazia teleteatro do repertório nacional, peças integrais na televisão... Foi realmente uma mostra do teatro brasileiro na televisão e era peça mesmo, quer dizer... Televisionada ao vivo... Inclusive... O mais próximo possível do mesmo cenário usado no teatro. Foi nessa época que eu comecei a escrever os meus primeiros textos para a televisão, como *O Cimento*, peça ao vivo, com um prédio demolindo, de 3 andares, construído lá na televisão, com elevadorzinho, ele subia, via-se a cidade, eram negócios que eles (os cenógrafos e técnicos da TV) faziam ao vivo. A direção de *O Cimento* foi do Álvaro Moya que cortava(colocava as tomadas de cenas no ar) e depois de um espetáculo desses ao vivo, eu me lembro que ele

*saía como um jogador de futebol depois da partida... Mais magro... E suando... Era uma loucura porque não podia parar, era... Ao vivo... Tinham textos de diversos autores. Fizeram As Colunas do Templo, de Jorge Andrade, um espetáculo de TV incrível. E as encenações eram muito boas. Eu garanto que melhor que algumas agora com o VT. Tinham ótimos cenógrafos, um cuidado muito grande... Um pessoal que trabalhava, se esforçava na maior boa vontade”.*

Quanto à produção de shows e musicais, o Canal 9 realizava programas de música popular brasileira com Morgana, Agostinho dos Santos, João Gilberto, Dorival Caymmi, Juca Chaves, Ataulfo Alves e outros cartazes. Realizava ainda o Show Mantovani, Ritmos de Silvio Mazzuca, com o maestro e sua orquestra, e o Simonetti Show, programa humorístico musical, com o maestro Enrico Simonetti e orquestra, que teve longa duração. Segundo a atriz e apresentadora Lolita Rodrigues, o Simonetti Show (que era escrito por Walter Silva, Jô Soares e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho) era um programa muito divertido, em que ela fazia, a partir de 1963, o papel de uma secretária do maestro que desejava cantar no programa. Toda vez que o maestro ia permitir, depois de muita insistência da secretária, o programa terminava e a audição ficava para uma outra vez.

166

O Canal 9 teve ainda nessa fase o programa *Variedades*, o programa *Grande Circo* e o humorístico *Vivaldino Mulherengo* com Amândio Silva Filho e Rosamaria Murtinho. Mas a sua principal atração, que absorveu toda a capacidade de produção dessa época da emissora, sendo o carro chefe da programação, foi o programa *Brasil 60*. Levado ao ar aos domingos à noite e apresentado por Bibi Ferreira, o programa trazia entrevistas, musicais, humorismo e reportagens especiais, dando início à longa fase de programas do gênero que dominariam as noites de domingo da televisão brasileira, com outros comunicadores como Flavio Cavalcanti, Hebe Camargo e Silvio Santos, e culminando na condensação de todas as ideias dessas apresentações no atual programa *Fantástico*, veiculado pela Rede Globo.

Sobre *Brasil 60*, explica Álvaro Moya: “... *Brasil 60* foi uma ideia que eu trouxe dos Estados Unidos, baseada no programa *Ed Sullivan Show*, no qual apareciam todas as pessoas ou fatos de sucesso daquele momento. Eu pensei que se fizesse um programa brasileiro que tivesse todas as coisas brasileiras juntas, funcionava... A ideia da Bibi foi minha e o título *Brasil 60* também foi meu... O Manoel Carlos produziu o programa com um brilhantismo incrível... Eu fazia a direção de TV”.

Sobre o mesmo assunto declarou Cyro del Nero, cenógrafo de *Brasil-60*: “... Os cenários eram de informação cultural, a Bibi entrava, por exemplo, e tinha grandes telas do pintor Miró, reproduzidas o mais verdadeiramente possível, em escala gigantesca... Em compensados de 2 metros e meio por 1 metro e sessenta. Num outro cenário, nós tínhamos a presença da Carolina Maria de Jesus que escreveu, junto o Audálio Dantas, o livro *Quarto de Despejo*... Então eu montava uma favela dentro do palco... Tinha *Brasil 60* em que a Ada Rogato (aviadora) era entrevistada, em que o cenário era um avião no palco. O que é um partido moderníssimo, só que hoje você tem externa. Você vai ao avião. O nosso problema para desmontarmos um avião para passar pelas portas do palco que não estavam preparadas para passar avião, era um negócio. E a produção chegava a absurdos, a coisas realmente perigosas. Nós tínhamos um programa sobre circo e o Manoel Carlos cismava que tinha que ter tigre e leão no palco. E o circo veio e entelou-se a boca de cena, subimos uma caixa de rede, vieram os carros, os animais foram soltos na entrada lateral daquele corredor do Teatro Cultura Artística, foi feito um túnel para irem até o palco... Eram tigres de Bengala, uns monstros e no meio do programa havia momentos de pavor... Quando havia ruído a mais ou coisa assim, os tigres pulavam contra as grades na boca de cena e o público chegava a se levantar para sair correndo. Era uma coisa incrível... E isso, é claro, não eram apenas alguns takes (cenas), era o programa inteiro. Senão seria uma loucura, não é? Então no caso do Miró era só o Miró, no caso da favela era só favela e o Manoel Carlos estudava comigo o design do programa. O programa tinha um assunto e tinha o ápice desse assunto, que era o momento da entrevista ou do número musical, ao qual se referia a cenografia... Tudo

*vinha costurando até esse momento... O Manoel Carlos estudava tudo em função do programa... O tema do programa conduzia a cenografia e a cenografia conduzia o tema, de comum acordo”.*

*Brasil 60* foi um programa que teve vários anos de duração, até 1967, com diferentes orientações de linha de atrações, mas sempre com muito bem cuidada produção e todos apresentados por Bibi Ferreira que, com seu carisma, foi um dos principais motivos do sucesso do espetáculo.

Essas melhores exibições da televisão Excelsior foram não só o sustentáculo de sua audiência mas também o princípio de sua sustentação econômica. Tanto João de Scantimburgo como Álvaro Moya declararam que, depois dos seis meses iniciais, a emissora já tinha saído do débito (em função dos gastos de instalação, manutenção e contratações) e começava a dar lucros. Nesse período, grande força para o Canal 9 foi o apoio das agências de publicidade. Como, na época, as agências situavam-se no centro da cidade, próximo ao Cultura Artística, profissionais como José Alcântara Machado, Carlito Maia, J. Carlos Magaldi, Roberto Duailibi, Lívio Bruni, Otto Scherb, Alex Perissinotto e outros, frequentavam muito a TV Excelsior, como um ponto de encontro dos publicitários. Esses profissionais entendiam bem a proposta da emissora de ser uma televisão estruturada industrialmente e a apoiavam.

168

Assim, se por exemplo, o programa *Simonetti Show* estava sem patrocínio, a agência Alcântara Machado conseguia que a Cia. Sheaffer's patrocinasse o programa, inclusive distribuindo canetas Sheaffer's ao público do auditório. O publicitário Carlito Maia conseguiu o patrocínio da Cia. Nestlé para o programa *Brasil 60*, que por isso passou a ser gravado em videoteipe e vendido para diferentes emissoras, tendo sido a primeira colocação de um programa do canal 9 em outros estados brasileiros. Mas isso foi em 1961 e curiosamente *Brasil 61* foi vendido para as Emissoras Associadas dos estados do norte e para o Rio de Janeiro, em virtude da velha briga entre as Associadas de São Paulo (rival da Excelsior) e as outras emissoras da cadeia Associadas.

Fato inédito até então, quando esses vídeos eram vendidos para outras emissoras a Excelsior pagava a porcentagem devida aos atores, pelo uso de suas imagens. Nesses primeiros tempos, o patrocinador cobria o custo da produção do programa, sem maiores investimentos da Excelsior. Ainda no seu primeiro ano de existência, a emissora passou por modificações administrativas que viriam, dois anos mais tarde, mudar consideravelmente sua linha de atuação.

Em 1960, havia a campanha para a Presidência da República. José Luiz Moura, um dos sócios, apoiava o candidato Jânio Quadros e Mário Wallace Simonsen, outro sócio, apoiava a candidatura do marechal Lott, por se achar politicamente ligado ao então presidente Juscelino Kubitschek. No impasse da linha política a ser mantida pelo Canal 9, Mário Simonsen propôs comprar as ações que o Sr. Moura e o deputado Ortiz Monteiro tinham na Excelsior, no que foi atendido. Alguns meses mais tarde, o grupo Simonsen comprou também a parte de João de Scantimburgo, tornando-se dono único da emissora que passou a ter como presidente Paulo Uchoa de Oliveira, pertencente ao grupo. Apesar dessa mudança de proprietário, os diretores administrativo e artístico foram mantidos.

169

Mesmo com a vitória de Jânio Quadros para a Presidência do país, o grupo Simonsen não encontrou dificuldades políticas por sua opção pela candidatura Lott, porque Saulo Ramos, da diretoria administrativa do Canal 9, foi convidado pelo novo presidente para fazer parte do seu Gabinete Civil. Esse fato propiciou a aproximação do grupo empresarial ao novo presidente.

Quando em agosto de 1961 Jânio Quadros renunciou à Presidência do Brasil, o grupo Simonsen, que havia apoiado o marechal Lott, não encontrou nenhuma dificuldade em compor-se com o presidente João Goulart, apoiando-o intensivamente até o golpe militar de 1964. Segundo Álvaro Moya, Mario Wallace Simonsen era dono de 51 empresas, com sede internacional em Zurique, na Suíça. Uma de suas principais atividades como empresário era comercializar a exportação do café

brasileiro para os mercados europeu e norte-americano. Dessa maneira, ele necessitava compor-se com quem estivesse no poder, independentemente de sua política partidária pessoal.

Ainda no governo Jânio Quadros, ao completar um ano de existência, a TV Excelsior teve sua atividade analisada pelo jornal O Estado de S.Paulo, que assim se manifestou na coluna de Rádio e Televisão: *“Parece que foi há dias a inauguração do Canal 9 de televisão e na realidade esta estação está completando agora um ano. É tempo, portanto, para fazermos um juízo tanto quanto possível exato sobre a referida emissora e concluir se, artisticamente, ela contribuiu para o progresso da televisão nesta capital...”* Afirmando que a Excelsior contribuiu mais do que era lícito esperar, em virtude do seu curto período de existência, continuou o artigo *“... Não foi fácil para essa estação, e nisso reside um dos seus méritos, concorrer com as outras já existentes em termos de grandes iniciativas e assim conseguir um bom índice de audiência. Sem recursos para concorrer, por exemplo, com o Canal 7 na contratação dos chamados grandes cartazes internacionais, a nova estação teria que lançar as vistas para os artistas nacionais de maior prestígio. Todavia, tal solução também não lhe foi possível, salvo em uma oportunidade ou outra. Isso porque os artistas nacionais de maior popularidade já estavam presos por contrato a outras emissoras e a rescisão de um contrato de qualquer deles antes do seu termo, ainda que amigavelmente, exigiria o pagamento de indenização de vulto. E o mesmo aconteceria para conseguir a colaboração dos principais produtores, redatores, atores e atrizes, locutores, animadores de programa e garotas-propaganda já consagradas. Essas dificuldades foram contornadas uma a uma e quase sempre com felicidade incomum. Álvaro Moya, na diretoria artística, valendo-se de sua experiência, decidiu chamar a atenção do público, inicialmente, dando-lhe uma boa imagem. A iluminação e o som dos programas são hoje quase sempre muito bons e em espetáculos de maior ambição eles atingem, às vezes, o virtuosismo. Os cenários simples também são habitualmente de bom gosto e se o elenco de teleteatro da estação não tem artistas de grande fama, verdade é que*

*os atores e atrizes evidenciam um louvável desejo de acertar, devendo ainda ser salientada a preferência dada ao autor nacional... Atualmente o Canal 9 dá-nos o melhor programa de variedades: Brasil 61 e com ele se revelou a melhor coordenadora e mestre de cerimônias de espetáculos congêneres, Bibi Ferreira. O conhecimento exato dos recursos que dispõe, tirando deles o máximo partido e evitando entrar em concorrência com outras estações em setores em que o êxito seria duvidoso, foi o fator principal do sucesso do Canal 9 neste seu primeiro ano de existência..."*

Na sua política de conquista de um público abrangente, de diferentes níveis socioculturais, a Excelsior produziu diversos tipos de programas. Assim, ao lado de Circo do Piolim ou Circo do Chicharrão, havia Arte na TV, com apresentação da artista plástica Maria Bonomi; Literatura Brasileira, com Dulce Salles Cunha Braga e Helio Silveira; Arquitetos na TV, produção de Laureano Fernandes Jr., que trazia convidados como Oscar Niemeyer, Lucio Costa e outros; Música Erudita Moderna, com o maestro e compositor Rogério Duprat; Ator na Arena, aulas de interpretação teatral com orientação do diretor Ziembinski e ainda um programa de aulas de piano com a concertista Magdalena Tagliaferro. No jornalismo, além dos noticiários normais da casa: o Telenotícias, às 20h30, diariamente (que em 1961 passou a ser apresentado às 22h, com o nome de Telejornal de São Paulo) e o Ultra Notícias, veiculado a partir das 18h (de meia em meia hora, com 1 ou 2 minutos de duração), havia a apresentação de programas de debates e entrevistas. Nessa época, foi notório o fato de a emissora ter realizado programas com o filósofo francês Jean-Paul Sartre (acompanhado de sua mulher, a escritora Simone de Beauvoir) e com o dramaturgo Eugene Ionesco, todos de fama internacional.

171

Algumas notas obtidas na Revista do Rádio, publicação mensal das décadas de 1950 e 1960, editada no Rio de Janeiro, dão a ideia de outras atividades do Canal 9 entre 1960 e 61:

- Tito Fleury comanda a série Entrevistas, programa do Canal 9.
- O cantor George Ulmer foi a primeira atração internacional apresentada pela Excelsior.

- Procópio Ferreira está narrando as suas memórias na Excelsior, no programa Procópio Conta a Sua Vida.
- César de Alencar lançou na TV Excelsior o programa Telespetáculos.
- Contratada pela Excelsior a atriz Vera Nunes apresenta-se diariamente na audição Vespéral Feminino.
- O Livro da Sorte é uma audição cultural do produtor Manoel Carlos, transmitido pelo Canal 9, às terças-feiras, 20h.
- Vivaldino, o Mulherengo é um dos personagens mais engraçados apresentados pela TV Excelsior, aos sábados, 20h.
- A TV Excelsior tem aos domingos, às 20h, um programa especializado sob o título de Esporte 9.
- Lucia Lambertini é responsável pela telenovela Ó Titio, que o canal 9 apresenta às segundas e às sextas-feiras às 20h30, dedicada ao público juvenil.
- Passatempo é o novo programa infantil da TV Excelsior, realizado por Beatriz Segall.
- Pelé é a figura central na audição esportiva Sport Show, lançada pelo Canal 9.
- Bia Coutinho e o cronista social Marcelino de Carvalho participam do noticiário Telejornal de São Paulo da TV Excelsior, comentando acontecimentos da sociedade paulistana.
- Silvio Caldas cumpre temporada na TV Excelsior às quartas-feiras, 21h.
- Jô Soares divide sua atividade teatral com a televisão, escrevendo a parte humorística do programa Simonetti Show, no Canal 9.
- Apresentando filmes de longa metragem a TV Excelsior realizou a Quinzena do Cinema Brasileiro.

172

## 1962

Para realizar a proposta de uma televisão de boa qualidade em imagem e texto, a direção artística da Excelsior tinha conscientização da necessidade de maior informação cultural dos seus técnicos e artistas.

A esse respeito, comentou Cyro del Nero: “... A equipe toda tinha um eu único, sabe? E o Moya fez isso muito bem porque ele entendia de televisão... E deu ao material humano técnico um interesse artístico. Então o diretor de TV, os câmeras e outros técnicos tinham um interesse em cinema, em corte, em enquadração, iluminação, como verdadeiros artistas. Todos nós dividíamos o interesse pelo programa com um zelo que você não imagina... Eu me lembro das seções de cinema apresentadas pelo Paulo Emílio Salles Gomes (professor, ensaísta e crítico de cinema) que o Moya trazia... O Paulo Emílio explicava o que era o Dr. Caligari (filme expressionista alemão). O auditório éramos nós, uns 50 profissionais da emissora... E depois todo mundo discutia enquadração, expressionismo, etc. O nível era realmente esse. Eu não sei onde o Moya foi arranjar aqueles técnicos todos, mas ele pegou a nata. E isso passava para o ar. Você via a Excelsior e ela tinha uma qualidade, uma classe, você sentia... E a preocupação era constante em tudo. Por exemplo, na cor (do branco e do preto) nós medíamos a luminância de determinadas cores para ver o tipo de cinza que daria no ar. Então, um azul seria diversos cinzas, ia depender da luminância que é decidida pela iluminação e pela possibilidade da lente da câmera. Então era infinito. Por exemplo, eu tinha um cenário todo vermelho, que... No branco e preto é maravilhoso, dá um cinza delicioso e havia discussão do que devia ser o resto, que intensidade devia haver de branco, como iluminar esse branco... Também no caso dos figurinos, que cores usar... E os técnicos de vídeo, iluminação, câmeras, diretor de TV, todos participavam das reuniões do departamento de Arte, todos tinham consciência do que acontecia no ar, por convívio direto...”

173

Para manter o padrão aprimorado de sua imagem, o Canal 9 introduziu outra inovação que foi a criação de um departamento de roupas e figurinos. Até então, nas outras emissoras, os artistas apresentavam-se com roupas próprias e quando a apresentação era de época, os próprios artistas alugavam roupas na Casa Teatral, que fornecia os figurinos necessários. O Canal 9 criou um departamento de figurinos, no qual as roupas eram desenhadas, e um departamento de costura e guarda-roupas aonde elas eram confeccionadas e conservadas.

A necessidade e acerto dessa inovação salientou-se principalmente a partir de 1962, quando a emissora produziu novos programas de teatros e seriados, tais como:

- Teleteatro Brastemp, que ia ao ar aos sábados, com encenação de peças do repertório universal e quase sempre com direção de Antunes Filho, atuação de Bibi Ferreira e cenários e figurinos de Rodrigo Cid;
- *Caminhos da Medicina*, seriado que mostrava a vida e as ideias dos principais cientistas do campo médico e que seria escrito e adaptado para TV pelo psiquiatra Roberto Freire mas acabou sendo realizado pelo diretor e produtor Walter Durst. A direção do programa foi de Ziembinski e participavam atores como Sérgio Cardoso, Stênio Garcia, Juca de Oliveira e outros. As histórias eram dramatizadas, enfocando desde a Grécia antiga até a atualidade. Os cenários e figurinos foram criações de Cyro del Nero;
- *Olindo Topa Tudo*, seriado cômico, com o ator Walter Stuart, que apresentava as mais diversas situações em encenações de estúdio e em encenações de rua, em frente ao canal 9. O programa teve muito sucesso popular e ia ao ar às segundas-feiras, às 20h30.

174

Além das encenações dramáticas, a Excelsior apresentava programas infantojuvenis como *Repórter Caçula*, com a participação de Walter Avancini, *Cachorrinho Xerife*, *Sessão de Desenho*, *Sessão Tic-Tac*, *O Mundo da Criança*, *Contos Mágicos*, *O Gato Félix*, etc. Apresentava também programas variados como: *Charada Show*, musical e curiosidades, com a apresentação do cantor Ivon Curi, documentários como *A Voz do Parlamento* e *Imagens do Japão*, e filmes seriados norte-americanos como *Missão Impossível* e *Flash Gordon*.

Por essa época, observavam-se na programação dominical as atrações *Noites Cariocas* e *Noite de Gala*, programas humorístico-musicais, de encenação parecida às grandes revistas musicais produzidas por Walter Pinto nas décadas de 1940 e 1950. Esses programas eram realizados na TV Rio, do Rio de Janeiro, com produção de Walter Clark e comprados em videoteipe pelo Canal 9, que os veiculavam aqui em São Paulo.

Havia também o novo programa de Procópio Ferreira chamado *Procópio Fala dos Outros*, no qual o famoso ator comentava fatos e figuras de várias épocas e de diferentes setores artísticos brasileiros.

Uma produção nova que, em poucas semanas, alcançou expressivo índice de audiência, foi o lançamento do seriado *Show para Dois*, com texto de Jô Soares, cenografia de Cyro del Nero e a atuação de Cleyde Yáconis e Leonardo Villar como par romântico. O programa tinha uma encenação bastante rica e foi patrocinado pela Cia. Rhodia. Ainda sobre a programação da TV Excelsior em 1962, destacamos as seguintes notas veiculadas pela Revista do Rádio:

- *Pátio do Colégio*, produção de Arlete Pacheco (e D. Rossé Cavaca) dedicada ao público infantil, transmitido pela TV Excelsior, aos sábados, às 18h.
- *Antologia do Cinema* é como se intitula a audição humorística de Jô Soares no vídeo do Canal 9. O programa é cheio de efeitos e trucagens, exigindo grande talento técnico.
- A TV Excelsior entrou no páreo humorístico com *Humor 62*, produção de Barbosa Lessa, com Procópio Ferreira como mestre de cerimônias. O programa apresenta artistas cômicos do Rio de Janeiro e de São Paulo.
- Apresentaram-se, com êxito, na TV Excelsior: Tônia Carrero e Paulo Autran, interpretando no *Teleteatro Brastemp*, numa produção de Bibi Ferreira, a comédia *Esses Maridos*. Adolfo Celi e Carlos Kröeber foram os diretores desse bom espetáculo.
- Dulcina de Moraes e Odilon Azevedo apresentaram-se na TV Excelsior, com a peça *Delírio*.
- Irene de Bojano, cronista social, tem a seu cargo o programa *A Mulher, Essa Desconhecida*, às quintas-feiras pela TV Excelsior.
- O programa do Canal 9 *Drago Diverte*, com Vadeco, Odilon e Conjunto, é escrito pelo humorista Arapuã (Sergio de Andrade).
- A cantora Alaíde Costa protagonizou o papel título da peça *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, apresentada pelo Canal 9 no programa *Teatro Nove*.
- Amigos de Nhô Totico é uma audição que continua no Canal 9, apresentada pelo próprio cômico do rádio e da TV Vital Fernandes da Silva.

- Firmado entre a TV Excelsior e a WHDH de Boston (EUA) um acordo para troca de videoteipes. Para lá o Canal 9 já mandou *Brasil 62*, *Simonetti Show* e outros.
- Em substituição ao programa *Brasil 62*, a TV Excelsior lançou o programa *Canta Brasil*, com a boa participação da cantora Inesita Barroso. Bibi Ferreira, apresentadora do *Brasil 62*, por questões financeiras, ainda não acertou sua volta para o Canal 9.
- *Modas, Manequins e Melodias* é um programa da TV Excelsior transmitido às segundas-feiras, às 21h e apresentado por Claudio de Luna, Neide Alexandre e Belinda.

### O Apogeu – 1963

176

No início de 1963, a Excelsior não apresentou grandes variações na programação. Apresentou alterações na parte administrativa, com o desligamento de alguns profissionais como o cenógrafo Cyro del Nero e o diretor artístico Álvaro Moya. Antes, porém, de sua saída Álvaro Moya foi um dos responsáveis pela criação do programa Teatro 63, nova atração dramática da emissora. Os idealizadores do projeto foram Walter George Durst, Túlio de Lemos e o produtor Roberto Palmari. Este último, desde o início do Canal 9, era o responsável pela produção de programas variados e teleteatros. Álvaro Moya introduziu os três profissionais junto ao Sr. Wallace Simonsen (um dos filhos do Sr. Mario Simonsen) que havia se tornado diretor geral. A ideia foi aprovada e o teleteatro, como proposta, se tornaria um dos acontecimentos importantes na programação da emissora, no ano.

*Teatro 63* selecionava histórias verdadeiras acontecidas com qualquer tipo de pessoa. A história era dramatizada por Túlio de Lemos e Walter Durst e encenada com a direção de Roberto Palmari. Segundo Walter Durst, assim surgiu o *Teatro 63*: "... Eu já estava meio incógnito na Ex-

*celsior, fazendo a adaptação de Caminhos de Medicina... De repente, me aparece uma proposta para sair da TV Tupi e passar definitivamente para o Canal 9, ganhando cinco vezes mais do que eu ganhava... Na verdade, se constituiu ali na Excelsior um grupo muito heterogêneo... De propostas diferentes de se fazer uma televisão... Que fosse ao mesmo tempo inteligente e popular... Eu pensei comigo mesmo: ...Em matéria de forma de televisão tudo o que eu podia tentar fazer, já fiz... Agora eu posso fazer um trabalho melhor, mais pensado,... Um teleteatro novo... Chega de sentar atrás de uma mesa, pegar uma máquina e recorrer... Às páginas da literatura mundial... Eu estava enfiado disso. Nós ainda estávamos fazendo a velha história policial passada em Londres. O nosso cenógrafo nunca tinha estado em Londres, a estrela nem sabia falar o nome do personagem em inglês... Era o momento de pensar no Brasil, naquilo que a gente podia fazer com conhecimento de causa. E imaginei o seguinte programa: procurar diferentes pessoas na coletividade e compor, aos poucos, um painel capaz de retratar toda a sociedade. Na prática, escolhíamos quatro dessas pessoas por mês para cobrir quatro semanas. Num primeiro programa, apresentávamos, por exemplo, um profissional do jogo do bicho que estava saindo da cadeia, uma moça balconista das Lojas Americanas, o faquir Silk que se propunha bater o recorde da fome e uma figurante do cinema nacional que se julgava parecida com a atriz francesa Brigitte Bardot. E nós queríamos... No caso dessa figurante do cinema, por exemplo, mostrar como era o cinema nacional, a sua estrutura ou falta de estrutura, partindo de um personagem real. No lançamento do programa, fizemos uma grande apresentação de uns quarenta temas... Depois escolhemos quatro e fizemos uma síntese dos seus depoimentos diante das câmeras. Era uma espécie de trailer do que viria nas outras semanas... A pesquisa com cada um era a mais completa possível, nós passávamos semanas ouvindo essa gente. Depois, na entrevista diante das câmeras, no trailer, contávamos com a presença do ator ou atores que representariam os papéis e que, fazendo perguntas, mergulhavam como nós no mundo particular de cada entrevistado... Nas três semanas restantes de cada mês, escrevíamos e montávamos as telepeças anunciadas ao público...*

*Ficou um teatro completamente diferente... Nós nos preocupávamos em captar o mundo daquelas pessoas e interpretá-lo de modo que elas próprias e os telespectadores pudessem fazer uma reflexão a respeito. E surgiram temas fascinantes: uma mulher que vivia só de concorrer a prêmios de auditório, um batedor de carteiras, um pai de santo... Nós descobrimos a tremenda originalidade do real... Eu escrevi uns dois terços dos scripts, o Túlio de Lemos escreveu o terço restante com um empenho maravilhoso e o Roberto Palmari nos ajudou na montagem de todos eles. Nessa ocasião, também compreendi que os atores tinham que ser de outro tipo. A interpretação precisava ser criativa mesmo... Fomos ao Teatro Oficina e contratamos o Raul Cortez, Mauro Mendonça, Rosamaria Murtinho, Armando Bogus e muitos outros... Acredito que esse tenha sido o melhor programa que eu consegui fazer em toda a minha vida profissional..."*

Planejado em fins de 1962, o *Teatro 63* ia ao ar aos sábados, com patrocínio das lojas Gabriel Gonçalves. Teve boa audiência e durou exatamente um ano, o de 1963.

178

Apesar da implantação de ideias inovadoras a televisão Excelsior conseguia pouco índice de audiência, na sua programação geral. Apenas um ou outro programa, como *Brasil 62* e *Show a Dois*, obtinham melhores pontos no Ibope, mas sem chegar a ameaçar a audiência dos canais 4 (TV Tupi) e 7 (TV Record), líderes da época.

Coincidindo com a contratação, em dezembro de 1962, dos radialistas Edson Ferreira Leite para a direção artística e Alberto Saad para a direção administrativa (ambos vindos da Rádio Bandeirantes-SP), o dono da TV Excelsior, Sr. Mario Cockrane Simonsen, resolveu investir financeiramente no Canal 9, para melhorar o seu equipamento e reformular a programação, na busca de melhores índices de audiência.

Conforme se expressou Edson Ferreira Leite em seu depoimento: "... A estação era absolutamente fraca em popularidade, com apenas 1,5% de índice... Em cinco emissoras existentes, ocupava o quinto lugar... O Sr.

*Mario Simonsen pediu-nos, a mim e ao Alberto Saad uma emissora com audiência e ele assumiria os riscos econômicos com o equipamento e com as contratações necessárias... Porque o 9 não tinha nada, tinha um teatro e pouco equipamento... Eu disse que se ele me desse em 120 dias o equipamento, eu, em 180 dias, daria a estação em primeiro lugar de audiência... Aconteceu uma coisa imprevisível... em 120 dias o 9 estava em primeiro lugar e o equipamento só chegou 240 dias depois. Então o 9 talvez tenha sido a única estação do mundo que tinha um tipo de funcionário... Chamava-se ventilador-man, que era um rapaz com um ventilador na mão, para ventilar a câmara velha... Para não esquentar e explodir... Nessas condições e com a falta de espaço eu era obrigado a fazer o show do Simonetti ali na entrada do teatro (de Cultura Artística), enquanto se gravava um teleteatro no subsolo e enquanto o Moacyr Franco estava fazendo um show no palco... Tudo isso nós fazíamos lá naquele teatrinho.”*

A primeira medida de Edson Ferreira Leite para chamar a atenção do público sobre o Canal 9 foi contratar artistas e profissionais famosos de outras emissoras, quebrando um costume estabelecido desde o início da televisão brasileira no qual nenhum dono de uma emissora tirava um profissional de outra sem comum acordo. A TV Excelsior contratou, por altos salários, o profissional que lhe interessava, sem nenhum acordo, tendo pelo contrário, sofrido alguns processos judiciais movidos pela Televisão Tupi, dos quais saiu ileso.

Conforme o depoimento do Sr. Wallace Simonsen: “... Eu me lembro que o primeiro caso desses ocorreu comigo já na direção da estação... Foi com o Silvio Caldas. Na época o cantor tinha um programa de muito sucesso na TV Record, mas ele brigou e saiu do 7 e eu o contratei”. O Sr. Wallace diz que o fato incomodou a todas as emissoras. E continuou: “O Edmundo Monteiro, que era diretor geral da TV Tupi em São Paulo, pediu ao meu pai... Uma reunião, na qual ele chegou, inclusive, a nos ameaçar... Mas ele não conseguiu nos convencer... Esse foi o primeiro passo para a quebra do chamado convênio.”

O motivo da existência desse “acordo de cavalheiros” entre os dirigentes das emissoras de televisão era a desvalorização do salário do profissional, que aceitava o que lhe ofereciam, independentemente do sucesso e do lucro que ele auferia para a emissora, porque sabia que se reclamasse, era despedido e ficava sem emprego, visto que os outros canais não o empregariam. Baseado nessa insatisfação geral do meio artístico televisivo, Edson Leite atraiu os mais famosos profissionais, oferecendo-lhes um salário várias vezes maior do que recebiam normalmente. Foi este o primeiro grande passo para a valorização econômica do artista brasileiro de televisão.

A atriz Glória Menezes, por exemplo, contratada com seu marido, o ator Tarcísio Meira, foi para a Excelsior ganhando 5 vezes mais do que lhe pagava a TV Tupi. Seu contrato havia terminado, mas mesmo assim a Tupi não quis cedê-la e impetrou contra ela, um mandado de segurança, que perdeu por falta de motivos justos. Segundo Edson Leite: *“...E aí foi firmado na Justiça do Trabalho que os artistas poderiam sair... E saíram vários, não só pelo dinheiro, mas pela oportunidade de melhores papéis... Houve, inclusive, casos tristes como o da Maria Vidal (humorista) que queria ir também (para o 9)... E acertou tudo comigo. Mas o Sr. Rui Aranha, então diretor da TV Tupi (SP)..., negou a liberação do contrato... Faltavam dois meses para terminar e ela... Foi para casa e se suicidou e deixou uma carta para mim... Que o jornal Última Hora chegou a publicar trechos.”*

Ainda sobre esse assunto, conta a atriz Marcia Real: *“...Eu fui para o 9 naquela época da debandada. Todo mundo saiu e tinha que sair mesmo... Eu estava magoada com a Tupi... Então eu saí do 4 e fui para o 9... Eu sai ganhando 25 contos e fui ganhar 250 no 9... Porque o 4, realmente, em termos de pagar, era duro. Tinha, inclusive, um dos diretores, Sr. Rui Aranha, que dizia que artista ele achava na fila do ônibus... Essa era a mentalidade deles... Alguns diretores da Tupi chegaram a dizer: Nós queremos ver o que o Edson Leite vai fazer com o rebotalho da televisão... Comigo foi uma turma – Glória Menezes, Tarcísio Meira, David Neto, Walter Stuart, Lolita Rodrigues e queiram*

*ou não queiram, doa a quem doer, os atores ganham o que ganham hoje na televisão, por causa do Canal 9”.*

A TV Excelsior fez uma inteligente e intensiva campanha publicitária na imprensa e pela cidade, com ajuda de outdoors, colocando enormes fotografias de seus contratados mais famosos, usando o slogan: *“Eu também estou no 9”.*

Em relação ao grande número de contratações famosas a proposta da TV Excelsior era atender à exigência do público não só quanto a qualidade, mas também quanto a imagem, para que o telespectador encontrasse no vídeo a presença de seus ídolos. Segundo Alberto Saad : *“...A valorização econômica do profissional foi uma preocupação nossa porque nós não éramos capitalistas nem tínhamos recebido esse trabalho por herança. Quer dizer, éramos profissionais que também vivíamos e sofriamos com o problema. Sendo assim, se tornava mais fácil compreender a situação dos demais elementos que compunham o mundo que fazia televisão. E uma das grandes preocupações nossas era fazer com que esses elementos... Tivessem uma certa paz de espírito... Para que eles pudessem se dedicar totalmente ao trabalho... a Excelsior implantou no Brasil um salário adequado... Para que o artista pudesse sobreviver tranquilamente”.*

181

Tendo dado certo a campanha publicitária para chamar a atenção sobre o Canal 9, a direção voltou-se para a modificação da programação. Apesar de todos os esforços de produção e do alto nível das peças encenadas, o teleteatro do Canal 9 conseguia pouca audiência, como já foi comentado. Na época, a emissora produzia também telenovelas, como as demais emissoras, mas sem grande repercussão. As telenovelas iam ao ar duas ou no máximo três vezes por semana e eram veiculadas principalmente fora do chamado horário nobre da televisão (das 20h às 22h).

Percebendo o gosto do público por dramalhões folhetinescos, visto que essas emissões de telenovela conseguiam melhores índices de

audiência, Edson Ferreira Leite e Alberto Saad resolveram incentivar sua produção. Casado com uma senhora argentina, Edson ia constantemente a Buenos Aires, de onde trouxe alguns técnicos e cenógrafos para trabalharem na Excelsior. A importação mais significativa, entretanto, foi a ideia da implantação da telenovela diária, como era feita na capital portenha. O Canal 9 lançou a telenovela *2-5499 Ocupado*, de autoria de Alberto Migré, em agosto de 1963, com direção de Tito de Miglio e tendo nos principais papéis Tarcísio Meira e Glória Menezes. A telenovela ia ao ar às 19h30 e foi a primeira a ser exibida diariamente na televisão brasileira.

Assim se expressou Edson Leite: *"... Eu importei 12 argentinos de uma vez só. Como nós tínhamos só um teatro... Nós fizemos a primeira novela na rua e na Casa de Detenção (em São Paulo)... Era 2-5499 Ocupado, a história de uma presidiária cuja estrela era a Glória Menezes. A Colgate Palmolive era a grande patrocinadora de novelas na Argentina e entrou na aventura comigo... De se fazer diária... E um grande sujeito, que hoje (1977) está em Costa Rica, Sr. Peña Aranda, me cassifou moralmente em tudo. Feita a primeira... O Peña Aranda comprou os direitos de tudo quanto havia tido de novela de sucesso na Argentina e a Ivani (Ribeiro) começou a adaptar..."*

182

A Excelsior não descuidou, entretanto, dos outros gêneros de programação. No musical estreou *Cancioníssima 63*, com produção de Roberto Palmari e apresentação de Humberto Marçal. Mais tarde, o programa teve a produção de Waldemar de Moraes com apresentação da atriz Cleyde Yáconis. A orquestra de Silvio Mazzuca era responsável pela parte musical. O programa ia ao ar aos domingos, às 20h, no lugar de *Brasil 63*, que tinha sido transferido para as noites de segunda-feira.

*Cancioníssima 63* era uma espécie de Festival de San Remo do vídeo, pois em cada programa eram apresentadas seis músicas inéditas, que passavam a concorrer ao título do programa. De três em três meses eram selecionadas as dez músicas mais votadas que concorriam às finalíssimas.

Segundo o produtor Waldemar de Moraes, *Cancioníssima 63* foi uma espécie de festival da música brasileira, que daria a idéia do primeiro festival de música popular que a própria Excelsior realizaria, dois anos mais tarde. Também o programa Musical Luiz Vieira estreou, no qual o famoso cantor da música *Menino Passarinho* (de sua autoria e que tanto sucesso lhe trouxe) além de cantar, apresentava novos cartazes e realizava entrevistas.

Outro programa importante, iniciado em 1963, foi *Moacyr Franco Show*. Moacyr Franco, apesar de excelente cantor era aproveitado pela Televisão Record Canal 7, apenas em pequenos papéis humorísticos. Edson Leite conseguiu transferi-lo para a TV Excelsior, em que ele teria oportunidade de melhor exibir o seu potencial artístico. O programa tinha humor e quadros musicais nos quais o cantor, quase sempre, interpretava um papel tragicômico, cantando músicas de grande apelo emocional. *Moacyr Franco Show*, na fase áurea de sua popularidade, chegou a espantosos índices de audiência, como 97% na cidade de Santos (SP) e 77% na cidade de São Paulo.

183

Sobre o programa, assim se referiu a revista *7 Dias na TV*, de 10.06.63: *"... Cotação: Ótimo – Moacyr Franco Show, quinta-feira, às 20h30 – Canal 9: Exatamente no horário anunciado, aliás como é de costume nesse canal, teve início mais um espetáculo da série desse extraordinário moço que é Moacyr Franco e que com pouco tempo de lançamento já figura como o programa mais assistido... no horário. Nota-se na sua produção um cuidado todo especial. Tudo é simples, propositalmente informal, transmitindo uma sensação de espontaneidade, de intimidade, tão do agrado dos telespectadores e do imenso público que lota todas as dependências daquele enorme auditório. Propositadamente ele erra, as dançarinas erram, falta um móvel ou utensílio e nesse clima despreocupado, desfilam os vários quadros. É um programa limpo. Na noite de 30/05, dentro do espírito mencionado, homenagearam os bicampeões do mundo de bola ao cesto, tendo a maioria dos quadros alguma ligação com o assunto. De todos, os que mais gostamos foram os contracenados com Lolita Rodrigues e com Célia Coutinho. Contudo,*

*o forte mesmo é quando canta acompanhado ao som da orquestra de Silvio Mazzuca...”*

O programa de Bibi Ferreira continuava, apesar de desentendimentos da atriz com a direção do Canal 9, por questões financeiras. *Brasil 63* chegou a sair do ar algumas semanas. Resolvido o problema econômico, a atração voltou à franca atividade, mudando de patrocinador e de diretor, pois Manoel Carlos saiu da emissora em meados de 1963. Com o nome de *Renner – Brasil 63*, o programa passou a ter produção do argentino Tito de Miglio e direção de Waldemar de Moraes, que até então, atuava profissionalmente no Rio Grande do Sul.

Em seu depoimento, Waldemar de Moraes declarou: *“...Eu resolvi mudar o esquema do programa... para o seguinte: Uma opereta com princípio, meio e fim, cuja estrela principal era Bibi Ferreira. Em cada programa ela personificava uma celebridade... Uma história musical... por exemplo, um Grande Hotel, onde, no saguão, o ascensorista era o cantor Jamelão, a roupeira era a cantora Elza Soares, os Demônios da Garoa faziam os caras da pesada que carregavam o piano, o cara da portaria era outro cantor... então aconteciam os musicais, a história... e durante muito tempo teve esse programa”.*

184

No primeiro semestre de 1963, a TV Excelsior realizou inúmeras estreias, tais como:

- *Seu Pepino*, seriado cômico, com produção de Fernando Baleroni, direção de David Neto e atuação de Walter Stuart, como o Seu Pepino. Atuavam também Fernando Baleroni, Homem de Mello, David Neto, Gariba, Bentinho e Francis Bono.
- *Réplica*, com produção de Antonino Seabra. O esquema do programa era trazer personalidades criticadas pela imprensa, durante a semana e oferecer-lhes quatro minutos para que elas se defendessem dessas críticas. Cada programa contava com a participação de sete convidados dos mais diferentes setores da sociedade como políticos, esportistas, artistas de cinema, teatro e TV, artistas plásticos, etc.

- *Tribunal dos Esportes* (também encontrado na imprensa com o nome de *Tribunal do Futebol*) com produção e apresentação de Mario Moraes. O programa julgava pessoas ligadas ao esporte, tais como juízes de partidas, presidentes de clubes, jogadores, comentaristas esportivos e outros. Mario Moraes atuava como orientador-promotor e havia um corpo de três jurados. Se o réu não comparecesse seria julgado à revelia, com a mesma imparcialidade que haveria na sua presença. *Tribunal dos Esportes* ia ao ar às segundas-feiras, 20h com 25 minutos de duração.
- *Bola Nove*, outra produção esportiva de Mario Moraes, fazia comentários sobre os jogos futebolísticos realizados ou em via de realização. A emissão era diária, de segunda a domingo, às 22h.
- *Tele-Baile* foi outra novidade e era um programa conduzido pela orquestra de Silvio Mazzuca. A seu respeito assim se expressou a revista *7 Dias na TV*, de 10/06/63: *“Bastante original a ideia do Tele-Baile que o Canal 9 apresenta todos os sábados, às 24h, prosseguindo até às 2h da madrugada de domingo. Contando com a orquestra de Silvio Mazzuca e a participação de vários cantores, o espetáculo se desenvolve de maneira suave, somente interrompido pelas mensagens do patrocinador (Drury’s) que, por estarem bem entrosadas no ambiente, não irritam. Caso esse espetáculo permaneça no mesmo dia e horário por mais algum tempo, pode-se assegurar que, dentro em breve, boa parte de nossa população promoverá em seus lares seus bailinhos particulares.”*

185

Continuavam na emissora programas como *Simonetti Show*, agora com o patrocínio da Cia. de Eletrodomésticos Arno; *São Paulo se Diverte*, programa de humor que, tendo contratado humoristas cariocas para tentar sua penetração em VT no Rio de Janeiro, passou a chamar *A Cidade se Diverte*; e os musicais especiais com Silvio Caldas, Juca Chaves, Elizeth Cardoso e Agostinho dos Santos.

Prosseguiam também os teleteatros: *Grande Teatro*, *Teatro ao Entardecer*, *Teleteatro Gabriel Gonçalves* (antigo *Brastemp*) e *Eu e Você*, seriado romântico com Glória Menezes e Tarcísio Meira. O *Teatro Nove* já havia terminado suas apresentações.

Permaneceu na programação por mais alguns meses ainda, o *Teatro 63* que, segundo Walter Durst, foi encerrado porque "...o Edson Leite passou a dirigir tudo sozinho... Ele importou da Argentina a telenovela diária... estimulado pelo Peña Aranda, um dos chefes da Colgate Palmolive do Brasil, que considerou a telenovela a forma ideal de divulgar seus produtos pela TV... Deu grande resultado e eles começaram a atrair os atores do nosso teleteatro para interpretar as novelas seguintes... O nosso Teatro 63 acabou... a novela não acabou mais... Evidentemente a novela custava muito mais dinheiro, mas o preço, diluído pelo número de horas que cobria, pelos contratos longos com os atores, pela audiência que alcançava, era um investimento tão mais compensador que acabou com todos os outros gêneros teatrais..."

186

Prosseguiram e aumentavam na programação os seriados importados. Além das séries *Flash Gordon*, *Interpol Chamando*, *Os 4 Homens Justos*, *Pânico*, *Mr. Lucky* e *Roy Rogers*, o Sr. Wallace Simonsen adquiriu nos Estados Unidos novas séries, inclusive os seriados médicos que tanto sucesso alcançariam junto ao público: *Dr. Kildare*, estrelado pelo ator Richard Chamberlain e *Ben Casey*, estrelado pelo ator Vince Edwards. As revistas especializadas em rádio e televisão tais como *Intervalo*, *7 Dias na TV* e *Revista do Rádio* passaram o ano de 1963 noticiando e especulando as contratações e intenções da Televisão Excelsior tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. Espalharam-se por todo o meio televisivo das duas cidades as contratações fabulosas que estavam sendo feitas, e todo artista tentou dar um jeito de trabalhar na emissora. Viveu-se um clima de grande euforia, com a imprensa dando crédito aos fatos mais extravagantes, que não se realizaram e que até podem ter sido divulgados pela própria emissora, para manter a imagem de sucesso de suas novas realizações.

Assim é que os excelentes equipamentos técnicos adquiridos pela Excelsior tanto para São Paulo como para a nova estação no Rio de Janeiro nunca passaram do material essencial e sempre com o maior aproveitamento possível do equipamento velho. As grandes atrações internacionais, como os cantores norte-americanos Frank Sinatra e

Elvis Presley ou a atriz de cinema Kim Novak, que a estação prometia trazer, nunca se verificaram. Apenas o cantor francês Gilbert Bécaud apareceu no vídeo da emissora ao fazer uma pequena temporada em São Paulo. A notícia publicada pela Revista do Rádio em junho de 63 informando que Edson Ferreira Leite tinha embarcado para a Europa com toneladas de dinheiro para trazer a atriz italiana Sophia Loren ou a atriz francesa Brigitte Bardot para a inauguração da Excelsior do Rio não passou de notícia. Realmente Edson Leite tentou na Europa contra-tações fabulosas, mas nada conseguiu.

De qualquer maneira, o Sr. Mario Simonsen tinha prometido financiamento para o sucesso da emissora e o Sr. Edson Leite conseguiu melhorar sensivelmente a audiência, que chegou, em diversos horários, ao primeiro lugar. Um fato, no entanto, era inquestionável: se a Excelsior não estava ainda em absoluto primeiro lugar de audiência, estava em total primeiro lugar em relação a boatos e comentários, por parte da imprensa e do público. A estratégia de popularidade e de chamar a atenção sobre a emissora tinha conseguido amplo sucesso.

187

E continuava a política de contratação de inúmeros profissionais, por salários elevados, mesmo sem se saber exatamente o que fazer com todos eles. A esse respeito, na *Revista do Rádio* de 7/9/63, comentou o crítico Borelli Filho: *"Não pensem que é exagero, mas ficou demodê ganhar menos de 1 milhão por mês na TV. Quem recebe menos é olhado com comiseração. Quem está causando isso é a TV Excelsior... Se alguém somar a folha de pagamentos da emissora vai gastar muita tinta só na colocação de zeros após algarismos fortes... A TV criou uma casta de milionários como se estivesse na Califórnia ao tempo das minas de ouro. A TV encontrará mercado publicitário para suportar esses investimentos fabulosos? Isso vai durar?"*

Como parte da estratégia de impacto, a Excelsior prometia televisão em cores, com a imprensa anunciando a compra de equipamentos para transmissão colorida. Em meados de 1963, foram feitas experiências em São Paulo, tendo a TV Tupi sido a primeira a apresentar filmes coloridos no vídeo.

A TV Excelsior, nessa fase eufórica, importou um equipamento básico para produção de programa colorido e não apenas exibição de filmes, como tinha feito a TV Tupi. Assim, realizou em 28/6/63, pela primeira vez na América do Sul, um grande show em cores, televisionado ao vivo, com várias horas de duração, diretamente do Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

Apesar de prometer que a programação da futura Excelsior-Rio seria em cores, bem como muitas das produções de São Paulo, a Excelsior abandonou a ideia, assim como a TV Tupi, por ser inviável, na ocasião, o alto custo da instalação de novos equipamentos e principalmente pelo alto custo da fabricação de aparelhos de televisão em cores para o público consumidor. Também a indústria eletrônica da época fez forte pressão para a ideia não ir adiante em razão do grande aumento da produção de aparelhos em preto e branco, que estavam sendo vendidos por todo o país.

188 Entre notícias verdadeiras e especulativas, a emissora prosseguia na sua arrancada decisiva em busca do sucesso, não só melhorando a qualidade das suas atrações, mas constituindo-se numa empresa nacional de televisão. O grupo Simonsen havia adquirido em Porto Alegre a Rádio e TV Gaúcha e pretendia comprar emissoras em Recife e Belo Horizonte. Diversas emissoras exibiam programas da Excelsior, em videoteipe, pelo Brasil. Cada vez mais, consolidava-se a ideia de uma rede nacional de televisão. E o passo mais importante para o sucesso dessa ideia iria se concretizar na inauguração da TV Excelsior Canal 2, do Rio de Janeiro.

Em 6/7/63, a *Revista do Rádio* publicou ampla matéria sobre a Excelsior-Rio, salientando que: *"...O ambiente da televisão carioca andava tranquilo e o advento do Canal 2 sacudiu tudo, modificando a maneira de encarar fatos e dando novas dimensões aos que militam no cenário artístico... Já a televisão Excelsior de São Paulo havia começado a movimentar o meio artístico da capital paulista, trazendo, para seus programas inúmeros artistas do Rio e de outras capitais... Isto... provocou a valorização dos artistas, quebrando o convênio existente que*

*procurava padronizar o teto dos salários... As outras emissoras paulistas tiveram que reagir... estabeleceu-se a lei da oferta e da procura... Começaram então o trabalho de preparação da TV Excelsior carioca e o início das contratações dos artistas... A primeira a reagir foi a TV Tupi de São Paulo que, notando que ficaria sem cantores para atuar em seus musicais... contratou artistas do Rio, dos quais faziam parte Emília, Marlene, Ângela Maria, Jorge Goulart, Jamelão, Dóris Monteiro e outros... A TV Record também deu sua investida... A situação estava nesse pé quando Wallinho Simonsen, jovem líder do grupo Simonsen... resolveu dar bases definitivas ao Canal 2. Foram então contratados Felício Maluhy e Miguel Gustavo como diretores administrativos. Estes por sua vez contrataram... Geraldo Casé para dirigir a programação artística, tendo como assistentes Adonis Karam e Wilson Luís e para a direção comercial veio Marcelo Arruda... Mas a verdadeira revolução começou quando foram contratados Carlos Manga e Chico Anysio. Carlos Manga, que cuidará da produção e direção de programas cômicos e musicais, levou consigo todo o cast de comediantes da TV Rio... Segundo fomos informados por Geraldo Casé, na inauguração da TV Excelsior-Rio deverão ser lançados os programas: Chico Anysio Show, Simonetti Show e uma série de grandes lançamentos cinematográficos. A programação começará diariamente às 12h exceto aos sábados e domingos, quando terá início às 9h30 da manhã... Inicialmente, a TV Excelsior trabalhará com 2 estúdios, cabines de locutores, camarins de artistas, sala de maquiagem e demais locais de trabalho. O Canal 2 trabalhará com sete câmeras, já tem duas unidades de videoteipe instaladas e a antena ficará provisoriamente no morro do Pão de Açúcar, sendo mais tarde transferida para o morro do Sumaré. Sobre a questão de ordenados, os elementos da direção da Excelsior não quiseram entrar em maiores detalhes. Geraldo Casé, sem dar números, disse-nos que quando se quer ganhar dinheiro é preciso primeiro gastar. E mais, que se pretende fazer televisão a sério, procurando dar ao espectador o melhor espetáculo para que valha a pena ter um aparelho de televisão em casa... Enquanto a TV Excelsior-Rio não está em funcionamento, os seus artistas (que já estão recebendo o salário) têm sido aproveitados na TV Excelsior de São Paulo e na TV Gaúcha de Porto Alegre.”*

Antiga concessão da Rádio Mayrink Veiga, a nova TV Excelsior-Rio, mesmo antes de inaugurada, causou enorme impacto no ambiente artístico carioca, contratando, a peso de ouro, como a imprensa fartamente divulgou, quase todos os profissionais famosos do vídeo do Rio de Janeiro. A transferência mais sensacional foi a verificada em relação à TV-Rio, Canal 13. Os Srs. Wallace Simonsen e Edson Leite contrataram, com salários até seis vezes maiores do que recebiam, todos os elementos que davam prestígio à TV Rio. Os artistas, que não podiam sair por força de contrato, preferiam pagar as multas de rescisão com o dinheiro que a Excelsior lhes adiantara. O êxodo foi tão grande que o Canal 13 teve dificuldade em manter sua programação no ar, na primeira semana. A Excelsior-Rio contratou esses artistas porque queria apresentar-se, na sua inauguração, não só com uma programação definida, mas também com elementos de sucesso que lhe garantissem a audiência. O fato provocou verdadeira briga entre as duas emissoras. A TV Rio, para não perder totalmente seus artistas, resolveu reagir contra a Excelsior, pagando salários ainda mais altos. A disputa não foi apenas referente a profissionais, mas também a programas, ou seja, as séries cinematográficas norte-americanas. Os *Intocáveis*, por exemplo, inabalável sucesso de audiência da TV Rio, teve suas novas séries compradas pela TV Excelsior diretamente nos Estados Unidos, causando mais um prejuízo à programação e à popularidade do Canal 13.

A imprensa em geral divulgou diversos nomes de profissionais que deixaram a TV Rio para atuarem no Canal 2:

- Atores-comediantes: Walter e Ema D'Ávila, Jorge Loredó, Ari Leite, Castrinho, Geraldo Barbosa, Zélia Hoffman, Dorinha Duval, Daniel Filho, Paulette Silva, Colé, Lilian Fernandes e outros;
- Diretores de programas e técnicos: Paulo Celestino, Wilton Franco, Macedo Neto, Ivan Duarte e outros;
- No setor de produção foram contratados: Haroldo Barbosa, Nestor de Holanda, J. Ruy, Mário Meira Guimarães e David Cohen;
- Nos musicais, foram contratados profissionais não apenas da TV Rio mas também de outras emissoras, destacando-se os seguintes

nomes: Carlos José, Carlos Lyra, Ciro Monteiro, Milton, Moreira da Silva, João Roberto Kelly, Zezé Gonzaga, o pianista Luis Reis, e outros. Todas as contratações obedeciam à duração de seis meses (salvo algumas exceções) e eram renováveis ou não conforme os interesses da emissora.

Sem presenças internacionais, apesar das promessas, mas com todo o elenco de fama da televisão do Rio de Janeiro, a Excelsior inaugurou sua filial em 1º/9/63, com um show em cores de três horas de duração, apresentando muitos números musicais, quadros humorísticos, entrevistas com diversas personalidades e reportagens em videoteipe, entrevistando e mostrando como moravam os mais famosos de seus contratados. Apesar de todos os esforços, entretanto, o show teve defeitos técnicos que chegaram a prejudicá-lo bastante, irritando o público telespectador.

Na Revista do Rádio de 5/10/63, um mês após a inauguração, o Sr. Borelli Filho assim comentou: *“...Estreia é sempre estreia. E não há mortal que enfrente o público... com tranquilidade ou displicência. ... Isso vem a propósito do que houve com a TV Excelsior na estreia. Verdade é que embora o aspecto empolgante da contagem decrescente para que a TV entrasse nos receptores, o começo foi terrivelmente catastrófico. Pois anunciou-se Excelsior... e a imagem, depois de tanto aparato, negou fogo. Viram-se em seguida artistas traquejados, tremendo diante das câmeras. Jota Silvestre confessou que esquecera tudo que alinhavara para dizer ao público. Jaci Campos balbuciou palavras ininteligíveis. Outros quase foram às lágrimas. Assim, num clima de emoção intensa, a estreia da Excelsior rodopiou quase em monotonia... deixou decepções. O reencontro do público com artistas famosos não se procedeu com aquele calor humano que se esperava. No tempero faltou o toque do cozinheiro que sabe fazer ... E olhem que a Excelsior tem condimentos preciosos. Seus pratos para o público vão adquirir aquela majestade que se espera”.*

A programação inicial da nova emissora veio basear-se principalmente nos grandes shows de música e humorismo, em séries norte-americanas e no jornalismo. A exemplo de São Paulo, também no Rio, com grande sucesso, passou-se a exibir o *Cinema em Casa*, ideia até então, inédita na televisão carioca.

A programação de shows musicais produzida no Rio se exibia, em VT, em São Paulo. Da capital paulista, sempre em VT, seguiam programas como *Moacir Franco Show*, *Brasil-63*, teleteatros e outros. Pelo final de 1963 e, principalmente por todo o ano de 1964, a Excelsior-Rio produziu os grandes shows (de música e humor) que marcaram época na história da televisão, como *Times Square*, *Vovô Deville*, *My Fair Show* e *Dercy Beaucoup*.

Especificamente no humor, a principal atração era o Chico Anysio Show, no qual o humorista exibia seus diversos personagens, conquistando agora o público de São Paulo e o de outros estados cujas emissoras compravam videoteipes de sucesso da rede Excelsior. Chico Anysio, no entanto, ficou pouco tempo na Excelsior, voltando para a TV Rio, alegando que a transmissão ruim da imagem do Canal 2, não chegando a vários locais da cidade, estava estragando a popularidade de seu programa.

192

A má qualidade de imagem, nos primeiros tempos da programação da Excelsior carioca, deu-se porque a emissora, para acomodação de seus equipamentos, comprou velhas instalações da Rádio Tupi, na Av. Venezuela, incluindo a antena transmissora, ultrapassada. Segundo divulgação à imprensa, toda essa situação era provisória, pois o grupo Simonsen iria construir um enorme prédio para sua instalação definitiva na Lagoa Rodrigo de Freitas.

A construção nunca se realizou. Meses mais tarde após a inauguração, a Excelsior-Rio conseguiu mudar sua antena para o alto do morro do Sumaré, o chamado Teto da TV, melhorando sua imagem e consequentemente sua audiência. Até essa transferência, contudo, o canal 2 iria ouvir muito protesto dos telespectadores, da imprensa e até dos

profissionais comprometidos com a emissora. A compra do cinema Astória permitiu ao canal 2 realizar seus grandes shows e programas de humor. Muitos programas, antes produzidos em São Paulo, podiam, agora, realizar-se no amplo palco do cinema. Um deles foi *A Cidade Se Diverte* que, utilizando grande parte do elenco de humor do Rio, não tinha mais sentido ser gravado na capital paulista. Com muito alarde através da imprensa, o programa divulgou sua reestruturação e nova estreia. A seu respeito, assim comentou o colunista Borelli Filho, na *Revista do Rádio* em 7/12/63: *“Mesmo com as deficiências de imagem com que nos chega a TV Excelsior, pudemos ver do princípio ao fim este A Cidade Se Diverte, que o Canal 2 anunciou com prodigalidade de páginas inteiras nos jornais. Bom, a coisa não é nova... a história compõe-se de quadros com alguma graça e valorizados pelo trabalho de um Walter D’Ávila, colorido pela beleza de Zélia Hoffman, salvo pelo esforço de Colé... etc. No conjunto, porém, foi apenas um programa tipo Sequência G-3, que o Gilberto Martins lançou na Rádio Tupi, há coisa de 20 anos... Ema D’Ávila deu barrigada num figurante, apelando para que seu quadro tivesse graça... Paulo Celestino fez o cronista social duvidoso... Moças bonitas entraram em cena, duplo sentido funcionou quase sempre com sentido único... Achamos paupérrimos alguns quadros sem um bom texto que os amparassem... Afinal, a cidade se diverte mesmo?... Condescendentemente pode, quando muito, apenas sorrir, em homenagem àquele mundo de gente famosa que aparece aos seus olhos. Só”*.

193

Na programação jornalística teve grande êxito a exibição do telejornal *Show de Notícias*, inovador na forma de apresentação. Abandonou-se a ideia da apresentação feita por um só profissional e introduziu-se nova dinâmica com a participação de vários profissionais como Luis Jatobá, Jorge Sampaio, Geraldo Borges, Odete Lara, Anik Malvil, Betty Faria e Sergio Porto (o famoso Stanislaw Ponte Preta) que ironizava as notícias políticas e econômicas em seus comentários. Também a notícia passou a ser narrada e comentada de forma sucinta e clara, com boa ilustração e maior variedade de informação.

Em São Paulo, *Show de Notícias* iniciou-se em outubro de 1963, com produção de João Batista Lemos, copiando o esquema carioca. O jornalista Fernando Pacheco Jordão foi um dos seus apresentadores e assim o comentou: *"...A Excelsior estava se desenvolvendo muito, contratando muita gente e eles planejaram um novo departamento de jornalismo... e levaram o João Batista Lemos para chefiá-lo... Ele me convidou para trabalhar lá... A proposta política do jornal era nacionalista, muito afinada com o governo João Goulart... Essa orientação não partia da direção artística, que era o Edson Leite, mas da direção da emissora que era o Simonsen, muito ligado ao Jango... Como televisão, a proposta era fazer um programa mais solto, mais informal... Ele inovou na apresentação, com uns 4 ou 5 apresentadores... O programa tinha seções que não entravam todo dia, entravam se houvesse notícia... Mas era um jornal inovador no sentido de ser mais vivo que os outros, com mais comentários, mais editorializado... a própria notícia já era lida com sua carga de opinião... Nós tínhamos uma boa cobertura de rua, com um bom departamento de cinema (para filmar a notícia)... Trabalhávamos muito com fundo projetado... Uma tela atrás da gente projetava as notícias filmadas, com um projetor de 16 mm... O locutor dava a notícia, o filme referente era projetado no fundo e a câmera saía do locutor e ia aproximando no filme... Em entrevista usava-se o recurso de você dialogar com a tela... Você usava microfone só para o entrevistado na hora da entrevista, assim não entrava a voz do repórter de campo. Aí, no estúdio, você tinha que calcular o tempo da pergunta do repórter para calcular o seu tempo para fazer a mesma pergunta no estúdio e isso dava ideia de diálogo com o entrevistado."*

*Show de Notícias* foi um telejornal mais ilustrado que o comum da época, apresentando diversos filmes e imagens e não calcando a imagem principalmente no rosto do apresentador, como se fazia. No início o programa foi apresentado às 23h, por causa do horário político eleitoral gratuito. Passada a campanha política de 1963, o telejornal entrou no horário para o qual havia sido programado, às 22h, com 30 minutos de duração.

Também em São Paulo, outra apresentação jornalística de sucesso da emissora foi o telejornal *A Marcha do Mundo*, com 15 minutos de duração, veiculado diariamente às 19h40. O jornal tinha a apresentação de Kalil Filho, famoso ex-apresentador do telejornal Repórter Esso, da TV Tupi. O apresentador foi levado para o Canal 9 por Edson Leite em represália ao fato de a TV Tupi ter tirado do Canal 9 o comentarista esportivo Mario Moraes, uma das maiores forças da apresentação do esporte na Excelsior.

O telejornal também obedecia ao posicionamento político de união ao presidente Jango. Kalil Filho o apresentava sozinho, em pé, junto a quatro telas cinematográficas, que continham o primeiro fotograma das primeiras quatro notícias que teriam ilustração cinematográfica. O apresentador introduzia a notícia e virava para a tela que ia exibí-la. O filme se movimentava e a notícia era ilustrada. *A Marcha do Mundo* foi um telejornal mais convencional que o *Show de Notícias*, sem comentários e com informação bastante imediata. Seu patrocinador era a Mercedes-Benz. O horário do telejornal, após duas telenovelas, garantia a audiência dos que já estavam ligados no 9, além é claro da audiência dos interessados apenas no noticiário propriamente dito. Esta estratégia foi uma inovação da Excelsior que, quando passou a ocupar o primeiro lugar de audiência em São Paulo em telenovela, conseguiu também o primeiro lugar de audiência para o telejornal veiculado entre elas.

Com prós e contras, os profissionais de televisão e a imprensa comentavam a agressiva política da TV Excelsior. Todos concordavam que pela primeira vez se valorizava o artista brasileiro e que Edson Leite estava plenamente situado entre os profissionais que sabiam desenvolver as melhores ideias de como se fazer televisão. Mas se por um lado a Excelsior beneficiou o artista, obrigando as outras emissoras a seguirem o exemplo, por outro inflacionou de tal maneira o mercado econômico da televisão, que sérias consequências vieram a se verificar, principalmente com a própria Excelsior.

A Revista do Rádio de 9/11/63 comentou: “...Segundo informa o personagem Mister Eco, Sr. Fonte Fidedigna, o montante da folha de pagamento mensal da TV Excelsior-Rio é nada menos que 100 milhões de cruzeiros, distribuídos entre quinze nomes importantes e mais algumas dezenas de pretendentes a essa categoria... E com o mercado publicitário retraído, não é sem razão que os vendedores de programas do Canal 2... suem a camisa para conseguir verba superior a essa despesa respeitável”.

196

Compreendendo que para conseguir e manter audiência a Excelsior precisava se tornar uma emissora popular, Edson Leite, ao assumir a direção artística em São Paulo, não só continuou com as ideias criativas da gestão anterior, mas também incentivou esquemas de maior aproximação com o público. Para isso, seu assistente José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o desenhista Laerte Agnelli e Rui Perotti elaboraram a famosa dupla de bonequinhos, um menino e uma menina, que se tornaram o símbolo da emissora. Esses bonequinhos representavam crianças de 6 ou 7 anos e eram veiculados (em filmes de animação ou slides) para informar a hora certa, a temperatura, as próximas atrações e pedir desculpas quando algum defeito técnico tirava a emissora do ar. Com o tempo, essa comunicação aumentou para saudar datas festivas e cívicas, campanhas beneficentes e serviços de utilidade pública. Tornando-se o principal logotipo da emissora, os bonequinhos apareciam na programação da imprensa, nos comunicados oficiais, nas propagandas e nos equipamentos e viaturas. Outra de suas funções era chamar a atenção do público para as principais atrações que seriam apresentadas em outros horários (ou dias), com o objetivo de mantê-lo na Excelsior.

O telespectador já estava acostumado com as faixas da programação horizontal, ou seja, às 19h telenovela, às 20h show, às 21h seriados cinematográficos e assim por diante, todos os dias. Agora seria preciso acostumá-lo com a programação vertical, isto é, o que viria depois do horário que ele tinha escolhido. Assim, quem estivesse interessado apenas em telenovela às 19h, deveria ser cativado para as atrações se-

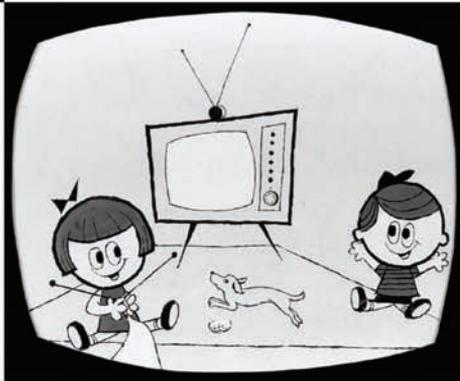
guintes, sem desligar o aparelho ou mudar de canal. Os bonequinhos tinham também a função de mostrar como era interessante o próximo programa. Essa tática foi iniciada em 1961 (sem os bonecos), mas só em 1963 começou a obter bons resultados em razão das atrações de sucesso que a emissora estava exibindo.

Ideias desse tipo, na época, foram muito inovadoras e até hoje são seguidas por todas as emissoras de televisão. Segundo Álvaro Moya, um dos motivos de, na Excelsior, ao terminar uma apresentação não se dizer – boa-noite, nem mesmo ao término do telejornal, era exatamente para não interromper a ligação com o público da emissora. Todos esses filmes de animação (com os bonequinhos ou não) chamados vinhetas de intervalo, prendiam a atenção do telespectador por sua novidade. Também no Rio de Janeiro, meses mais tarde, eles foram utilizados pela Excelsior e logo copiados pela TV-Rio, Canal 13, a grande rival da Excelsior, que havia entrado na briga pela audiência, com toda a sua capacidade.

197

A esse respeito publicou a Revista do Rádio de 5/10/63: *“Guerra das Vinhetas – As emissoras de televisão fizeram uma grande descoberta: que são, realmente, importantes veículos de publicidade e que promovendo vendas, podem promover-se também... Pelo menos duas tevês do Rio estão sapecando vinhetas publicitárias de seus programas e dizendo-se, cada qual, a melhor... A TV Rio manda que os telespectadores fiquem no seu canal, porque tem filmes, shows e bom humor. A TV Excelsior não deixa por menos. A guerrinha está ficando ótima. Lembra aquela história dos três salões de barbeiro numa mesma rua. O primeiro botou um cartaz na porta: O melhor do Brasil. O outro sapecou uma tabuleta: O melhor barbeiro do mundo. O terceiro foi mais objetivo: o melhor barbeiro desta rua. Será que a TV Tupi-Rio, como terceira parte nessa luta, vai criar uma vinheta desse gênero?”*

Outra inovação da direção artística anterior, que Edson Leite tentou manter sempre que possível, foi a observância da entrada dos programas no horário prometido e a de um tempo fixo de veiculação da propaganda comercial em cada intervalo. Entre as várias propagandas



*Vinhetas de apresentação dos programas*



Bibi Ferreira e seu companheiro de canal 9, Horácio Esquivel.



O criador de "Cativo", rodeado de fãs no "haal" do Teatro.



A elétrica Éllis Regina, ao ritmo do Zimbo Trio.

## O QUE O PÚBLICO NÃO VÊ

Em nossas andanças por trás dos batidores, estivemos no local destinado aos Roqueteados. Ali, cada um acomodado em sua poltrona, à medida que era chamado, descia a passarela até o palco, onde recebia o Troféu, das mãos de Idalina de Oliveira, de Wilma Chandler, Selmy Barbosa ou Márcia Maria, sob os aplausos do público e as tiradas do mestre de cerimônias, Blota Júnior.

★ O comentarista Flávio Iazzetti não gostou de não constar do livreto especial do Roquette, o nome da Equipe Esportiva.

★ O cenógrafo do canal 9, Horácio Esquivel, esqueceu em casa seu convite. Por isso foi impedido de entrar e só não ficou de fora por intercessão deste repórter, que o apresentou aos porteiros.

★ Geraldo Blota, glosando, dizia: «Smoking de gola fina, minha gente, é da Casa Teatral!» Muita gente olhou para os respectivos.

★ Na poltrona destinada ao comediante Renato Côrte Real, constava o nome de seu irmão Roberto. «Viu só em que dá ter irmão famoso?» — disse o «Papai Sabe Nada».

★ A dupla inseparável Darcy Reis e Braga Júnior, a título de brincadeira, foram indicadas as poltronas que tinham afixadas estes nomes: Tônico e Tinôco. A gargalhada foi geral.

★ O galã Hélio Souto, solicitado por um repórter, disse: «Um momento! Vou procurar minha esposa que é algo sensacional... para mim, é claro!»



*Festa de inauguração  
com Odete Lara, Alceu  
Teixeira, Rute Prado, Iri-  
na Grecco e Hélio Souto*



*Recebendo Jean-Paul  
Sartre e Simone de  
Bouvoir*



*Álvaro de Moya em  
almoço com Sérgio Car-  
doso e Procópio Ferreira*



*Moacyr Franco Show*



*Glória Menezes em campanha de vacinação*



*Programa J. Silvestre*

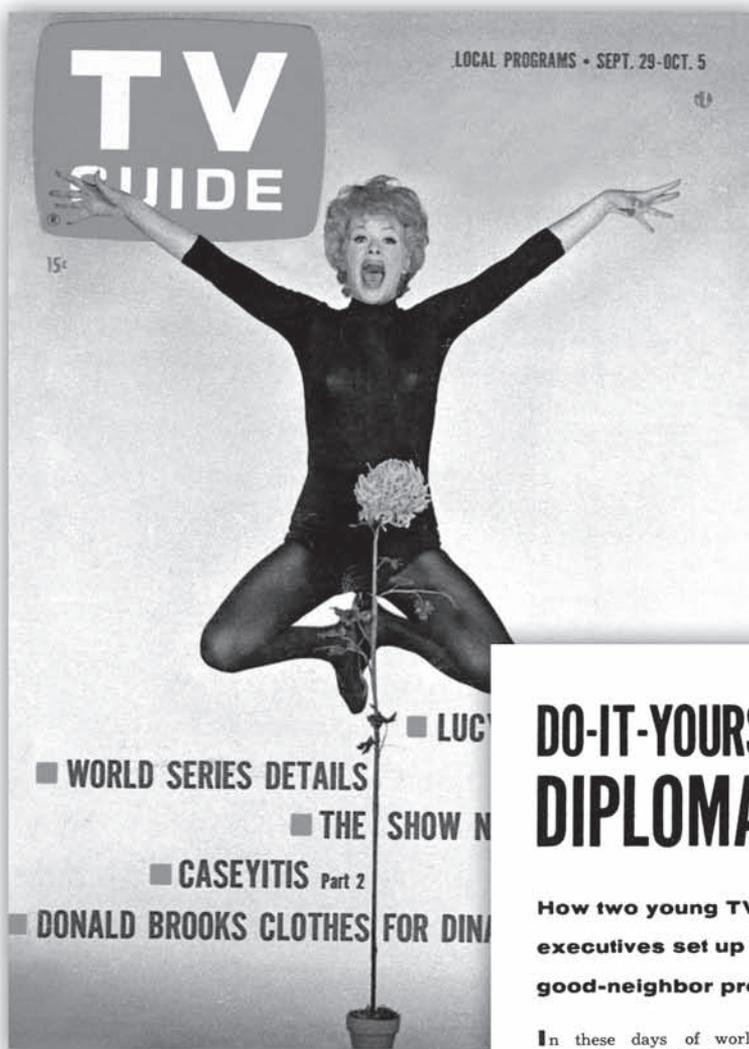


*Álvaro de Moya  
e Walter Stuart*



*Visita de  
Cesar Romero*





*Revista TV Guide com reportagem sobre a visita do ex-presidente Juscelino Kubitschek a Sidney Pike nos EUA*

## DO-IT-YOURSELF DIPLOMACY

**How two young TV executives set up a good-neighbor program**

In these days of world political, economic and military turmoil, nothing is more important than communication and understanding between peoples. Two young men—one from Boston and the other from Sao Paulo, Brazil—have devised a simple method of promoting such understanding. They exchange television programs.

On a trip to Brazil last December, Sid Pike, production manager of WHDH-TV in Boston, discovered that a cousin by marriage in Sao Paulo, Alvaro Moya, held a corresponding position with TV Excelsior (Channel 9) there. They exchanged shoptalk,

agreed to write to each other, and, in a happy inspiration, decided to correspond by means of television documentaries in which each would explain his country and its way of life—which they would then broadcast.

Since that conversation last winter, Pike has sent six programs to Sao Paulo, received two Brazilian programs in return (another Brazilian show is expected soon). Three of the Pike programs were tapes of last year's National Basketball Association championship series. In the area of art and entertainment, Pike sent a Dave Brubeck jazz show and a program featuring folk-singer Harry Belafonte. The sixth program was a documentary on an average American suburban family—his own.

The Brazilian TV personnel can't turn out programs with the same facility as Americans. However, the one Brazilian program that has been telecast in Boston has been a credit to them. It was a magnificently produced documentary filmed on the fabulous Copacabana Beach at Rio de Janeiro.

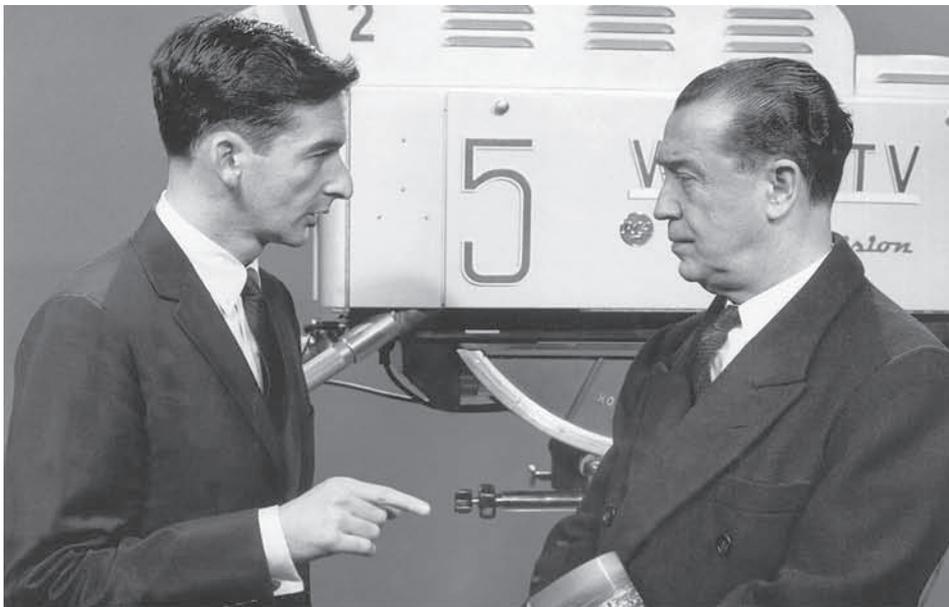
The second Brazilian program, due to be telecast late this fall, features the orchestra of "Simonetti," reputedly Brazil's counterpart of Spike Jones.

The interest and eagerness with which the Brazilians greeted the American programs is amply demonstrated by the fact that other TV stations in Brazil (there are 13 in all) and one in Chile have requested permission to show Pike's documentaries. The producer is arranging for distribution.

The TV "letters" exchange is one people-to-people project that happens to be costing the Government, or for that matter, anyone else, very little. Pike's Brubeck and Belafonte shows, for example, were lifted from a local series on his station. Permission to run the basketball tapes was given gratis by Walter Brown, president of the Boston Celtics. The costs of producing the family-suburban show were borne by WHDH-TV.



*Brazil's ex-President Juscelino Kubitschek (r.) congratulates Pike on exchange series.*



*Visita de  
Juscelino Kubits-  
chek  
a Sidney  
Pike, EUA*





*Álvaro de Moya  
e Sidney Pike  
apresentam  
projeto de  
documentário  
brasileiro*



*Sidney Pike e  
Ted Turner assi-  
nam a  
distribuição  
da CNN  
International  
para a China*





*Capa do disco contendo as músicas da novela A Deusa Vencida*



*Glória Menezes e Tarcísio Meira, o casal da primeira novela diária 2-5499 Ocupado*



*Mirian Mehler e Francisco Cuoco, par  
central de Redenção, a mais longa nove-  
la brasileira*

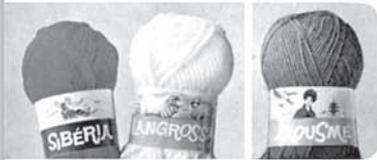


*Aparecida Baxter,  
a d. Marocas de  
Redenção*



*Regina Duarte, de modelo fotográfico a sucesso nas novelas da Excelsior*

MODA DA EUROPA PARA VOCÊ COM... **Lã** *artista*

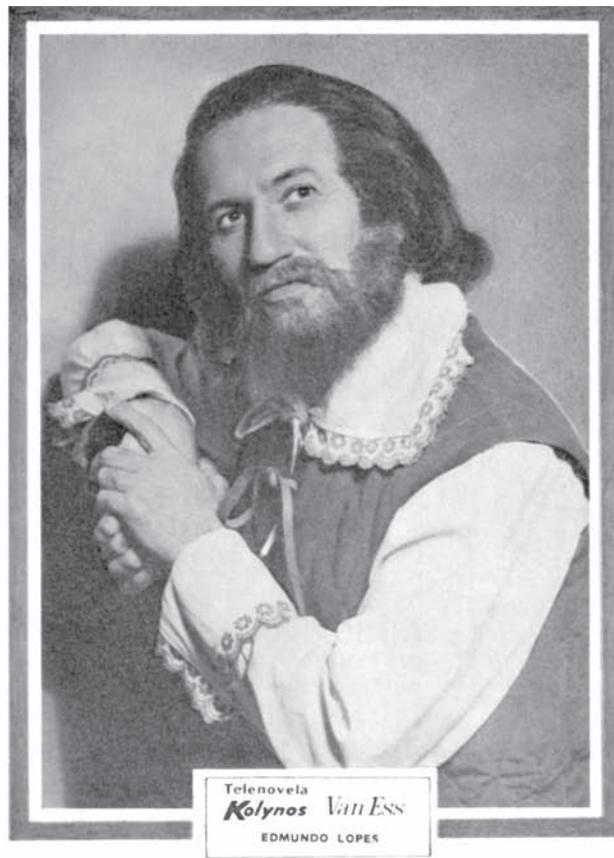


Um lembrete: peça também para seu Minimo [nome] - um fio diferente.





Arlete Montenegro, em A Muralha (abaixo com Carlos Zara)



Edmundo Lopes, em A Muralha



*Cenas da abertura de As Minas de Prata, com Arlete Montenegro, Armando Bogus e Sonia Oiticica*





*Pelé, lançado como ator na novela Os Estranhos*

*Teleteatro (ao centro, Edson França e Rogério Mécio)*



Teleteatro  
*A Noite Tudo Encobre*, com Arlete Montenegro,  
Gianfrancesco Guarnieri, Ruthnea de Moraes,  
Serafim Gonzales e Carminha Brandão

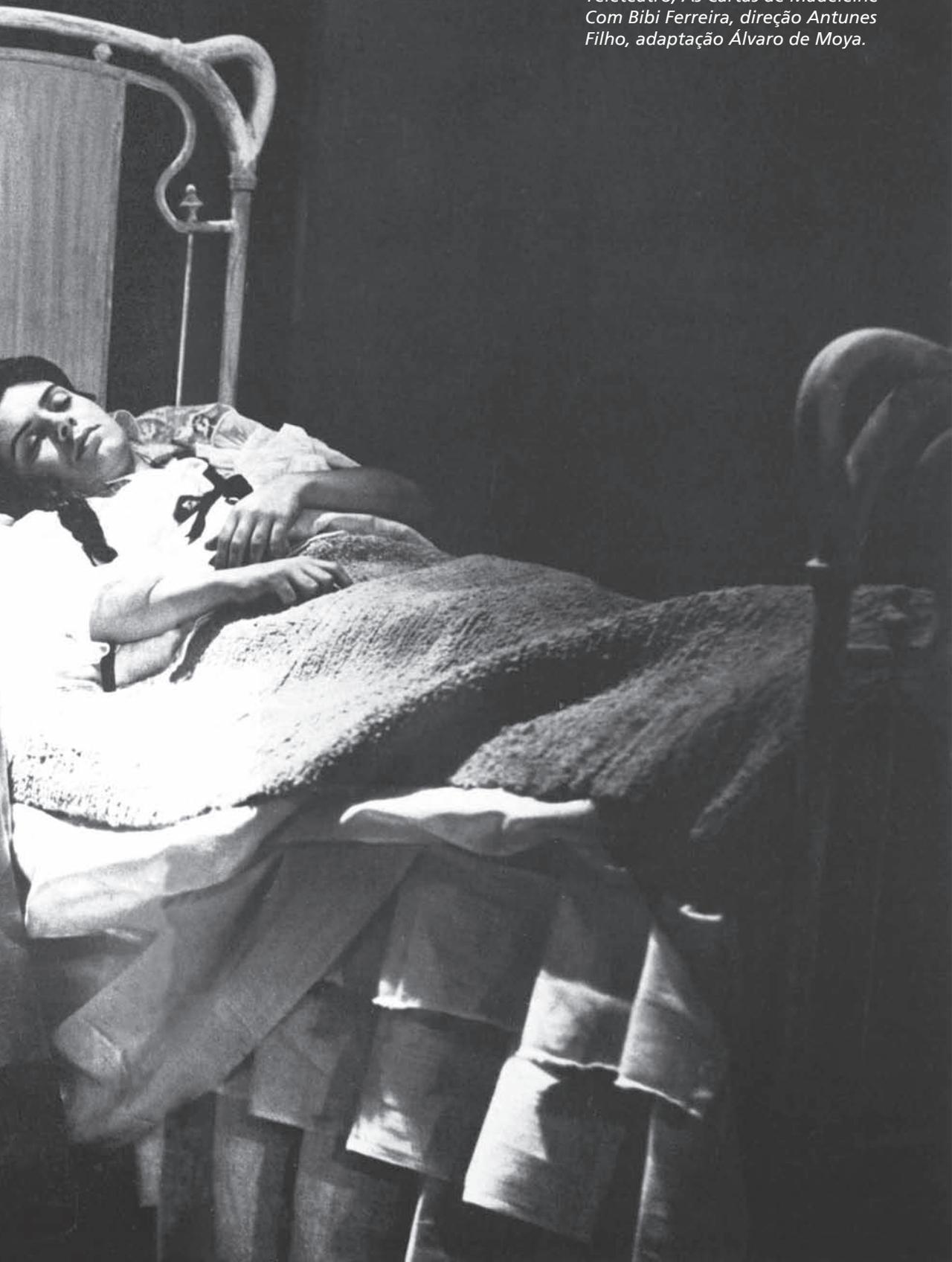




Teleteatro Brastemp, A Canção de Bernadete



*Teleteatro, As Cartas de Madeleine  
Com Bibi Ferreira, direção Antunes  
Filho, adaptação Álvaro de Moya.*





*Bibi Ferreira em Brasil 60, 61, 62...*



*Agostinho dos Santos e Lupiscínio Rodrigues*



*Lúcio Alves*



*Alaide Costa*



*Dick Farney*



*Daisy Paiva*



*Sérgio Ricardo*



*Equipe da TV Excelsior*



*Pelé*



Caio Alcântara Machado



D. Rossé Cavaca



Vinícius de Moraes, Alaíde Costa e João Gilberto



Lamartine Babo



*Dorival Caymmi*



*Carlos Galhardo*



*Silvio Caldas*



*David Nasser*



*Aracy de Almeida, Silvio Caldas e João Dias*



Leon Eliachar



Silvio Mazzuca



Amândio Silva Filho,  
Vera Nunes e Caçulinha



Maestro Simonetti



Pedro Luiz



Peri Ribeiro e  
Dalva de Oliveira



O CRIADOR  
 E A  
 CRIAÇÃO



PROCÓPIO X BIBI TOMARAM SÃO PAULO



# BIBI E PROCÓPIO (O CRIADOR E A CRIAÇÃO) ESTÃO PRESOS A SÃO PAULO

Em alguns tempos, Bibi Ferreira não tem aparência um pai, um parentesco mesmo com ela, sua a singular e única da TV, a única de São Paulo. Foi sempre Procópio, o criador, o responsável por ela. Bibi Ferreira, a filha, a criação, a obra de Procópio. Bibi Ferreira, a filha, a criação, a obra de Procópio. Bibi Ferreira, a filha, a criação, a obra de Procópio.

O espaço para a Procópio que o tempo não se dá sentir em sua existência. Não desgostou-se talhado, que é enorme.



Agora, Procópio, como a filha Bibi, está no lado A lado da TV. Mas no momento de estar Bibi Ferreira, não mais atrás.



Seu objetivo de dizer que trabalho há de ser no tempo e para isso está em São Paulo. Bibi Ferreira, a filha, a criação, a obra de Procópio. Bibi Ferreira, a filha, a criação, a obra de Procópio.



Trio Mocotó



Daisy Paiva e Blecaute

Entrega do Troféu Saci



Júlio de Mesquita Filho



Vanda Lacerda e Wilton Franco



Roberto de Almeida Rodrigues





Pedrinho Mattar, Chu e Rubinho (Zimbo Trio)



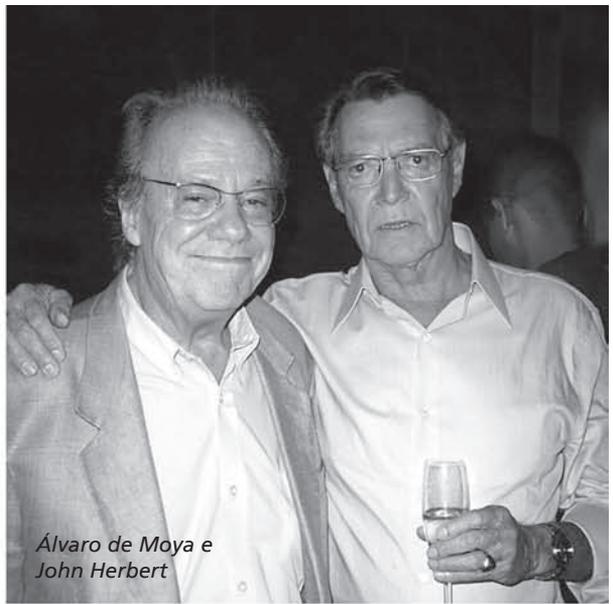








*Álvaro de Moya e  
Tony Ramos*



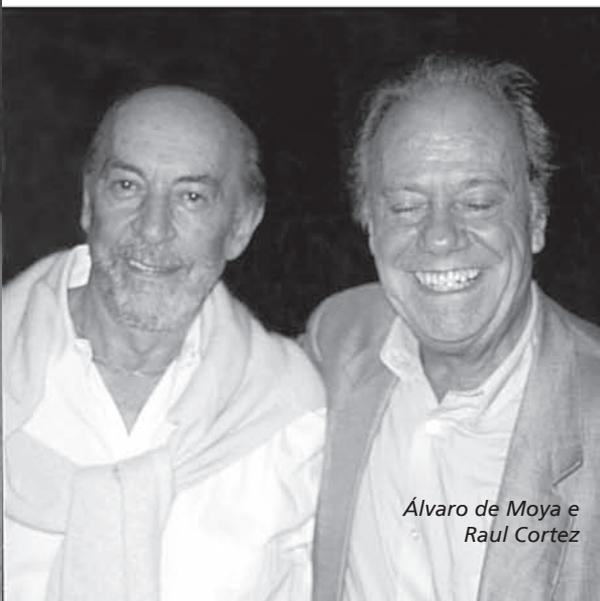
*Álvaro de Moya e  
John Herbert*



*Álvaro de Moya e  
Eva Wilma*



*Álvaro de Moya e  
Juca de Oliveira*



*Álvaro de Moya e  
Raul Cortez*



*Álvaro de Moya com  
Cyro Del Nero, Paiva e Júlio Medaglia*

que a Excelsior fazia de si mesma, pela imprensa e cartazes de rua, uma tinha o slogan: *2 Minutos, Um Sucesso*. No jornal paulistano *A Gazeta Esportiva*, o colunista Denis Brian, em 21/2/63, comentava: *"...Verdadeira inovação será realizada pela TV Excelsior de São Paulo em seus intervalos comerciais. A partir de março, o intervalo passará a ter apenas 2 minutos, com um total de 4 anúncios de 30 segundos cada, que tanto podem ser filmes, jingles, tabletops, etc., o que quer dizer que mal termina um programa começa outro re-presentando, na prática, total dinamização de todo os horários do Canal 9. Verdadeira revalorização do horário comercial, o intervalo de 2 minutos dará mais força aos argumentos dos clientes... pois é evidente que os anúncios competirão entre si também em matéria de qualidade. Além desse intervalo, a TV Excelsior terá um interprograma, dividido da seguinte forma: prefixo da emissora com aviso da próxima atração, hora certa, tempo e temperatura, telejornal Últimas Notícias (noticiário local e internacional com 2 minutos de duração)... Os intervalos do Canal 9 serão assistidos como qualquer programa, dado seu alto gabarito".*

230

Esse interprograma também passou a ser apresentado pelo casal de bonequinhos. Com o tempo, entretanto, já estando assegurado o sucesso de muitas atrações, a Excelsior passou a exceder o limite que tinha se imposto de intervalo comercial, principalmente nos horários de maior audiência, nos quais conseguia maior lucro comercial.

Nova medida de aproximação com o público foi a referente à campanhas beneméritas, como a verificada em novembro de 1963, em São Paulo, a favor da Cruzada Pró-Infância. Realizou-se a *Noite de Vigília*, no Teatro de Cultura Artística, onde todos os artistas da emissora, noite adentro, estavam a postos para receber donativos do público. A ideia teve amplo sucesso, não só pela boa vontade popular em colaborar, mas também para poder se ver de perto tantos ídolos, acessíveis só através do vídeo. Em frente ao teatro formou-se o pedágio da boa vontade que cobrava taxas voluntárias de todos os veículos que passavam. As câmeras do Canal 9 transmitiam os acontecimentos dentro e fora da emissora. No dia seguinte a imprensa em geral elogiava a iniciativa da

Excelsior, que mostrou que a televisão também podia ser um veículo a serviço de boas causas.

Ante o sucesso público e moral obtido, também, no Rio de Janeiro a Excelsior realizou campanha para angariar fundos para as crianças pobres. Na Revista do Rádio, o colunista Borelli Filho comentou: *"... Foi uma campanha bonita a da TV Excelsior ficando 30 horas no ar sem interrupção, promovendo a coleta de fundos para o Natal das crianças pobres. O Canal 2 está fazendo de tudo para conquistar o carinho do público... Só não conseguiu vencer, por enquanto, a precariedade de sua imagem... com ruídos terríveis... chegando a ser insuportável."* Até a transferência da torre transmissora do Pão de Açúcar para o morro do Sumaré, o Sr. Borelli Filho, impossibilitado de ver as atrações da emissora, assim como boa parte do público carioca, desenvolveu intensa campanha a favor de imagem de melhor qualidade na Excelsior-Rio, em toda oportunidade.

Outras notícias divulgadas pela imprensa especializada no ano de 1963:

- A direção da Excelsior firmou um acordo com a ABC International Television para a troca de programas. A iniciativa é importante... pois tornará conhecido no exterior o trabalho da televisão brasileira.
- Fato inédito no meio artístico, pela primeira vez, um radialista recebe "luvas" para assinar contrato com um canal de televisão. Geraldo José de Almeida, após 25 anos de Emissoras Unidas, passa para o cCanal 9, ganhando 500 mil cruzeiros por mês e mais 7 milhões de cruzeiros de luvas. O locutor atuará também na rádio Excelsior.
- Concorrentes fizeram um levantamento e chegaram à conclusão que a TV Excelsior possui o maior elenco teatral (duas vezes maior que o da TV Tupi), o maior elenco de humor (três vezes maior que o da TV Paulista) e o maior número de séries filmadas... E são esses mesmos concorrentes que perguntam em quais horários serão colocados tantos artistas e tantos filmes. Ou a TV Excelsior pretende transmitir 24 horas por dia?
- Somente em setembro o Canal 9 apresentará Chico Anytio Show. O humorista, além de luvas, irá ganhar 4 milhões por mês.

- Quanto mais se dizia que a Excelsior estava abarrotada, mais gente foi contratada: Miriam Mehler, Clarice Amaral, Borges de Barros, Maria Cecília, em São Paulo. E Colé, Marivalda, Sergio Porto, Sergio Brito, Íris Bruzzi, Anilza Leone, no Rio. O que a Excelsior vai fazer com tanta gente?

## 1964

232

Tendo instalado dois centros de produção de programas, em franca atividade, a Rede Excelsior de Televisão estabeleceu, para o ano de 1964 que a produção de São Paulo se dedicaria mais às atividades de representação teatral, e a produção do Rio de Janeiro se dedicaria às atividades de show e humorismo. Os dois centros teriam emissões jornalísticas próprias, podendo ser trocada alguma notícia em vídeo-teipe, cuja matéria valesse a pena ser exibida e que principalmente resistisse, como informação, até o dia seguinte, quando passaria na outra emissora. Programas de sucesso como o de Bibi Ferreira ou de Moacyr Franco continuariam a ser produzidos em São Paulo. Os dois centros manteriam suas pequenas produções de interesse apenas local.

Estabelecia-se, assim, a linha de programação da Excelsior em escala nacional, com alguns horários fixos, como o de novelas, a partir das 19h, o horário de shows às 20h e os seriados importados às 21h. Como não havia ainda transmissão via satélite, como é feito atualmente, a Excelsior mantinha sua rede de programação através do vídeo-tape. Um show exibido no Rio de Janeiro na segunda-feira, por exemplo, podia ter sua exibição em São Paulo na terça-feira, em Porto Alegre na quarta-feira e assim por diante em outras capitais.

Como os proprietários da Excelsior eram também proprietários da Panair, empresa nacional de viação aérea, as fitas de vídeo chegavam

com regularidade aos locais destinados. Essa sistemática era observada também em relação às telenovelas que eram exibidas, primeiro, em São Paulo, seu centro produtor, e depois, nos outros estados.

A telenovela foi a principal produção da Excelsior a consolidá-la como rede de televisão. Após a exagerada aceitação por parte do público, iniciada neste ano de 1964 e continuada nos anos seguintes, e o declínio, a partir de 1967, dos grandes shows produzidos no Rio de Janeiro, a telenovela foi o grande sucesso popular da Excelsior, nas principais cidades brasileiras.

A telenovela *Ambição* foi a primeira novela da Excelsior a fazer grande sucesso de audiência. Foi adaptada por Ivani Ribeiro, teve a direção de Dionísio Azevedo e a participação, entre outros, de Lolita Rodrigues, Tarcísio Meira, Arlete Montenegro, Flora Geny, Mauro Mendonça, Rogério Márcico e Turíbio Ruiz. Os telespectadores envolveram-se tanto pela trama da novela que os atores recebiam dezenas de cartas, aplaudindo, criticando ou dando sugestões. A atriz Arlete Montenegro, que na história desempenhava o papel de uma moça má, declarou que só não apanhou na rua porque seu noivo a protegeu diversas vezes dos espectadores mais agressivos. Quando o personagem do ator Turíbio Ruiz ficou desempregado, o próprio ator recebeu três ofertas de emprego, além de roupas e mantimentos. Iniciava-se assim o grande processo de identificação do telespectador com o veículo televisão, no qual já não havia grande separação entre a ficção e a realidade. Era também o início do grande fascínio da telenovela que perduraria pelas décadas seguintes.

*Ambição* foi uma das primeiras telenovelas a utilizar um ambiente real para gravação. O fato se deu porque com o sucesso de audiência, os produtores resolveram que o próprio público participaria do capítulo final, na cena de casamento entre os principais personagens.

A encenação foi realizada na Igreja da Consolação, em São Paulo. A multidão que compareceu interrompeu o tráfego, atrapalhou a gra-

vação e danificou diversos objetos da igreja, no fascínio histórico de chegar perto de seus ídolos.

O sucesso de *Ambição* definiu o tipo de produção que se deveria realizar na Excelsior de São Paulo: o das telenovelas. As condições de gravação de telenovelas na Excelsior eram muito precárias. Utilizava-se o palco do teatro de Cultura Artística, em São Paulo, após o encerramento da programação de shows. Segundo declarações da atriz Arlete Montenegro, as gravações iniciavam-se depois da meia noite e duravam a noite inteira, encerrando-se por volta de 9 ou 10 horas. As diferentes novelas alternavam seus horários, gravando, cada uma, duas noites por semana.

234

Parte dos equipamentos novos prometidos pelo dono da emissora já havia chegado e com o antigo, desdobravam-se pelas diversas gravações. Pela falta de bons estúdios o Canal 9 começou a intensificar a gravação de cenas externas, em suas telenovelas, mas ainda com bastante dificuldade técnica. A esse respeito comentou o Sr. Wallace Simonsen: *"...Fazer ...novela era uma coisa de louco ...os carros de externa eram ônibus Mercedes-Benz, cheios de coisas dentro. Para fazer novela nós tivemos que instalar videoteipe dentro desses ônibus. Não tinha dublagem ...o som saía todo atrapalhado, o pessoal amarrando as coisas ...com arame ...era tudo nessa base ..."*.

Aumentada a produção de telenovelas, em proporção ao sucesso de audiência que vinha sendo obtido, a TV Excelsior não podia mais continuar a dispor de um espaço tão pequeno para as suas produções, como era o espaço do Teatro de Cultura Artística. Apesar do esforço de todos, principalmente atores e técnicos, tornou-se urgente a necessidade de espaços maiores para as gravações. Desde o início de 1963 a emissora vinha tentando utilizar os estúdios da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, pertencente ao governo do Estado de São Paulo e quase em estado de abandono.

Apesar de o assunto não ter sido suficientemente esclarecido, o mais provável é que a Excelsior tenha desistido da compra da Vera Cruz pelo

alto preço do investimento e também pelas implicações políticas que o caso estava tomando, com discussões entre a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, o gabinete do governador Carvalho Pinto, que estava se retirando do governo, e o gabinete do novo governador eleito, Adhemar de Barros, que ia tomar posse.

A TV Excelsior jamais se retiraria do negócio apenas em favor da indústria cinematográfica nacional. Dentro das hipóteses, é possível que, como Edson Leite e Alberto Saad eram amigos de Adhemar de Barros, a Excelsior tenha preferido esperar a posse do novo governador para solucionar o problema de forma “amigável”.

Em 1964, a emissora arrendou, temporariamente, a enorme área e realizou, tranquilamente, suas produções. E conforme o depoimento da atriz Márcia Real: *“...a gente enveredou para novela e aquilo virou uma indústria. Chegou ao ponto de, no tempo da Vera Cruz, haver quatro estúdios funcionando, gravando quatro novelas ao mesmo tempo, com quatro elencos... a gente até disputava para ver que elenco gravava mais capítulos por dia... Nós chegávamos a gravar cinco capítulos num dia...”*.

235

Após a telenovela *Ambição*, o Canal 9 encenou, entre outras, as telenovelas *Mãe* e *A Moça Que Veio de Longe*. Exibidas também no Rio de Janeiro, em videoteipe, a Revista do Rádio de 5/9/1964 salientou: “Indiscutivelmente as novelas voltaram à ordem do dia... Todas as emissoras de TV do Rio, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e de outras capitais passaram a interessar-se, com entusiasmo, pelo gênero, que tem multidões de aficionados... Como não poderia deixar de ser a Excelsior aderiu francamente às novelas. Antiga história que o rádio já apresentou... é hoje grande êxito na Excelsior, todos os dias, às 19h55, inclusive aos sábados, a novela *Mãe*, de Ghiaroni.

As telenovelas transformaram-se, inesperadamente, na programação preferida do telespectador.

Em consequência, alteraram o comportamento social da época, atrasando ou adiantando o horário do jantar, fazendo com que os telefones

emudecessem, que o consumo de água e gás diminuíssem, que as pessoas saíssem às pressas do serviço (sem mais os pequenos bate-papos de confraternização), que algumas lojas e armazéns fechassem mais cedo, para que não se perdesse a emoção tão ansiosamente aguardada da continuidade da história exibida pelo folhetim eletrônico.

1964 foi um ano muito significativo na história da Televisão Excelsior. Depois do início de sua ascensão em 1963, o ano de 1964 confirmou a boa qualidade de sua programação e o sucesso junto ao público, através da descoberta da grande fonte de audiência constituída pela telenovela e através da excelente qualidade de produção dos seus shows humorísticos e musicais.

236

A estação, entretanto, viveu, nesse ano, um fato político que quase ameaçou sua continuidade. Como já foi dito anteriormente, o Sr. Mario Wallace Simonsen, dono da emissora e de várias outras empresas, tinha se composto politicamente com o Sr. João Goulart, Presidente da República desde a renúncia do Sr. Jânio Quadros em 1961. Com o golpe militar de 31 de março de 1964, que depôs o presidente Goulart, todas as pessoas a ele ligadas, direta ou indiretamente, viram-se perseguidas pelos militares e políticos do novo poder. O Sr. Simonsen, como quase todos os empresários de grande poder econômico, realizava inúmeros negócios dentro e fora do País, dispondo de empréstimos vultosos junto ao governo federal e que deveriam ser pagos no futuro.

Antes da queda do presidente Jango, o proprietário da Excelsior já vinha sendo acusado de grande desvio de verbas do erário, através dos negócios que fazia com o IBC-Instituto Brasileiro do Café. A acusação era feita pelo deputado federal Herbert Levy, relator da Comissão Parlamentar de Inquérito, instituída para investigar as irregularidades da comercialização do café brasileiro no exterior, que era realizada principalmente pela COMAL, empresa pertencente ao Grupo Simonsen.

O Sr. Herbert Levy também era empresário com interesses econômicos no café e pertencia a um grupo investidor rival da Comal. A discussão

sobre o assunto ocorria há meses no Congresso Nacional e na Imprensa e envolvia políticos contra e a favor da COMAL. O Sr. Wallace Simonsen, filho do Sr. Mario Simonsen, declarou, em seu depoimento, que a causa da dívida era devido a: *“... o Brasil tinha uma cota de café a ser exportada todo ano e se essa cota não fosse preenchida, na renovação de cotas do ano seguinte, o que tinha faltado seria abatido da nova cota brasileira. (Essa regulamentação pertencia ao mercado internacional do café)... Em 1962 ou 63, a cota do Brasil não foi preenchida, pois faltava uma quantidade enorme de café... Foi feita uma concorrência... e a Comal ganhou. Então começamos a colocar café no mercado internacional... Nesse momento houve uma geadada e o preço do café disparou, mas acontece que ele (a safra estimada) já estava vendido. Aí quiseram debitar a ele (Sr. Mario Simonsen) a diferença do preço... Processaram a Comal e aí começou essa história toda... A CPI do café se iniciou no governo do Jango... o pedido partiu... do Sr. Herbert Levy... tinha também gente do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e de outros partidos... e a coisa foi feita de caso montado e eles escreveram até um livro: o Livro Negro do Café... No que tange à televisão em si, o problema começou a aparecer com essa CPI. Era uma época em que meu pai estava em grande expansão... financeiramente aplicado... e começou a haver problemas de alocação de recursos... Naquela época... ele estava procurando recompor o grupo econômico... em contato com banqueiros ingleses, no sentido de entrar em composição acionária com eles... Não no que se refere, obviamente, à televisão... que... só pode ser de brasileiros. Ele conseguiu isso, mas quando estava montada a operação, o Banco do Brasil protestou, indevidamente, um título da Comal... e ele teve de desfazer a operação toda...”*

237

Com a deposição do presidente Goulart a televisão Excelsior viveu dias difíceis. No dia seguinte ao golpe militar, a direção do Rio de Janeiro já estava sendo inquirida por não ter feito a cobertura dos acontecimentos. A direção da emissora defendeu-se dizendo que a sede da Excelsior era muito próxima ao cais do porto e que toda essa área estava ocupada por partidários do Jango e do Brizola, armados com metralhadoras. Apenas quando o Exército chegou e dominou a região

é que a Excelsior-Rio pôde fazer a cobertura dos acontecimentos. No dia do golpe militar a Rede Excelsior não transmitiu os acontecimentos nem em São Paulo nem no Rio de Janeiro por ordem da direção geral da emissora.

Segundo declarou o jornalista Fernando Pacheco Jordão: *"... já no dia primeiro de abril a gente tirou o jornal do ar, por ordem da direção, do Wallinho Simonsen, que achou melhor não colocar o jornal no ar do que dar a informação do golpe. O Adhemar de Barros... dominava a situação em São Paulo e ele havia requisitado todas as rádios e televisões, e o Wallace resolveu tirar o jornal do ar. Isso foi ter repercussão depois, em maio, porque aí nós fomos todos presos (os jornalistas)... com a acusação de termos feito greve no dia primeiro de abril para não transmitirmos a informação do golpe..."*.

A verdade é que a emissora, alinhada ao presidente deposto, não queria aceitar, tão cedo, a vitória dos militares e ver-se alijada das vantagens que usufruía junto ao poder político-econômico brasileiro.

238

Antevendo perseguições econômicas e políticas, o Sr. Mario Simonsen já havia partido para a Europa antes do golpe militar de 31 de março, passando grande parte de seus bens para o nome dos filhos e irmãos. Desde sua partida, a rede Excelsior viu-se comprometida com os mais diferentes tipos de especulações, quanto ao seu destino. A programação continuava por força dos vários compromissos assumidos, mas viviam-se momentos de grande intranquilidade. A expectativa era de que as emissoras fossem fechadas ou, no mínimo, sofressem algum tipo de intervenção. Com o Sr. Mario Simonsen fora do País por questões econômicas, muitos profissionais acreditavam que não haveria mais o respaldo econômico para se realizarem as grandes produções da Excelsior. Mesmo porque sobravam, ainda, dívidas referentes à fase da grande arrancada artística de 1963, com as inúmeras contratações, compra de seriados, equipamentos, instalações, etc.

A maior parte dessas dívidas era em moeda estrangeira e assim deveria ser paga. Nesses meses conturbados, todos os profissionais da Excel-

sior entrevistados foram unânimes em declarar que o que segurou a estação no ar, nessa crise e em outras futuras, foi o espírito de união que existia entre os funcionários. Em todo depoimento foi constante a citação “*a Excelsior era um estado de espírito*”. Os profissionais se esforçaram ao máximo para que o trabalho continuasse e o esforço deu resultado. A emissora manteve sua boa audiência, manteve seu faturamento econômico através da publicidade e chegou a aumentar a colocação de programas, enviando-os para 36 estações de televisão, pelo País. Além da consagração do gênero telenovela, com produção em São Paulo, 1964 propiciou a consagração dos humorístico-musicais, com produção no Rio de Janeiro.

Na opinião de muitos críticos e profissionais de Televisão, o musical *Times Square* foi, talvez, o melhor show já realizado pela televisão brasileira. Carro-chefe da linha de espetáculos da Excelsior carioca, o programa, gravado no palco do ex-cine Astória do Rio de Janeiro, tinha a direção artística de Paulo Celestino, textos de Haroldo Barbosa e Max Nunes e a direção musical do compositor João Roberto Kelly, que só tinha entrado para a Televisão, em decorrência da enorme divulgação que o veículo daria às suas composições.

*Times Square* introduzia uma inovação no espetáculo de televisão que era fazer da música coreografada o seu suporte básico. O programa simbolizava a famosa esquina *Times Square*, na Broadway, na cidade de Nova York, onde ocorriam as mais diversas situações com os mais diferentes personagens, em quadros cômicos e quadros musicais, exibindo o melhor elenco de humor da emissora, suas vedetes mais bonitas e seus artistas mais afamados. A esquina representava um ponto de partida para situações que se desenvolviam em outros cenários. Com muito luxo de realização, apresentavam-se quadros, dos quais salientamos: *Sallon*, em que os humoristas faziam suas apresentações assim como cantores convidados e o corpo de baile da emissora; *Caixinha de Música*, cena com Dorinha Duval e Daniel Filho, exibindo grande perfeição mímica e vocal, apresentavam um casal de bonequinhos cantores articulados

por mola de dar cordas; *Samba de Branco* no qual Zélia Hoffman, Paulo Celestino, Lilian Fernandes, Dorinha Duval, Grande Otelo, Aizita Nascimento, Daniel Filho e outros faziam ironias musicadas sobre o samba dançado pelos negros e o samba movimentado pelos brancos; a mímica triste do ator José Damião, imitador de personagens do cinema mudo, principalmente Charles Chaplin, em excelentes coreografias.

*A Grande Revista*, outro show da Excelsior-Rio, foi um programa de muito efeito visual, usando habilmente os amplos recursos do palco do auditório da emissora, o citado ex-Cine Astória. A direção era de Maurício Sherman e os textos, de Max Nunes. O programa mostrava quadros cômicos com Walter D'Ávila, Costinha, Ari Leite e outros. Apresentava também quadros musicais variados, inclusive de músicas líricas, na interpretação de tenores e sopranos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Havia ainda a participação do Corpo de Baile da emissora e os cenários e figurinos, como toda apresentação da Excelsior, nessa fase, eram de muito luxo e bom gosto.

240

*Meu Querido Show* era outro dos grandes programas da emissora. No formato de revista musical, exibia vários quadros com música de Luiz Reis e a presença de artistas famosos.

O programa que ameaçava mais de perto a liderança de *Times Square*, na preferência popular, entretanto, foi *Vovô Deville*, show escrito por Sergio Porto com a participação, entre outros, de Grande Otelo, Dercy Gonçalves, Marivalda, Ari Leite, Zélia Hoffman, Jaime Filho e Costinha. O programa teve destaque principalmente pela atuação de Dercy Gonçalves, mantendo o auditório presente e o público em casa em constante gargalhada.

Famosa atriz do teatro de revista e do cinema de humor brasileiro (as gostosas chanchadas da Atlântida), Dercy Gonçalves transformou-se na maior revelação cômica da televisão, em 1964.

A atriz começou no programa com um pequeno papel, sendo bastante aumentado em razão de seu sucesso pessoal. O seu quadro *A Perereca*

da *Vizinha* passou a ser uma das atrações mais comentadas da televisão, fazendo, até, que muita gente no Rio de Janeiro pusesse antena nova nos aparelhos de TV, para poder vê-lo melhor. Um mês depois, Dercy ganhou um programa só seu chamado *A Fabulosa Dercy*, com direção de Wilton Franco. Acostumada com os reveses da fama, Dercy não se impressionou com o repentino sucesso e declarou à imprensa que só continuava na televisão por causa dos bons salários que recebia e a ajudavam a recuperar o dinheiro que perdia nas produções teatrais que montava.

Transformada no ídolo cômico feminino da televisão da época, a atriz foi assediada pela TV Rio-Canal 13, que lhe ofereceu milhões para que ingressasse no seu elenco de humor. Formou-se um verdadeiro leilão de ofertas pelo seu trabalho entre a TV Rio e a TV Excelsior. A exemplo do humorista Chico Anysio, também Dercy ficou ora numa, ora em outra emissora, ganhando cada vez mais e sem se preocupar com as altas multas de rescisão de contrato que, aliás, eram pagas pela emissora vitoriosa na disputa. Essa atitude dispendiosa teve, mais tarde, consequências financeiras difíceis para as duas emissoras.

241

A oportunidade de tanto Chico Anysio quanto Dercy ficarem pulando de uma emissora para outra, em conformidade com a melhor oferta de salário, trouxe prejuízo de mais de 500 milhões de cruzeiros às duas emissoras em rompimento de contratos com anunciantes, despesas de pessoal e cenários não usados, horas-cruzeiro perdidas, além das pesadas multas de rescisão de contrato. Em 3/10/1964, o crítico Borelli Filho escrevia: *"... as duas novelas vividas por Dercy Gonçalves e Chico Anysio chegam ao seu término... Dercy voltou para a Excelsior... sem ligar para a... multa de 20 milhões no caso do não cumprimento de seu contrato com a TV Rio. E Chico Anysio também estará de novo no Canal 2 (Excelsior), lá pelo mês de novembro, já que a TV Rio não quis lhe dar os 10 milhões de salário que a Excelsior lhe oferecera. Os dois voltaram ao 2. Mas tem gente dizendo que logo voltarão à TV Rio... Vamos aguardar."*

A programação geral da rede Excelsior continuava introduzindo novidades. O programa de Bibi Ferreira trocou de nome e de esquema.

*Brasil 64* passou a chamar-se *Bibi Sempre aos Domingos*, com direção de Edson França e produção geral de Walter Avancini. O programa continuava a ser de auditório, com 2 horas de duração. Apresentava várias seções como música, humorismo, entrevistas, pequenas encenações teatrais, e exigiu para sua realização uma grande equipe de profissionais. A redação geral era de Marcos Rey, a direção musical de Rogério Duprat e entre seus produtores encontravam-se Roberto Monteiro, Renato Master, Barbosa Lessa e outros.

Outra novidade da estação, o programa *Musical Em Bossa Nove*, intercalava jornalismo e publicidade com o melhor da música popular brasileira, principalmente do gênero bossa-nova, com artistas como João Gilberto, Tom Jobim, Silvinha Teles, Carlos Lyra e outros. O programa tinha o comando da dupla Luiz Carlos Miele e Ronaldo Boscoli, que também o apresentavam.

242

Em relação ao esporte, a Excelsior teve grandes planos, visto que seus diretores eram radialistas ligados ao futebol. A emissora transmitiu partidas ao vivo e videoteipes dos acontecimentos mais importantes e pretendia inaugurar a transmissão em cores, em ritmo constante, através de um grande encontro futebolístico com jogadores como Pelé e Garrincha, no gramado. A imprensa anunciava que a Excelsior de São Paulo tinha equipamento completo para colocar no vídeo imagens coloridas. O grande problema era a falta de aparelhos de televisão receptores de imagens coloridas, sem os quais o público não poderia vê-las. Esses grandes planos, contudo, nunca se concretizaram e como as transmissões esportivas, na época, não tinham audiência nem patrocínio iguais aos outros programas, as transmissões continuaram comuns, sem maiores elaborações.

Um programa esportivo de inesperado sucesso de audiência foi o boxe, transmitido aos domingos às 22h. Com apresentação de Edson **Bolinha** Cury e comentários de Odilon Cesar Bras, o programa *Boxe no 9* influenciou a Excelsior carioca que passou a transmitir o esporte, suscitando nova rivalidade com a TV Rio, que, na continuada guerra

pela audiência, também iniciou a transmissão desse esporte. Em São Paulo o programa chegou a alcançar o inesperado índice de audiência de 38%, conforme dados do Ibope, divulgados na revista paulistana *Sete Dias na TV*, número 626. Uma tática de Edson Leite que contribuiu bastante para aumentar o sucesso junto ao público foi colocar artistas famosos da Excelsior, na plateia, assistindo às lutas.

No jornalismo continuava a programação de grandes entrevistas e debates, mas os telejornais da emissora, por causa da perseguição política pós-Abril de 1964, perderam sua força, em razão da forte pressão que vinham sofrendo por parte da Censura Federal como, aliás, todos os outros telejornais e programas das outras emissoras. Ante a ditadura militar nascente, a Excelsior preferiu se compor rapidamente com o governo e continuar no ar. Já na posse do presidente militar, Marechal Castelo Branco, em 15 de abril, a emissora fez um bom trabalho jornalístico, enviando para Brasília dois caminhões de reportagem e um grande equipamento que possibilitaram uma cobertura perfeita. A reportagem da Excelsior acompanhou o novo presidente desde a saída de sua casa em Ipanema, no Rio de Janeiro, até Brasília, no Distrito Federal.

Nesse problemático ano de 1964, o maior êxito jornalístico da emissora, no entanto, foi o *Telejornal Cassio Muniz* (logo chamado de *Jornal de Vanguarda*), que conseguia driblar as imposições da censura. Emitido pela Excelsior-Rio e de responsabilidade do jornalista Fernando Barbosa Lima Sobrinho, o programa, pela qualidade de sua apresentação e pela vanguarda de suas ideias sobre telejornalismo, foi premiado no Festival Internacional de Televisão de Barcelona, na Espanha, como o melhor informativo do ano. Pela primeira vez, um programa da televisão brasileira recebia consagração internacional. Sobre ele, seu idealizador Fernando Barbosa Lima Sobrinho declarou: “... Na Excelsior eu recebi convite para fazer um telejornal... diário. Aí surgiu o *Jornal de Vanguarda* (patrocinado pelas Lojas Cassio Muniz) cuja ideia partiu do seguinte ponto: todos os jornais em televisão eram apresentados de maneira formal, com uma mesa e o locutor sentado atrás, o nome do patrocinador em evidência e, como fundo, uma cortina. O locutor

*lia notícias recortadas de jornais, sem a preocupação de atualidade, era apenas um informativo, com alguns filmes ou pedaços de filmes de arquivo... Eu resolvi modificar tudo isso e levar o próprio jornalista para dentro do estúdio, em frente às câmeras. Eu trouxe gente de jornal como o Newton Carlos, especializado em crítica internacional, o Sérgio Porto, que fazia comentários, o Millôr Fernandes e uma série de jornalistas como Villas-Boas Correa, Tarcísio Holanda... O Cid Moreira era utilizado para fazer as passagens do jornal, visto que as notícias eram dadas pelos próprios jornalistas. O Jornal de Vanguarda foi crescendo e adquirindo certa notoriedade. Ganhou diversos prêmios aqui no Brasil e, para surpresa nossa, ele foi eleito na Europa, pelos diretores da Eurovisão, como o melhor jornal de televisão, ganhando inclusive do informativo da BBC. Esse prêmio foi dado com a justificativa de que era um jornal de poucos recursos mas muito criativo... Eu li na Tribuna da Imprensa que um jornalista brasileiro, que fez um curso de telejornalismo na Califórnia, nos EUA, assistiu uma aula do Marshall McLuhan, em que ele exibiu um videocassete do Jornal de Vanguarda, como exemplo de criatividade em telejornalismo. Acho que é a única cópia existente no mundo, porque a nossa televisão era tão pobre que não podia se dar ao luxo de guardar videoteipes. O Jornal de Vanguarda fez uma reformulação básica dentro do telejornalismo. Até então a televisão... não se preocupava muito com o aspecto do comentário da notícia, da informação mais profunda... Com o próprio jornalista diante das câmeras isso se modificou. O Jornal de Vanguarda iniciou também um sistema de rede ou uma espécie de rede para a época. Os comentários internacionais sobre política não morriam no dia seguinte. Assim, as partes do Sergio Porto, Newton Carlos e outros comentaristas políticos eram despachadas, em videoteipe, à noite, para os outros estados que tinham acordo com a Excelsior. Isso foi feito pela primeira vez na TV e a Excelsior foi a pioneira, formando uma rede nacional de telejornalismo através da exibição nacional do Jornal de Vanguarda, fazendo um processo de integração, de união, muito importante para a televisão”.*

Apesar do seu merecido sucesso, o *Jornal de Vanguarda* não foi o primeiro a veicular notícias para os outros estados. Como já foi dito,

esse mérito coube ao *Show de Notícias*. O *Jornal de Vanguarda* foi o primeiro a fazer essa veiculação em escala nacional de maneira mais sistemática e industrializada.

A partir do golpe militar, a proposta nacionalista dos telejornais da Excelsior tinham acabado. Os informativos nem passaram a ser perseguidos politicamente porque se tornaram inócuos, perdendo suas principais características que eram engajamento político e combatividade. Com a forte censura que passou a existir sobre os meios de comunicação de massa e com o Sr. Edson Ferreira Leite composto com governo militar, por necessidade de sobrevivência da emissora, os telejornais da emissora eram veiculados autocensurados, no intuito de não acrescentar mais problemas políticos aos que havia. Entretanto, não foram só os programas de informação noticiosa a serem fortemente vigiados pela censura federal.

Os programas humorísticos e os shows musicais da Excelsior receberam diversas intimações, por piadas consideradas impróprias ou trajes femininos considerados ousados. Os programas de Moacir Franco e de Dercy Gonçalves sofreram advertências e o humorista Costinha foi suspenso por oito dias, por ordem da censura. Também as telenovelas, em todas as emissoras, sofreram com a nova ordem imposta. Diversos textos passaram a ser considerados inadequados para os horários das 19h ou 20h e foram obrigados a se transferir para depois do horário nobre. As emissoras, para salvar o investimento, improvisaram horários às 22h e 22h30 e precisaram reestruturar toda a programação noturna. Tal medida trouxe grandes prejuízos financeiros a todas, em termos de audiência e de patrocínio.

À exceção das telenovelas, na Excelsior, os programas com cortes da censura não eram editados (montados) novamente. Nos momentos censurados eles apresentavam os bonequinhos animados, com a boca e o ouvido tapados e a palavra: CENSURADO.

Outras informações sobre a Excelsior, nesse ano, veiculadas pelas revistas especializadas:

### **Revista do Rádio**

- Recebidos pela Excelsior-Rio, três aparelhos de VT e 8 câmeras Marconi.
- Um dos programas Moacyr Franco Show, do 9, realizou admirável trabalho técnico ensejando a verificação do aprimoramento que atingiu a emissora, apresentando, no final, um bombardeio aéreo que destruiu casas e arrasa o que existia na cidade em ruínas. O cenário foi o grande e eficiente colaborador.
- J. Silvestre está animando no Canal 9, a partir das 21h00 das terças-feiras, no programa *A Pergunta dos Dez Milhões*.
- Revela-se que há um déficit mensal na TV Excelsior-Rio da ordem de 100 milhões de cruzeiros.
- Em videoteipe é apresentado o programa *Encontro com Luiz Vieira*, do Canal 9, em uma emissora de televisão de Buenos Aires, Argentina. De acordo com o IBOPE, as emissoras de TV de maiores audiências em São Paulo são: primeiro lugar, Excelsior; segundo lugar, Record; terceiro lugar, Tupi. No Rio de Janeiro são: primeiro lugar, Excelsior; segundo lugar, TV Rio; terceiro lugar, TV Tupi.

246

### **Revista Fatos e Fotos**

- O Sr. Mario Simonsen reuniu-se com todo o seu estafe, tomando medidas relacionadas às atividades de seu poderoso grupo de empresas. As mais importantes foram: o fechamento do jornal *A Nação* e a reformulação da *TV Excelsior*. Ambas as organizações vêm dando fabulosos prejuízos ao grupo Simonsen.

## **1965**

Este foi o ano de consolidação do sucesso da telenovela em todas as emissoras de televisão que se preocupavam com a sua produção.

A TV Excelsior não só lançou um terceiro horário de transmissão, como passou a cuidar da parte visual e técnica das encenações, com o maior apuro artístico.

O aumento da produção de telenovelas deu-se, principalmente, porque, além do sucesso de audiência, descobria-se, pela primeira vez, uma maneira econômica de fazer televisão. Conforme declarou o diretor Walter Avancini: *“... Num país que não existia mão de obra especializada no nível artístico... a novela se transformou no elemento fundamental... de todo um exercício de dramaturgia, de formação de atores, de autores e num custo viável por se tratar de uma programação horizontal, ou seja, o cenário, a participação artística, a estrutura contínua, minimizando o custo. Porque, se fosse pensar em termos de produção vertical, significaria um programa diferente a cada dia, portanto o custo seria exageradíssimo. Como isso seria inviável, a programação de novelas é (até hoje) constante... não se prescinde de novelas... A novela tem esse aspecto econômico no processo da televisão. E no processo brasileiro não tinha como errar porque ela sobrevive muito bem nas classes em que o povo tem baixo poder aquisitivo e em que não tinha as tradições culturais dos outros veículos... O brasileiro não tem uma tradição de cinema estruturado realmente, nós não temos uma tradição de teatro estruturado. Nós tínhamos uma tradição de rádio e de circo que veio dar essa síntese que é a programação de hoje. Tanto que a gente percebe muito de rádio e de circo na nossa televisão. E também uma sociedade de baixo poder aquisitivo, na sua maioria, como é o povo brasileiro, se transforma num público disponível para fazer a programação horizontal que é a novela... O brasileiro não sai de casa, fica com a família e vê um capítulo e o seguinte, o seguinte”*.

247

Nas produções da Excelsior, o fator principal para a obtenção do sucesso eram o espírito de criatividade e a disposição dos profissionais para se conseguir o melhor. A cenografia, figurinos, objetos de contrarregra, sempre em ordem, foram fundamentais para o êxito das produções.

Segundo declarações de Walter Avancini: *“... Se você tiver posição de que esses elementos ambientais são uma extensão do conteúdo do que você tem para contar, sem eles a coisa estará pela metade, em falta... Um figurino, um conceito visual, vamos dizer assim, está dentro do teu... conhecimento do espetáculo... Então, um bom figurino, um*

*bom cenário... é a adequação precisa... indispensável.*” Também a atriz Arlete Montenegro elogiou a infraestrutura da emissora enumerando suas vantagens, ainda inéditas na televisão da época: *“... Nós tínhamos script-girl, ou seja, continuísta, gente para cuidar do guarda-roupa, do castelo, do desenho das roupas. Nós nunca tínhamos visto isso. Porque (antes) a gente fazia tudo, ia nos livros, ia na casa teatral alugar roupas. Ou, muitas vezes, até usávamos roupas da gente ou emprestadas de amigos. De repente, não. De repente, tinha uma pessoa especializada em cada setor... Isso nos deixou imensamente felizes. E havia toda uma coordenação. Você não tinha problemas. Eles te eliminavam os problemas. Você só tinha que representar. Realmente, é inesquecível essa fase”.*

248

Arlete Montenegro, fazendo a mesma comparação sobre a criatividade atual e a da década de 1960, disse que: *“... Hoje, o que importa é a imagem, os efeitos eletrônicos, não o ator... Eu fiz novelas sob a direção do Avancini que, pelo fato de não haver mais uma câmera, ela criava enquadrações incríveis... eu cheguei a fazer uma tomada... em que eu dancei com uma câmera, agarrada na câmera e todos ficavam rodando comigo, o câmera, o iluminador, o microfone e aquilo, no ar, ficava lindo e era uma câmera só. E o outro ator dançava com a mesma câmera de novo e depois se montava... Havia uma criatividade surpreendente em todos os setores...”*

Em seu depoimento, Edson Ferreira Leite disse que todo o luxo e riqueza que apareciam nas imagens das telenovelas eram resultado da criatividade dos profissionais, do reaproveitamento do material e das tomadas de cena inteligentes e muito valorizadas, com efeitos de contraponto, iluminação, etc., pois o capital financeiro para o sustento das novelas era pequeno. Tal afirmativa, em parte, parece ter sido verdadeira, visto, em todos os anos, a emissora estar às voltas com problemas econômicos. Boa parte do lucro das emissoras era investido nas próprias telenovelas, para que continuassem a render cada vez mais. Apesar disso, no entanto, a Excelsior vinha sofrendo crises, que obrigavam a redução do

elenco artístico e a contenção de gastos, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. Por gastos acima das posses ou por má administração do capital que entrava e que não era pouco, a verdade é que, muitas vezes, os profissionais ficavam um ou dois meses sem receber salário, recebendo mais tarde, quando a direção administrativa fazia algum empréstimo bancário ou quando se recebesse uma grande verba de publicidade ou venda de programas.

A Revista do Rádio em 10/7/1965 escreveu: *“... As televisões se articularam com o objetivo único e urgente: diminuição dos tetos dos cachês pagos a artistas considerados atrações e contenção dos gastos. Houve reunião na TV Excelsior (até Dercy Gonçalves esteve presente) com diretores de programas, decidindo-se refrear os gastos considerados excessivos. Artista que for convidado terá que aceitar cachê menor que antes. Se não concordar, a emissora partirá para outra atração... A ideia, gerada pelas circunstâncias obviamente econômicas, já está sendo adotada por outras emissoras, nas quais os salários não chegam às culminâncias do Canal 2, que foi a que começou esta história de pagar fortunas ao pessoal...”*

249

Capitalizando suas forças na produção das novelas, a Excelsior apresentou poucas novidades significativas nas suas outras realizações. Uma delas foi a contratação milionária de Abelardo Barbosa, o conhecido animador Chacrinha. Após grande sucesso na TV Rio, garantindo-lhe o primeiro lugar de audiência do vídeo carioca, no horário de sua exibição, o animador foi contratado pela Excelsior por vários milhões de cruzeiros mensais, para apresentar *Discoteca do Chacrinha* e *A Hora da Buzina*, que vinham transformando-o no maior comunicador da televisão brasileira. Chacrinha mudou apenas de prefixo continuando a exibir o estilo de programação que produzia e apresentava na TV Rio. Preocupado, porém, com a audiência e qualidade dos seus programas tomou uma precaução, que foi comentada pelo Sr. Borelli Filho, em 12/6/1965: *“O Conde Abelardo Barbosa, sangue azul do reino do non-sense, de louco é que não tem centavos... Sob aquele manto diáfano da fantasia, esconde um sentido prático e uma visão de TV não muito*

*comuns nos próprios homens que têm o milagre eletrônico nas mãos. Chacrinha sabe como o público vai reagir diante desta ou daquela novidade. E, não obstante isso, decidiu manter um "olheiro" para analisar seus programas, fornecendo-lhe um relatório dos pontos altos e baixos de cada audição das séries que comanda no Canal 2. Assim, tranquilamente, dias depois de cada programa, ele pode corrigir o que não sair bom naquilo que oferece ao público. Criou uma espécie de comissão técnica para ajudá-lo a ganhar os campeonatos de popularidade. Coisa que em breve estará sendo imitada pelas TVs inteligentes, que não restringem ao julgamento dos próprios interessados o êxito desse ou daquele programa."*

250

Outra novidade foi a realização do 1º Festival de Música Popular Brasileira, pela televisão. Desde o programa *Cancioníssima-63*, a estação vinha se preocupando com a divulgação, em maior escala de produção, da música nacional. Assim, encarregou seu profissional Solano Ribeiro de coordenar a ideia de um certame nacional. Alguns anos depois, em 28/5/1969, a revista *Veja*, num artigo, escreveu: "... Em 1965, Solano Ribeiro importou da Itália e lançou em São Paulo a moda dos festivais de música popular... Nesse tempo, com o cargo de coordenador de programação da TV Excelsior, encomendou a um amigo que ia à Europa, toda a documentação possível sobre o Festival de San Remo..." Adaptando as ideias italianas às condições brasileiras, o festival foi realizado pela TV Excelsior, com a direção de Roberto Palmari. A Cia. Rhodia do Brasil assumiu o patrocínio, mas exigiu que o festival fosse itinerante, ou seja, apresentado em diversas cidades brasileiras e que as finalíssimas fossem realizadas em São Paulo, Petrópolis, Rio de Janeiro e Guarujá. Essa descentralização dificultou bastante a produção do festival, que acabou não tendo a repercussão popular esperada. Apenas a finalíssima realizada na cidade do Guarujá, em São Paulo, conseguiu salvar o evento de um grande fracasso. Isso porque Elis Regina, a grande cantora brasileira (que tinha despontado para o sucesso com a música *Menino das Laranjas* do compositor Teófilo de Barros Neto), com a sua maneira personalíssima de cantar, apresentou a música *Arrastão*, dos compositores Edu Lobo

e Vinícius de Moraes. A beleza da composição e o impacto artístico da interpretação da cantora, além de obterem o primeiro prêmio do festival, conquistaram a atenção do público. No dia 6 de abril de 1965, os vencedores receberam seus prêmios no palco do Teatro Astória, pertencente à TV Excelsior, no Rio de Janeiro. A partir daí, a música popular brasileira encontrou um de seus maiores períodos de criatividade e de divulgação através dos festivais de música realizados pela Televisão Record e pela TV Globo, nos próximos anos. Assim, o *Festival da Excelsior*, embora não conseguindo o sucesso desejado, conquista a importância histórica ao alcançar o marco inicial que viria ter tanta significação artística na história da música popular e na história da televisão brasileira.

Em meados de 1965, os humorísticos foram perdendo a privilegiada posição de audiência. É também verdade que nesse ano a rede Excelsior sofreu mudanças administrativas e econômicas obrigando-a a diminuir os gastos que estes programas acarretavam.

251

O faturamento econômico da Excelsior, além do patrocínio, provinha da venda de espaço publicitário e da venda de programas. Não havia mais a cobertura financeira do grupo Simonsen. Era necessário sobreviver das próprias rendas, continuando a manter o bom nível das apresentações e os altos salários dos profissionais. Segundo o diretor Alberto Saad: *“... o Dr. Mário (Simonsen) estava... habituado a fazer negócios em moeda estrangeira... como, por exemplo, na aquisição da (TV) Gaúcha. E depois da máxidesvalorização (do cruzeiro) foi um estouro desgrenhado, porque ele queria fazer esse pagamento e acabou não fazendo, terminou indo embora e nós tivemos que cumprir esse pagamento. De modo que esse trabalho (pagar as despesas) dependia exclusivamente do nosso faturamento...”*

Em virtude dessa situação, a emissora passou a investir nos programas de sucesso garantido como as telenovelas, abandonando as caríssimas produções da Excelsior-Rio, como *Times Square*, *Vovô Deville*, *My Fair Show* e outros superespetáculos, que custavam mais dinheiro do que

rendiam. Esses programas, além de figurinos e cenários luxuosos e caros, exibiam um elenco de 20 a 30 artistas importantes, com cachês extremamente altos. Tal despesa não conseguia nunca ser coberta pela verba do patrocinador e acarretava grande ônus para a emissora.

Em julho de 1965, a revista *Propaganda*, ao fazer uma análise de todas as emissoras de televisão do centro produtor São Paulo - Rio, escreveu o seguinte sobre a Televisão Excelsior do Rio de Janeiro: *"Atribuiu-se à TV Excelsior... a queda da TV Rio no segundo semestre de 1964 e primeiros meses de 1965. Inaugurada com um arrojo impressionante, somando valores e mais valores, com o cofre esbanjando dinheiro, contratou todo o primeiro time de artistas cariocas, enxertando alguma coisa de São Paulo. Passou a ser o centro de exportação dos programas montados para outras praças, onde repetiam o sucesso de Chico Anysio, Times Square, My Fair Show, Vovô Deville, A Cidade se Diverte, Show de Notícias. Enfim, tudo o que havia de bom estava nas mãos da Excelsior... Seus intervalos, inicialmente fixados em 2 minutos, deram um show de novidades, com a implantação dos bonequinhos, que já eram sucesso em São Paulo. As novelas funcionavam bem. Tudo o que se colocava no ar dava certo. Até os filmes. Dr. Kildare e Ben Casey formaram a competição dos médicos bonitos na TV. De repente, a organização toda passou a enfrentar problemas alheios à sua vida interna, que se refletiam diretamente na sua maneira de viver. Os gastos tiveram que ser restringidos. As contratações mais moderadas. As superproduções... passaram a se enfraquecer. O próprio elenco foi permeável às cantadas da concorrente... O esforço da TV Rio afetou diretamente esta fase de descontrole da Excelsior, e a concorrente assumiu a liderança. Em condições normais a Excelsior poderia enfrentar a parada, mas estava tolhida em seus movimentos, pois até o governo federal interveio na emissora. Assim que caiu, afetou a sua coirmã de São Paulo e a luta se desenfrearia até hoje para recuperar o terreno perdido. Isso é bom para os telespectadores, que recebem, da competição, melhor qualidade de programa... A direção da TV Excelsior está pronta para reagir... mas ainda dentro de uma fase difícil em que tem muita coisa a pagar, pois a emissora também cuidou de instalar seus novos transmissores,*

*mais poderosos, que garantem imagem mais nítida e alcance mais efetivo. Comercialmente, está com os intervalos tomados e programas vendidos. Precisa apenas reconquistar o primeiro lugar, pois esse é o seu grande objetivo deste ano. Se vai conseguir, depende unicamente de seu esforço e das esperanças de uma degradingolada da TV Rio, o que está meio difícil de se prever.”*

A condição anormal por que passava a rede Excelsior de Televisão referia-se ao resultado dos processos econômicos sofridos pela família Simonsen. Comprovado o desvio de quantia equivalente a U\$ 10 milhões de dólares em prejuízo do IBC – Instituto Brasileiro do Café –, efetuado pela Comal, o grupo empresarial teve seus bens sequestrados pelo governo federal, entre os quais se incluíam a Panair, companhia de aviação aérea internacional e a rede Excelsior de Televisão, com canais em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte. O sequestro das ações da Excelsior, entretanto, não alterou em nada sua programação. A emissora lançou um comunicado assegurando aos clientes e público que nenhuma modificação sofreriam as partes artística e comercial da rede. A única mudança verificada aconteceu na direção administrativa do Rio de Janeiro, com o Sr. Carlos Manga sendo nomeado interventor federal, por imposição do governo militar. Os demais diretores continuaram em suas funções.

Novamente mergulhada em confusões, a rede Excelsior, para não ter o mesmo fim Panair, que simplesmente foi fechada, articulou-se, iniciando campanhas evitando que centenas dos seus profissionais ficassem desempregados. Diversas alternativas foram propostas. A mais significativa, para os funcionários da rede, foi a tentar transformar a Excelsior em fundação. Assim, profissionais como Chico Anyσιο, Moacir Franco, Dercy Gonçalves, o Mudinho Damião apareceram no vídeo dizendo: *“Vocês leram as notícias nos jornais, mas não se preocupem, vocês e nós continuaremos na Excelsior, preparem-se para nos ajudar. Nós estamos desenvolvendo uma campanha para transformar as emissoras da rede Excelsior em fundação”*. Bibi Ferreira, escolhida para representar os funcionários da Excelsior nos entendimentos com

o governo federal, apresentou ao presidente Castelo Branco um plano para criar a fundação, mediante compra das ações sequestradas pelos empregados da rede, que teriam um prazo de cinco anos para pagá-las. O presidente prometeu estudar o assunto. No entanto, de acordo com a legislação que regia as empresas de telecomunicações, não existia a possibilidade da criação da fundação. Segundo o Contel – Conselho Nacional de Telecomunicações –, devia prevalecer sempre nas emissoras de radiodifusão, um regime de sociedade anônima. O que poderia acontecer seria a transferência das 80 mil ações, parte pertencente ao grupo Simonsen na TV Excelsior, aos funcionários, que passariam a integrar uma grande sociedade anônima. Mas para isso acontecer seria necessária a autorização do presidente da República, depois de ouvido o Contel.

254

Enquanto tudo isso acontecia no Brasil, o principal acionista da TV Excelsior, Sr. Mário Simonsen, aguardava o desfecho da crise em Paris. A sua defesa estava sendo providenciada pelos seus advogados que tinham apresentado nos autos do processo judicial, como garantia das dívidas reclamadas pela União, bens avaliados em U\$ 10 milhões de dólares... Como a justiça ia demorar a se pronunciar definitivamente sobre a questão, os funcionários e diretores da emissora, movimentaram-se para conseguir apoio popular para pressionar o governo a atender seus objetivos. Formou-se uma caravana de profissionais da Excelsior que partiu para Brasília (DF), para falar com o presidente da República. Em seu depoimento, o Sr. Edson Leite esclareceu: “... *Nós vivíamos sob um regime de intervenção branca... Todo dia cedo, quando eu abria a porta da emissora, eu esperava que o presidente Castelo Branco mandasse um coronel para tomar conta... Mas como nunca veio o coronel, um dia eu provoquei... eu fui até ele*”. Edson Ferreira Leite conta que conseguiu através do senador Auro Soares de Moura Andrade, na época, presidente do Congresso Nacional, uma entrevista de 5 minutos com o general presidente. E continua: “... *como ele (o presidente) era fã da Excelsior, da Bibi Ferreira... ele começou a me ouvir, dialogar e me deu 45 minutos... Terminada a conversa que girou sobre teatro, novela, Chico Anysio, futebol... eu*

*disse: – Bom, presidente..., eu vim lhe entregar a chave (da emissora)... vou voltando para São Paulo. O senhor me deu cinco minutos e eu tomei tanto tempo... Desculpe, mas como é que eu volto?... Ele botou a mão no meu ombro e disse: – Eu peguei o meu abacaxi e o senhor pegou o seu. Enquanto eu estiver com o meu, ninguém mexe no seu. Agente o seu, eu aguento o meu... Parece incrível, mas foi esse o tipo de diálogo com um cara fechadíssimo como era o Castelo Branco. A partir dessa época, o ministro do Planejamento, Roberto Campos, e também o Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil, e o coronel Geisel, chefe da Casa Militar, receberam ordens de auxiliarem a Excelsior em tudo. Então, nós... tivemos abertura de crédito no Banco do Brasil... e caminhamos e aguentamos... em primeiro lugar...”*

Nessa fase de indecisões, e afastada a ideia de fundação, a rede Excelsior foi muito cobiçada pelos governadores de São Paulo, Sr. Adhemar de Barros, e do Rio de Janeiro, Sr. Carlos Lacerda, que compreendiam a importância de os respectivos estados terem a propriedade de uma rede de televisão. O grupo da diretoria de São Paulo, tendo à frente os Srs. Edson Leite e Alberto Saad, ligados ao governador paulista, dava ênfase às propostas e interesses do Sr. Adhemar de Barros. O grupo da diretoria do Rio de Janeiro, comandado pelo Sr. Carlos Manga, tentava fazer com que a rede passasse a ser propriedade do Estado da Guanabara, já que era ligado ao governador Lacerda que, com a ajuda do Banco do Estado, havia feito empréstimos à Excelsior carioca, regularizando suas dívidas e os salários atrasados dos seus funcionários.

O governo federal não desejava que nenhum dos governadores ficasse com o controle da rede. Para tanto reservou um grande lote de ações da empresa em nome da União.

Por força dos acontecimentos políticos e econômicos, a Televisão Excelsior estava fora do controle da família Simonsen. Mas um fato inesperado veio mudar a situação: a morte do Sr. Mário Simonsen, em Paris. Existem muitas controvérsias sobre essa morte. O filho do Sr.

Simonsen, Sr. Wallace, diz que o pai morreu de morte natural. Outros profissionais e os jornais da época dizem que o Sr. Mário e sua mulher se suicidaram, numa grande crise emocional, provocada pelos acontecimentos contra eles.

Com o desaparecimento do principal acusado pelo governo federal e já tendo sido apresentado ao Banco do Brasil, em garantia, bens avaliados pelo montante da dívida, o controle da rede voltou para as mãos do Sr. Wallace Simonsen Neto, como bem hereditário.

Dessa maneira, a situação da Excelsior voltou ao que era antes. Os diretores continuaram os mesmos. Apenas no Rio de Janeiro, o Sr. Carlos Manga perdeu o cargo de interventor, continuando como diretor artístico. Pelo final do ano, contudo, o Sr. Wallace Simonsen, num momento emocional difícil e pressionado politicamente, acabou vendendo os direitos sucessórios que tinha sobre as ações da rede Excelsior para os Srs. Edson Ferreira Leite e Alberto Saad, diretores da Excelsior de São Paulo e para os Srs. Otávio Frias e Carlos Caldeira, sócios da empresa jornalística Folha de S. Paulo. (O Sr. Wallace vendeu os direitos hereditários das ações por elas estarem ainda sob o controle do Banco do Brasil). Cada um dos quatro novos sócios ficou dono de 25% dos direitos sobre as ações. Apesar de o grupo Folha ter entrado para a rede, o comando artístico continuou com Edson Leite e Alberto Saad. Sobre essa época, principalmente no que se referia à situação do Rio de Janeiro, assim declarou o Sr. Wallace Simonsen, no seu depoimento: *"...estes sequestros... houve uma coisa curiosa, porque alguns diziam que isso era uma jogada do Lacerda (Carlos Lacerda) e o pessoal do Lacerda dizia que era uma jogada do governo federal... Eu me afastei porque havia salários atrasados e outras coisas... e o Banco do Estado da Guanabara colocou tudo em dia, pagou o pessoal, de maneira que eu achei essa a melhor solução... Na medida que o foco de pressão era eu, eu recuei. Estava vendo que o próximo passo seria cassar a televisão e a gerência da televisão passou a sofrer uma influência direta do poder político da época. Ela continuava sendo dirigida pelas mesmas pessoas, eu é que estava fora. Nessa situação, o juiz nomeou um depositário...*

*que era o Braguinha, presidente do Banco do Estado da Guanabara, na época do Lacerda. Então, quem tinha a gerência maior... era o governo do Rio, ou seja, o Lacerda. Mas aí o governo federal começou a implicar com o Lacerda... e começou a bagunçar tudo. Em termos administrativos, pode-se imaginar a bagunça que virou aquilo... Começou a ficar cada vez mais inviável para nós, detentores das ações, herdeiros da perseguição também, a condução, a gestão da televisão, porque havia, inclusive, dissidência dentro da própria diretoria e obviamente, muito medo da ditadura militar... Quando ficou inviável a condução da Excelsior, nós vendemos os direitos sucessórios da televisão para o grupo do Frias e Caldeira. Ela estava ficando inviável economicamente, não havia mais capital próprio para investir, ficava-se dependendo do sistema governamental e na medida que esse sistema estava contra você, não havia nada a fazer..."*

Antes da venda das emissoras, o Sr. Wallace Simonsen Neto adquiriu, na Inglaterra, equipamentos para a instalação definitiva e pronto funcionamento da TV Vila Rica, em Belo Horizonte, que estava em fase de montagem. A rede prosseguia na sua contraditória administração: em plena crise política e financeira aumentava sua cadeia de estações fazendo enormes gastos.

Em São Paulo, continuavam as produções de telenovelas, de *Bibi Sempre aos Domingos*, das produções de jornalismo, programas femininos e de serviços e retornou ao ar o programa *Moacyr Franco Show*. No Rio de Janeiro, com a diminuição dos shows, a emissora ativou o departamento de jornalismo, aprimorando os noticiários, os programas de debates e entrevistas. Como também a TV Rio ativou seu departamento de jornalismo, mais uma vez acirrou-se a concorrência entre as duas emissoras, que passaram a apresentar telejornais de boa qualidade, com a notícia quase instantânea, muitas reportagens, entrevistas e comentários, para alegria do telespectador, que é quem lucrava com essa disputa. Mesmo com o êxito do telejornalismo da Excelsior-Rio, seu responsável, o jornalista Fernando Barbosa Lima Sobrinho, deixou a emissora, por desentendimentos com Carlos Manga, indo para a TV Tupi carioca.

Apesar de nunca ter dado muita atenção ao esporte, a direção da Excelsior resolveu investir no gênero, para garantir maior audiência. Assim, contratou os melhores comentaristas esportivos da TV Rio, como João Saldanha e Armando Nogueira, deixando, mais uma vez, a sua rival desfalcada de uma boa atração. Entretanto, por interferência do patrocinador, a Excelsior, mais tarde, dispensou parte da equipe trazida da TV Rio. O fato desgostou João Saldanha, que desprezou os milhões oferecidos pela Excelsior, voltou para a TV Rio.

A audiência da Excelsior começou a sofrer um processo contraditório, a partir de 1965. À medida que suas novelas prendiam cada vez mais a atenção do telespectador, os programas de humorismo e show iam perdendo pontos no IBOPE e começaram a ser encerrados. Além do desgaste político-econômico sofrido pela emissora, a concorrência de outras estações de televisão propiciou a queda da audiência. No Rio de Janeiro, nesse mesmo ano, foi inaugurada a TV Globo, Canal 4, que usando a tática inaugurada pela própria Excelsior, começou a roubar-lhe diversos profissionais e tornou-se mais uma concorrente a disputar o público carioca.

Boatos não confirmados diziam, na época, que a TV Globo, aliada ao governo militar, teria procurado prejudicar a Excelsior politicamente, para quebrar a hegemonia de sua audiência no Rio de Janeiro.

Em São Paulo, a TV Record Canal 7, começou a investir em programas musicais lançando *O Fino da Bossa*, com o comando de Elis Regina, *Bossaudade*, sob o comando de Elizeth Cardoso e *Jovem Guarda*, comandado por Roberto Carlos. Os três programas logo conquistaram o público. Mas o fato mais importante, contudo, foi a política de união da TV Record e da TV Rio que, para fazer frente à Excelsior, esqueceram velhas diferenças e iniciaram um intercâmbio, entre as duas cidades, de suas melhores atrações. Essa medida prejudicou bastante a audiência da programação de variedades da Excelsior-Rio, que ainda assim, lançou os programas *O Show é de Graça*, com Walter e Ema D'Ávila, Moacyr Franco, Costinha, Ari Leite, Geraldo Alves e outros, e

o *Chico Anysio Show*, que voltava à Excelsior, pelo final do ano, com personagens novos, além dos atores consagrados e um elenco bastante variado. Apesar do esforço da emissora, esses programas, no entanto, não conseguiram obter o sucesso desejado.

Outro fato desagradável enfrentado pela emissora em 1965 foi a perda da ação judicial que lhe foi movida pela TV Rio, em 1964, quando a Excelsior lhe tirou os maiores cartazes. Os profissionais não podiam ter saído da TV Rio sem autorização. Iniciada a ação judicial ninguém deu muita importância ao caso, por causa da morosidade da Justiça. Mas em 25 de novembro de 1965, o apresentador Heron Domingues, do telejornal da TV Rio, anunciava, no ar, que a Excelsior havia perdido a ação e deveria pagar ao Canal 13 a importância de 190 milhões de cruzeiros, em indenização pelos prejuízos causados à programação da emissora rival. Entre reveses e conquistas, pela imprensa, especializada ou não, selecionamos as seguintes notícias sobre outras atividades da rede Excelsior em 1965:

Revista *Sete Dias na TV* – março, número 706

259

- Prêmio Sete Dias Na TV para:

Equipe Noticiosa: TV Excelsior

Show Man: Moacyr Franco – TV Excelsior

Show Woman: Bibi Ferreira – TV Excelsior

Melhor Telenovela: A Deusa Vencida – TV Excelsior

Melhor Autor: Ivani Ribeiro – TV Excelsior

- O Canal 9 furou todo mundo ao transmitir de dentro de casa a cerimônia de casamento de Pelé.

Revista *São Paulo na TV*:

- A Excelsior, depois da queda, desrespeita os telespectadores, pois bruscamente, sem o menor aviso, termina com um programa.

Cortaram o fim do programa *My Fair Show* em plena exibição. Onde está o tão falado respeito pelo público?

Revista *da Rádio*:

- Chacrinha esteve para sair da Excelsior... Mas Carlos Manga ofereceu um salário que ele nem pensava. Resultado: Chacrinha fica na Excelsior até novembro de 1966, pelo menos.

- Jacinto Figueira Junior causa impacto com assuntos reais nas suas reportagens pelo Canal 9.
- Desligaram-se da TV Excelsior os escritores Haroldo Barbosa e Max Nunes, responsáveis por vários programas de sucesso.
- O programa *Bibi Sempre aos Domingos*, do Canal 9, continua mantendo uma audiência invejável.
- O Canal 9 entregou a Oscar Fuentes a direção geral do Departamento de Teleteatros e dos estúdios da Vera Cruz.
- Dercy Gonçalves não renovou contrato com a Excelsior por não concordar com 6 milhões de cruzeiros mensais. Anteriormente Dercy estava recebendo 8 milhões por mês.

## 1966

Em 1966 (numa ascensão musical iniciada no ano anterior), a TV Record Canal 7 contratou todos os grandes valores da música brasileira, lançando programas para todos os gostos. Com a audiência conquistada nessa explosão musical, a emissora lançou também nova programação humorística e de variedades, com os grandes cartazes do gênero. Esse tipo de programação, que era tão bem realizado pela Excelsior do Rio de Janeiro, passou a ser uma das principais atrações do Canal 7, que se manteve líder de 1966 a 1969. Quanto mais se consolidava o sucesso da Record, mais fracas se tornavam as atrações, do mesmo gênero, nas outras emissoras de televisão.

Além de enfrentar essa concorrência, a Excelsior, que já havia perdido a atriz Dercy Gonçalves, perdeu mais dois importantes catalisadores de sua audiência: Bibi Ferreira, que deixou a televisão, e o comediante Chico Anysio, que voltou para a TV Rio. Em termos de grandes personalidades do vídeo, apenas Chacrinha continuava na emissora. Era preciso racionalizar a produção das telenovelas, ou seja, diminuir a

quantidade, melhorar ainda mais a qualidade e aumentar sua duração para 8 meses ou mais.

Por essa época, a Excelsior inovou em outra atitude comercial, muito usada na televisão atual. Como por meio da telenovela a emissora conseguiu construir uma "rede" (mandando esse produto para diversas outras emissoras em todo o País), ela conseguiu também implantar um sistema de faturamento nacional com a ajuda do intervalo comercial. No contrato de exibição, as outras emissoras comprometiam-se a exibir também alguns comerciais que os patrocinadores das novelas tinham interesse nacional de divulgação. A Excelsior os enviava, já gravados em um ou dois dos intervalos da novela e recebia a sua comissão. Nessa época era feito em videotape o que hoje se faz via satélite, com emissão direta para cada emissora retransmissora.

A intensa linha de produção de telenovelas do Canal 9, nessa época, obedecia a um esquema que facilitava o trabalho: na segunda e na terça-feira era gravada uma das novelas, na quarta e quinta-feira era gravada outra e na sexta-feira e no sábado era gravada a terceira. Começava-se às 8h e seguia-se até às 20h ou mais. Cada capítulo da novela tinha a duração de 20 a 25 minutos, o que permitia que, em dois dias, fossem gravados os 6 capítulos semanais. Como a gravação era feita na sequência da história, gravava-se quase direto, o que facilitava a montagem. A sonoplastia musical também era feita na hora da gravação. Isso influía na interpretação do ator, que podia sentir melhor a emoção do personagem. Conforme declarou o diretor Waldemar de Moraes: *"...Uma vez o ator Rodolfo Mayer foi fazer uma cena de Os Quatro Filhos, na qual ele discutia com a mulher e os filhos e acabava triste e solitário. Nós fizemos o ensaio e o sonoplasta, que era o Laurino Salvador, sonorizou. Íamos gravar quando o Rodolfo Mayer entrou na cabine de sonoplastia e perguntou ao Laurino se podia ouvir outra vez a música que ia ser colocada no final da cena... A música terminava com quatro acordes, três agudos e um grave, assim: plim,plim,plim,blom... Eu pensei: ele vai inventar alguma coisa. No final da cena, ele ficava*

*arrasado... a câmera entrou em close no rosto dele e a música fez plim,plim,plim e quando ia fazer blom, ele explodiu as lágrimas dos olhos. Ele segurou e explodiu no blom... Foi um negócio... tinha dessas coisas... Então o ator sentia mais a emoção..."*

As novelas eram patrocinadas pela Colgate, representada pela agência de publicidade Lintas e pela Kolynos, representada pela McCann Erikson. Essas agências mantinham sempre uma pessoa para acompanhar as gravações e verificar o que estava sendo gravado. Atualmente, a emissora é dona do horário e vende só o espaço comercial. Em geral o patrocinador pagava o horário e a emissora pagava os artistas. Mas, algumas vezes, ele chegava a pagar ao artista, quando tinha interesse que esse profissional trabalhasse só no horário dele. Na realidade, as agências pressionavam as emissoras para ter sempre a melhor qualidade do programa que patrocinavam. Contudo, como sempre eram feitas reuniões antes e durante o processo de criação da novela, estabeleceu-se, na Excelsior, que o patrocinador fizesse, apenas, uma avaliação final do produto semanal gravado, antes de colocá-lo no ar. As novelas realizadas pela emissora foram:

- *Abnegação*, de Dulce Santucci. Apresentada de outubro de 1966 a abril de 1967, teve a atração de trazer no elenco a atriz Laura Cardoso, um dos principais ícones da TV Tupi. Ainda no elenco: Fernando Baleroni, Edgar Franco, Lídia Costa, Carmen Marinho e outros.
- *Almas de Pedra*, adaptação de Ivani Ribeiro do romance *Mulheres de Bronze*, de Xavier de Montepin. Transposta para a realidade brasileira, apresentou conflitos sobre a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e a opressão da mulher na sociedade do século XIX. Com direção de Walter Avancini, teve no elenco, Tarcísio Meira, Armando Bogus, Suzana Vieira e Glória Menezes. Essa interpretação valeu à atriz os melhores prêmios da crítica de televisão no ano.
- *A Pequena Karen*, outra novela de Dulce Santucci. A novela ficou seis meses no ar e teve nos principais papéis: Suzana Vieira, Tereza Raquel, Edgar Franco, Rogério Márcico e Maria Estela.
- *Ninguém Crê Em Mim*, primeira novela de Lauro Cesar Muniz. Tendo no elenco Flora Geni, Altair Lima, Raul Cortez, Débora Duarte, Paulo

Figueiredo e Renato Borghi, foi a primeira novela da TV a tentar uma temática diferente.

- *O Anjo Marcado*, novela de Ivani Ribeiro, com Regina Duarte, Lolita Rodrigues, Paulo Goulart, Geraldo Del Rey e outros. Sucesso de público, principalmente pela presença de Regina Duarte.

- *O Caminho das Estrelas*, de Laura Luisi, com Arlete Montenegro, Procópio Ferreira, Fernando Baleroni, Geni Prado e outros. A novidade da novela foi a atuação do cantor Agnaldo Rayol.

- *A Grande Viagem*, de Ivani Ribeiro, com Regina Duarte, Flora Geni, Altair Lima, Daniel Filho, Fúlvio Stefanini, Marcia Real. Como os jornais da época revelaram o final da trama, a autora escreveu outro, e o suspense foi mantido até o último capítulo.

- *As Minas de Prata*, de José de Alencar, adaptação de Ivani Ribeiro. No elenco: Carlos Zara, Arlete Montenegro, Regina Duarte, Armando Bogus, Stênio Garcia, Fúlvio Stefanini, Suzana Vieira, Milton Ribeiro, Ivan Mesquita e outros. Superprodução da Excelsior que exigiu a construção de cidade cenográfica representando Salvador. Assim, comentou o diretor Walter Avancini: “... nós montamos uma cidade cenográfica... eu, a Isabel Pancada, o Jean Lafon e o Mario Roquette... Chegamos a ter na praça de cenografia... 300 figurantes... com roupa de época. Cheguei a fazer a famosa Cavalhada, fiz um torneio medieval com dezoito cavaleiros...”

A mais famosa iniciada nesse ano foi *Redenção*, de Raimundo Lopes, que com 596 capítulos, é a telenovela mais longa da história da televisão, sendo exibida de maio de 1966 a maio de 1968. *Redenção* utilizou o recurso de, em três ou quatro meses, introduzir um novo personagem, representado por um artista famoso, tais como: Flora Geny, Rodolfo Mayer, Fernando Baleroni, Georgia Gomide, Edson França, Marcia Real, Vicente Leporace, Miriam Mehler, Lourdes Rocha, Lélia Abramo, Edmundo Lopes, Lourdinha Félix, Procópio Ferreira e outros. Dois personagens participaram de toda a novela: o jovem médico, interpretado pelo ator Francisco Cuoco e a mexeriqueira da cidade, D. Marocas, interpretada pela atriz Aparecida Baxter. A novela teve a direção inicial de Dionísio Azevedo e depois, de Waldemar de Moraes.

Sobre *Redenção*, comentou a atriz Flora Geny: “... *Eu lembro que eu e o Fernando Baleroni fizemos toda a primeira parte da história, até a chegada do novo médico da cidade, que era o papel do Francisco Cuoco... e nós morríamos, o Baleroni e eu... Na nossa fase, não existia ainda a cidadezinha, depois é que a montaram para a gravação...*”

A atriz se refere à maior e mais famosa cidade cenográfica construída pela Excelsior, que foi a cidade de *Redenção*, onde se ambientaram todas as demais fases da trama e que veio, mais tarde, se transformar na, hoje, conhecida *Cidade da Criança*, em São Bernardo do Campo.

Conforme explicou o diretor Waldemar de Moraes: “... *Redenção... era uma cidadezinha. Então tinha que ter... estação de trem e tal... Arranjamos um local atrás da Vera Cruz e montamos a cidadezinha... Conseguimos junto ao governo do Estado de São Paulo um trenzinho da Sorocabana... que atuava numa linha de uns 30 metros porque chegava, parava e só. Mas toda vez que tinha gravação vinham os maquinistas da Sorocabana, porque tudo funcionava... A novela começou a ficar tão famosa e a cidade, também, que o público começou a aparecer por lá, a ponto de atrapalhar a gente, ter que chamar guarda e tal... A cidade de São Bernardo do Campo começou a ficar cheia de forasteiros que iam assistir às gravações e depois iam para os restaurantes, almoçar ou jantar (dando lucro ao comércio local)... tanto que quando terminou a novela, eles deixaram a cidadezinha... como era... e criou-se depois a Cidade da Criança...*”

264

A novela *Redenção* foi criada para ter 100 capítulos. Mas seu índice de audiência estava tão bom que quase no final se resolveu criar mais 50 capítulos. Daí por diante, a história foi sempre sendo esticada, tendo como parâmetro os dados do Ibope, o que fez com que tivesse 596 capítulos. Contudo, além da cenografia, a grande importância da novela foi ter um tema essencialmente nacional, que retratava uma pequena cidade de interior do Brasil, com todas as suas figuras típicas, fazendo o telespectador identificar-se com uma realidade conhecida.

Redenção conseguiu eliminar a insegurança que os realizadores de tele-novela tinham em transportar a realidade imediata para o vídeo. O seu sucesso foi um dos fatores decisivos para que terminasse a importação (e adaptação) de textos de novelas estrangeiras na nossa televisão. No restante de sua programação a Excelsior introduziu poucas modificações. Procurou-se dar uma grande divulgação à música popular brasileira, que tanto sucesso vinha obtendo nos programas da TV Record. Foram lançados os programas: *Elza*, *Miltinho*, *Samba e Cia*, tendo a produção de Flávio Cavalcanti e *Sentimental Demais*, com Altemar Dutra, que fazia grande sucesso com a música de mesmo nome.

Em maio e junho, a emissora realizou o *II Festival Nacional de Música Popular*, com a finalíssima em São Paulo, que premiou, com o troféu Berimbau de Ouro, os compositores: Geraldo Vandré e Fernando Lona, pela música *Porta-Estandarte*. O festival, porém, não teve o sucesso do festival realizado pela TV Record, em setembro, em que fizeram enorme sucesso as músicas *Disparada*, de Teófilo de Barros Neto e Geraldo Vandré e *A Banda*, de Chico Buarque de Holanda.

265

Em agosto, a cantora Elis Regina iniciou um programa musical na Excelsior-Rio, semelhante ao programa *O Fino da Bossa*, que havia feito na TV Record. Elis apresentava-se, no Teatro Astória, às quintas-feiras, 20h, muitas vezes ao lado do cantor Jair Rodrigues, repetindo o sucesso que a dupla alcançava na capital paulista.

Ainda em agosto, foi lançado o programa *Academia Brasileira de Música Popular* com apresentação de Kalil Filho e Oliveira Neto e produção de Alfredo Borba. Outro programa lançado por Alfredo Borba foi *Esta é a Nossa Música*, que tinha a apresentação de Branca Ribeiro.

Pelo final do ano, a Excelsior fez uma grande investida nos ídolos da música popular da época, criando o programa *Ensaio Geral*, que contava com a participação de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Sergio Ricardo, Nana Caymmi, Francis Hime, Ciro Monteiro, Tamba Trio, Luizinho Eça e outros. O programa ia ao ar às terças-feiras, às 21h30.

Em relação aos programas de humor, mantinha-se a produção de *O Show É de Graça* e a de *A Cidade Se Diverte* (realizados no Rio) porque alcançavam índices satisfatórios de audiência. Os programas de auditório *Discoteca do Chacrinha* e *A Buzina do Chacrinha* faziam do comunicador Chacrinha, o líder de audiência do vídeo carioca, em seus horários. Também a presença de Flávio Cavalcanti, como comunicador, vinha crescendo, na Excelsior-Rio, através do programa *Um Instante, Maestro*. É interessante destacar aqui o caráter regional da audiência de televisão da época, antes da globalização nacional, via satélite. Apesar de líder no Rio de Janeiro, Chacrinha obtinha em São Paulo uma audiência menor. O mesmo acontecia com a comunicadora Hebe Camargo, que líder de audiência em São Paulo, não conseguia o mesmo sucesso no Rio. Também muitas das novelas famosas produzidas em São Paulo tinham menor êxito no Rio de Janeiro e vice-versa. A exibição de séries cinematográficas norte-americanas continuava nas duas cidades, mas a Excelsior já não apresentava as mais famosas e utilizava exageradamente o recurso de exibir reprises.

266

O programa que mantinha um público fiel no eixo Rio-São Paulo e em algumas outras cidades com emissoras filiadas à Excelsior era o de luta livre, apresentado no final de semana. No início pretendeu-se dar um ar de autenticidade às lutas programadas. Mas, com o passar dos meses, ficou tão visível ao telespectador que os "violentos combates" não passavam de encenação combinada entre os participantes que a atração acabou se transformando mais num programa de humor do que de esporte. Todas as emissoras de televisão, nesse ano, enfrentaram difícil situação financeira e a principal culpada era a TV Excelsior, pela tática que havia implantado dois anos atrás. No afã de tornar-se a emissora de melhor programação e audiência, a Excelsior não mediu gastos e produziu programas mais caros que o lucro que proporcionavam, como já foi salientado. Também contratou atores com salários mais elevados do que poderia pagar. As outras emissoras, para não perderem sua audiência e seus cartazes, entraram no mesmo tipo de esquema, até perceberem que nem o patrocinador, nem a venda de espaço comercial estavam cobrindo as despesas. A TV Excelsior, vivendo mais um

ano problemático, não pensava sequer em fazer frente à TV Globo (que estava lhe tirando os artistas mais famosos) ou ao sucesso da TV Record. A única emissora de televisão que aparentava não apresentar problemas financeiros era a TV Record, que vivia sua melhor fase. Mas a partir de 1968, também a Record enfrentaria grande crise e declínio causados por acidentes (incêndios) e má administração.

Outros comentários sobre a Excelsior no ano de 1966, registrados pela imprensa em geral:

### **Revista do Rádio**

- O Canal 9 lançou a série *Teatro como no Teatro*, produção de Tarcísio Meira. A peça de estreia foi *Morte e Vida Severina*.
- Charles Aznavour, o conhecido cantor francês, atuou no Canal 9, Excelsior de São Paulo, em curta temporada.
- O produtor Carlos Manga, tendo deixado a TV Excelsior-Rio, afirmou que vai exigir na Justiça do Trabalho, 140 milhões de cruzeiros em indenização, no seu processo contra a emissora.
- A Televisão Tupi do Rio de Janeiro vai pedir à Excelsior que deixe seus estúdios na Av. Venezuela. Um problema muito sério para o Canal 2, que terá que conseguir logo enormes instalações para o seu equipamento, já que o contrato entre as duas emissoras acabou.
- *Excelsior das 9 às 9* é o título da nova programação de domingo do Canal 9-Excelsior, com 12 horas de audições apresentadas no auditório, além de uma gincana de prêmios.
- O Canal 9 tem novo programa cômico *Adoráveis Trapalhões*, apresentado às quintas-feiras, 20h30, sob o comando de Renato Aragão.
- A atriz Georgia Gomide finalmente assinou contrato com o Canal 9-Excelsior de São Paulo, que há muito cortejava a atriz. Georgia Gomide vai fazer participação especial na telenovela *Redenção*.

### **Revista Fatos e Fotos**

- Relação dos programas de maior audiência no Rio de Janeiro, na semana de 12 a 18 de agosto, segundo dados do Ibope:

Discoteca do Chacrinha: musical – TV Excelsior

Moacyr Franco Show: musical – TV Excelsior

O Sheik de Agadir: telenovela – TV Globo  
Dercy Espetacular: música e humorismo – TV Globo  
Hora da Buzina: calouros – TV Excelsior  
Repórter Esso: telejornalismo – TV Tupi  
Chico Anysio Show: humorismo – TV Rio  
A Cidade se Diverte: humorismo – TV Excelsior

### **Revista Intervalo**

• Walter Stuart, o famoso comediante da Excelsior de São Paulo, relança o seu tipo *Olindo Topa Tudo* (conhecido desde o começo da década) num novo seriado da emissora.

## **1967**

268

A TV Excelsior iniciou o ano de 1967 enfrentando várias questões trabalhistas. Os produtores do programa Ensaio Geral: Franco Paulino, Luís Vergueiro, Roberto Palmari e Francisco de Assis ameaçaram entrar na Justiça do Trabalho para receber os salários atrasados. A emissora preferiu fazer um acordo pagando a quantia de 3 milhões de cruzeiros a cada um e encerrar a questão. Como a Excelsior não cumpriu o prometido a imprensa paulistana especulava se os funcionários fariam greve ou não.

Bem ou mal, a Excelsior ia contornando a situação e prosseguia com a programação. Dentre as emissoras em más condições financeiras, a Excelsior era a de maior instabilidade. A empresa rolava parte das dívidas, fazia acertos, pagava compromissos imediatos com verbas destinadas a outros fins, fazia grandes empréstimos, adiava outras dívidas e assim ia caminhando, enfrentando os problemas prementes, mas criando outros maiores que se revelariam insustentáveis ao longo do tempo. Contudo, apoiada no carisma de popularidade que havia conseguido junto ao público, a emissora continuava a produção de telenovelas

dispendiosas, sustentadas apenas em parte pelo patrocinador. Prosseguindo a estranha política administrativa de dever milhões e gastar milhões, a Excelsior, em agosto de 1967, inaugurou novos estúdios no bairro de Vila Guilherme, em São Paulo, sua última grande façanha em termos empresariais. Divulgando pela imprensa que o novo espaço contaria com 12 estúdios (os maiores do mundo), área para montagem de cidades cenográficas, mais de 500 salas de escritórios para todos os profissionais (entre artistas, produtores e técnicos), dois restaurantes próprios, ambulatórios, oficinas mecânicas, marcenaria, depósitos, rouparias e outros, a emissora realizou um grande banquete para autoridades, personalidades e mais 200 convidados.

Euforias à parte, a Excelsior construiu quatro grandes estúdios, com pouco equipamento e grandes dificuldades iniciais de produção. A área de 22 mil metros quadrados adquirida situava-se numa região de difícil acesso, isolada e insalubre, pois exatamente nos fundos situava-se um dos depósitos de lixo da prefeitura da cidade. Conforme contou a atriz Flora Geny: *"... no início a Vila Guilherme era um galpão, depois é que foram construindo, fechando... era difícil, desconfortável, a gente não tinha nem onde comer... Mais tarde, equiparam-se os estúdios e armaram a infraestrutura necessária..."*

269

Também o produtor Waldemar de Moraes, em depoimento prestado nos próprios prédios da Vila Guilherme, de propriedade agora do Sistema Brasileiro de Televisão, comentou: *"...Você olhava aqui no final da rua onde tem esse prédio hoje e via um cenário preto de urubu, porque aí era o depósito de lixo municipal. Então havia urubu e mendigo cantando lixo. O sol em cima daquilo, quando chegava a noite, era aquele negócio de dor de cabeça em todo mundo, por causa do cheiro terrível o dia inteiro... O início aqui foi terrível. Claro que depois melhorou..."* Já a atriz Arlete Montenegro foi bem mais entusiasta: *"... eram vários estúdios, quatro desses imensos, ou seja, um para cada novela (das 19h – 19h30 – 20h e 21h30) e dois menores para os telejornais, programas femininos... Os estúdios das novelas eram enormes e os cenários não*

*eram desmontados... Nós não gravávamos por cenário, como atualmente, nós gravávamos em sequência de capítulo porque os cenários não eram mexidos, o espaço era enorme... Tudo era feito direito e por isso é que havia uma riqueza de interpretação muito maior... Cada estúdio tinha os seus camarins, sala para os atores, banheiros, além da parte técnica, é claro, cabines de direção de TV, som, etc. Numa novela, Os Fantoches, houve até piscina dentro do estúdio..."*

No melhor aproveitamento possível de tão grandes espaços de trabalho (Vera Cruz e Vila Guilherme) a TV Excelsior de São Paulo produziu as seguintes telenovelas em 1967:

- *O Morro dos Ventos Uivantes*, uma adaptação de Lauro César Muniz da famosa obra de Emily Brontë para a problemática brasileira do final do século 19, época da ascensão da burguesia do café. Nos principais papéis participaram: Altair Lima, Irina Grecco, Maria Estela, Geni Prado, Egidio Eccio, Carminha Brandão e Iris Bruzzi. A novela foi apresentada de fevereiro a julho.

270

- *O Grande Segredo*, novela de autoria de Marcos Rey, com trama de mistério policial. Participação de Tarcísio Meira, Iris Bruzzi, Glória Menezes (que representava duas personagens), Débora Duarte, Ivan Mesquita e ponta de Irene Ravache. A novela ficou no ar de abril a outubro.

- *Os Fantoches*, novela de Ivani Ribeiro, baseada no livro *O Caso dos 10 Negrinhos*, de Agatha Christie. Grande sucesso de audiência, *Os Fantoches* teve sua parte final gravada nos estúdios novos da Vila Guilherme. No elenco, entre outros, Paulo Goulart, Nicette Bruno, Dina Sfat, Flora Geny, Mauro Mendonça, Stênio Garcia, Márcia de Windsor, Regina Duarte, Elisabeth Gasper e Vera Nunes. Sua apresentação durou 7 meses, de julho a janeiro de 1968 e, segundo a propaganda pela imprensa, foi a telenovela de mais caros cenários até então construídos.

- *O Tempo e o Vento* foi a grande realização épica da emissora em 1967. A obra de Érico Veríssimo, adaptada por Teixeira Filho e dirigida por Dionísio Azevedo, foi apresentada de julho a março de 1968 e foi a última novela da emissora a ser veiculada no horário das 21h30. A adaptação compôs uma trilogia de novelas exibindo os episódios: A

*Fonte, com Gianfrancesco Guarnieri, que declarou em seu depoimento: "... eu fui para a Excelsior convidado por Walter Avancini para fazer o primeiro episódio de O Tempo e o Vento, que era A Fonte. Até esse momento eu não fazia novela porque era a época do grande preconceito contra a telenovela... mas não adiantava negar que ela estava se tornando o melhor mercado de trabalho para o ator conseguir fazer o que pretendia no teatro... assim eu entrei na Excelsior..."*

Logo após os 30 capítulos do primeiro episódio, iniciou-se a exibição de mais 30 capítulos do episódio *Ana Terra*, no qual a atriz Geórgia Gomide conseguiu realizar o seu melhor trabalho na emissora. O episódio seguinte, *Um Certo Capitão Rodrigo* foi o mais longo da telenovela, contendo 150 capítulos, em que atuou no papel-título o ator Carlos Zara, que também tinha no Canal 9 a função de supervisor de Telenovelas. Com todo o período de permanência no ar, *O Tempo e o Vento* teve 210 capítulos, sendo uma das mais longas novelas produzidas pela televisão.

- *Sublime Amor* foi uma adaptação de Gianfrancesco Guarnieri de um original argentino. Apesar do elenco contar com artistas de sucesso como Arlete Montenegro, Helio Souto, Araci Balabanian, John Herbert, Cacilda Lanuza e outros, não teve sucesso de audiência. Foi apresentada de novembro de 1967 a fevereiro de 1968.

Em 1967, a Excelsior contratou um dos maiores profissionais da TV Tupi na área de dramaturgia, o diretor e autor Cassiano Gabus Mendes, que escreveu a série *Os Galãs Atacam de Madrugada*. Contudo, o sucesso da série foi menor que o esperado e o autor diretor não chegou a completar um ano na emissora.

Nesse ano, a TV Globo, mais bem estruturada, começou a praticar a política iniciada pela Excelsior em 1963, ou seja, retirar das emissoras seus melhores cartazes. Assim, contratou, os artistas Tarcísio Meira e Glória Menezes, para integrarem o elenco de novelas da emissora, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, a Excelsior aumentou bastante a emissão

de telejornal. *A Marcha do Mundo* passou a ter uma 2ª edição às 21h30. Às 22h30 passou a ser apresentado o *Jornal de Vanguarda*, de Fernando Barbosa Lima Sobrinho, e às 23h30 continuava o *Show de Notícias*. Mais uma vez o *Jornal de Vanguarda* teve curta duração porque seu diretor se desentendeu com a Excelsior-Rio e deixou a emissora, definitivamente. O *Jornal* foi apresentado em outras televisões, mas com a instituição do AI-5 cerceando a liberdade de expressão, Barbosa Lima resolveu encerrar o *Jornal de Vanguarda*.

Continuando a incentivar o Departamento de Jornalismo, a Excelsior contratou em São Paulo o jornalista Ferreira Neto, que havia saído da TV Tupi ao ser abandonado por essa emissora no Egito (após a cobertura da Guerra dos Seis Dias entre Egito e Israel), sem nenhuma proteção das Associadas e tendo que voltar por conta própria. Ferreira Neto conta que nesse ano o jornalismo da Excelsior era muito bom, com recursos e equipamentos para coberturas locais e nacionais. E fazendo comparação com o repórter daquela época e os atuais, declarou: “... os repórteres eram polivalentes... na rua você comandava uma equipe e fazia inúmeras reportagens ao vivo, narrando os acontecimentos... o repórter tinha que ter muita experiência em tudo... saber o que dizer, mesmo porque, naquele momento você estava com a estação nas mãos... no momento em que a transmissão é direta, a estação é sua, a responsabilidade é sua... então o repórter tinha que ser muito mais qualificado”.

272

Ferreira Neto ficou um ano na Excelsior e voltaria em 1969 como um dos articuladores da tentativa de salvar a emissora da falência. Também as produções esportivas aumentaram, principalmente futebol. Os jogos eram passados em videoteipe, à noite, geralmente às 23h00. Em São Paulo, havia diariamente, de segunda a sexta-feira, às 22h45, o programa *Os Melhores do Futebol*.

No Rio de Janeiro, havia atração semelhante, com os comentaristas esportivos locais. A Excelsior, entretanto, perdeu a sua maior atração no gênero de programas de auditório. Abelardo Barbosa, o Chacrinha, descontente com a emissora, assinou contrato para apresentar-se na TV

Rio. Chacrinha quase chegou a ir para a TV Globo, mas como a oferta de salário foi melhor, o velho guerreiro acabou voltando para a TV Rio. Os programas de humor continuavam suas emissões. *Show Riso* e *A Cidade se Diverte* permaneciam no ar, com certo sucesso, bem como *Adoráveis Trapalhões*, com os depois consagrados Renato Aragão, Dedé Santana e equipe. Em abril de 1967 o comediante José Vasconcelos foi contratado pelo canal 9 para programa semanal de 3 horas de duração. Mas dois meses depois o programa era encerrado. Pelo final do ano, apesar dos esforços de seus participantes e da relativa audiência que obtinha, o programa *A Cidade se Diverte* foi encerrado em razão dos gastos que acarretava.

Pelas revistas especializadas e imprensa em geral, algumas notícias sobre a Rede Excelsior em 1967:

#### **Revista do Rádio**

- Miguel Gustavo e Felício Maluhy demitiram-se das altas funções que exerciam na Excelsior-Rio.
- A comediante Ema D'Ávila desligou-se da TV Excelsior, anunciando que vai descansar algum tempo da televisão.
- A TV Excelsior anunciou que ofereceu 200 mil cruzeiros novos ao cantor norte-americano Frank Sinatra para duas apresentações.

#### **Revista São Paulo na TV**

- O cantor Eduardo Araújo, com seu programa *O Bom*, está alcançando 27% de audiência na TV Excelsior, Canal 9, o que o coloca na liderança dos programas de música jovem da TV.

#### **Revista Fatos e Fotos**

- Durante quatro dias sem parar, a equipe do Canal 2 Excelsior-Rio, penetrou em todos os lugares onde havia folia para realizar a maior reportagem carnavalesca do ano.
- Entre as estreias da Excelsior-Rio está o musical *Eu Sou o Samba*, com o compositor Zé Ketí.
- Elogios para os programas jornalísticos da Excelsior-Rio: *Alta Política*, nos quais os problemas da atualidade política são discutidos e *Advogado do Diabo*, em que uma personalidade em foco é julgada por vários elementos de vários setores de atividade.

1968

Até meados da década de 1960, as empresas patrocinadoras decidiam que novelas iriam para o ar. Álvaro Mazzi, supervisor de mídia e propaganda da Colgate, em entrevista à revista *Propaganda* (1968) explicou: “... primeiro, era o êxito no rádio... depois, levamos para a TV... que, por causa da imagem, para nós é o melhor divulgador do produto, atingindo audiência de 40 a 42%... Nós escolhíamos 10 temas e testávamos junto ao público (na rua, em fábricas) para ver se ia ser bem-aceita... O canal de TV só entrava em cena quando chegava a hora de escolher os artistas. Antes, nós tínhamos nossos próprios artistas, mas desistimos desse sistema. O atual é melhor para eles (a TV) e mais barato para nós...”.

274

É interessante salientar que os patrocinadores da telenovela no Brasil (em geral as empresas norte-americanas Colgate-Palmolive ou Gessy-Lever) eram os mesmos patrocinadores de telenovelas em Cuba, no México ou na Argentina. Na época, cada capítulo de uma novela ficava em nove mil cruzeiros novos, mais ou menos, variando conforme as características de encenação. As ambientações de época sempre eram mais caras. Cada fita de videotape custava por volta de cinco mil cruzeiros novos, sendo necessárias 100 a 200 fitas para gravar toda a novela, fazendo com que o custo total ficasse por volta de alguns milhões de cruzeiros novos.

Também o horário de veiculação das telenovelas era um fato importante. Sempre depois das 18h, quando as donas de casa já teriam terminado seus afazeres, os filhos estariam em casa e os maridos teriam voltado do trabalho. Pela audiência e principalmente pelo carisma de uma emissora inovadora, as telenovelas da Excelsior eram ainda extremamente consideradas. As crises econômicas, no entanto, também já se refletiam sobre seu mais seguro produto. Apesar do luxo que exibiam no ar, os profissionais que as realizavam recebiam seus salários com grande atraso e ameaçavam deixar a emissora. Para garantir a continuidade do sucesso fácil que tinham alcançado nos anos anteriores,

as agências de publicidade dispuseram-se a ajudar financeiramente a Excelsior, pagando artistas famosos, para que continuassem a trabalhar nos horários que patrocinavam.

Segundo o depoimento do Sr. Carlito Adesi, do departamento comercial da emissora, a novela *Redenção* foi tão longa, sempre sendo esticada, porque a própria Cia. Gessy-Lever, dona do horário, sentia que quando acabasse esse sucesso, seria muito difícil colocar outro no ar, nas condições que a Excelsior atravessava. Apesar disso, continuavam sendo produzidas novelas para preencher os três horários de emissão: 19h, 19h30 e 20h. Nesse ano foram exibidas:

- *O Terceiro Pecado*, de Ivani Ribeiro e veiculada de janeiro a julho. Com direção de Walter Avancini, teve no elenco Nathália Thimberg, Gianfrancesco Guarnieri, Regina Duarte, Paulo Goulart, Stênio Garcia, Rogério Márcico, Maria Isabel de Lizandra e outros. Sobre o tema, comentou Gianfrancesco Guarnieri, principal protagonista masculino: *"... Eu fiz um personagem que era o emissário da morte, um espírito e a Nathália Timberg era a morte e a Regina Duarte era a mocinha que devia ser tentada a... cumprir o terceiro pecado para ser levada pela morte. No início o meu personagem era um bandidão que devia induzir a angelical Regina a cometer os pecados... Só que o personagem que era o noivo da mocinha não teve empatia com o público e a solução encontrada era ele fazer uma viagem e não voltar mais... e o emissário da morte, muito humanamente, se apaixonava por essa moça e... ele passava de bandido a mocinho... e o público adorava esse personagem que tinha poderes sobrenaturais... no final ele resolve optar pela condição humana e casa-se com a mocinha..."*

- *O Direito dos Filhos*, apresentada de fevereiro a setembro, de Teixeira Filho. Bom sucesso de audiência, a novela trazia nos principais papéis: Flora Geny, Henrique Martins, Araci Cardoso, Carlos Zara, Leila Diniz, David José e outros.

- *Os Tigres*, novela de Marcos Rey, pretendeu contar uma história diferente por mês, numa linguagem inovadora, dinâmica, mais de externa que de estúdio. O primeiro episódio, *O Rapto das Bonecas*, mesmo

tendo os atores Flora Geny, Sebastião Campos, Célia Helena, Miriam Mehler, Wanda Kosmo, não teve sucesso de audiência e a novela durou apenas o mês de abril.

- *A Legião dos Esquecidos*, história de Raimundo Lopes, enfocava a vida dos garimpeiros e seu difícil enriquecimento. Com Francisco Cuoco, Márcia Real, Rodolfo Mayer, Sonia Oiticica, Carlos Zara, Irina Greco e outros. A novela estava fazendo pouco sucesso junto ao público até a entrada de Regina Duarte que, após uma reformulação do texto original, passou a fazer par romântico com Francisco Cuoco. Apresentada de maio a fevereiro de 1969 substituiu a novela *Redenção*, que após dois anos, chegara ao fim.

- *A Pequena Órfã*, de Teixeira Filho, contava a história de uma menina abandonada, criada por um senhor idoso. Os principais papéis foram representados por Dionísio Azevedo, pela menina Patrícia Ayres e por Riva Nimtz, que fazia o papel de má. Grande sucesso da emissora, veiculado no horário das 18h30, próprio para crianças, sua apresentação durou de julho a maio de 1969.

276

- *Os Diabólicos*, também de autoria de Teixeira Filho, abordou um tema de ficção científica. A novela teve no elenco, entre outros, Cleyde Yáconis, Carlos Zara, Henrique Martins, Edson França, Iara Lins, Fernando Baleroni e Castro Gonzaga. Foi exibida de outubro a fevereiro de 1969.

- O mais significativo sucesso desse ano foi a telenovela *A Muralha*, adaptação de Ivani Ribeiro do romance da escritora Dinah Silveira de Queiroz. Com orçamento alto, a novela teve um apurado trabalho de reprodução de época. A novela chegou a utilizar quase 500 figurantes. Para Gianfrancesco Guarnieri: *"A Muralha foi uma novela realista, com cuidados muito grandes de reconstituição... de levantamento histórico, inclusive de figurinos... A história colocava a façanha dos bandeirantes e o problema do índio... Ela foi muito bem dirigida pelo Sérgio Brito que valorizava tudo o que tinha... ele conseguia dar a ideia de espaço... você via a tropa lá no morro, contra a luz, mostrando a silhueta, depois outra câmera, lá em cima, mostrava de perto... a televisão não estava habituada a isso... A Muralha deu uma nova valorização ao uso da externa na TV... "*

Segundo Arlete Montenegro: “... *A Muralha* tinha cenários de dois andares, foi um trabalho de ator, de cenários, uma produção inesquecível... Imagine que o ator norte-americano Larry Hagman, que fez o papel principal no seriado *Dallas*... veio passar umas férias no Brasil. Visitando São Paulo e a TV Excelsior ele viu o cenário de *A Muralha* e não entendia que aquilo pudesse ser só televisão. Ele perguntava: mas é filme o que vocês estão fazendo? É para vender? A Nathália (Thimberg), que falava inglês... respondeu que era uma novela e ele não sabia o que era novela e dizia que aquele cenário, aquela multidão era só para fazer filmes, pois devia ser muito caro... Ele não se conformava com uma produção tão cara, ser local e novela, coisa que não dava retorno financeiro...”.

Apresentada em 216 capítulos, de julho de 1968 a março de 1969, alcançou enorme êxito de audiência. Seus principais atores foram: Paulo Goulart, Fernanda Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, Nathália Thimberg, Arlete Montenegro, Mauro Mendonça, Rosamaria Murtinho, Stênio Garcia, Maria Isabel de Lizandra, Nicette Bruno, Edgard Franco e as participações especiais de Cleyde Yáconis, Carlos Zara, Edson França, Cláudio Correa e Castro e outros.

Nesse ano, aconteceram alguns fatos curiosos quanto às outras produções da emissora. Bibi Ferreira voltou a trabalhar na rede, apresentando, às segundas-feiras, o programa *Bibi Sempre Bibi*, baseado principalmente em entrevistas. Logo depois, o programa passou para o horário nobre dos domingos, utilizando o título *Bibi Sempre aos Domingos*.

A atriz apresentava-se às 20h, mesmo horário em que a TV Record exibia o programa de Hebe Camargo, que já não era mais o campeão de audiência. A Excelsior tentou fazer de *Bibi Sempre aos Domingos* uma volta aos programas de luxo e de atrações variadas. Pelo alto custo da produção, no entanto, o programa ficou poucos meses no ar e Bibi Ferreira deixou definitivamente a emissora.

Outro retorno importante foi o do comediante Chico Anysio, contratado por um alto salário, numa época em que a Excelsior-Rio estava

despedindo profissionais por falta de verba para pagar-lhes. Apresentando seu esquema tradicional de humor, também o comediante ficou poucos meses na emissora.

Outra curiosidade foi a tentativa da Excelsior de São Paulo em fazer um seriado com o jogador Pelé, que foi contratado, em novembro de 1968, por 22 milhões de cruzeiros mensais, uma fortuna para a época. Pelé seria um superagente que, num estilo James Bond, defenderia a pátria contra espiões e outros inimigos. A cada semana seria apresentado um episódio diferente, com um convidado famoso. O script exigia apartamento de cobertura, com pouso para helicópteros, de onde o agente se lançaria para salvar o país. A produção de um seriado desses só poderia ser extremamente cara e a emissora teve que recuar, pois nenhum patrocinador se interessou pelo assunto. Além do agente S-10, Pelé faria na emissora, um show mensal com entrevistas e músicas, e uma novela de 60 capítulos, de autoria de Ivani Ribeiro. Contratado desde novembro, o jogador só atuaria numa telenovela 5 meses depois, recebendo, nesse período, o mais alto salário da emissora, para não fazer nada.

278

Na continuidade de seus esforços em favor da música popular brasileira e tentando, mais uma vez, obter sucesso junto ao gênero, a Excelsior lançou em maio de 1968 o festival *O Brasil Canta no Rio*, com a participação de grandes compositores. Competições regionais foram realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Minas Gerais.

Com o patrocínio da Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara, o festival ofereceu muito dinheiro em prêmios, com o final sendo realizado no estádio do Maracanãzinho, em grande show transmitido para todo o país. O festival rendeu lucros artísticos para a Excelsior, mas nenhum lucro econômico. Pelo futuro desesperador que já se previa, tanto o Canal 9 de São Paulo como o Canal 2 do Rio de Janeiro continuaram perdendo diversos profissionais. Em São Paulo, além da saída de Walter Avancini (um dos principais elementos na produção de telenovelas) a estação perdeu a dupla de diretores formada pelos Srs.

Edson Ferreira Leite e Alberto Saad, responsável por toda a inovação que a emissora propiciou ao veículo televisão, na década de 1960.

As versões são bastante contraditórias e muitos dizem que os dois diretores saíram antes que a emissora afundasse de vez. Em seu depoimento, Edson Leite declarou que sofreu pressões dos Srs. Otávio Frias e Carlos Caldeira para que ele aumentasse o seu capital na empresa. Como ele não dispunha de dinheiro para isso, os Srs. Frias e Caldeira compraram a parte dele e Edson Leite deixou a emissora.

O Sr. Alberto Saad declarou que saiu da emissora por motivos particulares, desgostoso com as intrigas de tentarem envolvê-lo em graves problemas financeiros que não eram da competência de seu setor. Os fatos não foram tão simples assim. Conforme diversos depoimentos, os dois diretores eram artisticamente intocáveis, mas administrativamente foram responsáveis por boa parte do caos financeiro que a emissora enfrentou, ao fazerem dispendiosas contratações e exibirem luxuosas produções, sem ter a verba de patrocínio garantida para custear.

279

Apesar da situação econômica tão crítica, a imprensa especializada nada deixava, ainda, transparecer, pois sobre a programação da rede Excelsior, nesse ano, encontramos as seguintes informações:

#### **Revista Fatos e Fotos**

- Os bons programas da TV: *O Agente da UNCLE e Bibi Sempre Bibi*, na TV Excelsior.
- O Canal 2 do Rio de Janeiro pulou na frente em matéria de cobertura esportiva. Toda vez que há um jogo de futebol importante no eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, o Canal 2-Excelsior exhibe o mais depressa possível aos seus espectadores, em videotape.
- Pesquisa feita em São Paulo revela que o filme de maior audiência da televisão continua sendo *Missão Impossível*, que o Canal 9 exhibe às segundas-feiras, 22h.
- O Canal 9 de São Paulo apresenta mais um espetáculo do seu grande teatro que vai ao ar uma vez por mês: *Bocaccio – São Paulo*, peça de autoria de Marcos Rey.

- O seriado *Agente da UNCLE* precisou aparecer dois anos no vídeo brasileiro para conseguir o sucesso que alcançou nos Estados Unidos em apenas um mês de exibição. Semanalmente, 2,5 milhões de telespectadores assistem ao seriado exibido pela Excelsior em toda a sua rede.

### **A Falência – 1969**

É bastante difícil apurar os verdadeiros fatos ocorridos na administração da rede Excelsior, de 1969 em diante. Toda a empresa foi comprometida numa confusão tão grande de diretoria, de dívidas acumuladas, de saques ao dinheiro que recebia, que tornaram impossível qualquer conclusão definitiva. Apenas por meio dos depoimentos se poderá ter uma ideia dos fatos desse período.

280

Após a saída dos Srs. Edson Leite e Alberto Saad, a rede ficou sob a responsabilidade exclusiva dos Srs. Otavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, proprietários também de jornais, rádios e da estação rodoviária de São Paulo. Sob um grupo econômico poderoso, que parecia decidido a regularizar as finanças da emissora, os funcionários sentiam-se esperançosos na perspectiva da recuperação. Os novos proprietários pediram aos credores dilatação do prazo de pagamento das dívidas, argumentando que, com o aval de um grupo empresarial como o deles, todos poderiam confiar na Excelsior. Também as companhias distribuidoras dos seriados cinematográficos norte-americanos deveriam continuar fornecendo os filmes (apesar das enormes dívidas). Essas dívidas iam-se acumulando e a programação tornava-se cada vez mais cheia de falhas.

Veiculavam-se ainda as telenovelas e os seriados enlatados. Os programas jornalísticos emitiam poucos debates ou entrevistas e desde o final de 1968 a emissora não apresentava mais nenhum noticiário diário.

Apenas os programas esportivos continuavam em emissão normal, com comentários e exibição do videoteipe de partidas de futebol. O programa *Reis do Ringue* manteve-se, aos sábados à noite, até o final do ano, quando terminou.

No gênero variedades o Canal 9 prosseguia com a apresentação de *A Hora do Bolinha* e *Noverama*. Havia ainda produções musicais como *Campeões de Popularidade* e outras, mas todas com pouco tempo de permanência no ar. Conjuntos ou cantores de sucesso exibiam-se, esporadicamente, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. No humorismo eram apresentados programas como *Condomínio da Alegria* e *Vamos Saraivá*. Os seriados cinematográficos, nos mais diferentes tipos: policiais, de aventuras, de humor, infantis e até educativos, constituíam a maior parte das atrações da rede, que em São Paulo, em doze horas de programação, eram emitidos em dez horários diferentes.

O grande sustentáculo da continuidade de realizações, continuidade dos empregos e, sobretudo, continuidade da audiência eram as telenovelas que, mesmo sofrendo as consequências da crise, conseguiram apresentar boa qualidade. Tanto a emissora quanto as empresas patrocinadoras desenvolviam os maiores esforços pelo gênero, pois todos sabiam que, quando as telenovelas terminassem, a estação perderia sua última atração. Por esse motivo, das cinco histórias produzidas em 1969, três estenderam-se até os primeiros meses de 1970, num grande esforço de realização.

- A primeira telenovela produzida foi *Vidas Em Conflito*, emitida de fevereiro a junho de 1969. De Teixeira Filho, trazia no elenco: Nathália Thimberg, Cleyde Yáconis, Paulo Goulart, Leila Diniz e Fernando Baleroni, nos principais papéis.
- De fevereiro de 1969 a janeiro de 1970, a Excelsior apresentou seu último grande sucesso de audiência, a telenovela *Sangue do Meu Sangue*, de autoria de Vicente Sesso. Com direção de Sergio Brito, ela trazia no elenco: Francisco Cuoco, Fernanda Montenegro, Tônia Carrero, Nicette Bruno, Nívea Maria, Henrique Martins, Rosamaria Murtinho, Armando Bogus, Sadi Cabral, Rodolfo Mayer, Mauro Mendonça. A trama

apresentava as mais conhecidas fórmulas de emoção. Por conter cenas consideradas fortes para o horário das 19h, a censura federal obrigou a emissora a exibir a novela às 20h, mas o fato não chegou a abalar sua audiência. Num heroico trabalho do cenógrafo Rubens Barra e da figurinista Isabel Pancada, a novela deu grande impressão de luxo em ambientes e figurinos. Apesar de ter sofrido cortes de cenários e de personagens secundários *Sangue do Meu Sangue* em momento algum deixou transparecer ao telespectador os problemas econômicos em que se debatia a emissora.

- *Os Estranhos*, exibida de março a junho de 1969, foi uma novela de Ivani Ribeiro e um dos poucos fracassos de audiência da autora. História de ficção científica apresentava seres extraterrestres que vinham ajudar os seres humanos. No elenco, além de Regina Duarte, Gianfrancesco Guarnieri, Rosamaria Murtinho, Stênio Garcia, a novela apresentava o jogador Pelé, atuando como ator.

Sobre *Os Estranhos*, comentou Gianfrancesco Guarnieri: “... a novela queria ser de ficção científica e não conseguia e era muito engraçado porque o Cláudio Correa e Castro, a Rosamaria Murtinho, a Regina Duarte eram amarelos, com uns brilhos no rosto, porque eram de outro planeta... tinha um disco voador... e o Pelé... era um escritor que vivia dos seus direitos autorais e tinha uma ilha, comprada com a renda dos livros... Total absurdo... Para ter uma ilha ele deveria ter no mínimo 20 empregos e nem teria tempo para escrever... mas tecnicamente era benfeita...”.

- *A Menina do Veleiro Azul* foi outro êxito da Excelsior. Escrita por Ivani Ribeiro logo após *Os Estranhos*, contava a história de uma menina até a sua mocidade. No elenco: Maria Isabel de Lizandra, Cacilda Lanuza, Arlete Montenegro, Edson França, Newton Prado, Lilian Lemmertz. Exibida de maio de 1969 a fevereiro de 1970.

- A última telenovela produzida em 1969 foi *Dez Vidas*, também de Ivani Ribeiro, que retratou a Inconfidência Mineira e o herói Tiradentes. Com numeroso elenco, como Nathália Thimberg, Carlos Zara, Stênio Garcia, Regina Duarte, Arlete Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, Cláudio Correa e Castro, Fabio Cardoso, a novela, mesmo no ar, começou a deixar transparecer a situação difícil da emissora, com os atores

saindo da trama e a encenação tornando-se cada vez mais pobre. A atriz Regina Duarte, descontente com os salários atrasados, abandonou a Excelsior e foi contratada pela TV Globo. Sua personagem passou a ser representada por Leila Diniz.

Sobre *Dez Vidas*, esclareceu Gianfrancesco Guarnieri: *"... a gente já estava em crise absoluta, não tinha dinheiro para nada... Nós fizemos uma parada militar com 10 pessoas, focando os pés. Os atores corriam por trás da câmera e entravam de novo na fila e a câmera continuava apenas mostrando os pés. Depois fazia alguns closes de rostos, evitando planos gerais e dando a ideia de muitos soldados..."*.

Além da falta de dinheiro, a novela sofreu grandes intervenções da censura, que mudou seu horário das 19h30 para as 20h30 e fez vários cortes de texto por considerá-los subversivos. Num jantar oferecido a um político, o diretor Waldemar de Moraes sentou-se ao lado de um coronel da censura federal e tentou convencer o militar de que a censura não devia interferir tanto no texto da novela, atrapalhando a produção. O coronel respondeu: *"Meu filho, não adianta. Tiradentes foi um subversivo e ponto final."*

283

Referindo-se à mesma novela o ator Peirão de Castro informou que os atores, por não receberem o pagamento, foram abandonando a emissora e no final só havia cinco atores: Carlos Zara, que era o Tiradentes, Fábio Cardoso (o Padre Rolim), Gianfrancesco Guarnieri, Oswaldo Mesquita e ele, Peirão de Castro, que era um carcereiro.

Apesar do esforço, eles não conseguiram levar a história adiante, que acabou sendo encerrada. *Dez Vidas* foi exibida de agosto de 1969 a fevereiro de 1970. Além das telenovelas, outros programas eram criados, alguns pelos próprios artistas e funcionários, que usavam de criatividade para preencher os horários da programação.

A atriz e produtora Vida Alves escrevia e apresentava um programa de entrevistas e debates, à meia-noite, no qual eram focalizados assuntos como prostituição, homossexualismo e outros, com personagens reais discutindo seus problemas com psicólogos, sociólogos e demais convidados.

Também o jornalista Ferreira Neto, que tinha retornado para a emissora, criou o programa *A Hora e a Vez da Resposta*. Conforme ele explicou: “... era um programa em que eu ficava em pé, no meio do estúdio, cercado por vários convidados. Eu tinha um fone de ouvido, um microfone na boca, um outro fio enfiado no bolso, dando a ideia de muita tecnologia e produção. Então, os convidados e o próprio telespectador tinham a impressão de que eu estava ligado a uma tremenda equipe de informação... mas era só eu...”.

No Rio de Janeiro, a situação da Excelsior era semelhante à de São Paulo. O Canal 2 continuava exibindo as novelas paulistas e produzia, como maiores atrações: *Condomínio da Alegria* (comandado por Paulo Celestino), humorístico que resistia à crise e Programa César de Alencar, de auditório e variedades, exibido nas tardes de sábado. As duas produções tinham bom índice de audiência. A exemplo de São Paulo, o restante da programação era preenchido com atrações esportivas, jornalísticas e seriados cinematográficos.

284

A emissora demitiu, em agosto, 43 profissionais, agravando muito a programação e piorando a crise financeira, pois foi obrigada pela Justiça do Trabalho do Rio de Janeiro a pagar 500 milhões de cruzeiros velhos em indenizações. Segundo matéria do jornal O Estado de S.Paulo (24/08/1969), foram demitidos, entre outros, o superintendente carioca, Marco Aurélio Rodrigues da Costa e o diretor financeiro Carvalho Barros, acusados pelos funcionários da Excelsior-Rio de principais responsáveis pelas irregularidades da emissora.

Ainda em agosto, a Excelsior-Rio teve a sua torre transmissora, localizada no alto do morro do Sumaré, devastada por um vendaval, caindo por terra e interrompendo as transmissões. A direção geral da rede, sediada em São Paulo, exigiu o seguro integral pela perda, recebendo a quantia de 180 milhões de cruzeiros velhos. Dessa maneira, pôde pagar alguns salários atrasados dos funcionários cariocas e pequenas dívidas mais prementes.

De acordo com vários depoimentos, a situação da rede Excelsior de-gringolou de vez, a partir de meados de 1969, porque a direção geral da emissora, preocupada com outros empreendimentos empresariais, colocava na direção administrativa pessoas que nada entendiam de televisão. Tanto Edson Leite como Alberto Saad acusaram que o desinteresse dos novos donos é que propiciou a falência da estação. Nesse ano final de existência, a rede passou por diversas diretorias administrativas e artísticas. O fato mais curioso, no entanto, foi a venda das ações da empresa para o seu antigo dono, Wallace Simonsen Neto, que voltou a ser o proprietário da Excelsior.

Em seu depoimento, Simonsen explicou: *"... um advogado do grupo me propôs a compra da televisão novamente... Eu não tive discernimento e comprei... Jogaram a coisa para estourar em cima de mim... Aí foi terrível porque havia interesses lá dentro os mais diversos... Eu acabei formando um grupo da televisão mesmo para geri-la... Na ocasião, eles (os donos anteriores) foram muito malandros por que eles transferiram para mim... as concessões (de São Paulo e do Rio), os equipamentos... mas os imóveis não..."*

285

Sobre o mesmo assunto, Gianfrancesco Guarnieri comentou que: *"... quando o filho do Simonsen voltou, não houve quem não achasse que aquilo era um grande golpe em cima dele, quer dizer, iam sair com a parte do leão e deixar o rapaz ali se azarar, com todas as dificuldades, todos os problemas, sem conseguir segurar. E foi realmente o que aconteceu..."*

Simonsen ficou dono apenas das concessões dos canais e os imóveis da rede, inclusive o grande espaço da Vila Guilherme, continuaram de propriedade de Frias e Caldeira. Nesse inexplicável negócio, a estação perdeu o seu maior patrimônio.

Em setembro desse ano, Simonsen Neto colocou na direção geral da Excelsior, o general Menna Barreto, um militar que nada entendia de televisão. A diretoria da emissora parecia acreditar que por estar o Brasil

num ostensivo regime militar, a presença de militares em altos postos da rede, tanto em São Paulo quanto no Rio, poderia livrá-la dos processos e problemas que se acumulavam. Se essa suposição for verdadeira, os responsáveis pela Excelsior foram muito ingênuos e inexperientes, pois o governo militar não fez nenhum esforço em favor da empresa e não hesitou em cassá-la, meses depois.

Sendo responsável pelas ações da Excelsior, Simonsen Neto viu-se responsável também por tudo o que veio a acontecer a partir de janeiro de 1970: questões trabalhistas, especulações imobiliárias, furto de patrimônio, burla à receita federal, dívidas generalizadas, incêndio culposo e muitos outros problemas.

Pela imprensa em geral, salientamos outras informações a respeito das atividades da rede Excelsior em 1969:

#### **Revista Fatos e Fotos**

- A censura federal interfere rigorosamente nas programações de telenovela e humorismo prejudicando muitas apresentações de televisão, principalmente da rede Excelsior.

#### **Revista Veja**

- A Muralha, telenovela exibida pelo Canal 9 – Excelsior, faz vender o livro de Dinah Silveira de Queiroz. A telenovela registra uma média de audiência de 35%, a maior do horário, segundo o Ibope.
- O produtor Zaé Jr. criou na Excelsior de São Paulo o programa *Troféu 9*, que permitirá ao público conhecer de perto as personalidades que mais se destacaram em diversos setores. O programa inclui um júri que entrevistará o homenageado.

#### **Jornal Folha de S. Paulo**

- Prestígio para a TV Excelsior e arte para os telespectadores foram os resultados da noite de domingo, na despedida de São Paulo, do Oscar Peterson Trio e do Earl Hines Quartet. O Canal 9 lavrou um tento profissional e o público conheceu duas lendas do Jazz.
- Sessenta por cento do público telespectador de São Paulo acha que as melhores novelas são produzidas pelo Canal 9-TV Excelsior. A conclusão foi obtida pelo Ibope, em pesquisa realizada no mês passado.

## Revista do Rádio

- No aniversário do programa *Condomínio da Alegria*, a TV Excelsior mostrou que continua com um dos melhores quadros de humoristas da TV guanabarina, mesmo perdendo Rony Cócegas e Lilico, contratados pela TV Globo.
- Com esquema preparado por João Batista Lemos, os telejornais voltarão ao ar na TV Excelsior-Canal 9.

## 1970

Em plena decadência artística, a rede Excelsior, em 1970, prosseguiu na programação de novelas e filmes. Em relação aos outros gêneros, exibia-se ainda o programa *A Hora do Bolinha*, *Troféu Nove*, videotapes esportivos e um telejornal de 10 minutos de duração, veiculado à meia-noite. Em São Paulo, até meados de fevereiro, a programação iniciava-se às 11h30, apresentando, em todo o horário vespertino, filmes antigos e desenhos infantis. A partir de 20 de fevereiro, a imprensa mostrava a programação começando às 19h, com a novela *A Menina do Veleiro Azul* e logo após, às 19h30, a novela *Dez Vidas*.

As duas produções eram esticadas ao máximo para aproveitar cenários e figurinos e os atores que ainda restavam. Já não havia mais à tarde a exibição de uma programação contínua que pudesse ser anunciada pela imprensa. Apresentava-se o que fosse possível, até o horário das novelas.

Em março, a emissora colocou no ar a telenovela *Mais Forte que o Ódio*, com a cooperação de todos os seus profissionais, que conduziam a programação com esforço próprio, sem receber salários há muitos meses, numa tentativa que o Canal 9 não ficasse fora do ar, para não ser fechado. Escrita por Marcos Rey, *Mais Forte que o Ódio* contava a história da decadência social e moral de uma família aristocrática e trazia no elenco: Cleyde Yáconis, Armando Bogus, Arlete Montenegro,

Íris Bruzzi, Sebastião Campos, Rodolfo Mayer, João José Pompeu, Edmundo Lopes, Aparecida Baxter, Silvio Rocha e Jovelthy Archangelo. A novela conseguiu ficar no ar até junho de 1970, quando, sem nenhuma condição de continuidade, foi encerrada de vez.

A rede Excelsior ia viver, daí por diante, uma novela administrativa com lances judiciais e policiais ao vivo, tendo como protagonistas os acionistas e funcionários da emissora. A partir de maio, a imprensa já não divulgava mais a programação da Excelsior, pois a própria emissora não sabia o que colocaria no ar. Sabia-se que seriam filmes em reprise, alguma transmissão externa que não causasse gastos de cenários e participantes e programas de entrevista em estúdio.

O período vespertino foi entregue aos funcionários para que tentassem vender os horários a companhias publicitárias e o faturamento obtido seria dividido entre os próprios funcionários, como compensação dos salários atrasados. A ideia, contudo, trouxe pouco rendimento econômico, pois os anunciantes já não tinham mais interesse de divulgação através da rede Excelsior, ante a situação desorganizada e o baixo índice de audiência. Mesmo sabendo que dois terços das ações da Excelsior estavam penhorados ao Banco do Brasil, Wallace Simonsen Neto tentava, desde o começo do ano, desfazer-se da emissora e procurava um comprador. Chegou a oferecer as ações para João de Scantimburgo, o primeiro diretor-presidente da Excelsior (1960), que cogitou adquiri-las. Mas, Wallace, aconselhado por seu advogado, desistiu da transação com Scantimburgo.

Em 31 de março, Wallace Simonsen vendeu as ações das emissoras para Dorival Masci de Abreu, dono da rádio Marconi. Sobre o início dessa nova gestão comentou o jornalista Ferreira Neto: *"... eu fazia um programa de entrevistas às sextas-feiras e como era sexta-feira da Paixão, convidei o Cardeal de São Paulo, D. Agnelo Rossi, para participar. Antes de ele chegar, fui verificar a sala da presidência, que era o melhor local para recepcioná-lo... estava ocupada por um grupo de funcionários e na mesa da presidência estava sentado o ex-deputado federal, cassado*

*na época, Dorival Masci de Abreu. Quando entrei, disseram que não podia ficar ali porque estava sendo realizada uma reunião de diretores de departamentos. Disse que como era diretor do departamento de Jornalismo, poderia participar. Mas a minha presença causou incômodo e a reunião foi suspensa... Fiz o programa com o Cardeal e depois fui apurar o que estavam escondendo. Um rapaz me contou que os funcionários estavam pressionando o Sr. Dorival para devolver a emissora ao Wallace Simonsen e os funcionários fariam um colegiado para dirigir a Excelsior... Nisso, o Dorival vinha descendo... e, como nós já nos conhecíamos, perguntei e ele confirmou a história. Quis saber com que dinheiro eles iam fazer isso e o Dorival respondeu que eles alegavam que tinham a credibilidade da corporação. Argumentei que o problema não era de credibilidade, mas de falta de dinheiro e perguntei ao Dorival se ele estava entrando com dinheiro ou era mais uma aventura. Ele disse que era dinheiro vivo, mas o pessoal não desocupava a área e não o deixava trabalhar até ele devolver o canal. Resolvi apoiá-lo, já que ia entrar com o dinheiro, pois isso ia socorrer muita gente que até estava passando fome... Convidou-me para assumir a direção artística, mas os funcionários fizeram tal bloqueio que disse ao Dorival que não ia dar para trabalhar. Ele resolveu aumentar meus poderes e me fez superintendente da Excelsior. Daí era diferente. Cheguei à estação e disse aos funcionários que era o novo superintendente e que quem não quisesse aceitar, que fosse procurar seus direitos... Quem quisesse trabalhar, ia trabalhar e quem quisesse agitar que fosse agitar longe, sem impedir o trabalho. Muitos funcionários ficaram do meu lado e nós tentamos fazer a emissora continuar..."*

289

O que ninguém sabia, e só veio a saber uma semana depois, é que Dorival Masci de Abreu, não podendo realizar negócios, por sofrer processos de dívidas e protestos em cartórios, tinha comprado 90% das ações da Excelsior em nome de sua esposa, Terezinha Masci de Abreu, dando como garantia da transação enorme área de terreno, cuja escritura estava completamente irregular, inclusive com outro nome. Tal situação iniciou violentos protestos dos advogados curadores do espólio Simonsen, bem como dos meios políticos do governo e da Polícia

Federal, visto que o Sr. Dorival era perseguido pelo regime militar não só por questões políticas, mas também por corrupção.

Sobre essa venda, comentou Wallace Simonsen Neto: “... Apareceu um sujeito, eu não lembro mais o nome... oferecendo-se para comprar e eu vendi a estação para ele... Daí uns dias a Polícia Federal me prendeu. Fiquei preso 24 horas, depondo, com um montão de caras me interrogando. Parece que esse comprador era cassado, sofria processos, a rádio dele estava com problemas e eu não podia ter vendido para ele... Taxativamente me disseram: volte lá e assumo...”

Ao envolver-se enganosamente com a rede Excelsior, Dorival Masci de Abreu acabou sendo preso pela Subcomissão Geral de Investigações, do governo federal, e as ações foram devolvidas para Wallace. Por decisão de um colegiado de funcionários foram colocados na chefia operacional da rede Ferreira Neto e Gonzaga Blota. Na direção administrativa estava o coronel Geraldo Martins e na direção financeira, Raul Joviano de Almeida. Os grupos econômicos mais envolvidos na crise da Excelsior eram: o grupo Simonsen, o grupo Frical (Frias de Oliveira e Caldeira Filho), o grupo da rádio Marconi, além de entidades comprometidas pelas circunstâncias, como a Sociedade de Cultura Artística, que por não receber o aluguel do teatro há quase um ano, havia entrado com ação de despejo contra a Excelsior. Também a Casa Teatral de São Paulo que emprestava roupas de época para a emissora, ameaçava entrar com ação judicial, para receber o que lhe era devido.

290

Em 15 de abril de 1970, a revista *Veja*, sob o título *Novela Policial*, fez amplo comentário sobre os problemas que a emissora enfrentava: “A novela de enredo imprevisível que mais emociona parte do público de São Paulo estes dias não é nem *Véu de Noiva*, nem *Nino, o Italianinho*, é a *Campanha da Esperança*. Vinte e quatro horas por dia os capítulos e os personagens apelam para a sensibilidade e para a generosidade dos espectadores e dos credores, principalmente. Nós, funcionários do Canal 9, TV Excelsior, assumimos a direção desta casa. É a você, credor,

*que fazemos este apelo. Nos dê condições de trabalho para que você possa receber. Nós também somos credores. Estamos trabalhando para que tudo seja solucionado”.*

A dívida que envolvia a rede Excelsior (São Paulo e Rio de Janeiro) era de quase 40 milhões de cruzeiros novos, equivalente a dez milhões de dólares. A empresa tinha cerca de 400 funcionários, que além de não receberem salários há vários meses, estavam ameaçados de desemprego. O jornalista Ferreira Neto fazia apelos para que as empresas credoras não entrassem com ações contra a emissora, pelo menos nesse momento de desespero, para que ela conseguisse sair da crise. Artistas de diferentes emissoras como Hebe Camargo, Agnaldo Rayol, Roberto Carlos e outros participavam de shows beneficentes em favor dos funcionários da Excelsior que, pela imprensa faziam apelos para que não se pedisse a falência da rede, pois quatrocentas famílias estariam desamparadas.

Como muitos profissionais da Excelsior não tinham dinheiro para se alimentar, o Sr. Antonio, dono do bar em frente à emissora de São Paulo, na Rua D. Santa Veloso, num ato extremamente generoso, passou a alimentá-los, confiante de que tudo se resolveria. Na tentativa de arrecadação de fundos, mais um grande show foi realizado: *A Campanha da Esperança*, que teve a participação de artistas da televisão paulista em geral e pedágios em ruas centrais de São Paulo. O dinheiro arrecadado conseguiu socorrer os funcionários mais necessitados, mas por pouco tempo.

Dorival de Abreu, quando em liberdade, voltou a lutar pela posse da rede Excelsior, provando por contrato assinado pelo Wallace Simonsen Neto que a emissora pertencia à sua esposa. Forçando a entrada no Canal 9, em São Paulo, no dia 17 de julho de 1970, com seus advogados, o ex-deputado enfrentou violenta discussão com Gonzaga Blota, Saulo Ramos (advogado do espólio Simonsen) e dois delegados da Polícia Federal. A discussão prolongar-se-ia por vários dias sem nada resolver. O advogado Saulo Ramos argumentava que

enquanto Dorival não apresentasse um documento do governo federal autorizando a venda do canal, o contrato de venda não tinha efeito legal, pois uma rede de televisão, pertencendo à área de segurança nacional, não podia ser negociada nem transferida sem o consentimento do Ministério das Comunicações. Como Dorival era perseguido politicamente pelo governo militar, dificilmente essa autorização seria concedida.

Paralelamente às discussões sobre a posse da rede, os funcionários da Excelsior prosseguiram na luta pela sobrevivência própria e da emissora, que no final de julho sofreu um incêndio, considerado proposital, inutilizando três dos quatro estúdios da Vila Guilherme, em São Paulo. A maior parte dos equipamentos foi salva pelos funcionários, que achavam estar defendendo um patrimônio deles para compensação de salários atrasados, caso se declarasse a falência da emissora.

292

Ante o montante da dívida, o desânimo estava tomando conta de todos, pois além dos salários atrasados, dos aluguéis vencidos, das dívidas com as companhias distribuidoras de filmes e com inúmeros outros credores, a Excelsior devia somas enormes ao governo federal: principalmente com o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social da época) e com o imposto de renda.

Devia ainda impostos à Prefeitura de São Paulo, empréstimos não pagos aos Bancos do Estado de São Paulo e do Estado da Guanabara e perdia cada vez maior número de processos na Justiça do Trabalho, devendo pagá-los.

Os advogados do espólio Simonsen e do Sindicato dos Radialistas achavam que só o pedido de falência, por parte dos funcionários da Excelsior, iria pôr um fim em toda essa complicada situação. Entretanto, os funcionários resistiam à ideia, pois além de ficarem sem emprego, não iam receber o que lhes era devido em curto prazo de tempo, pois essa questão poderia durar anos para ser resolvida na Justiça.

O Ministério das Comunicações, com o auxílio do Dentel, já havia proposto à presidência da República a cassação das emissoras pertencentes à rede Excelsior, por falta de condições básicas de funcionamento. O jornalista Ferreira Neto pediu ao governador Abreu Sodré que lhe conseguisse uma oportunidade de conversar com o Presidente da República, general Médici, na inauguração da usina elétrica de Xavantes, que iria ocorrer no interior paulista. Junto ao presidente, o jornalista explicou que a diretoria da Excelsior pretendia negociar uma extensa área de terra, em Campos de Jordão (SP). A ideia era vender 50% da área, realizar ali a produção de uma telenovela e vender os 50% restantes, supervalorizados pela divulgação que a novela teria feito do local. Através dessa venda final pretendia-se chegar à recuperação financeira da rede. O presidente prometeu que estudaria o assunto, mas dois meses depois, em 28 de setembro, cassou a concessão de funcionamento das emissoras da Excelsior, proibindo a continuidade de sua programação.

Tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, a programação continuou no ar mais dois dias. No Rio de Janeiro, por determinação do superintendente, coronel Nilton Leitão, a programação continuaria até que os funcionários do Ministério das Comunicações fossem retirar o cristal responsável pelas transmissões, o que aconteceu no dia primeiro de outubro. Em São Paulo, também no dia primeiro, o jornalista Ferreira Neto interrompeu as transmissões do seriado cômico *Adélia e suas Trapalhadas*, às 18h30, e comunicou ao público que, por ordem do governo federal, as transmissões do Canal 9 eram encerradas definitivamente. O funcionário do governo retirou o cristal de transmissão e o entregou ao jornalista. Em 15 de outubro de 1970, era decretada a falência fraudulenta da Televisão Excelsior S.A. Sobre as possíveis causas da falência comentaram alguns profissionais comprometidos com a rede:

**Cacilda Lanuza** (atriz): *"... olha é muito difícil explicar... porque a diretoria mudou inúmeras vezes. Cada vez, era um dono diferente... Ninguém sabia o que acontecia. O teto era de um dono, o chão, de outro, o equipamento, de outro... o que a gente via era apenas uma confusão terrível. Falava-se de falência fraudulenta, falou-se que o*

*incêndio da Excelsior foi proposital... Vendiam para uma determinada pessoa, depois não era mais... o Canal 9 não podia ser vendido porque estava penhorado na Justiça... Era uma confusão... era cômico... Eu entrei com uma ação na Justiça do Trabalho... mas nem a intimação relativa ao meu processo conseguiu chegar... porque não tinha com quem brigar. Não se sabia quem era o responsável...".*

**Waldemar de Moraes** (diretor) acha que: *"... o custo das novelas era muito alto... o anunciante não cobria tudo... o gasto era muito maior que a renda... O Edson Ferreira Leite... não procurava meios para gastar qualquer coisa... e o grupo Folha andou fazendo... empréstimo que depois a Excelsior não pôde pagar... O grupo Folha assumiu... quando o Edson saiu... e eles se deram mal porque... de repente aparecia uma promissória para pagar...e tinha que pagar... Aí apareciam papagaios aos mil, sem comprovação, sem documentação... e tinham que pagar... ao ponto de a própria Folha desistir... era gasto demais..."*.

294

Para **Walter Avancini**: *"... A Excelsior viveu muitos problemas, a par da disposição do Edson Ferreira Leite e do Alberto Saad. Eles não conseguiam se estruturar administrativamente. Foi falta de estrutura administrativa, realmente, porque a emissora era um grande sucesso... a empresa tinha uma mentalidade muito criativa, mas nenhuma mentalidade administrativa..."*.

Para o ator e produtor **Fernando Baleroni**: *"...o Canal 9... só podia ter o fim que teve porque era muita gente. Era muito gênio lá dentro... E numa casa onde muitos mandam... o fim é desmoronar... O Edson Leite e o Alberto Saad são duas criaturas espetaculares... mas o Edson era muito crente... um ingênuo... e foi assessorado por muitos malandros... Ele não estava percebendo que os cupins estavam tomando conta do tronco... E o negócio desandou..."*.

A atriz **Arlete Montenegro** conta que já em 1969: *"... começou uma certa confusão, começou a não aparecer a roupa certa... a produção começou a diminuir os gastos, cortarem coisas e os nossos pagamentos começaram a atrasar de uma forma brutal, a ponto de nós ficarmos 8*

*meses sem receber um tostão... a ponto de as pessoas perderem casas... no meu caso, carro, apartamento... E continuando ali até o fim... eu achava que ia acontecer algum milagre... Era tão lonesco... a diretoria mudava semanalmente... o teu colega que estava brigando, ao teu lado, tão indignado quanto você, era chamado lá em cima, porque ele estava agitando mais... e no dia seguinte ele era o novo diretor... estava igual aos lá de cima e a gente passava a brigar com ele... o dinheiro que entrava dos patrocinadores sumia na mão deles... o Fábio Cardoso foi um dos últimos diretores e me contou que o Wallinho (Wallace Simonsen) era de chegar e arrombar o cofre para pegar o dinheiro que estava guardado para as despesas. Uma vez ele (Fábio Cardoso) chamou a polícia para prender o Wallinho e a polícia disse: mas nós não podemos prender, ele é o dono...”.*

Para o Sr. **Carlito Adesi**, do departamento comercial da Excelsior: “... a emissora teve falhas administrativas como: contratação de elenco artístico maior que as necessidades da casa... e implosão, através de conflitos internos, com grupos se envenenando e provocando o não rendimento do custo operacional...”.

E **Gianfrancesco Guarnieri**: “... eu fiquei sem receber 8 meses. Mas continuar... era uma questão de desafio e de notar que aquilo estava sendo destruído e que não era legal... Houve perseguição política, não há dúvida... Depois a coisa caiu, eu acho, ao nível de se atirar à carniça e ver quem conseguia mais dali... Foi uma ação quase de gângster em cima daquele patrimônio... porque quando veio a massa falida, onde estava aquele material, onde estava o equipamento?”

Apesar do encerramento, o drama de 368 funcionários da Excelsior iria continuar, bem como o de todas as pessoas físicas e jurídicas envolvidas com a rede.

Os equipamentos que haviam sobrado em São Paulo, nos prédios da Vila Guilherme, de propriedade de Frias e Caldeira, embora embargados pela Justiça, foram retirados e aproveitados para utilização na nova

emissora de televisão que se inaugurava em São Paulo, a TV Gazeta Canal 11 (pertencente à Fundação Cásper Líbero) em que Frias e Caldeira tinham interesses. Esses equipamentos de estúdio e caminhões de externa foram camuflados com nova pintura, mas ao procederem à raspagem (por ordem da Justiça Federal) foram encontrados os logotipos da Excelsior.

Essa lesão ao resto de um patrimônio que deveria ser vendido para ressarcir parte das dívidas, provocou grandes protestos dos sindicatos e dos jornais e foi mais uma questão para constar do enorme processo judicial que se instaurou, após a falência da rede. Apesar de vários indiciados, esse processo de mais de 2 mil páginas responsabilizava, como maior culpado, Wallace Simonsen Neto.

296

Durante todo o ano de 1971, o dono da Excelsior foi intimado a comparecer em juízo para prestar declarações. Como não compareceu, foi expedida ordem de prisão contra o empresário, que havia se refugiado na França. Em março de 1972, a ordem de prisão foi revogada e Simonsen pôde voltar ao País, com a condição de prestar à Justiça as informações necessárias para esclarecimentos da falência. Em todas as vezes que compareceu perante a Justiça, Simonsen portou-se de maneira evasiva e estranha. Terminado o inquérito entre todos os indiciados, o processo, na página 2.170, indicava que as causas determinantes da falência da Televisão Excelsior S/A consistiam em: caos administrativo, inexistência de controle contábil (ou seja, nos últimos meses, a empresa não tinha sequer um contador), descaso pela situação econômico-financeira da empresa, queda vertical do faturamento por inabilidade e desatenção para com as coisas sociais, negócios ruinosos para a firma, inadimplência patológica crônica, tudo redundando em consequente aumento do passivo.

Na página 2.171 do processo, no capítulo Procedimento do Devedor Depois da Quebra, encontrou-se a justificativa do comportamento estranho de Wallace Simonsen nos seus depoimentos à Comissão de

Justiça: o empresário desejava ser declarado interdito mentalmente para escapar das responsabilidades civis e criminais.

Em abril de 1974, o Ministério Público de São Paulo denunciou, por crime falimentar, cinco ex-diretores da Televisão Excelsior S.A: Wallace Cochrane Simonsen Neto, Raul Joviano do Amaral, Luiz Gonzaga Blotta, Antonio Caio Chaves Franco e Silvio Probst Torres.

Depois de tantos anos e tantos prejuízos causados, o caso continua não so-lucionado. Os funcionários da Excelsior nunca receberam um centavo do que lhes era devido. A maior parte dos outros credores também nada recebeu. Os grandes empresários implicados com a rede continuaram seus empreendimentos no mesmo ou em outros setores de atividade. Para a história da televisão brasileira resta o amplo saldo positivo que a emissora proporcionou ao veículo tanto em realizações artísticas quanto em inovações.

Segundo Gianfrancesco Guarnieri: *"... A Excelsior foi de importância fundamental... a partir dela começou-se a perceber as possibilidades da televisão como indústria cultural... Ela valorizou o profissional... investiu na industrialização da telenovela... abriu espaço para o autor brasileiro e serviu de enorme know-how para o que a Globo realiza hoje".*

Para Walter Avancini: *"... Na história da televisão eu acho que a TV Excelsior tem o papel de autêntica protagonista da transformação da televisão brasileira. Não podemos esquecer o papel que a TV Tupi teve como pioneira. Mas o primeiro momento de síntese e transformação foi a TV Excelsior, que foi o elo para a televisão moderna atual. Ela foi a transição e teve em si todas as propostas viáveis que se verificam hoje na Televisão Brasileira."*



## Carlos Manga

(do livro *50/50*, de Boni)

O convite para um outro trabalho veio pelo Sr. Wallinho Simonsen, filho do dono da TV Excelsior, uma televisão que ia estrear no Rio de Janeiro. Fui contratado por Miguel Gustavo dentro de um mictório. O salário era altíssimo. Três mil, não sei bem em que moeda. Mas representava aproximadamente trezentas vezes mais do que eu ganhava na TV Rio. Esse foi meu grande contrato na televisão.

299

Dentro de um banheiro e um cara pegando no pinto para fazer xixi na minha frente. Nessa emissora, fizemos muitos programas. Lembro-me de *Times Square*, *My Fair Show*, *Dois no Balanço*, *Chico Anysio Show*, *A Volta ao Mundo em 80 Shows*, *o Vovô Deville*, *Agnaldo Rayol Show*, *J. Silvestre* e *Chacrinha*.

E, em muito pouco tempo depois, a Excelsior era líder de audiência.



## Daniel Filho

(do livro *O Circo Eletrônico*, de Daniel Filho)

Houve então uma novidade no panorama da televisão brasileira: o surgimento da TV Excelsior, que tirou quase todos os melhores profissionais da TV Rio e da TV Tupi, numa grande debandada comandada por Carlos Manga e Chico Anysio.

As estações de televisão funcionavam de maneira autônoma, em cada estado do País. Cada uma tinha sua própria programação. A ideia da Excelsior era fazer uma network, uma rede, produzindo programas para todas elas. Conseqüentemente poderia pagar salários incomparavelmente mais altos. Então foi todo mundo.

301

Fui, também, acompanhando a Dorinha, que ia fazer os *Bonequinhos Cantores no Times Square*, um programa de imenso sucesso, que tornou o quadro famoso em todo o País. Eu, que faturava cerca de 60 mil, 70 mil cruzeiros por mês, passei a receber um salário de 1 milhão e duzentos em 1963! E Dorinha ganhava até mais do que eu! Na Excelsior, passei a dirigir vários programas.



## O Comercial Segundo Carlito Adese

*Entrevista a Marcelo Pires Camargo*

Antes, a Excelsior era o tempo do Scantimburgo, do Álvaro Moya, Cyro Del Nero. A segunda Excelsior, com Edson Ferreira Leite, Alberto Saad, e vieram os vândalos, todos nós – graças a Deus, os vândalos que somos os pais aí da TV Globo – bom, então a primeira fase era uma fase maravilhosa uma harmonia, era uma irmandade. Agora aquilo foi decaindo, foi degradando. Também foi um dos motivos da queda da Excelsior. Aí começaram, depois de uns dois ou três anos que a Excelsior tava funcionando, aí começou guerra de ciúmes, de vaidades. O próprio Edson Leite e o Alberto Saad já não se entendiam perfeitamente, então tinha a turma do Edson, a turma do Alberto que se matavam aqui atrás, que a Excelsior, ela foi morrida dentro, ela foi esfacelada dentro.



## Vida e Morte da TV que Criou o Conceito de Rede

*Entrevista de José Dias a Gonçalo Júnior*

Mais de três décadas se passaram desde que a TV Excelsior foi ao ar pela última vez. Era 1969, ano de seu décimo aniversário de fundação. Mesmo tanto tempo depois, sua gloriosa e trágica trajetória permanece como um capítulo obscuro na história da televisão brasileira. Teria sido a emissora uma vítima das arbitrariedades do regime militar, como se tem afirmado? O processo de falência aberto pela Promotoria de São Paulo – e que soma nada menos que dezoito caixas com alguns milhares de documentos – desmistifica essa versão. A papelada reúne desde as notas fiscais da aquisição das primeiras máquinas e câmeras aos contratos de exclusividade com grandes estrelas da TV. E não deixa dúvidas: a Excelsior acabou por desmandos administrativos e financeiros.

Desde os primeiros estudos que se fizeram sobre a emissora no começo da década de 1980, ganhou força a ideia de que a primeira televisão moderna e profissional do País – que estabeleceu uma grade de programação vertical e horizontal e uma forma de gerenciamento, copiadas depois pela Rede Globo – teria tido sua licença de funcionamento cassada como vingança dos militares por não ter apoiado o golpe de 1964. Essa versão é contestada pelo advogado paulistano José Dias. Por sete anos, entre 1959 e 1966, ele foi o consultor jurídico e advogado da emissora. Coube-lhe as funções de fazer os contratos, comprar equipamentos e até negociar com a censura. Anos depois, por coincidência, uma sócia sua foi nomeada síndica da massa falida da Excelsior, função que ela exerce até hoje.

Assim, como um karma, a Excelsior permanece ligada à vida de Dias há quase 45 anos. Nesta entrevista exclusiva, feita em 2001 para a Gazeta Mercantil e nunca publicada – por motivos que serão mostrados no decorrer da conversa – ele conta em detalhes o que realmente pôs fim à rede.

Declarado admirador do regime militar e crítico implacável da esquerda – se diz um assumido “elemento de direita” – o respeitado advogado mostra que tem boa memória e faz revelações sobre o destino da Excelsior. Cauteloso ao falar de alguns nomes, Dias deixa a impressão de que há muito ainda a revelar.

Em que contexto surgiu a TV Excelsior, de São Paulo?

*Quando se vai falar da Excelsior, é preciso fazer um preâmbulo. Naquela época, não havia no Brasil o que hoje se conhece como redes de televisão. As televisões eram, digamos, esparsas. Embora tivessem o mesmo nome em alguns estados, como foi o caso da Tupi, não atuavam com o conceito de rede, de transmissão uniforme e simultânea para todo País. Havia no Rio três ou quatro emissoras e cinco em São Paulo. Elas eram independentes dentro do mesmo grupo, com programação local própria. Transmitir do Rio para São Paulo e vice-versa era uma coisa muito difícil. Só era possível à base de links, que eram instalados de tantos em tantos quilômetros – o que era muito complicado e caro de fazer. E a primeira TV que realmente fez uma rede de televisão no sentido de transmitir conjuntamente entre os dois mais importantes estados foi a Excelsior, embora muita gente pense que foi a Tupi ou a Record. Desde o começo, ela foi pensada para esse fim. Ao mesmo tempo, tornou-se a primeira estação de televisão regularizada no Brasil, uma vez que as outras não eram oficializadas junto ao Dentel e ao Contel. A história da Excelsior, desde o começo, é interessante e bonita e precisa ser contada.*

306

Explique-se melhor essa história de regularização.

*Acontecia o seguinte: as emissoras de televisão eram concessões, como ocorre até hoje. Essas permissões eram dadas com uma série de exigência de documentos. Para complementar o registro junto à entidade governamental – que na época era o Contel (Conselho de Telecomunicações) e depois passou para Dentel – era preciso se submeter a um processo muito primitivo. O que isso queria dizer? Era necessário pegar a documentação de todos os diretores e acionistas e registrá-la, com a planta de funcionamento, da parte elétrica e estrutural. Aconteceu*

*que todas as emissoras anteriores – Tupi, Record, Paulista – não tinham feito seus registros. A concessão era dada e o negócio ia para o ar sem nenhuma preocupação em legalizá-la. Como não havia uma cobrança do governo, ninguém se via obrigado a fazê-lo. A Excelsior veio e cumpriu a lei, fez como deveria ser.*

Por que vocês tiveram essa preocupação?

*Eu era o advogado da emissora e levei aquilo a ferro e fogo, fiz a parte legal como estabelecia a lei. Queria que tudo funcionasse corretamente. Então, peguei a documentação toda e mandei-a para o Contel. Enviei inclusive uma espécie de planta básica que informava como a emissora funcionava – tanto na parte eletrônica quanto na comercial e artística. Regularizamos tudo. Desse modo, a televisão recebeu um atestado de regularização.*

Como surgiu a Excelsior?

*A concessão da TV Excelsior pertencia a Victor Costa. Ele era o dono da TV Paulista que tinha também a permissão para colocar no ar um outro canal. Como a legislação não permitia que se fosse dono de duas emissoras de TV na mesma cidade – o grupo econômico ou os acionistas não podiam ter duas estações – ele foi obrigado a vender um. Funciona assim até hoje. Tanto que Sílvio Santos teve de se livrar da Record para ficar com o SBT. Em 1953, Costa colocou a Paulista no ar e ficou com outra sem operar. Foi então que teve de dar um jeito de vendê-la. Quem a comprou foi Mário Wallace Simonsen, um dos herdeiros do grupo Simonsen. Os outros eram Roberto e Wallace, irmãos e donos do Banco Noroeste, da Cerâmica São Caetano, da Companhia Comercial da Borda do Campo e de uma série de empresas. Quando o velho Wallace faleceu, esse império foi dividido entre os três irmãos. E eles se separaram. Cada um ficou com determinado número de empresas. Mário Simonsen passou a comandar a holding, formada pela Vazim, com a Comal e a Panair do Brasil.*

Por que Mário Simonsen entrou no negócio de televisão?

*Por causa de um dos filhos dele, Wallinho, que gostava de televisão.*

*Para montar a estação, ele precisava de duas pessoas que entendessem de televisão ou de rádio. E encontrou-as perfeitamente. Contratou Alberto Saad e Edson Ferreira Leite para, com Walinho, montarem a televisão Excelsior. Isso aconteceu em 1959.*

O canal do Rio veio muito tempo depois?

*A Excelsior do Rio foi montada posteriormente, mas com pouca diferença de tempo em relação a São Paulo. Depois, os sócios adquiriram canais em Porto Alegre e Minas Gerais, já com o propósito de formar uma rede de TV, como são as empresas do ramo hoje. Era uma novidade na época. Ou seja, o que a Globo estabeleceu na virada para a década de 1970 e que permanece como padrão até hoje nós fizemos a partir de 1959.*

De onde veio esse conceito de rede de televisão que a Excelsior introduziu no Brasil?

308

*Foi um formato importado da TV americana. Naquela época, os EUA já funcionavam com três redes de televisão que cobriam todo país: ABC, NBC e CBS. Esses canais levavam uma programação unificada para a maioria dos estados americanos ao mesmo tempo. A ideia de fazer algo parecido veio para cá por intermédio de Alberto Saad – que muito tempo depois fundaria a TV Bandeirantes – que havia viajado com o propósito de ver os equipamentos que deveriam ser comprados para montar a estação de televisão de Simonsen. Ele teve a sensibilidade para perceber o funcionamento desse sistema e sondou com os americanos para ver como poderia fazê-lo no Brasil. Lembro-me que ele entrou em contato com o pessoal da ABC, que lhe deu todas as informações necessárias e o deixou ainda mais entusiasmado.*

Havia algum propósito político na montagem da Excelsior, no sentido de apoiar algum partido ou político?

*Não, nenhum, nunca. Absolutamente nenhum. A TV Excelsior foi montada por um capricho do filho de Mário Simonsen. Walinho adorava televisão, era um sujeito viajado, conhecia o mundo inteiro. Enquanto estávamos aqui engatinhando na busca de uma linguagem para a TV,*

*ele já tinha visto como funcionavam emissoras de televisão de vários países e queria fazer algo novo, moderno e profissional. Portanto, repito, não houve finalidade política alguma. Eu participei do ato de compra da TV Excelsior.*

Como assim?

*Presenciei o momento em que Victor Costa estava morrendo e mesmo assim assinou os papéis transferindo para Mário uma das concessões de TV que tinha. Ele estava com câncer, muito mal de saúde. Fomos pegar as assinaturas dele e a documentação toda pouco antes de sua morte. A Excelsior era realmente uma emissora de pessoas que gostavam de televisão. E eram todos empreendedores. Posso até dizer que eram lunáticos por aquilo. Eles faziam tevê 24 horas por dia. Por isso a emissora se tornou logo um grande sucesso.*

A ligação do então presidente Juscelino Kubitschek com a família Simonsen não fez com que houvesse apoio político a seu mandato?  
*Nada, nada. Eu participei ativamente desse período inicial posso dizer categoricamente que não aconteceu isso em relação a JK. No período de sua fundação, tudo passava por mim relacionado a documentos, contratos e dinheiro. A Excelsior contou mesmo foi com uma grande ajuda do governador Adhemar de Barros, de São Paulo. Se houve alguém que deu um apoio para a consolidação da emissora foi ele.*

De que forma?

*Prestigiando, abrindo crédito para a emissora através do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). A tevê tinha um crédito muito bom dentro do banco, encaminhado pelo próprio governador, que fez uma abertura muito grande, ofereceu condições ótimas para descontar títulos e duplicatas. Não quer dizer que a Excelsior se tornou uma tribuna para ele fazer política. Em contraste, recebíamos lá qualquer político porque todos queriam falar na tevê. A Excelsior estava sempre aberta para quem quisesse manifestar suas ideias. O próprio deputado Herbert Levy, dono da Gazeta Mercantil, tinha o canal aberto para falar. E olha que havia uma guerra aberta entre ele e Mário Simonsen.*

O que aconteceu?

*Logo nos primeiros anos da Excelsior, houve um problema político seríssimo contra Simonsen, cujo principal adversário em São Paulo foi Herbert Levy. Não me aprofundei nisso, mas posso dizer que, naquela época, a fortuna do senhor Simonsen era muito grande porque ele tinha nas mãos um dos grandes negócios do Brasil que era o comércio de exportação do café. Ele atuava como um dos chamados “interven-tores” nacionais na exportação de café. Havia três intervenções esta-duais, localizadas em São Paulo, Paraná e Minas Gerais. A do Paraná pertencia a Simonsen.*

O que eram essas intervenções?

*Funcionava assim: toda a produção de café só podia sair do País por intermédio de um interventor. Cabia-lhe definir o destino do produto, para que país iria. Enfim, cuidar das exportações. O interventor era uma pessoa que regulava e comandava as operações de vendas – que incluía estocar o produto lá fora, de onde era vendido pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC) – que depois foi extinto. Em São Paulo, eram os Almeida Prado os responsáveis por isso. Eles conheciam o negó-cio profundamente. Não me lembro quem fazia o mesmo em Minas Gerais. No fundo, o governo sempre interveio de alguma forma na exportação de café, como faz até hoje. Atualmente, para exportar é preciso deixar determinado volume da safra no País. São as cha-madas cotas de café. Na década de 1950, essas cotas foram dadas para três empresas.*

Qual foi o problema político que envolveu Simonsen e Levy?

*Como sabemos, todas as vezes que algum grupo político sobressai, você logo descobre que tem amigos e inimigos. Não participei diretamente do que aconteceu, pois minha área era muito mais do gerenciamento da televisão. Portanto, segundo soube, naquele período, o café saía do Brasil e era depositado em Milão, nas companhias de armazéns gerais. Para poder pagar esse café no Brasil, o que faziam os interventores? Eles negociavam os famosos warrants, emitidos pelas companhias de armazéns. Eram títulos de crédito representativos de commodities depo-*

*sitados nessas empresas. Esses títulos eram descontados em Milão com facilidade porque valiam café. Certa vez, porém, no meio do caminho de uma operação, descobriram que esses warrants de Simonsen tinham sido duplicados ou falsificados. E isso gerou um grande escândalo e se tornou o meio político que se descobriu para tentar acabar com ele. Começaram a dizer que seu grupo tinha descontado duas vezes o mesmo título de crédito. Aquilo se espalhou pelo mundo inteiro e o governo brasileiro foi forçado a tomar providências, evidentemente, e tirou a representação do café no Paraná dos Simonsen.*

Isso ocorreu por volta de que ano?

*Em 1960, bem na fase inicial da Excelsior. Olha, aconteceu na época uma briga judicial que dura até hoje, mais de quatro décadas depois. Ainda não se tem a solução deste problema. Ou seja, não existe a certeza se os títulos eram ou não falsificados ou se tudo não passou de uma armação para derrubar Mário Simonsen. Mas nesse meio tempo, os créditos que ele tinha no mercado desapareceram pela perda de credibilidade, por causa das acusações – digo Mário porque os outros dois irmãos continuaram com seus negócios normalmente. Todos os bancos lhe fecharam as portas e não houve possibilidade de continuar descontando os títulos e nem de vender o café. Aquilo tudo parou de funcionar. Ninguém mais quis comercializar com a Companhia Exportadora de Café, o que trouxe um prejuízo muito grande para o grupo.*

Inclusive para a emissora?

*Não que o problema afetasse a TV Excelsior num primeiro momento porque a emissora já tinha vida própria, estava em primeiro lugar na audiência e faturava muitíssimo bem. Enquanto administrada por Alberto Saad e Edson Leite, a Excelsior nunca teve problemas financeiros.*

Explique melhor qual era o propósito da pressão liderada por Herbert Levy contra Simonsen no caso dos bônus falsificados?

*Creio que o propósito final daquele escândalo era sim desmoralizar o grupo. Pelo que eu soube na época, havia interesses de deter-*

*minada ala política, principalmente da UDN (União Democrática Nacional), não só de desmoralizar Simonsen como também, de uma forma ou de outra, tirar essa intervenção do café dele, porque era um altíssimo negócio ter nas mãos toda a exportação do Paraná, que era tão grande produtor quanto o Estado de São Paulo. Enfim, havia um volume muito grande dinheiro para se manejar.*

Como começou o tiroteio. Tinha algum econômico de destaque por trás disso?

*Se tinha eu não sei. Eles começaram primeiramente atingindo uma das empresas de maior prestígio dos Simonsen, que era a companhia Panair do Brasil, que atuava no ramo de transporte aéreo de passageiros. Houve um interferência muito grande do brigadeiro Eduardo Gomes, e ele praticamente exigiu a cassação da licença da operação da companhia. Ele lutou bravamente para que se tirasse a empresa dos seus verdadeiros donos. E isso foi feito. Houve uma intervenção e liquidaram a Panair. Essa briga da empresa de aviação com o governo brasileiro na Justiça existe até hoje. E o grupo Simonsen inclusive ganhou uma parte dessa ação – não sei se totalmente.*

312

A Panair era de origem americana, certo?

*Sim, a companhia foi comprada por Simonsen da Panamerica Oneway. Metade ficou com Mario Simonsen e metade com Rocha Miranda, um grupo do Rio de Janeiro. Quando deu esse problema todo em relação ao café e à Panair, Rocha Miranda foi de certa forma seriamente atingido em seus 50%. Cassaram a Panair e quem ficou à frente para se defender foi Miranda. Simonsen saiu da história. Quando ocorreu esse problema, com receio de prejudicar a Excelsior, Simonsen a vendeu para Alberto Saad e Edson Leite, com a condição de que um terço ficasse com seu filho, Wallinho. Desse modo, cada um passou a ser dono de um terço do negócio. Com essa operação, a emissora ficou totalmente desvinculada do grupo Simonsen e, portanto, longe do tiroteio que saía na imprensa. A Panair ficou com Rocha Miranda. E as demais empresas foram aos poucos sendo liquidadas.*

O problema da Panair estava vinculado ao escândalo do café?

*Sim, a investida contra a Panair foi uma consequência da história dos títulos. Aconteceu no momento em que houve toda aquela campanha contra Simonsen – uma mobilização jornalística terrível, praticamente movida pela UDN que estava contra o governo.*

Carlos Lacerda liderou a campanha no Rio?

*Não. Embora fosse a grande liderança da UDN ao lado de Jânio Quadros, Lacerda não atuou muito acintosamente nesse episódio. Ele sempre se manteve numa posição mais distante. Creio que, por sua vontade, não teria ocorrido a campanha para destruir Simonsen. Mas ele tinha sim algo contra o empresário. Foram realizadas campanhas de desmoralização tanto no Rio quanto em São Paulo. Na capital paulista era comandada pelo então deputado Herbert Levy. Não que Levy estivesse errado. Ele parecia estar convicto da duplicidade dos títulos e denunciou na Câmara dos Deputados e na imprensa uma situação que lhe pareceu irregular. Ele era deputado federal e diariamente ia à tribuna para massacrar Simonsen. Dizia, “vamos liquidá-los”. Creio que tinha suas razões, sempre foi uma pessoa muito correta, muito direita.*

313

Que conclusão o senhor tira hoje desse episódio?

*Na minha opinião, houve um movimento político contra Simonsen, liderado pela UDN. Dizer que algum político estava na liderança disso é muito difícil porque era um partido muito coeso. De um pensamento só. A UDN era uma inimiga ferrenha do getulismo, representado pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). E contra Juscelino, do PSD (Partido Social Democrata). Esses eram os dois partidos que defrontavam com os udenistas. Então, tudo que havia do lado dos dois e, portanto, do governo, a UDN estava contra. Isso era um princípio partidário em âmbito federal. E aqui em São Paulo tudo que fosse a favor de Ademar de Barros, a UDN torpedeava. Era a norma dos tradicionalistas, geralmente comandados pelos Mesquitas, de O Estado de S. Paulo, que sempre se mantiveram nessa linha e continuam assim até hoje. Se alguém escorrega dessa linha eles caem em cima. Inclusive, eu era amigo de Julinho Mesquita. Morávamos no mesmo prédio, tínhamos*

*apartamentos vizinhos. Na Câmara Federal, quem cuidava dessa questão dos Simonsen era Herbert Levy, então o deputado mais votado da UDN no estado. Sempre foi um parlamentar muito ativo e tinha uma linha de conduta que não mudava de jeito nenhum.*

No que a Excelsior se diferenciava das outras estações? Modelo de gerenciamento? Programação?

*A Excelsior era dirigida na parte artística por Edson Leite. E na parte comercial, por Alberto Saad. Eles formavam dois grupos dentro da televisão. Leite fez uma programação ultramoderna. Era um homem que saía daqui para os Estados Unidos e Europa em busca de novidades. Trouxe desses lugares a televisão moderna e implantou-a no Brasil. Com isso, formou grandes produtores e diretores dentro da TV Excelsior que até hoje ocupam funções importantes na Globo. Chegou a fazer com que esse pessoal saísse do Brasil para ver como era a TV lá fora. Desse modo, começamos a nos aperfeiçoar e a nos profissionalizar porque muita coisa era feita no improviso. Enquanto nos EUA se tinha a facilidade da técnica, aqui era preciso improvisar. Mas nossa improvisação sempre foi muito boa em matéria de televisão. O que a Globo tem hoje não é nada além do que a Excelsior implantou em 1960. o formato de programação é o mesmo, sem tirar nem pôr. Inclusive os horários: telejornal, novela das 8 – naquela época, fazíamos duas novelas, uma das oito e outra das 9 horas. Antes disso era o jornal. E antes, a novela das seis, que era mais leve.*

314

São as chamadas grades de programação vertical (diária) e horizontal (semanal)?

*Exato. Em parte, a Globo hoje ocupa o primeiro lugar porque praticamente deu continuidade ao modelo estabelecido pela Excelsior.*

Inclusive com profissionais que foram da Excelsior...

*Sim, sim. Da própria Excelsior. José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, foi um filho da Excelsior. Mas ele também foi responsável por introduzir muita coisa nova dentro da Excelsior. Principalmente na programação. Só saiu porque teve uma desavença com Edson Leite.*

*Um queria seguir determinado caminho e outro não. Edson continuou e fez o lado dele. Os dois tinham mais ou menos a mesma linha. Eram duas cabeças sensacionais para a programação. Conheciam muito de televisão. Ou melhor, ficaram conhecendo por causa dessa época, digamos assim, gloriosa para a televisão.*

É verdade que a Excelsior começou com equipamento deficitário, adquirido em Santos?

*Não foi bem deficitário. Começou com o que era possível adquirir. Porque naquela época havia facilidade de trazer máquinas de fora graças à isenção, como existe até hoje. Em 1959, isso era muito maior. Poderia comprar equipamentos usados no exterior, com preços mais convenientes. O primeiro maquinário da Excelsior veio dos EUA, da Ampex. E não era de segunda mão. O primeiro com tecnologia mais moderna foi adquirido da companhia Marconi e veio diretamente da Inglaterra carregado por aviões da Panair. Muita gente diz até hoje que essas máquinas vieram contrabandeadas. Isso não é verdade, não pode ser verdade. Naquela época, o governo permitia a importação com isenção porque não havia similar nacional. Pedia-se apenas uma formalização ao governo e este autorizava imediatamente. Ou vinha de navio ou por avião. A Excelsior optou pela segunda. Quando o maquinário chegou, espalhou-se essa história de contrabando que não tem sentido. Ocorre contrabando quando não se pagam impostos. Mas havia, repito, isenção fiscal. Portanto, não é verdade.*

315

Bom, nesse contexto, de alguma forma a briga política e econômica contra Simonsen respingava de todas as formas contra a Excelsior?

*Ah, respingava e muito. Tanto que houve um momento em que Saad e Leite disseram: ou ficamos com a estação ou saímos porque o escândalo começou a prejudicar a continuidade da emissora. Por isso, eles compraram por um preço barato. Nesse momento, a emissora ainda não estava totalmente montada. E o equipamento americano e inglês fora todo financiado em longo prazo e, portanto, era preciso pagá-lo. A própria televisão pagou suas máquinas. Simonsen não tirou dinheiro*

*do bolso para quitar as parcelas. Por isso a Excelsior se apertava muito em dinheiro – parte foi adquirida em libras esterlinas.*

A venda da Excelsior para os dois funcionários foi a forma encontrada para salvar a emissora, para tirá-la do foco de seus adversários durante o escândalo do café?

*Foi, foi. Das duas, uma: ou Simonsen fechava uma emissora que estava em primeiro lugar na audiência ou abria mão de seu comando. Escolheu a segunda. Ele disse para Leite e Saad: vocês assumem o comando, mas um terço fica com meu filho.*

A presença de Wallinho fez com que o grupo continuasse colocando dinheiro na TV?

*Não, por causa do escândalo do café, acabou o dinheiro de Mario Simonsen. O grupo acabou nesse momento.*

A emissora do Rio foi montada ainda na fase dos Simonsen?

316 *Sim, porque aquilo foi feito imediatamente depois de São Paulo. Não houve um espaço grande de tempo para comprar a estação do Rio. Ela foi adquirida num período de meses. Na ocasião, também fizemos uma associação com o grupo Sirotski, dono da TV Gaúcha, e ficamos com 50%. Compramos a TV Vila Rica, que era também uma concessão que pertencia ao dono do Banco Real, e montamos uma estação em Belo Horizonte. Fizemos uma associação no Paraná. E assim formamos uma rede de cinco emissoras, além de fecharmos acordos de retransmissão com outros estados, como a TV Jornal do Comércio, de Recife. Em Curitiba, nossa parceria foi com o grupo Martinez. Uberlândia, Cuiabá. Participávamos acionariamente mesmo com 50% na Gaúcha; um terço na Vila Rica e 100% no Rio e em São Paulo. Toda a programação da rede saía de São Paulo. Para o Rio, ia via link. O resto seguia diariamente por avião para que fosse colocada no ar à noite. Assim, a programação entrava no mesmo instante, em sincronia, embora fosse em tape.*

Como o senhor descreveria a Excelsior em sua estrutura de gerenciamento e programação?

*A Excelsior tinha um departamento comercial que era sensacional, que vendia todo o horário de programação. O que é a mercadoria de uma emissora? É o segundo. Se você não vende, o relógio mexeu, você perdeu. Então, tínhamos uma estrutura para o horário nobre com um preço mais caro do Brasil. Ia das 19h30 às 22h30. Nesse espaço, não se mexia na tabela de preços dos comerciais. Mesmo porque as agências de publicidade compravam toda faixa com bastante antecedência. Depois desse horário, a Excelsior estabeleceu que o tempo não podia ficar na prateleira. Para isso, vendia-se pelo preço de oferta, não deixava cair.*

Deu certo?

*Sim, praticamente todo nosso horário comercial era vendido, o que não acontecia com as outras emissoras. Seguimos uma política de não fugir da tabela no horário nobre, mas ser flexível em outros. Vendíamos os intervalos das duas ou três da madrugada pelo preço que dessem, enquanto as outras emissoras preferiam sair do ar a partir da meia-noite. Botávamos filme de madrugada para desovar toda a publicidade que conseguíamos. Não importava se vendíamos por 50 centavos o minuto. Aquilo era faturamento, era dinheiro. E foi graças a isso que construímos o primeiro estúdio moderno de televisão na América Latina, na Vila Guilherme, e que depois pertenceu a Silvio Santos. Eram seis estúdios. Gravamos novelas ambientadas no Rio que eram, na verdade, feitas dentro dos estúdios de São Paulo. Os americanos ficaram bobos quando viram o que fazíamos. A novela As Minas de Prata foi construída e gravada dentro do estúdio. Montamos um cenário igualzinho ao americano, com cabeção e fiação idênticas. Um negócio ultramoderno. A Excelsior foi por isso aplaudida fora do Brasil.*

317

Que outra inovação a Excelsior fez?

*Na parte artística, não precisa nem dizer. Até hoje se comenta a respeito da capacidade de fazer três ou quatro novelas ao mesmo tempo. A Excelsior fazia, mostrou que isso era possível. Inovou também com a novela diária. Toda noite havia ainda episódios completos, tipo Brava Gente, que a Globo exibiu depois das 22 horas. E as transmissões de futebol? Nós fomos a primeira emissora brasileira a fazer transmissão*

*de uma partida com cinco câmeras. As outras usavam, no máximo, duas. Geralmente faziam tudo com uma. Colocamos câmeras atrás dos gols e na beira do gramado. Os caminhões vinham do Rio para São Paulo só para fazerem isso. Foi uma forma de fazer TV que mudou muito pouco e perdura até hoje.*

Mesmo sem Simonsen, a Excelsior teve problemas políticos em 1964, não foi?

*Problema político em 1964 só não teve quem não quis. Foi o ano da revolução, quando o comunismo estava querendo se infiltrar no Brasil e as forças armadas, acertadamente, não permitiram. Foi um período em que se vivia de sobressaltos. Nós da Excelsior, que ficávamos ali, na Nestor Pestana (centro de São Paulo), alugávamos o teatro Cultura Artística para programas ao vivo, chegamos a apagar quatro incêndios claramente criminosos. E não se sabia quem havia posto fogo. A Tupi e a Record também passaram pelo mesmo problema. Foi uma época de terrorismo bastante difícil.*

318

Por que o senhor diz que eram incêndios criminosos?

*Digo criminosos porque eram feitos pelo pessoal da esquerda. Nunca se pegou nenhum deles, mas tínhamos certeza disso. Essa turma realmente se infiltrou e causou problemas terríveis. Não só na televisão como em outras grandes empresas. A área de TV era mais visada porque a publicidade obtida pela repercussão com os atentados era maior. Lembro-me que alguns anos depois, quando a Bandeirantes fazia um espetáculo na Av. Brigadeiro Luiz Antonio, botaram fogo duas vezes no teatro.*

Quais eram os propósitos desses atentados?

*Terrorismo. Terrorismo. Por que houve a revolução de 1964?*

Mas que ligação esses terroristas faziam entre as emissoras e o chamado movimento de comunização do país?

*Com os atentados, a publicidade para os propósitos deles era muito maior. Uma coisa era dizer: botaram fogo numa fábrica de Joãozinho*

*em Pirituba. Outra era dizer: incendiaram a TV Excelsior, Record ou Bandeirantes.*

P – *Dá realmente para se ter uma ideia da origem desses grupos? Eram de grupos esquerdistas.*

*Ligados a quem?*

*Veja bem. Pode-se dizer que eram grupos ligados a João Goulart, embora quisessem derrubá-lo para implantar o comunismo. Eram baderneiros da esquerda que existem até hoje. Alguns foram presos, banidos e hoje estão aí. Alguns até participam do governo de Fernando Henrique Cardoso. Não é necessário fazer a lista. Todos sabem quem são.*

*Na época, eram pessoas ligadas aos sindicatos?*

*Ao Partido Comunista Brasileiro. A forma de eles tentarem derrubar o governo Goulart e instalar uma ditadura de esquerda no país era essa. Era por meio do terrorismo.*

319

*Os incêndios tinham características semelhantes?*

*Veja bem, aquilo que nós sabíamos era porque acontecia sempre a mesma coisa: colocavam chumaço de algodão embebido em álcool em determinados locais. Depois, botavam fogo e corriam.*

*Esses incêndios tinham horários determinados, quando a emissora estava vazia? Ou pretendiam machucar as pessoas?*

*Os horários eram os mais diversos. Chegamos a encontrar incêndio preparado que não houve tempo de ser deflagrado. Isso aconteceu embaixo do palco do estúdio 2. Descobrimos pedaços de algodão molhados com querosene, prontos para serem ateados com fogo. Como tínhamos um serviço de segurança bom justamente por causa disso, foi descoberto a tempo. Vigia-se constantemente para descobrir quem estava por trás, pois eram pessoas lá de dentro. Nunca se descobriu nada sobre quem fazia isso.*

Entre 1960, quando aconteceu a venda, e 1964, como foi a sobrevivência da emissora?

*Foi muito bem. Como disse, a gente tinha um apoio muito bom do governo de São Paulo, Adhemar de Barros. Ele dava cobertura não só para a Excelsior como para todas as emissoras. Principalmente para a Tupi, de Assis Chateaubriand e Edmundo Monteiro. Porque isso interessava politicamente a ele, lógico. Que governo quer brigar com um jornal ou emissora de televisão? Não é que havia um apoio exclusivo à Excelsior, mas a todas as TVs. E eram todas emissoras que se não fossem de direita não eram de esquerda. Tinham uma postura de centro, digamos assim. Até 1964, tivemos um governo bastante tumultuado porque a esquerda começou a tomar conta do país. Houve vários movimentos terríveis que o exército acabou sufocando. Quando aconteceu o golpe militar, para muitos foi um alívio porque pôs o país em ordem. A esquerda praticamente foi banida na época.*

320

Onde havia infiltração da esquerda na Excelsior?

*Principalmente no setor artístico. Era uma coisa perceptível, a gente sabia. Também tínhamos uma ideia sobre quais eram os elementos de esquerda que faziam sabotagem. Havia uma coisa muito interessante: o artista, pelo menos naquele época, era um apaixonado pelo que fazia. Em primeiro lugar, vinha seu trabalho. Então, ele chegava a ser um poeta, um romântico no trabalho, só depois pensava no dinheiro. Normalmente o artista é assim. Se você diz para ele que vai trabalhar e ficar sem receber seis meses ele trabalha. Gosta do que faz. Na Excelsior, davam-se o sangue e a alma. Tanto lá quanto nas demais emissoras. Portanto, era difícil conturbar essa área. Mesmo havendo interesses políticos, era difícil para eles conseguirem seus objetivos.*

Vocês tentaram controlar, minimizar essa presença de subversivos dentro da Excelsior?

*Toda emissora, seja no setor artístico, comercial ou artístico, tem uma liderança. Esse líder que comanda numa empresa geralmente é alguém de confiança, ligado à diretoria. Então, o comando é dele dessa forma.*

*Tínhamos pessoas assim, que colocavam panos quentes em tudo e não deixavam essa infiltração acontecer. Na parte artística, o pessoal obedecia a esse comando. Tente tirar o comando da parte artística de um grande produtor como Nilton Travesso, avalista de quase todos os programas de humor da Globo e diretor da Record durante muitos anos. Não dá. Travesso faz o que quer, como quer, com qualquer equipe, não há quem lhe desobedeça. Sabe por quê? Porque ele é aceito, é respeitado, é um líder nato. E assim existiram muitos na época.*

Quando se vendeu a parte da Excelsior para Leite e Saad, a imprensa que combatia Simonsen deu uma trégua para a Excelsior?

*Deu. E houve um apoio muito grande aos dois por parte das empresas de publicidade de prestígio. Elas sabiam que os novos donos eram do ramo, conheciam televisão e rádio, haviam dirigido a Rádio Bandeirantes durante anos. Chamava-se "Cadeia Verde-Amarela Norte-Sul", criada por eles, que fez da emissora a líder em transmissão esportiva para todo o País. Por isso, sempre foram muito respeitados pelo setor publicitário porque, quando eles se comprometiam a fazer, cumpriam. E também faziam benfeito. Conheciam profundamente rádio, televisão e cinema. Então, quando Mario Simonsen lhes passou o grupo, Leite e Saad acharam que foi um alívio muito grande porque a Excelsior estava numa situação financeira muito difícil.*

321

A recuperação foi rápida?

*Sim. A Excelsior passou a funcionar muito bem com suas próprias pernas. Manteve-se um aperto financeiro porque tudo aquilo que havia sido comprometido por Simonsen para montar a emissora de uma hora para outra ficou só nas mãos dos novos donos que só tinham como receita a publicidade. Nós havíamos comprado 1,5 milhão em libras esterlinas em equipamentos da Marconi que eram para ser pagos pelo grupo Simonsen. Uma fortuna. Trouxemos da Inglaterra praticamente uma emissora inteira: carros de reportagem, câmeras. A Marconi era e é ainda o melhor equipamento que existe. Se um japonês custa 10 mil dólares, um inglês similar dessa marca sai por 50 mil libras (7x mais).*

O que havia de moderno nesse material?

*O equipamento que compramos tinha inclusive tecnologia para transmissão colorida que não chegamos a instalar porque acabou o dinheiro. Não tínhamos os aparelhos, mas meio caminho andado. Só faltava o retransmissor colorido. Na época, a cor era um negócio que já existia. Havia um projeto da Excelsior de comprar o retransmissor e ser a primeira TV em cores do País. Estávamos em 1966, quando Alberto saiu. Ele se desiluiu por causa dos problemas internos com Edson Leite. Quando Alberto Saad deixou a emissora, eu fui junto – foi ele quem me contratou. Foi quando o grupo Folha comprou 50% da televisão. Edson continuou. A Excelsior ia ser uma pioneira na cor. Mas incomodava muita gente.*

A concorrência?

*Sim, os outros grupos de televisão. A diferença dos custos para se montar uma rede em cores e uma em preto e branco era na proporção de 3 por 1. Quer dizer, saía pelo triplo e seria preciso um investimento muito grande. Por que a Globo foi a primeira a colocar no ar o sinal em cores? Porque tinha por trás dela um grupo econômico, o americano Time-Life – que nunca se provou, mas a gente sabia que existia. Vou até mais longe, existe ainda até hoje. Na época, fomos investigados pelo SNI (Serviço Nacional de Informações) porque houve uma denúncia de que havia capital estrangeiro nas emissoras brasileiras. Nunca aconteceu isso na Excelsior, na Tupi, nem na Record e nem na Bandeirantes. Eu participei da parte jurídica de todas essas emissoras e posso garantir isso. Se alguém afirmar o contrário, na minha opinião, está mentindo. Agora, na Globo, sabíamos que o Time-Life deu o dinheiro. Os americanos chegaram a mandar um representante deles para atuar dentro da emissora, que foi Joe Wallach. Coube-lhe dirigir a parte financeira. Ficou lá durante muito tempo. Era o homem do Time-Life.*

Muito tempo depois, a Globo alegou que durou pouco tempo o acordo.

Ou o próprio Time-Life realmente continuou por trás?

*O próprio Time-Life continuou no negócio. Apenas foi o seguinte: tudo se faz no Brasil por meio de laranja, não é verdade? Então, o grupo*

*americano tirou seu nome e colocou no lugar o de outras pessoas. Todo mundo sabia disso. O difícil era provar. Mas esse capital americano existe lá até hoje não tenha a menor dúvida.*

O governo militar foi condescendente com essa operação, não foi? Não. O governo militar de forma alguma se meteu naquela confusão. Até tentou apurar. Mas não deu para provar.

O presidente Castelo Branco chegou a abafar a CPI para proteger Roberto Marinho, que depois retribuiu muito bem...

*Eu mesmo fui intimado a depor no SNI. Falei mais de quatro horas para provar que não havia dinheiro estrangeiro na Excelsior. Levei a documentação toda. A mesma coisa fizeram a Tupi, Record e Bandeirantes. Isso aconteceu depois do golpe, claro. A primeira investigação feita pelo governo Castelo foi contra as emissoras de TV, rádios e jornais. As TVs foram muito pressionadas por causa das denúncias relacionadas ao escândalo Time-Life. Em relação à principal envolvida na época, a Globo, não conseguiram provar. Mas nós do setor sabíamos por que, apesar de toda a fortuna do senhor Roberto Marinho, ele não tinha condições de montar uma emissora como a que ele fez com recursos próprios.*

323

Durante todos os anos 1970 o Time-Life interferiu muito na Globo? Como já disse antes, sim. Quer uma opinião minha? Até hoje essa presença permanece. A questão não é quem está por trás. Seus interesses estão em nome de terceiros. Na época, o negócio chegou a ser acintoso. O volume que entrava de dinheiro na Globo era um negócio fantástico. A emissora entrou para derrubar a concorrência mesmo. Para atropelar. E fez isso com dinheiro americano.

De que forma isso se evidenciava?

*Ah, por uma série de coisas. Pela chegada de equipamentos e de pessoas, de americanos que vinham para cá. O próprio Wallach nada mais era do que um representante da emissora. Ele dirigia a parte financeira inteirinha da emissora. Está vivo até hoje, virou artista de cinema. Hoje é da Time-Warner.*

Diz-se que a Globo se beneficiou do regime militar e vice-versa. O senhor acha isso também?

*É lógico. Você deduz dessa forma, mas encontrar algo assim de prova muito evidente nesse sentido é muito difícil de se conseguir.*

O senhor trabalhou na Excelsior de 1959 a 1966. Depois, foi para qual emissora?

*Desde o tempo da Excelsior, eu sempre mantive meu escritório de advocacia. Eu trabalhava lá porque dava assistência jurídica à emissora. Mas havia pessoas que trabalhavam comigo no escritório e outros clientes. Da Excelsior eu fui para a Record, num período em que a situação financeira da TV estava muito difícil. Eu fui lá para tentar dar uma ajuda, digamos assim. Mas isso aconteceu muito tempo depois da Excelsior, por volta de 1972. Fiquei durante oito meses para fazer uma adequação, inclusive havia uma grande disputa porque metade da empresa pertencia a Silvio Santos e outra metade à família Machado de Carvalho. Um dia, Paulinho (de Carvalho) me perguntou se eu queria ir para lá. Aceitei e demos uma acertada nas contas. Praticamente a emissora se equilibrou. Pelo menos um pouco. E saiu do vermelho, voltou a respirar.*

324

Seu escritório prestou assessoria a algum outro canal nos anos 60?

*Não, só à Excelsior. Porque dá uma mão de obra muito grande. É como aqui no escritório hoje. Temos uma parte que presta assistência a empresas em situação financeira não muito boa que a gente toca na frente jurídica e procura colocar as coisas no lugar. O que fizemos na Record foi dar uma mão. A situação era muito feia, estava próxima de quebrar. Conseguimos fazer com que Silvio voltasse a participar da empresa. Eles acabaram por vendê-la para os evangélicos. Silvio tinha de vender porque tinha metade da Record e do SBT. Ele deu uma ajuda muito grande à Record. Hoje, a Record está muito bem.*

O que o senhor sabe sobre a invasão da Excelsior do Rio pelas tropas militares no dia do golpe de 1964?

*Eu não participei diretamente dessa história. Se bem que no Rio naquela época se fazia qualquer coisa porque o tumulto lá era uma coisa*

*horrorosa. O que não acontecia em São Paulo. O Rio estava totalmente desgovernado. Pela própria atuação de Jango, aquele pessoal mais miúdo do Exército e da Marinha – tenentes, cabos e sargentos – andou fazendo umas barbaridades por lá. Lacerda sempre foi um sujeito que fazia o que bem entendia, forjou algumas coisas que aconteceram e que não foram verdade, como aquele tiro no pé no atentado da Rua Toneleros, em 1954. Aquilo foi tudo inventado. Era muito fácil – como ainda é hoje – invadir uma emissora de televisão, tomar o microfone e falar. Não tem segredo. Se o programa é ao vivo, você entra, toma o microfone e começa a falar. É muito fácil. Não dá para ter controle. Naquela época, muito menos. Tentaram fazer isso aqui em São Paulo antes do golpe. Assim que os militares assumiram o poder, tudo se normalizou.*

E como foi a tentativa de tomar os microfones da Excelsior em São Paulo para falar em nome dos golpistas?

*Eu apenas ouvi essa história. Mas foi coisa de 15 a 20 minutos e tudo foi controlado.*

325

O que mudou na Excelsior depois do golpe? Houve alguma interferência ou ingerência na emissora?

*Veja bem. O golpe de 1964 foi uma coisa benéfica para o Brasil. Havia um tumulto geral no país. O golpe foi absolutamente necessário. Ou se fazia aquilo ou o país caía de vez na baderna. Não havia outra escolha. E a baderna era feita pela esquerda. E era uma coisa assim... É que nossa memória é uma coisa muito curta.*

Houve uma adesão total da imprensa...

*...Do povo. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade que houve foi necessária.*

Mas os fatos mostram que a ditadura fez muito mal ao País. Como o Ato Institucional número 5...

*Não, eu particularmente não esperava que a coisa tomasse esse rumo.*

O senhor estava entre os que apoiaram o golpe e se decepcionaram depois com a repressão?

*Veja bem. Eu sou um elemento de direita. Eu fui a favor do golpe de 1964 e fui a favor da continuidade do golpe de 1964, com o governo Castelo. Não concordei com o Ato Institucional número 5 (AI-5), achei que não havia necessidade. Poderia ter continuado da mesma forma como o general Castelo renunciou. O AI-5, na minha opinião, foi uma deturpação do golpe de 1964. Não precisava chegar àquele ponto. Os militares poderiam muito bem ter convocado eleições diretas depois de Castelo e ter posto no poder quem eles quisessem. Qualquer pessoa que apoiasse seria eleita porque eles moralizaram o país. É que todo mundo se esquece das barbaridades que foram cometidas pela esquerda aqui em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outros estados. Matou-se muita gente antes de 1964. O que se fez depois da saída de Jânio e a derrubada de Jango foi uma barbaridade.*

O senhor poderia citar algum exemplo disso?

326

*Atentados terroristas. Nós víamos o que acontecia. Eu, naquela época, era estudante, fazia pós-graduação na faculdade. Quantas bombas vimos explodir em bares, restaurantes, cinemas e teatros? Muita gente morreu nas mãos dos esquerdistas que hoje estão aí fazendo discursos. Eles mataram muitas pessoas. Acontece que só lembramos depois do que aconteceu com o Exército. A baderna era total. Só quem viveu aquela época pode se lembrar. Acabaram com o País. Quando veio a revolução, foi a coisa mais benéfica que poderia ter acontecido, colocou-se o País nos eixos. Fala-se muito no general (e presidente Emilio Garrastazu) Médici, não é? Pois ele foi o melhor presidente que o Brasil já teve.*

*Muita gente esquece que durante cinco anos de sua ditadura nós não tivemos ditadura. Você sabia disso? Nunca te contaram isso, não é?*

Foi o período do milagre brasileiro, que depois se revelou um estado artificial das coisas, além de muita tortura...

*Agora, foi um governo duro? Foi. Tinha de ser um governo duro? Tinha. Demorou-se muito para acabar com o que se começou antes do golpe por parte da esquerda.*

Bom, de volta à Excelsior, quando a emissora começou a morrer?  
*No dia em que o grupo Folha – do jornal Folha de S. Paulo – comprou a Excelsior, em 1965. Quem tem um jornal e pretende ter uma emissora de televisão é bom que arranje rapidinho alguém para cuidar da TV. Porque quem cuida de jornal não pode tomar conta de televisão. São dois flancos completamente distintos. O grupo Folha resolveu comprar a parte da Excelsior que pertencia a Alberto Saad e passou a querer dirigir a empresa como se faz com um jornal. Aí, deu problema. Rádio e TV são coisas muito peculiares. Dirige-se muito mais pelo lado sentimental do que pelo lado frio das contas. E tentaram comandar a Excelsior por meio de uma ditadura empresarial. E acabaram com a televisão.*

O senhor não estava mais lá, havia saído com Saad?  
*Eu deveria sair com ele, mas fiquei alguns meses a mais para fazer a transferência da parte jurídica para a Folha. Saí porque não me batia muito bem com Otavio Frias de Oliveira. Não o filho, mas o pai.*

Quais os erros fatais para a sobrevivência da Excelsior cometidos pelo grupo Folha?  
*Foi um só: o fato de seu Frias querer dirigir a Excelsior.*

Quando o senhor percebeu que não daria certo?  
*Eu mesmo lhe disse que não daria certo o que pretendia fazer. Como não adiantou, fui para meu escritório, bati uma carta de demissão e fui embora. Aí, o Carlos Caldeira Filho, que era outro sócio de Frias, chamou-me e pediu que eu ficasse mais seis meses, tempo que achava necessário para arrumar a parte jurídica da empresa depois da compra. Fiquei mais seis meses por causa dele. E Frias resolveu dirigir a emissora no mesmo sistema que comandava o jornal. Resultado: arrumou encenca em tudo quanto era lado e a TV começou a cair na audiência. Do primeiro, foi para o segundo. Depois, terceiro; por último, acabou em quarto e último lugar.*

Só para se ter uma ideia, explique melhor esse sistema de gerenciamento que ele tentou implantar na Excelsior...

*Eu diria que era algo tipo “empresarial frio”, entende? Sabe aquilo que falei do segundo na TV como mercadoria, que era preciso vender? Com ele não se podia mais negociar a qualquer preço, mas dentro de uma tabela. Não se podia negociar os intervalos da programação. Estava estipulado que das 18 às 22 horas valia seis mil reais o segundo – num exemplo de hoje. Se viesse uma empresa de publicidade e propusesse: “eu quero comprar um pacote, mas não pago seis mil, só 4,5 mil, mas adquiro outros horários”. Isso não podia. Frias estabeleceu um sistema rígido dentro de uma emissora de TV. Não funciona e nem vai funcionar nunca. É preciso amoldar a programação, ser mais flexível. Funciona assim. Apesar de a Globo ter uma tabela, acredito que ela também amolda, cede um pouco. É preciso fazer concessão. Não é porque está em primeiro lugar que vai impor regras.*

Quanto tempo a Folha de S. Paulo ficou à frente da Excelsior?  
*Dois anos. Nesse período, Frias quebrou a Excelsior. Em vez de ele admitir que não entendia nada de televisão e dizer assim: vou contratar o senhor Boni e mais uns três ou quatro para dirigirem a Excelsior, preferiu se sentar na direção e achou que era um iluminado. Dessa forma, quebrou a emissora.*

O senhor discorda da afirmação de que a Excelsior foi uma vítima da ditadura militar, quando teve sua licença cassada?  
*Discordo totalmente. Não teve nada a ver. Absolutamente. Pelo contrário, na época dos militares, a Excelsior teve maior liberdade possível. Havia, durante o governo Castelo, alguma censura, mas isso era feito contra todos os meios de comunicação. Dentro do regime de força, a censura é natural, costuma a ser uma das primeiras medidas tomadas quando se assume um governo dessa forma. Havia uma censura dentro da TV principalmente na parte de jornalismo. Evidentemente, como alguns elementos da censura eram despreparados, às vezes implicavam com pequenas coisas, que não importavam em nada quanto à manutenção do regime. Implicavam também em não deixar tocar determinadas músicas porque cismavam com uma palavra, um verso, que não tinha absolutamente nada a ver com subversão.*

Cabia ao senhor cuidar da relação da empresa com a censura?

*Sim, eu cuidava disso. Muitas vezes tive de negociar com eles. Funcionava normalmente assim: a gente mandava o programa para a censura e ela dava o OK ou dizia o que não concordava. Quem fazia isso era a Polícia Federal. A gente não tinha muitos problemas quanto a isso. Diziam que não podia, a gente substituía e ia em frente. Porque não adiantava nesse momento ficar se chocando com o poder público.*

Mas, certamente, em algum momento, o senhor se irritou com o despreparo ou a paranoia de algum censor, não?

*Sem dúvida, porque eles cismavam com coisas que visivelmente não conheciam, não dominavam e que, de forma alguma, podiam prejudicar o que na época se chamou de Revolução de 1964. implicavam com bobagens. Às vezes, um verso de uma música era interpretado como subversivo. Mas não tinha nada disso. E mesmo que fosse, não ia causar nenhum prejuízo ao movimento. Colocar uma frase que eles imaginavam que seria subversiva no que poderia afetar a Revolução? Nada. A Revolução era muito forte, tinha tranquilamente o País nas mãos. Porque quando quer o Exército o tem. É só querer. Não há quem consiga derrubá-lo.*

329

Enfim, o senhor tinha um trabalho de advogar contra a censura...

*Argumentávamos e algumas vezes eles aceitavam. Não eram tão rígidos assim. Ocorreram vários casos em que eles aceitaram nossos argumentos. Houve fatos interessantes que não tinham nada a ver com censura. Eram muito mais por causa do temperamento dos artistas. Uma vez, a apresentadora brigou com o namorado e se recusou a entrar no ar. Para resolver o impasse, mandamos buscar o namorado para fazerem as pazes. Ou acontecia de termos de ameaçar de demissão para resolvermos algum problema desse tipo. Coisas da vida de uma televisão, da vida dos artistas. Dionísio de Azevedo, um dos grandes produtores de novela deste país, por exemplo, era um elucubrado. Você dava-lhe a direção de uma novela e ele inventava de fazer uma cena no Piauí porque durante as férias ele tinha visto uma cachoeira que era ideal. Sabe qual o custo de transportar uma equipe para o Piauí? Mas fazia coisas sensacionais, verdadeiras obras de arte. Faziam-se muitas intrigas entre Edson Leite e ele.*

Nos tempos da crise vocês enfrentaram paralisação na Excelsior?  
*Sim, por falta de pagamento de salários. Mas isso aconteceu na fase crítica, quando Alberto Saad e eu tínhamos saído. Os funcionários pararam depois de seis meses sem receber. Na ocasião, a Excelsior não tinha mais a liderança da audiência. Chegou um momento em que Frias viu que não poderia mais levar a emissora adiante. Então, ele resolveu vendê-la. Mas não se arranjou comprador. Quem iria comprar uma empresa que estava em quarto lugar eu audiência? E bolou uma forma de se livrar da Excelsior.*

O que ele fez?

*Devolveu a televisão para Wallinho Simonsen, com papel passado e tudo. Ele simplesmente devolveu a estação. E Wallinho, que nunca trabalhou na vida, sem saber o que fazer, não ia ter condição de dirigir a emissora. E esta praticamente acabou na mão do sindicato dos empregados. Quem sentou lá para tentar dirigir e salvá-la foi Ferreira Neto. Carlos Zara, que também era do sindicato, tentou encontrar uma saída. Mas não conseguiram. O dinheiro tinha acabado. E sem dinheiro não se faz nada.*

330

Aí veio a cassação da licença?

*Não, antes de ser cassada, a Excelsior quebrou. Saiu do ar antes de ser cassada. Depois, o governo colocou em concorrência pública a licença de seus canais e deu para a Manchete, de Adolfo Bloch.*

Não foi mesmo uma cassação por motivação política?

*Não, não foi retaliação política.*

Que processo é esse da Excelsior de dezoito volumes que o senhor tem aqui no escritório?

*É da falência da emissora. Os credores se habilitaram a receber o que tinham direito e por uma dessas coincidências da vida, uma colega minha de escritório, Maria Elvira Calazans, acabou sendo nomeada síndica da massa falida. Ela teve um trabalho danado, mas conseguimos levar o processo da falência até o fim. Pagamos a quem podíamos pagar. Conseguimos vender parte do equipamento. Nesse sentido, acabou bem, sem maiores problemas.*

O que poderíamos encontrar de interesse nesse calhamaço de papel?  
A história da Excelsior?

*Não, a história você não vai encontrar. O importante aí são os documentos sobre a briga na época muito grande que ocorreu durante o processo de falência entre minha colega e a Folha de S. Paulo sobre quem foram os causadores da quebra da Excelsior. Nós pedimos o depoimento de todo mundo para provar a participação da Folha de S. Paulo na história. Porque é uma medida judicial que precisa ser feita. De acordo com o artigo 34 da lei de falência, o juiz quer saber quais os motivos que levaram à falência da empresa.*

O senhor participou do processo na fase inicial?

*Não, porque eu não podia participar do processo, pois tinha sido advogado da Excelsior. Ainda que ele tenha começado quatro anos depois.*

O senhor deu alguma consultoria ao processo?

*Não é que dei consultoria. Mas algumas dúvidas apareceram e eu contribuí com várias explicações. Na parte documental, deu problema muito grande com a Folha de S. Paulo. Como disse, o juiz queria saber quem estava na direção quando a emissora quebrou. Nós achávamos que era a Folha de S. Paulo porque não sabíamos desse documento pelo qual Frias havia transferido o comando da Excelsior para Wallinho Simonson. Isso apareceu depois. A briga saía todo dia no jornal e o pessoal do Estado de S. Paulo se colocou à nossa disposição porque a Folha de S. Paulo atacava e o Estado de S. Paulo, do lado de cá, mandava dizer que qualquer retaguarda que precisássemos para responder poderíamos contar com eles. E realmente contamos com uma boa cobertura. A Folha de S. Paulo informava uma coisa e o Estado de S. Paulo, outra.*

Qual era a argumentação da Folha de S. Paulo?

*Dizia que não tinha mais nada a ver com a Excelsior. Aliás, que nunca teve nada a ver com a emissora. Mas é só ir aos autos do processo que está lá toda a documentação provando tudinho, com a transferência da parte de Saad para o grupo. Portanto, se for analisar, profundamente, quem realmente quebrou a Excelsior foi o grupo Folha de S. Paulo. Se tivesse*

*continuado sem a intervenção de Otávio Frias de Oliveira, a emissora teria continuado tropegando mas poderia ter se recuperado. Só que com a Folha, o passivo aumentou muito. Praticamente foi dobrado em dois anos, com a compra de filmes e contratação de artistas. Foram duas medidas sem retorno porque a audiência não melhorou. E sem audiência não se tem receita publicitária. Dobraram o passivo com compras inúteis. Acharam que iriam estourar no mercado. Pelo contrário, nesse período a Excelsior foi muito mal dirigida. E quando isso acontece, a tendência é quebrar.*

Quanto tempo durou essa briga na Justiça?

*Uns três anos. Isso foi um negócio muito interessante porque não se pôde aprofundar a um ponto de culpar alguém pela quebra da Excelsior. Você pega qualquer empresa de televisão. Por que a Manchete quebrou? Quem foi dirigir a emissora? O sobrinho de Adolfo Bloch, Jaquito, que não entende absolutamente nada de televisão. A primeira coisa que tem de fazer quando se compra uma emissora é colocar no comando quem entende do assunto. Senão, vai quebrar. Não tenha dúvida disso. É um negócio muito peculiar. É como colocar na direção da Gazeta Mercantil um sujeito que tem uma quitanda. Quando entrar lá, ele vai se perder por que se trata de uma publicação muito específica, dirigida a empresários e a homens de negócios. Acredito que se você colocar lá o Boni, que mais entende de TV no Brasil, ele quebrará a Gazeta Mercantil em dois meses.*

Essa disputa judicial da Excelsior ainda persiste?

*Até hoje temos gente que vem ao escritório – funcionários e artistas – para buscar informações e documentos com o propósito de se aposentar. Na qualidade de síndico da falência, até hoje damos declarações para essas pessoas. A função do síndico é essa: enquanto as pessoas precisarem de assistência teremos de dar.*

A justiça reconheceu que a responsabilidade foi do grupo Folha?

*Não, não reconheceu. Isso seria responsabilidade da promotoria para se chegar lá. Mas concluiu-se que não havia elementos que comprovassem a culpa da Folha. Se a empresa não teve uma culpa direta, pecou por omissão. Se tivesse dirigido bem, não teria quebrado a Excelsior. E*

*encerrou-se o inquérito e nada se comprovou. A parte boa da falência foi que não houve grandes prejudicados. Todos praticamente conseguiram receber alguma coisa. Foi uma falência na qual sobrou alguma coisa para se pagar. E se pagou o que foi possível. A grande prejudicada, a meu modo de ver, foi a Marconi que não conseguiu receber o que tinha direito por causa de um problema comercial. A empresa deveria ter exportado o equipamento direitinho, mas o entregou lá fora e a Excelsior trouxe por avião. Na hora de executar os créditos, a Marconi ficou sem meios para fazê-lo. Se bem que ela não perdeu porque tudo estava no seguro. Quando viu que o que sobrou foi pagar aos funcionários, a seguradora desistiu da ação e perdeu mais de um milhão e cem mil de libras esterlinas.*

Seu período em emissoras de TV durou de 1959 a mais ou menos 1972? *Sim, mas eu nunca deixei de acompanhar o negócio da televisão. Aquilo acaba entrando no seu sangue. O documento das aquisições das ações da Excelsior, fui eu quem fez. Os primeiros contratos de compras de equipamentos e de artistas passaram por meu escritório. Fui contratado por Alberto Saad. Ele chegou, explicou as minhas funções e disse: a partir de agora, todos os problemas jurídicos da emissora passam a ser seus. Eu não quero nem ouvir falar nisso. Só tem uma condição: se um dia eu souber que você se envolveu com alguma artista, você nem precisa comparecer no dia seguinte.*

E o senhor se envolveu?

*Não, não.*

Jura?

*(Risos) Juro.*

Como a Excelsior é lembrada hoje?

*Muita gente sabe hoje e reconhece seu pioneirismo. A Globo é uma cópia aperfeiçoada do que criamos. Manda no mercado como a Excelsior fazia em sua época. Ela ditava normas da programação. Teve até um fato muito curioso que mostrou bem a ousadia da emissora. Num determinado dia, a Record saiu do ar porque a Excelsior havia contra-*

*tado todas duas equipes técnica e artística da Record e a emissora não tinha como ir ao ar. Isso foi por volta de 1961.*

É sério mesmo? Não há certo exagero nessa afirmação?

*É sério. Todo mundo conhece esse fato. Não havia como a Record ir ao ar. Doutor Paulo Machado nunca se esqueceu disso. Eu participei dessa operação. Tiramos a equipe inteira em pouquíssimo tempo. Eu cuidava da parte jurídica, dos contratos trabalhistas. E depois a Record se precaveu para que isso não mais acontecesse. Foram criadas determinadas regras de ética entre as emissoras que, quando um artista saísse de uma emissora, ele teria de ficar determinado tempo fora do ar. E isso prevalece até hoje, embora nem sempre seja respeitado. A não ser que se faça um acordo e a empresa libere, sob pena de multas pesadas. A Excelsior chegou a ter repercussão internacional, era tida como uma emissora de primeira linha. Muito do que a Televisa do México aprendeu foi conosco. O dono do canal vinha sempre ao Brasil. Como o senhor se recorda da Excelsior? Com nostalgia?*

334

*Ah, foi um período sensacional. Foi o melhor momento da televisão brasileira. Maior até que hoje porque foi quando surgiram os grandes artistas que até hoje estão aí: Roberto Carlos, Jô Soares etc. Os anos de 1960 foram os mais brilhantes da cultura brasileira. Assim que se instalou a Revolução de 1964, tudo isso acabou, desapareceu a parte cultural brasileira que não voltou até hoje. No momento, começam surgir alguns expoentes na parte literária e musical. Mas tivemos um período de buraco negro por causa da revolução.*

Bom, embora o senhor tenha defendido os governos militares, pelo menos na parte cultural, os 21 anos do regime militar foram ruins para o país, não?

*Sim, foram ruins. Interrompeu-se um processo cultural muito rico que estava surgindo. Os grandes pensadores, os grandes músicos, os grandes autores nacionais, uma boa parte desse pessoal saiu do Brasil por causa da ditadura. Essa que é a verdade. As pessoas vão surgindo numa espécie de sucessão, vão sucedendo umas às outras. Quando você chega num precipício como aconteceu na época, até começar*

*tudo novamente, há um espaço muito grande. Todo esse pessoal que teve de sair do país com a revolução – e saíram muitos, em diversas áreas como cultural ou de ciências – foi trabalhar em outros países e ficou muitos anos lá fora. E não surgiu nada de novo. Não houve quem o sucedesse. Acho que esse tempo está começando a ressurgir agora. Tem um espaço de obscuridade muito grande entre os anos de 1970 e de 1990 que só começa a ser preenchido agora. O estranho foi que esses artistas que deixaram o país e tiveram seu processo criativo interrompido, quando voltaram, pouco produziram.*

Por que aconteceu isso?

*Não sei. Mas basta observamos e notaremos que algo foi interrompido. Até aonde eles poderiam chegar naquela efervescência criativa?*

# PANAIR

E M R E V I S T A

ORGÃO DOS AEROVIARIOS DA  
**PANAIR DO BRASIL, S.A.**



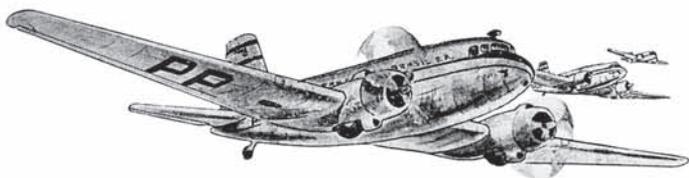
MARÇO 1944

Janeiro 1945

7

## Mais aviões para o Brasil

*Aumentada de varios aparelhos a frota da Panair*



Em face da grande dificuldade de transportes no país, agravada de modo mais agudo em consequência da guerra, o que sobrecarregou notadamente a aviação comercial, a Panair do Brasil empenhou-se, assim que houve possibilidade, em aumentar a sua frota, tendo em vista atender, em melhores condições, a quantos se utilizam dos seus ser-

ços. Assim, contando com a necessária autorização para obter novos aviões, o dr. Paulo Sampaio, esteve nos Estados Unidos onde realizou, com os melhores resultados, entendimentos que conduzi-  
am à aquisição das aeronaves destinadas à

ampliação da frota da mesma companhia.

Dois dos aviões já entregues, do tipo Lockheed-Lodestar, estão a caminho do Rio de Janeiro, para muito breve ser incorporados ao serviço nas diversas linhas a cargo da Panair, enquanto que, outros três de maior capacidade e do tipo Douglas DC-3, não tardarão a ser entregues. Afim de trazer para o Rio as duas primeiras unidades acima referidas, seguiram para Miami as necessárias tripulações dirigidas pelos comandantes Roberto Queiroz e Silva e Ernesto Labarthe Lebre, devendo outras equipagens viajar, brevemente, com igual destino, para receber as demais unidades.



A Panair do Brasil é a pioneira de serviços aéreos de extraordinária importância para a nossa vida nacional, bastando citar entre a linha do Amazonas inaugurada há mais de onze anos e graças à qual longínquas regiões de nosso país ficaram a apenas algumas horas do Rio de Janeiro.

Quem examinar, de coração limpo e com inteligência, o trabalho executado pela Panair, durante a sua já longa existência, não poderá deixar de apreciar essa empresa, pelo muito que tem feito para aproximar ainda mais os brasileiros e dessa forma fortalecer os laços da nossa unidade política.

(Tópico de "O Jornal", de 19 de dezembro de 1944, do Rio).

## O Saque ao Aeroporto de Barreiras

*Por Gonçalo Junior*

A história da Panair do Brasil tem um elo perdido nos confins do cerrado baiano. Mais precisamente em Barreiras, a cerca de 800 quilômetros de Salvador e próxima à divisa com Goiás. Distante da posição onde já esteve um dia, de maior polo agroindustrial em desenvolvimento que se transformou na década de 1990, o município com alguns milhares de moradores não entendeu direito quando, em 1940, começou a chegar um “pessoal estranho” que falava uma língua que ninguém entendia e se comportava com hábitos desconhecidos. Eram militares americanos que desembarcavam para construir um aeroporto de porte internacional que serviria de ponto de apoio para prováveis incursões bélicas no norte da África naqueles tempos em que o mundo estava implicado numa grande guerra.

Os nativos logo perceberam duas curiosidades nos visitantes: ao invés de copos de vidro, eles preferiam tomar água em vasilhames plásticos descartáveis, que eram amassados e destruídos depois do uso. O mais esquisito, porém, era o hábito de muitos que ficavam mascando durante horas sem nada engolir, exatamente como “ruminavam” os bois e as vacas no pasto. Em suas bocas se podia ver uma pequena massa semelhante a uma borracha que exalava um sabor adocicado. Tratava-se da goma de mascar que depois seria popularizada como “chiclete” – numa referência à marca da Adams – uma novidade que os moradores de Barreiras tiveram o privilégio de ser os primeiros a descobrir.

Embora tivesse sido fundada no começo do século anterior, Barreiras tinha, então, apenas pouco mais de dois mil habitantes no final da década de 1930. Localizado no chamado Polígono das Secas, o município está a 435 m de altitude, numa região de relevo montanhoso, com extensas serras de 700 m de altitude, em média. A cidade começou a se desenvolver às margens do Rio Grande, no ponto de confluência com o Rio das Ondas.

Mas foi graças à sua localização no mapa do Brasil que as forças armadas americanas se interessaram pela região e na construção de uma base militar.

A história, porém, remonta a três anos antes, quando a guerra não tinha começado e as empresas americanas Pan-American Airways System e Panair do Brasil decidiram construir um ponto de abastecimento e de pernoite para suas linhas comerciais. Na verdade, as duas companhias eram uma só. Fundada em 1929 como subsidiária da norte-americana New York-Rio & Buenos Aires Line Inc, a Panair foi comprada em outubro do ano seguinte pela Pan American, mas continuou a operar com o acréscimo “do Brasil” em seu nome.

O interesse da companhia em montar um ponto de apoio surgiu da necessidade de expandir seus serviços para capitais do Nordeste e para os Estados Unidos. Com um sistema de orientação de navegação, Barreiras seria o epicentro da rota Rio-Belém. Como os aviões DC usados pelas companhias eram menores e não tinham autonomia de voo, precisavam parar depois de determinada distância para abastecer. A Pan American, nesse momento, fazia o voo diário internacional Miami-Rio de Janeiro-Buenos Aires. As escalas eram feitas em Montes Claros (MG) e Carolina (MA), além de Barreiras, que ficava no meio do caminho. Alguns anos depois, todas as linhas interioranas do País que ligavam Norte, Nordeste e Sudeste obrigatoriamente passariam por lá.

338

## Arquivos

A historiadora e pedagoga Ignês Pita, autora de vários livros sobre a história de Barreiras, guarda em seus arquivos um tesouro sobre a experiência da Panair na cidade que lhe foi doado pela família de Sabrino Dourado, três vezes prefeito local e um entusiasta que ajudou na construção do aeroporto. Ela também recolheu depoimentos por escrito de ex-funcionários, recortes de jornais que contam a chegada

de uma comitiva das duas empresas para pedir ao prefeito Abílio Wolney um terreno com o propósito de construir a pista. O acervo inclui até a coleção das revistas publicadas pela Panair nas décadas de 1940 e 1950. A historiadora guardou folhinhas e calendários distribuídos pela companhia e uma série de fotografias do começo das obras e de funcionários em operação com os radiotransmissores.

Os registros revelam que existiram não um, mas dois aeroportos em Barreiras. O primeiro foi construído em menos de um ano e inaugurado em 1938. A pista tinha capacidade apenas para voos domésticos. José Matos Areias, que participou da construção do aeroporto, não se esqueceu dos nomes dos primeiros desbravadores encarregados da obra. Segundo ele, o grupo foi chefiado pelo engenheiro russo George Ruchim. Participaram também da obra, entre outros, o mecânico Anderson, o radiotelegrafista Geraldo Gomes e o mestre de campo Henrique Arduino.

O local escolhido por eles foi à direita de um córrego que margeava a cidade – e onde seria erguido depois o hospital municipal Eurico Gaspar Dutra. Os primeiros aviões que desceram na pista de terra batida eram da marca Beechcraft, que trouxeram diretores da Pan-American para fazerem a vistoria da região. Os executivos, no entanto, não aprovaram a escolha e decidiram que a pista definitiva ficaria na Serra do Mimo. Mudaram de ideia quando um deles sofreu um acidente grave na região. E a primeira pista foi mantida e finalizada.

339

## **Guerra**

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, o aeroporto despertou o interesse dos americanos por causa de sua localização estratégica, numa eventual entrada do país no conflito. A escolha contou, claro, com a imprescindível assessoria da Pan-American, que dominava o transporte aéreo no país – tinha, então escritórios e aten-

dia as 66 cidades em todo o País. Nos primeiros meses de 1940, autorizado pelo governo brasileiro, chegou à cidade um avião cargueiro com militares e técnicos americanos com a finalidade de avaliarem a possibilidade de transformar a pista de pouso numa base militar da força aérea americana.

O Pentágono argumentou que usaria Barreiras como suporte para voos militares que vinham de Miami e supostamente para guarnecer a região. Dali, reabastecidos, os aviões seguiriam para Natal e, em seguida, para Dacar, na África. A ideia de construir uma base no centro-oeste brasileiro – então razoavelmente desabitado e desguarnecido – surgiu de uma série de acordos oficializados entre os governos americano e brasileiro em maio de 1941 e ampliados em março do ano seguinte. Os contratos estabeleceram a aquisição exclusiva, pelos Estados Unidos, de algumas matérias-primas estratégicas – bauxita, berilo, cromita, ferro-níquel, diamantes industriais, manganês, borracha etc. *“O objetivo era principalmente preventivo, isto é, impedir que fossem vendidos a potências hostis”*, recordou Roberto Campos em sua autobiografia *A Lanterna na Popa*.

340

No livro, aliás, Campos citou a longa viagem que fez com sua mulher em dezembro de 1941 para Washington num DC3 com quatro paradas de pernoite – uma delas em Barreiras. Então funcionário do Itamaraty, o economista contou que a grande barganha do presidente Getúlio Vargas com o governo americano se centrava principalmente em dois pontos: a implantação da siderúrgica de Volta Redonda e o reequipamento das forças armadas brasileiras. No segundo caso, o propósito foi alcançado com a participação do Brasil no *“Lend Lease”*, em acordo assinado em 3 de março de 1942, até um valor de US\$ 200 milhões, do qual o País pagaria apenas 35% do total num prazo de cinco anos. Muito provavelmente, a base militar de Barreiras continuaria a ser importante para a cobertura militar no centro oeste quando o local fosse desocupado pelos americanos. Não deixa de ser curioso que, apesar de Vargas só ter declarado guerra aos países do Eixo em 31 de agosto de 1942, a implantação da base

americana tenha sido iniciada dois anos antes. Isso se explica porque no decorrer de 1940 eram intensas as negociações entre os dois governos. Tanto que, em agosto, foi assinado o acordo financeiro no qual os americanos asseguravam um crédito de US\$ 20 milhões do Eximbank para a instalação da siderúrgica em Volta Redonda.

## Mudança

Os engenheiros americanos também não gostaram da localização da pista dos voos comerciais da Pan-American e sugeriram que um novo aeroporto fosse construído a 16 km do centro de Barreiras, no alto do Planalto da Serra da Bandeira. Alegaram que ali os pousos seriam mais fáceis e a transmissão de sinais de rádio, melhores. Em junho de 1940, teve início a construção, a mil metros de altitude em relação ao nível do mar. Mais de mil homens trabalharam em sua construção, sem máquinas, apenas com a força física. Boa parte do material necessário foi transportada no lombo de burros.

Não foi fácil para os americanos localizar uma fonte de água que pudesse abastecer a base. Encontraram um pequeno riacho. Sem alternativa, fizeram uma pequena represa e instalaram uma bomba para levar água até o alto. Também construíram uma escada de pedra com nada menos que 400 degraus. Ao lado da pista foi erguida uma vila com casas conjugadas e quatro unidades cada, que serviram de moradia para os militares americanos – entre oficiais e soldados – depois, o local abrigaria famílias de funcionários da Panair.

Foram projetadas oito pistas em forma de rosa dos ventos ou de **guarda-chuva**, como preferiam chamar os brasileiros, de modo que até oito aviões pudessem pousar ao mesmo tempo e sem necessidade de manobras. A pista principal tinha uma extensão de 2.400 metros e foi equipada com balizamento apropriado para pousos noturnos. O próprio equipamento de rádio fora montado com esse propósito. A unidade

militar de Barreiras foi pensada para ser algo grandioso, de acordo com as necessidades da guerra. Quando foi inaugurado em outubro de 1941, o aeroporto dispunha de pista de taxiamento, plataforma de embarque e desembarque, almoxarifado, garagem, casa de força, escritório com serviço de meteorologia e “quipar”. Os americanos usavam em seus voos aviões B-17 e B-25, ambos de quatro motores.

Mesmo com a ocupação e o controle dos americanos, os aviões comerciais da Panair e da Pan American continuaram a se abastecer no aeroporto e a permitir pernoite dos passageiros, como se nota nos calendários distribuídos na cidade pela Panair em 1941 e 1942. Na verdade, a companhia foi contratada pelo Airport Development Program – ADP, com a missão de cuidar da infraestrutura portuária brasileira utilizada pelos aliados, como mostra Theofilo de Abreu Jr. no livro *Nas Asas da Panair*. Cabia à empresa ainda abastecer os aviões em trânsito no território brasileiro com destino à Europa e à África, serviços de radiocomunicação e o envio de borracha para os Estados Unidos. Durante a guerra, diariamente, a Panair mandou para os americanos dois C-47 carregados de cristais de rocha.

342

Um editorial da *Panair em Revista* número 3, de março de 1944, mostra que, por causa da guerra, a Pan-American e a Panair, claro, se desenvolveram de forma surpreendente no Brasil nos dois últimos anos como parte do esforço americano para manter o país como aliado. E não deixa dúvidas que recursos foram investidos e seu papel se tornou fundamental para interligar a América Latina com a Europa e a Ásia. *“O esforço dinâmico para acelerar a vitória se opera também, de modo notável, no campo de batalha da retaguarda. E é nesse dinamismo realizado em silêncio que as nossas comunicações aéreas estão tomando um impulso verdadeiramente notável.”*

O editorial chamou a atenção para os primeiros aviões cargueiros que a empresa acabara de adquirir e para a criação da primeira linha regular noturna. *“Apesar de serem tão novas essas iniciativas, de poucos meses apenas, já são consideradas coisas do passado porque a guerra*

*exige novos esforços, e a Panair, sobrepujando dificuldades, procura realizá-los do melhor e mais eficiente modo possível”.*

Mais adiante, a companhia não deixa dúvidas sobre a importância de seu papel diante do esforço americano no País. *“Seus aviões alçam voos levando, além de seus habituais passageiros, missões militares, diplomáticas, embaixadas comerciais, e carregando peças, medicamentos, correspondências, mantimentos e mil e uma utilidades. Quando se torna necessário, viagens especiais são realizadas em várias direções, tudo com a mesma segurança e presteza de seus serviços normais”.*

## **Mistérios**

Embora a Panair gerenciasse o aeroporto no período da presença americana na cidade, desenvolveu-se ao redor da bem vigiada base militar um mundo de mistério no qual os moradores de Barreiras estavam terminantemente proibidos de se aproximar. Durante a construção, por exemplo, o presidente Getúlio Vargas desceu no local para fazer uma inspeção, a pedido do presidente americano Franklin Roosevelt, mas frustrou os moradores porque, inexplicavelmente, não visitou a cidade. Depois de uma breve vistoria, seu avião decolou.

Tantos segredos não impediram que circulassem entre os moradores boatos dos mais curiosos. Especulou-se que a base militar americana na Bahia teria sido escolhida pelo governo do país aliado para acolher filhos de ricas famílias que, em idade militar, foram obrigados a se apresentar para lutar na guerra. Enquanto muitos pensavam que estavam no front na Europa e na África, eles teriam sido protegidos na base baiana. Os mais antigos contam que um dos filhos do magnata David Rockefeller teria servido no local.

No esforço de guerra, a vila militar teria servido também de abrigo para filhos homossexuais de oficiais americanos, preocupados que isso fosse usado contra eles como difamação.

Em quase três décadas de atividades, o aeroporto seria cenário de três graves acidentes aéreos. No tempestuoso 31 de março de 1945, após sobrevoar a cidade e se preparar para um pouso cego, o avião da FAB C-47-20/25 se chocou contra um morro. O acidente matou todos os 25 ocupantes. Quinze dias depois, num sábado de aleluia, outro avião da FAB caiu a algumas centenas de metros das pistas. Não houve vítimas entre os ocupantes da aeronave, mas cinco papagaios que viajavam de carona na cauda morreram. O terceiro acidente aconteceu com um avião da USAF. A aeronave havia sido comprada pela FAB e, depois de vistoriada, tentou levantar voo e caiu. Todos os tripulantes morreram carbonizados

Os voos de linha só foram intensificados depois da guerra, quando o local foi desmilitarizado e se tornou propriedade da companhia Panair do Brasil. Até o final dos anos de 1940, a Pan-American começou a adquirir aeronaves mais modernas, com mais combustível, que permitiam escalas mais distantes e dispensavam paradas em Barreiras. O mesmo faria a Panair na década seguinte. Mesmo assim, o local continuou de sua propriedade e as companhias Varig, Nacional e Cruzeiro do Sul, entre outras, mantiveram voos domésticos para o Nordeste e o uso de suas instalações. A ameaça de esvaziamento se acentuou a partir da inauguração de Brasília, em 1960.

344

## Progresso

Uma nota publicada na revista da empresa em 1944 sobre o sucesso do time de futebol de seus empregados em Barreiras – o Panair Esporte Clube – destacou a integração de seu aeroporto com os outros escritórios. *“Podíamos dizer que havia vida própria no aeroporto, com escola e serviço médico dos melhores”*, recordou Daniel Lopes, um dos primeiros a trabalhar no aeroporto. Segundo ele, o chefe de operações se chamava Edmundo. Cabia-lhe controlar o abastecimento dos aviões e toda a estrutura local.

Enquanto isso, o aeroporto transformava Barreiras rapidamente num próspero centro econômico da região. Doze anos depois do início de sua operação, a população passara de dois mil para 35 mil habitantes. A economia, que antes se limitava à agricultura, pecuária e silvicultura, mudara radicalmente. A cidade ganhou indústrias têxteis (Baylon & Filhos e Mariano Gonçalves & Cia.), de charque (Empresa Agropastoril Antonio Balbino Ltda.) e de couros (Baylon & Filhos).

A exportação de carne de charque, iniciada em 1926, ganhou novo impulso e passou a atender ao Rio de Janeiro por causa dos voos de carga que a Panair realizava todas as sextas-feiras. A principal fornecedora era a Charqueada Santo Antonio, também do então coronel Antonio Balbino, que se tornaria governador da Bahia na década de 1950. A partir de 1941, o número de animais abatidos anualmente passou das 1,2 mil cabeças, bastante expressivo para a época. Parte da carne seguia de trem ou de vapor pelas águas do São Francisco e Rio Grande para outros estados do Nordeste.

345

Nesse período, intensificou-se também a exploração da mangaba, fruta nativa da região exportada principalmente para Salvador. *“Mandávamos carne fresca e beneficiada para o Rio e Belo Horizonte e em contrapartida recebíamos mercadorias. Por isso, nosso contato com a capital baiana era quase nulo”*, observou Aníbal Barbosa Filho, ex-funcionário da Panair. A relação com o governo baiano continuaria quase exclusivamente política e só seria estreitada a partir da década de 1980, com a conclusão da BR 242.

Doze aviões pousavam diariamente quando a Aeronáutica resolveu desativar o aeroporto. A princípio, disse que, por causa de Brasília, não havia necessidade de manter o local em operação.

Ignês Pita recorda que, pouco depois da inauguração do museu de Barreiras, na década de 1990, ela recebeu a visita de um soldado raso da Aeronáutica que estava de passagem pela cidade. O aposentado não quis se identificar, mas deu um depoimento em que revelou que coube a ele dirigir a perua kombi que levou os oficiais encarre-

gados de desativar o aeroporto pouco depois da decretação do fim da Panair em 1965.

Ele teria ouvido dos colegas durante a viagem que o aeroporto precisava ser destruído por uma questão de segurança nacional: pelo seu grande porte e devido à pista que permitia o pouso de oito aviões ao mesmo tempo e o sistema de rádio, poderia ser usado para invasão de algum país inimigo – essencialmente do bloco comunista, como Cuba, que comandava o movimento revolucionário na América Latina. E não só isso. Por ficar muito perto de Brasília, representava um risco ainda maior de algum plano para tomar a capital do país por esses invasores.

Em algumas horas, o grupo desmontou todos os equipamentos de radio-transmissão para pouso e decolagem e os reuniu em duas caçambas. Em seguida, levou tudo para Brasília. Todo o arquivo que contava quase 30 anos de história foi destruído – inclusive documentos relacionados à base americana. Com a ordem da Aeronáutica para que toda a vila fosse desocupada, nos anos seguintes saqueadores e vândalos da região começaram a saquear as casas. *“Durante muito tempo, os moradores se perguntavam porque o governo mandou destruir uma coisa pronta numa região tão pobre e levamos muito tempo para obter a resposta”*, observa Ignês.

Na década de 1980, durante o governo baiano de Waldir Pires (1987-1989), foi construído um novo terminal aeroviário no local, só que com uma única pista, inapropriada para pouso de aviões de grande porte. Assim, Barreiras perdeu seu status de aeroporto internacional.

Dos tempos áureos da Panair restaram apenas duas torres de comando e a velha escadaria de pedras feita pelos americanos – e incorporada à paisagem local como uma relíquia histórica sem nenhuma identificação. Com o desaparecimento dos últimos funcionários remanescentes, o pequeno capítulo da história da Panair em Barreiras dificilmente será contado com a precisão e a grandiosidade que merece. Principalmente pelo seu papel durante a Segunda Guerra Mundial.

## Simonsen: Um Império Que Foi Pelos Ares

*Carlos Henrique Novis/Caique*

*“Pode-se pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não consumidas”.*

Michael Foucault

### Atenção para o Top

#### Oito

Figurinha fácil de uma época tumultuada da recente história do Brasil, o casal de bonequinhos era a marca da TV Excelsior, estação que revolucionou a televisão brasileira. O sorrisinho cândido do desenho não denunciava a agitação político-institucional que o Brasil vivia no início dos anos 1960. Rico e poderoso como os Mattarazzo, os Moreira Salles, os Gastão Vidigal e os Pignatari, o empresário Mário Wallace Simonsen, dono da TV Excelsior, era um ícone do capitalismo da época. Desde o século passado, o dinheiro dessa ala da família Simonsen vinha dos negócios com café, quando fundaram e comandaram a maior exportadora de café já existente no país, a Companhia Paulista Comercial de Café (Comal).

#### Sete

Quando a imagem da TV Excelsior entrou no ar, o Brasil andava agitado. Jânio Quadros, Miguel Arraes, João Goulart, Leonel Brizola, Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek esquentavam a cena política. O populismo era posto em xeque-mate por setores que acabaram por vincular de vez o Brasil à esfera econômica dos Estados Unidos. O berço esplêndido da terra roxa do café passava a produzir automóveis, navios, construía rodovias e erguia no interior uma moderna e arrojada capital. A música ganhava um tipo diferente de bossa e no escurinho projetava-se um país injusto, através dos filmes do cinema novo.

Um país que saiu das urnas com a vitória estonteante de Jânio Quadros, eleito pela coligação PDC/UDN, que levou para o recém-inaugurado Palácio do Planalto o vice João Goulart, o Jango, da adversária coligação PTB/PSB. Era o prenúncio de um final infeliz.

### **Seis**

Depois do otimista e sorridente Juscelino Kubitschek, o surpreendente Jânio decreta o fim das brigas de galo, dos desfiles de miss com maiô de duas peças, condecora o líder cubano Che Guevara, restabelece relações diplomáticas com as repúblicas comunistas da Bulgária e da Hungria, nomeia um ministério militar reacionário e tudo isso em seis meses de governo. Depois disso, a maior surpresa: alegando a ingerência de “forças ocultas”, Jânio renuncia à Presidência e deixa Brasília. Os militares se pronunciam contra a posse do vice-presidente João Goulart, em visita à República Popular da China. O governador Leonel Brizola, cunhado de Jango, lidera, do Sul, a resistência civil e armada, com o apoio do comandante das tropas do III Exército. Em São Paulo, no escritório de Mário Wallace Simonsen, a Campanha da Legalidade ganha força e apoio logístico quando o empresário decide mandar o diretor de suas empresas no exterior, Max Reshulski, resgatar João Goulart em Pequim, num voo especial e extraordinário da sua Panair do Brasil. Pequim – Cingapura – Zurique – Paris – Barcelona – Paris – Nova York – Lima – Buenos Aires – Montevidéu – Porto Alegre. A rota foi longa, propositalmente cheia de escalas para que Tancredo Neves tivesse tempo de negociar uma solução para o impasse nos gabinetes do Congresso, resolvido com a votação às pressas de uma emenda parlamentarista. Enquanto isso, Jango voltava para o Brasil nas asas da Panair. Uma conspiração que pretendia derrubar o avião, batizada como Operação Mosquito, fracassa.

### **Cinco**

O golpe contra a constitucionalidade foi adiado para 1964. Durante a radicalização, dias antes da derrubada de Jango, o deputado Herbert Levy, banqueiro e também ligado aos negócios do café, acusava a Comal e o seu proprietário de manterem relações ilícitas e vantajosas com o

governo federal, numa CPI nitidamente tendenciosa. Vinte e cinco dias depois da ditadura instalada, a Comal foi proibida de comercializar e teve cassada pelo IBC (Instituto Brasileiro do Café) sua autorização para exportar.

### **Quatro**

Acusações e mandados de prisão sem base legal, ataques pelos jornais. Mário Wallace Simonsen torna-se alvo da devassa “revolucionária”. Em 10 de fevereiro do ano seguinte, outro duro revés. Um breve despacho do Ministério da Aeronáutica chegava ao escritório da Panair do Brasil no aeroporto do Galeão, comunicando a cassação de suas linhas e cedendo-as às concorrentes Varig e Cruzeiro do Sul. Exilado, Simonsen achava que a ditadura acabaria em três ou quatro anos. O empresário ainda demonstrava muita coragem e disposição para continuar lutando, mas a morte de sua mulher, Baby, deixou-o profundamente abalado. Poucas semanas depois da asfixia da Panair morria, na Europa, Mário Wallace Simonsen.

349

### **Três**

Raros são os testemunhos que não vinculam o fracasso do projeto da Excelsior, a cassação da Panair e o fim da Comal ao envolvimento político do empresário com a constitucionalidade abortada. O ex-diretor da TV Rio, João Batista do Amaral Filho, dizia, por exemplo, que a Excelsior nunca tinha sido uma televisão, mas uma jogada política malsucedida e achava muito natural que tivesse sido perseguida, *“já que trabalhava para uma ditadura de esquerda e não há quem resista a uma devassa”*. O filho do empresário, Wallace Cochrane Simonsen Netto, o Wallinho, tem certeza de que o pai *“desagradou muito às forças conservadoras”* na posse de Jango. *“Mas se não houvesse a TV Excelsior, a perseguição não seria tão arrasadora.”*

### **Dois**

Por que não aderiu aos golpistas? Por que não foi cooptado pelo novo regime, como tantos outros que acabaram mudando de lado? *“Só quem não conhecesse o doutor Mário poderia supor isso.”*

*Ele era um legalista, educado na Inglaterra, acreditava no poder constitucional”, advertiu Saulo Ramos, um dos advogados do grupo na época.*

### **Um**

O Visconde de Mauá e Delmiro Gouveia são exemplos de empreendedores tragados por acontecimentos históricos adversos. Também no caso do paulista Mário Wallace Simonsen a política foi o mote para a sua queda. E pior, pela primeira vez na República ela estava nas mãos de uma casta de ditadores militares que permaneceria no poder por mais de 20 anos.

### **No ar**

O amargo fim da maior exportadora de café do país, o corte das asas da Panair do Brasil e as interferências políticas que tiraram do ar uma televisão revolucionária, criadora de um formato de programação com verticalidade e horizontalidade, mais tarde aperfeiçoado e copiado pela Rede Globo. De certo modo, a TV Excelsior foi a Globo dos derrotados, cujo brilho se apagou à sombra da opção política do megaempresário Mário Wallace Simonsen.

### **Vale a Pena Ver de Novo**

**1946 e 1964.** Apesar do milhar invertido, o Brasil não teve muita sorte entre a avançada Constituição pós-estado novo e o golpe militar que derrubou João Goulart. Foram apenas 18 anos de experiência quando o país sofreu transformações na economia, na política e na vida cultural. Foi um tempo em que se acreditava que o gigante adormecido da América do Sul acordaria.

Depois de 15 anos, o retrato de Getúlio Vargas foi retirado da parede da repartição, depois do expediente de 29 de outubro de 1945. O presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, organizara novas eleições, nas quais surgiram os primeiros grandes partidos de abrangência nacional. A UDN (União Democrática Nacional) defendia um programa liberal burguês.

O sindicalismo oficial foi herdado pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), fortalecido pela manipulação dos sindicatos. Para contrapor-se ao figurino patronal do PSD (Partido Social Democrático), o PTB de Vargas fazia restrições à propriedade privada, sem chegar a qualquer proposta socializante.

Nas eleições, o candidato vitorioso foi o general Eurico Gaspar Dutra. No governo, proibiu os cassinos a pedido da esposa, a carola Dona Santinha, e pôs o Partido Comunista na ilegalidade. Com os recursos acumulados durante a Segunda Guerra Mundial, Dutra pôs em prática um mecanismo de controle das importações e o Brasil ingressava definitivamente num processo de industrialização. O Brasil começava a importar indústrias, construía a rodovia Rio-Bahia, modernizava a Rio-São Paulo, inaugurava a Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, e a Hidrelétrica de Paulo Afonso, no Nordeste.

E o velho Gegê voltou, dessa vez pelo voto livre e direto, ao Palácio do Catete. Mas o segundo período não seria tão tranquilo para o presidente Getúlio Vargas. A redução de seu espaço político, devida à Constituição de 1946, correspondia também a um endurecimento da política mundial, consequência direta da guerra fria entre os Estados Unidos e a União Soviética.

351

Getúlio colocou o estado na ponta de lança do desenvolvimento industrial. Petrobrás, BNDE e Banco do Nordeste do Brasil são alguns frutos dessa política.

Sucessivos aumentos salariais, sendo um deles de 100%, foram vistos como ameaça. O medo da implantação de um regime com base sindical, como o de Perón na Argentina, apressou o Manifesto dos Coronéis. Esse manifesto teve a assinatura de Golbery do Couto e Silva, Amaury Kruel e Sizen Sarmento. O presidente tentou conciliar, afastando o ministro do Trabalho João Goulart e assinando novo acordo militar com os Estados Unidos.

O isolamento de Vargas começou com a hostilidade da burguesia que se apoiava no capital estrangeiro e levou Getúlio a um ponto de estrangulamento. A batalha chegou aos jornais: Carlos Lacerda, atacando da Tribuna da Imprensa, contra Samuel Wainer da Última Hora, que defendia o presidente. O atentado da Rua Toneleros contra Lacerda, que vitimou o major da Aeronáutica Rubens Vaz detonou a crise. O inquérito foi conduzido pela Força Aérea e deu início a uma dualidade de poderes, chamada de República do Galeão. Getúlio acabou por se matar em 24 de agosto de 1954. Como investimento político a longo prazo, Getúlio Vargas deixou uma carta testamento, escrita por Maciel Filho, na qual acusa frontalmente as empresas estrangeiras e os defensores dos seus interesses no Brasil como os principais responsáveis pelo seu gesto. Para o cientista político René Dreifuss, Vargas formulou diretrizes políticas capazes de apoiar a industrialização nacional e de limitar os interesses e influências das classes dominantes. Mas Dreifuss observa que os empresários temiam a forma de desenvolvimento nacionalista liderado pelo estado e torciam pelo processo de concentração de capital, que iria se desenvolver lado a lado com a internacionalização da economia.

O suicídio de Getúlio fez com que a conspiração hibernasse por dez anos. Enterrado Vargas, assume o vice-presidente Café Filho. A política econômica deu um giro de 180 graus. Orientado pelo ministro da Fazenda Eugênio Gudin, Café Filho assinou em 1955 a famosa “Instrução 113” que permitia que as multinacionais importassem equipamentos por um preço 45% abaixo das taxas e isentando-as de cobertura cambial necessária à importação de maquinário, um benefício que não era desfrutado por empresas brasileiras. Filiado ao PSP, Café Filho governou apoiado pela UDN que lhe forneceu os ministros da Aeronáutica, Eduardo Gomes, e das Relações Exteriores, Raul Fernandes. O novo governo procurou desarticular as forças sindicais, favoreceu a iniciativa privada e o investimento estrangeiro e, na questão externa, aliou-se, incondicionalmente, aos norte-americanos e distanciou-se da luta anticolonialista africana, a ponto de o presidente Café Filho ser recebido em Portugal pelo ditador Antônio de Oliveira Salazar.

João Goulart, ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, derrubado pelo Manifesto dos Coronéis, volta à cena como vice-presidente de Juscelino Kubitschek em 1955. Café Filho, que exercia a Presidência, afastou-se em novembro de 1955 por motivos de saúde. Foi substituído pelo presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. Um dos obstáculos ao golpe udenista contra JK era o setor legalista do Exército, comandado pelo marechal Henrique Lott, ministro da Guerra. A morte de um dos militares que participou do movimento pelo afastamento de Vargas, o general Canrobert Pereira da Costa (1895-1955), precipitou os acontecimentos. Durante o enterro, o coronel Jurandir Bizarria Mamede, um dos signatários do Manifesto dos Coronéis, fez um pronunciamento contra o presidente eleito e o seu vice. O ministro Lott considerou o ato uma indisciplina e exigiu punição. Carlos Luz não quis punir o coronel e tentou substituir o general Lott. Lott resistiu e obrigou Carlos Luz, Carlos Lacerda e o almirante Pena Botto da Cruzada Brasileira Anticomunista a se refugiarem no cruzador Tamandaré. Enquanto isso, o Congresso Nacional declarava depostos Café Filho e Carlos Luz e, sob estado de sítio, o presidente do Senado, Nereu Ramos, assumia a chefia do governo até a posse de JK, em 1956. O historiador norte-americano Thomas Skidmore acredita que o movimento golpista de 11 de novembro de 1955 tinha a intenção de dividir a hierarquia militar, como um balão de ensaio para o golpe de abril de 1964.

353

Finalmente, JK assume. Enfrenta os levantes militares de Jacareacanga, em 1956, e de Aragarças, em 1959. JK realiza um programa econômico dominado pela ideologia do desenvolvimentismo. Investe em rodovias, em energia e na nova capital, Brasília. Com a mudança do Distrito Federal para o Planalto, o Rio de Janeiro transforma-se em Estado da Guanabara e seu primeiro governador é Carlos Lacerda, udenista e opositor da política trabalhista de Vargas e do comunismo.

O plano de Juscelino deu certo. O Brasil desenvolveu-se e os investimentos estrangeiros vieram numa demanda nunca vista. A política desenvolvimentista de JK aumentou a dependência da economia brasileira do capital estrangeiro.

Mas era chegada a hora de uma nova sucessão. A de JK teve uma característica especial. Tendo sido o único presidente depois de 1930 a transmitir a faixa presidencial a um sucessor legitimamente eleito, JK desceu a rampa do Palácio do Planalto, já candidato à sucessão de seu sucessor. A sua capital, Brasília, estava toda enfeitada com faixas que anunciavam sua volta em 1966.

Só que Lacerda queria ser presidente em 1966. Para o historiador Hélio Silva, o jogo do governador carioca estava claro. Não lhe convinha que o novo presidente fosse udenista como ele e por isso fechou com a candidatura de Jânio Quadros, ex-governador paulista. O marechal Lott, candidato de JK, foi derrotado. Jânio, um messiânico, assume o Planalto em 1961. Como de hábito, Lacerda não tardaria a combater o novo presidente.

354

Mesmo com um período presidencial curto, Jânio fez mudanças importantes na área militar para os futuros golpistas de 1964. Longe das piadas sobre seus atos inusitados, ele montou um ministério militar nitidamente anticomunista, afastando os legalistas de 1955. Para a chefia da pasta da Guerra foi nomeado o marechal Odílio Denys. Seus chefes da Marinha e da Aeronáutica haviam conspirado para impedir a posse de JK. O almirante Sílvio Heck era comandante do Tamandaré e o brigadeiro Grün Moss estimulava os levantes de Jacareacanga e de Aragarças. Diante dessas indicações militares, enfim, de supetão e culpando "forças ocultas", Jânio assinou sua renúncia no dia 25 de agosto. Ato contínuo voou para São Paulo. O poder ficou acéfalo. O vice-presidente João Goulart estava no exterior, visitando a capital da República Popular da China, Pequim.

Os ministros militares lançaram um manifesto, logo após a rejeição pelo Congresso do impedimento de Jango, no qual reiteravam a "*absoluta inconveniência do regresso ao país do vice-presidente Goulart*". Veevementemente anticomunista, o manifesto aponta os erros do vice: sua política sindical, seu envolvimento com greves, seu apoio ao Partido Comunista e sua viagem à China vermelha.

Mas houve forte resistência civil e democrática. Sindicatos, organizações estudantis e o governador de Goiás, Mauro Borges, pronunciaram-se a favor da posse de Jango. Leonel Brizola, cunhado do vice-presidente e governador do Rio Grande do Sul, conclamava o povo a resistir “até com armas” através de várias emissoras de rádio. Era a Cadeia da Legalidade. Um dos principais motivos do fracasso do golpe foi a adesão do comandante do III Exército, baseado em Porto Alegre. O general Machado Lopes, contagiado pela reação popular, respondeu ao ministro da Guerra Odílio Denys que só obedeceria às ordens do presidente constitucional João Goulart, o legítimo comandante das Forças Armadas.

A ordem constitucional foi mantida, mas o Congresso Nacional sob pressão militar votou uma emenda parlamentarista. O novo gabinete foi formado pelo primeiro-ministro Tancredo Neves. A experiência parlamentarista durou até 1963, quando o retorno ao presidencialismo foi decidido num plebiscito. Jango herdou muitos problemas: a questão do relacionamento com os Estados Unidos, a renegociação da dívida externa, a discussão da lei de remessa de lucros, a questão cubana, a reforma agrária e urbana e o problema das concessionárias estrangeiras de serviços públicos. Agora presidente, João Goulart jogou tudo num amplo programa de mudança constitucional, as Reformas de Base. E seus inimigos se organizavam no Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPES), criado em 1961, e no Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), fundado em 1959, e em outros organismos vinculados ao capital internacional, além do empresariado nacional, da Igreja e dos latifundiários.

Para quebrar a hierarquia militar e motivar a oficialidade a aderir ao golpe, foram armados três incidentes: uma revolta de sargentos em Brasília, sob o pretexto de protestar contra a cassação do mandato de um graduado ilegalmente eleito para um cargo parlamentar; uma revolta de marinheiros insuflados pelo cabo Anselmo, e uma manifestação de sargentos a favor de Jango na sede do Automóvel Clube, já no final de março. Depois do comício do dia 13 de março, na Central do Brasil, no Rio, os militares consideraram a manifestação dos sargentos um atentado à disciplina e, com isso, foi dada a senha para que o

general Mourão Filho descesse com suas tropas de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro.

O movimento golpista contou com o apoio dos governadores de Minas Gerais, Magalhães Pinto; da Guanabara, Carlos Lacerda; e de São Paulo, Ademar de Barros. Militares que se tornariam presidentes, durante a ditadura, como Castelo Branco, Costa e Silva e Emílio Médici também aderiram. Um manifesto lançado pelo marechal Castelo Branco e por Costa e Silva foi lido em emissoras de rádio mineiras e paulistas: *"...as Forças Armadas com tal atitude querem efetivamente evitar a luta fratricida que, na verdade, vem sendo preparada irresponsável e criminosamente pelo presidente da República e seus aliados comunistas. Camaradas do Exército unamo-nos na defesa do Brasil. Essa é a hora decisiva"*.

356

Jango, acuado, foi do Rio para Brasília, de lá para Porto Alegre e finalmente desembarcou em Montevideú para um exílio que só terminaria com sua morte. Retornou ao país morto para ser enterrado em São Borja, junto a Getúlio Vargas. Meses depois do golpe, também morria, na Europa, um dos maiores empresários brasileiros da época, Mário Wallace Simonsen, exportador de café, dono da companhia aérea Panair do Brasil e criador da TV Excelsior.

### **Simonsen: Esta é a Sua Vida**

Esse sobrenome já faz parte da história econômica e política do Brasil há muito tempo. Aos 25 anos, o inglês Sydney Martin Simonsen decidiu se mudar para o Rio de Janeiro, capital do único império das Américas. Aqui, se casou com Robertina Gama Cochrane. O primeiro filho foi Wallace Cochrane Simonsen, em maio de 1884. Cinco anos mais tarde, quando a monarquia vivia seus últimos momentos, nascia em 18 de fevereiro de 1889 Roberto Cochrane Simonsen.

A tradição da família sempre esteve ligada ao comércio de café. O avô materno e padrinho do bebê, Inácio Wallace da Gama Cochrane, ne-

gocia no porto de Santos desde 1870. Já adulto, Roberto Simonsen, em 1916, fundou e tornou-se o primeiro presidente do Centro de Construtores Industriais de Santos, que teve como objetivo a organização de um cadastro do operariado e a criação de um serviço de assistência social e seguro para os trabalhadores. Na mesma época, fundou uma escola de aprendizagem profissional. Organizou também uma Câmara de Trabalho que se constituiu na primeira Justiça do Trabalho no país, porque a que conhecemos hoje só apareceria na década de 1930, durante o governo Vargas.

Roberto Simonsen entrou nos ramos da construção civil, bancos e outros tantos negócios que via pela frente. Em 1926, criava a Comal (Companhia Paulista de Comércio do Café), sediada em Santos. Uma série de divergências com a Associação Comercial de São Paulo o levou a fundar, em 3 de junho de 1929, o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), do qual foi o primeiro vice-presidente, na chapa do conde Francisco Matarazzo.

357

A Revolução de Outubro de 1930 provocaria radicalização política em São Paulo, dois anos mais tarde. Com a deflagração da luta armada em 9 de julho de 1932, Roberto Simonsen tornou-se responsável pela adaptação do parque industrial paulista à economia de guerra. Graças à sua liderança, os empresários contribuíram efetivamente para regularizar o abastecimento da capital, assediada pelas tropas federais de Getúlio Vargas.

Depois da vitória da União, Roberto Simonsen é eleito deputado constituinte por São Paulo em 1933. Pregava que a legislação social era um dever do estado e um direito dos trabalhadores que deveria ser regulamentado. Sem isso, segundo Roberto Simonsen, não haveria desenvolvimento econômico. Com a implantação do Estado Novo, em 1937, Roberto Simonsen perde sua cadeira de deputado federal. O ditador chegou a nomeá-lo para o Conselho de Mobilização Econômica que organizava o país para suportar a Segunda Guerra Mundial.

Com a democratização, depois do fim da ditadura Vargas, Roberto Simonsen passou a integrar a comissão executiva do Partido Social Democrata (PSD) e, em 1946, tornou-se o primeiro economista a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Um ano mais tarde, derrotou o candidato comunista Cândido Portinari e conquistou uma cadeira no Senado por São Paulo. Morreu em plena Academia, no Rio, quando discursava em homenagem ao primeiro-ministro belga, no dia 25 de maio de 1948. Em sua homenagem, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) criou Instituto Roberto Simonsen.

Seu sobrinho Mário Wallace Simonsen continuou os negócios da família e consolidou durante os anos 1950 e 1960 um dos maiores conglomerados econômicos do país. Ao contrário de seu tio, Roberto Simonsen, que ocupa cinco páginas no Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro do Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, Mário Wallace Simonsen não é sequer citado. Parece ter sido esquecido da história econômica do Brasil. “A história é dos vencedores e além do mais ele era um homem de atuar nos bastidores”, avalia o jurista Saulo Ramos. O empresário negociou o café brasileiro com 53 países, era o maior acionista da principal companhia aérea do país, além de possuir parte do porto de Paranaguá, no Paraná. Seus interesses tinham ramificações em vários negócios e, sempre de olho em mercados do futuro, chegou a abrir o primeiro supermercado brasileiro, o Sirva-se, em São Paulo.

Logo que assumiu os negócios dos Simonsen, Mário Wallace expandiu com agressividade suas empresas para fora do país. Seu pai havia começado a conquistar o mercado europeu de café com uma pequena empresa na Suíça, a Wasin, assinatura telegráfica de Wallace Simonsen. Mas foi sob o comando de Mário Wallace que a posição internacional da Wasin se consolidou. Ele abriu escritórios nas principais capitais europeias e dominou, por completo, a exportação de café brasileiro.

Mário Wallace Simonsen sempre foi um empresário ousado. Prevendo a importância social e política que a televisão teria no futuro, insta-

lou com o sócio José Luís de Moura o canal 9 paulista, em 1960. Já às vésperas da eleição de Jânio Quadros, Simonsen comprou a parte de Moura e assumiu sozinho o controle absoluto da TV Excelsior.

Para o filho Wallinho, Mário Wallace sempre foi destinado a assumir os negócios da família e define a figura pública do pai como um patriota extremado, que colocava os interesses do país acima de seus próprios interesses. O ex-ministro Saulo Ramos, advogado do escritório de Vicente Rao, que centralizava a parte jurídica dos negócios de Simonsen, também ressalta o patriotismo do empresário. Para ele, Simonsen “devia usar até cueca verde-amarela”. E vai além, afirmando que em seus 40 anos de advocacia só encontrou um empresário que nunca forjou nada, que nunca sonegou imposto. “Só o Simonsen”.

### **TV Excelsior: As Imagens da Inovação**

São Paulo, capital financeira do País. Na maior cidade brasileira, o dinheiro acumulado com a exportação do café acabou com a monotonia da televisão que partia para seu décimo ano no Brasil. Entre 1960 e 1970, as imagens da Excelsior eram sinônimas de inovação, mudança, livre debate de ideias, programação em rede nacional. O Brasil, que se agitava com as transformações econômicas e políticas da primeira metade dos anos 1960, viu surgir uma nova maneira de se programar televisão, que conquistou a liderança de audiência em pouquíssimo tempo. Uma estação diferente da desorganizada Tupi e da provinciana Record. Organizada em rede, a TV Excelsior chegava para paulistas, cariocas, mineiros e gaúchos.

O empresário de comunicação Victor Costa procurou o exportador de café José Luís de Moura, em Santos, para juntos abrirem uma estação de televisão em São Paulo, em 1958. Moura já havia comprado alguns equipamentos para inaugurar um canal em Santos, mas Victor Costa o convenceu a esperar pela concessão de um canal na capital. Desses primeiros tempos, o primeiro diretor da Excelsior, Álvaro Moya, lembra que Moura hesitava em ter Victor Costa como sócio. Mas finalmente conseguem a concessão. Apesar das diferenças com Mário Wallace Si-

monsen por causa da exportação de café, José Luís de Moura preferiu se associar ao concorrente.

Mário Wallace Simonsen não tinha interesse em possuir uma cadeia de televisão e, para Wallinho, entrou no negócio provavelmente porque Victor Costa não tinha dinheiro suficiente, Wallinho soube da aquisição quando estava na Europa e como o pai queria que ele achasse “um lugar nas empresas”, acabou se decidindo pela televisão. Mas Saulo Ramos, advogado do grupo, acha que o empresário acreditava que com a Excelsior poderia se defender dos ataques. Não contava que com isso perderia apoio da imprensa paulista, que passa a ver em Simonsen um concorrente agressivo. “O Edmundo Monteiro (diretor da TV Tupi), muito prático, me disse que o Simonsen deveria pagar para a Tupi defendê-lo e não abrir um canal para disputar parcelas dos anunciantes com as Associadas”, recorda Saulo Ramos.

360

Álvaro Moya acabava de voltar dos Estados Unidos, onde havia trabalhado na rede CBS e entrado em contato com todo o esquema de programação e de organização em emissoras afiliadas. Na América, conheceu uma verdadeira rede, uma cadeia, e não apenas uma estação isolada de televisão. José Luís de Moura não perdeu tempo e contratou Moya para compor a equipe que colocaria o canal 9 no ar. “*Eu poderia ter ficado com os norte-americanos na CBS, mas resolvi voltar porque aqueles eram tempos em que o Brasil causava entusiasmo. Estávamos vivendo nossa fase áurea*”. Moya se demitiu da TV Paulista e ficou trabalhando num galpão improvisado, organizando a TV Excelsior.

Moya lembra-se que José Luís de Moura queria uma televisão bem ao estilo norte-americano, com muitos filmes, bem mais em conta do que investir em programação própria nacional. Simonsen, ousado, pensava exatamente o oposto.

A inauguração da Excelsior não foi diferente do amadorismo e do improvisado que grassava na televisão brasileira da época. Em maio de 1960, todo o equipamento já havia sido importado e estava pronto para

ser instalado nos estúdios. Mas ninguém sabia ainda quando a estação entraria no ar. Álvaro Moya se recorda que a solução veio num estalo, numa ideia maluca que acabou sendo posta em prática.

*“O José Luís de Moura estava de saída para encontrar o então governador paulista Carvalho Pinto. Como o canal que a TV Excelsior ocuparia seria o 9, sugeri que ele insistisse junto ao governador para que colocasse a inauguração da tevê nas comemorações do 9 de Julho”. O governador gostou da ideia e aceitou a sugestão e “todo mundo teve que correr para cumprir o compromisso de colocar a estação no ar na festa do 9 de Julho”.*

A primeira marca da Excelsior não foi o casal de bonequinhos. O lançamento do Sputnik fazia parte de todas as conversas, estava em todas as esquinas. Álvaro Moya então desenhou a Terra com um foguete que contornava o planeta e depois saía da órbita, formando um nove. A Excelsior já tinha uma logomarca. E só. Nada mais estava pronto para a inauguração.

361

O sinal da Excelsior entrou no ar pela primeira vez no dia 6 de junho de 1960. O transmissor já estava pronto, instalado, e as imagens eram aquelas tradicionais barras em preto e branco. *“Me telefonaram e eu corri para lá com um slide do programa Play House 90, um teleteatro de noventa minutos apresentado pela CBS, que eu havia trazido dos Estados Unidos. Projetamos na parede branca e o câmara enquadrou o número nove do slide com um relógio no centro do número”.*

Nos dias seguintes, uma câmara posicionada na torre fazia takes panorâmicos da Av. Paulista e do centro de São Paulo. José Luís de Moura achou essa solução muito chata e passaram a mostrar filmes cedidos pelos consulados. Moura pressionava Álvaro Moya para que exibissem, antes mesmo da inauguração oficial, os filmes comprados para a programação. A vontade dos donos foi atendida e foram ao ar sem cortes, sem publicidade, clássicos como *Pão, Amor e Fantasia*. E São Paulo se ligou. *“Antes mesmo de entrar no ar, no dia 9 de julho, a Excelsior dava de 5% a 7% na tabela de audiência”.*

Enfim, a estreia. Direto do Teatro Paulo Eiró, contou com a colaboração de Manoel Carlos e Abelardo Figueiredo, dois nomes que se destacariam bastante a partir daí. Seis meses no ar com ótima performance. Tinha sido inaugurada em julho, quatro meses antes das eleições presidenciais. Simonsen tendia para o marechal Lott, militar legalista que impediu um golpe contra JK em 1955, mas Luís de Moura estava fechado com a candidatura janista. Moya lembra que num determinado momento a TV Excelsior estava apoiando Lott e Jânio em pé de igualdade. *“A situação da tevê, recém-inaugurada, chegava a um ponto incontrolável”*. Moura disse a Simonsen que compraria todas as ações dele e queria tocar a televisão sozinho. Moura não acreditava que Mário Wallace Simonsen tivesse interesse em ficar com a Excelsior. *“Só que, no dia seguinte, era o Simonsen quem comprava todas as cotas de Moura e colocava a Excelsior inteirinha na campanha do marechal Lott”*.

362

Saulo Ramos, que deixou a estação para ser oficial de gabinete de Jânio em Brasília, não concorda com Moya. Para ele, o empresário se manteve equidistante entre as duas candidaturas. *“O doutor Mário não apoiava o marechal”*. O diretor de TV Maurício Sherman afirma que Jânio Quadros pedira a Simonsen para montar uma grande rede de televisão, mas isso é contestado por Álvaro Moya. Wallinho se recorda muito bem que enquanto São Paulo inteira entrava na campanha janista, o pai dava jantares de adesão ao marechal Lott em sua mansão na Rua Argentina.

Na opinião de Álvaro Moya, Saulo Ramos era o homem-chave de José Luís de Moura na Excelsior. Mas Saulo afirma que foi levado para a televisão e foi o seu primeiro diretor comercial porque era um dos advogados da conceituada banca de Vicente Rao, ministro das Relações Exteriores no segundo governo de Getúlio Vargas.

Saulo Ramos só saiu da Excelsior quando Jânio o chamou para ser chefe de gabinete no Planalto e trabalhou para aproximar Mário Wallace Simonsen do novo governo. Para Moya, *“Saulo Ramos fez um bom trabalho porque senão a Excelsior seria vista como uma emissora que*

*apoiou um candidato derrotado*". Arestas aparadas com o novo inquilino do Palácio do Planalto, a TV Excelsior partiu para voos mais altos. Wallinho deu conta de que ter só uma estação, em São Paulo, era economicamente inviável. Conversou com o pai e compraram a concessão do Canal 2 do Rio de Janeiro, que pertencia às Associadas. Com canais em São Paulo e no Rio de Janeiro, a Excelsior formava sua rede com a TV Vila Rica de Belo Horizonte e a TV Gaúcha de Porto Alegre.

A rede Excelsior espelhava o nacionalismo presente nos anos 1960. A Excelsior era uma televisão que não tinha trilha sonora estrangeira, o Brasil 60 tinha teatro brasileiro, literatura, cinema e até música clássica brasileira. Moya recorda que até na programação dos filmes a emissora tinha a marca da brasilidade. O Cinema em Casa, sessão de longas-metragens às 22 horas, toda semana apresentava um filme nacional. No programa de teleteatro, o Teatro Nove, as peças eram de Walter George Durst, Oduvaldo Vianna Filho, Jorge Andrade, Gianfrancesco Guarnieri. A Excelsior foi a primeira estação de tevê do Brasil com a determinação de ser uma televisão que refletisse a cultura do seu país.

363

A Excelsior era a única empresa dos Simonsen na área de comunicações e estava longe do poder das Associadas, com seus rádios, tevês, jornais e revistas, e da Record, que tinha uma rádio poderosa em São Paulo. Mas isso não impediu o êxito da emissora, que foi administrada com razoável visão empresarial e gerida sem o romantismo que a maioria dos empresários de tevê enxergava no veículo, segundo a opinião da revista Briefing. Para se impor, a rede Excelsior usava métodos inéditos e agressivos. Num estudo sobre a Tupi, Inimá Simões, acusa o duro golpe que a Excelsior aplicou nos métodos paternalistas que moviam a televisão nos primeiros dez anos. Na formação do corpo técnico e artístico, a TV Excelsior abalou a mesmice do mercado, oferecendo salários elevados para atrair os melhores dos outros canais, como o caso de Tarcísio Meira e Glória Menezes, por exemplo. E quebrou um "acordo de cavalheiros": funcionário demitido ou demissionário de um canal não era contratado por outro. A Excelsior desrespeitou essa regra e fez inimigos.

“A *Excelsior* acabou com a ‘escravidão’ dos artistas”. Para Wallinho, a abolição começou com a contratação do cantor Sílvio Caldas, que fazia muito sucesso na TV Record. Wallinho assistiu a uma discussão entre seu pai e o diretor da TV Tupi de São Paulo, Edmundo Monteiro. Não seria um bom exemplo, na opinião de Edmundo Monteiro, que fez algumas ameaças veladas. Uma Wallinho nunca se esquecerá: a de que seu pai, por ter muitos interesses, deveria se afastar de televisão porque poderia ter os negócios prejudicados.

Como um trator, Mário Wallace Simonsen passou por cima, incomodando todos os figurões da televisão daquela época. Em 1963, a *Excelsior* desfrutava muito prestígio, principalmente a simpatia da população, mas a Tupi continuava na liderança da audiência. A contratação de Edson Leite e Alberto Saad mudaria tudo. Da noite para o dia, tiveram que abandonar os planos de abertura da TV Bandeirantes e aplicaram tudo o que sonharam na *Excelsior*. O molde adotado pela dupla foi o da tevê argentina. Menos de seis meses depois, lançando mão de campanhas publicitárias de grande impacto, e excelentes filmes, a TV *Excelsior* chegou ao primeiro lugar na audiência. Alberto Saad lembra que o índice médio equivalia ao da TV Globo hoje, com programas de Ibope até maior, como o *Moacyr Franco Show*, que chegava a dar 80-90%, “o que hoje na *Globo* provocaria escândalos”.

364

Quando a *Excelsior* carioca foi inaugurada, a liderança estava com a TV Rio, que fazia intercâmbio de programação com a Record. Num só dia contratou dezenas de artistas e funcionários da TV Rio, oferecendo o dobro e até mesmo o triplo dos salários. Antes, já haviam assinado com Moacyr Franco, J. Silvestre e Chico Anysio. O ex-diretor da TV Rio, João Batista do Amaral Filho, nunca se esqueceu do baque. “Eles levaram quatrocentos funcionários nossos em um só dia, inclusive a telefonista e o barbeiro”. Para quem já havia sido advertido por Edmundo Monteiro, o grupo Simonsen, agora também no Rio, botava abaixo todo um procedimento de cartel patronal que geria a televisão brasileira nos anos 1950 e 1960.

Com tanta gente nova nos bastidores da emissora, a Excelsior começou a fazer propaganda de si mesma. Uma brincadeira do jornalista Mário Régis Vitta pegou. Era um slogan que se tornou muito conhecido: *“Eu também estou no 9”*. Essa frase era repetida no ar por todos os novos contratados tirados da Tupi, Record e da TV Rio. Deu certo. A TV Excelsior passou a liderar a audiência nas duas principais cidades brasileiras, São Paulo e Rio.

*“Eles queriam ser uma espécie de ATT (American Telegraph and Telephone) do Brasil, grande truste norte-americano de telecomunicações, porque tinham a ideia da Embratel muito antes da ditadura militar. Queriam transmitir em rede como as cadeias americanas e sabiam que as Associadas não tinham condições de fazer esse tipo de transmissão, porque só a TV Excelsior investia em tecnologia e tinha aporte de capital suficiente”, lembra Álvaro Moya.*

A primeira experiência em transmissão em rede tinha acontecido na inauguração da nova capital, Brasília. O grupo Simonsen representava os interesses da Marconi inglesa, que preparou os links e transmitiu a cerimônia de Brasília para Belo Horizonte, de lá para o Rio e finalmente do Rio para São Paulo. Pela primeira vez, um acontecimento era visto simultaneamente em Minas, Rio, São Paulo e em Brasília.

A Excelsior se firmava como a única cadeia de televisão que pudesse ser chamada de rede. A Record e a TV Rio se uniam esporadicamente. Nas Associadas, a TV Tupi de São Paulo brigava com a TV Tupi do Rio e essa divergência gerou um fato curioso. A novela *O Direito de Nascer* era produzida pela Tupi paulista, e como o diretor da Tupi carioca não queria prestigiar programas realizados por São Paulo, a TV Tupi carioca não transmitia a novela.

*O Direito de Nascer* passava na TV Rio, que conquistou o maior sucesso e levou os índices de audiência da estação às alturas. Dali em diante, os sintomas de desagregação das Associadas se tornariam evidentes e a TV Tupi nunca conseguiria ter uma rede forte.

Isso nunca aconteceria na TV Excelsior, que já surgiu com a estratégia de se unir em torno de uma programação básica, comum a todas as emissoras da rede.

A emissora de Simonsen inovou. Armou um esquema de programação horizontal que acostumava o telespectador a uma ordem determinada de atrações: um programa infantil, uma novela, o telejornal, outra novela e um show. A noite terminava sempre com um filme. O lançamento da novela diária pela Excelsior foi a maior e a mais importante modificação já feita pela tevê brasileira. Edson Leite, em 1963, colocou no ar *25499 Ocupado* com o casal Tarcísio Meira e Glória Menezes. Dirigida por Titio de Migglio, a novela da Excelsior seguia a mesma estratégia das telenovelas argentinas que sempre eram exibidas no mesmo horário, todos os dias.

366

Depois da programação horizontal, da novela diária, a Excelsior também inovou no padrão visual da tevê do Brasil. Álvaro Moya descobriu Cyro del Nero, programador visual que trabalhou também para a Tupi, a Globo e a Bandeirantes. Manoel Carlos apresentou para o Moya um projeto chamado *Histórias Policiais*, encadernado com o tecido do boné de Sherlock Holmes. Moya desfolhou e ficou deslumbrado pelo apelo visual das letras e dos desenhos. Manoel Carlos revelou que o artista era um amigo seu, recém-chegado da Grécia. Já tinha emprego. Começou a trabalhar na TV Excelsior no dia seguinte e, como também era cenógrafo, deu à Excelsior um padrão visual que podia ser reconhecido quando se passava por ela rodando o seletor de canais.

A inovação e o pioneirismo eram a marca da Excelsior. A novela *A Deusa Vencida*, de Ivani Ribeiro, usou pela primeira vez letrero padrão e teve trilha sonora especialmente composta, além de ter lançado a atriz Regina Duarte. Também colocou no ar uma sessão de cinema que ficou na lembrança de muitos cinéfilos. *O Cinema em Casa*, que ainda hoje vai ao ar pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), fazia parte da programação horizontal da Excelsior, de domingo a domingo, sempre às 22 horas.

Com legendas, o *Cinema em Casa* se transformou numa das primeiras experiências com cinema de arte na televisão. Diferentemente do que o SBT exibe hoje, a sessão da Excelsior apresentava Fellini, Antonioni, Godard, Bergman, Resnais, Pasolini. Eram esses diretores europeus que o *Cinema em Casa* programava, até porque a rede estava sofrendo o boicote dos distribuidores norte-americanos, e levava para dentro da casa dos telespectadores atores como Marcello Mastroianni, Brigitte Bardot, Sophia Loren, entre outros. “A Excelsior passou os melhores, os mais importantes filmes do cinema europeu daquele momento”, relembra com saudades Álvaro Moya, auxiliado por Orpheu Paraventi Gregori.

### **Vanguarda: O Jeito Excelsior de Fazer Jornalismo**

*“Dia primeiro de abril de 1964. Cinelândia, Rio de Janeiro. Em frente ao Clube Militar, um garoto de 12 anos começa a gritar: ‘Jaaangoo... Jaaangoo...’ Um homem alto e magro, cabelo cortado rente, bigodes finos, aponta sua automática e explode a cabeça do menino. Nesse dia eu era diretor de jornalismo da rede Excelsior, na época, líder absoluta de audiência. Nessa mesma noite de primeiro de abril, no Jornal de Vanguarda, a cena do assassinato foi para o ar”.* Assim o jornalista Fernando Barbosa Lima Sobrinho descreve a mais importante edição do principal telejornal da rede Excelsior, no depoimento do criador e responsável pelo Jornal de Vanguarda. A Excelsior soube, como nenhuma outra emissora até então, aproveitar a efervescência, a mudança e o período de transformação que o Brasil atravessava nos primeiros anos da década de 1960.

Apesar da disputa com a TV Rio sobre as inovações no jornalismo, a presença de profissionais, como Wladimir Herzog, Fernando Barbosa Lima Sobrinho, Fernando Pacheco Jordão, João Batista Lemos, Nemércio Nogueira, deram à Excelsior um jornalismo mais afinado com o restante da programação. O grande trunfo da Excelsior eram as novelas. Antecedendo e sucedendo o jornal, elas aumentavam a audiência do telejornal. Esse esquema de programação que a rede Globo utiliza até hoje, foi criado pela Excelsior.

Moya lembra que “os telejornais naquela época não tinham muito ibope, mas quando introduziram o jornal no meio das novelas, o público começou a assistir ao telejornal, valorizando o jornalismo na televisão”.

Em 1962, quando o presidente era João Goulart, entrava no ar um telejornal que prometia ricos desdobramentos. O *Jornal de Vanguarda* não se parecia em nada com o *Repórter Esso*, transmitido há dez anos pela TV Tupi. A maneira absolutamente nova de informar e comentar foi, para Artur da Távola, a maior característica do jornal que “quebrou a linguagem tradicional e trouxe o tom informal e coloquial, contrário ao formalismo excessivo da época”.

O jornal da Excelsior era narrado por várias pessoas em vez de um só locutor e tinha comentaristas especializados, uma novidade para a época. Inovou também no humor com os bonecos animados de Borjalo, comentários de Sérgio Porto e Sargentelli. O colunismo de televisão praticamente surgiu com o *Jornal de Vanguarda*, nas intervenções de Gilda Müller, Millôr Fernandes e Ibrahim Sued. Fernando Barbosa Lima Sobrinho soube aproveitar a oportunidade aberta pela Excelsior, o momento histórico, e criou um jornal que rompeu com as tradições do telejornalismo brasileiro, que até 1962 só conhecia o monocórdio *Repórter Esso*.

368

O dono da Excelsior não vinha do ramo de comunicações como Assis Chateaubriand, da Tupi; ou Paulo Machado de Carvalho, da Record. Negociante de café e empresário de aviação, ele era diferente e deu liberdade aos repórteres. Wallinho recorda que nunca viu seu pai opinar no jornalismo. No entanto, por várias vezes, Mário Wallace Simonsen pediu espaço para algumas pessoas falarem. Tanto figuras da direita, como Carlos Lacerda, quanto da esquerda, como Miguel Arraes.

Naqueles turbulentos anos, não havia melhor canal do que o de Simonsen para que o *Jornal de Vanguarda* estresse. Surgido no mesmo ano da inauguração da emissora carioca da rede, buscando ideias novas para a televisão brasileira precocemente envelhecida, Fernando Barbosa Lima Sobrinho conseguiu tirar nomes das redações dos jornais e

colocá-los nos estúdios da Excelsior. Profissionais como Newton Carlos, Villas-Boas Correa, Millôr Fernandes, João Saldanha, Borjalo, Tarcísio Holanda, Sérgio Porto. Esses profissionais modificaram um velho esquema de fazer telejornal que empregava de cinco a seis pessoas e, no ar, dava um resultado sempre muito parecido: uma cortina no fundo, uma mesa e uma cartela do patrocinador. Era assim o maior concorrente do *Jornal de Vanguarda*, o *Repórter Esso*.

No ar, dos estúdios do *Jornal de Vanguarda*, os comentaristas davam sua opinião “ao vivo” e sem cortes, enquanto as notícias rápidas eram lidas por Luís Jatobá e pelos irmãos Célio e Cid Moreira. Tudo com um visual extremamente gráfico e dinâmico. Para o seu criador, o jornal era um show de notícias com liberdade e dignidade profissional. Mas liberdade de expressão, a grande força do *Jornal de Vanguarda*, não seria a mesma depois daquela edição de primeiro de abril de 1964. Premiado pela Eurovisão (cadeia europeia de televisões públicas) como o “melhor telejornal do mundo”, o *Jornal de Vanguarda* chegou à finalíssima disputando com o noticiário da BBC de Londres. Para um dos diretores da Eurovisão, o telejornal brasileiro levou a melhor porque era uma produção de um país pobre, mas de surpreendente criatividade.

Fernando Barbosa Lima Sobrinho acreditava que o telejornalismo entrava numa fase de grande expansão intelectual, mas o tiro no garoto da Cinelândia também acertou o seu jornal. Depois daquela edição, militares armados até os dentes e depois os censores invadiram a redação do *Jornal de Vanguarda*, que ficaria no ar pela TV Excelsior pouquíssimo tempo. Como o controle da emissora passou para as mãos do Estado da Guanabara, governado por Carlos Lacerda, o jornal começou sua diáspora. Migrou para a TV Tupi, depois para a iniciante TV Globo, voltou para a Excelsior, passou pela TV Continental e, em dezembro de 1968, com a decretação do AI-5 entrou de vez em hibernação. Fernando Barbosa Lima Sobrinho soube que o jornal morreria pouco a pouco numa torturante agonia. “*Um cavalo de raça a gente mata com um tiro na cabeça*”. Desse jornal criativo, vibrante, que fez parte das aulas de comunicação do professor Mashall MacLuhan, não restou uma

só cópia no Brasil. Segundo seu criador, talvez haja uma delas perdida no acervo do professor em alguma universidade canadense.

Dezembro de 1968. Pela TV Rio, entrava no ar a última edição do *Jornal de Vanguarda*. A principal notícia: mais um ato institucional, de número cinco, restringia por completo todas as liberdades públicas como nunca havia acontecido na história republicana. Para Artur da Távola, a fórmula do telejornal não poderia vigorar numa fase tão restritiva e censurada. Mas a TV Excelsior, na qual o jornal estreou e passou o maior tempo, já sentia há quatro anos o peso do coturno da ditadura. Dias depois do golpe, ainda em abril de 1964, a TV Excelsior e seu proprietário começaram a ser minados. No Congresso Nacional, em Brasília, uma CPI para analisar a política cafeeira tinha só uma finalidade: destruir a maior exportadora de café do país.

### **Café COMAL: A Receita Amarga da Perseguição**

370 1926. O tio de Mário Wallace Simonsen, Roberto, criava a Comal (Companhia Paulista Comercial de Café), que quase quarenta anos depois, se tornaria a maior exportadora de café do mundo, com representações em várias capitais europeias. Na opinião de Saulo Ramos, a Comal e seu braço internacional, a Wasin, formavam a primeira e única grande empresa de commodity brasileira. Essa agressividade nos negócios não agradava em nada aos norte-americanos. A Comal era, por assim dizer, a empresa-mãe, de onde saía capital para todas as iniciativas do empresário.

O imponderável fez a sua parte na conspiração. Uma forte geada aconteceu em 1963 e a Comal não pôde cumprir os compromissos assumidos com os compradores internacionais. *“Quiseram jogar a culpa da geada no meu pai”*, ironiza Wallinho, sem esconder uma ponta de revolta. Se o clima para o cultivo do café estava ruim, para o golpe estava ficando ideal. No início de 1964, o Congresso abre uma CPI para investigar a quebra de contrato com os importadores do grão. O deputado Herbert Levy, cafeicultor ligado aos banqueiros internacionais, antecipou no

discurso o que ocorreria na prática: *“Essa CPI terá a oportunidade de conhecer em toda a sua essência a interferência de uma firma [a Comal] na administração da autarquia cafeeira [IBC] e como esta passou quase cegamente a servir seus interesses, ainda que contrariando os da economia cafeeira do Brasil, interesses esses que se estenderam até ao Banco do Brasil.”*

Quando foi criada a CPI, a resolução número 24 de 1964 tinha como propósito investigar a política cafeeira, mas acabou devassando apenas uma entre todas as firmas exportadoras de café. O deputado Cantídio Sampaio, que integrou a comissão pela bancada do PSP, alertou para o fato de a CPI ter-se voltado exclusivamente para averiguar os negócios da Comal, esquecendo-se de outros problemas da cafeicultura. *“Essa CPI foi instalada para apurar quaisquer irregularidades existentes nas compras e vendas de café pelo IBC, mas é indisfarçável que os trabalhos foram desviados desde o início para a investigação quase que exclusiva de uma só firma exportadora de café, a Comal”.*

371

A CPI avançava na direção de Mário Wallace Simonsen. Álvaro Moya soube por um amigo, informado da amizade dele com Wallinho, que um militar dissera que *“tudo aquilo era uma trama do Rockefeller”*. Saulo Ramos conta que os dois, Mário e David, eram *“concorrentes cordiais”*. Mas Simonsen não acreditava nisso. Achava que Herbert Levy e os barões quatrocentões do café estavam por trás de todo o complô.

Tudo se desenvolveu muito depressa. O empresário não esperava por toda essa sucessão de acontecimentos e foi apanhado completamente desprevenido. Wallinho recorda-se das divergências entre o pai e David Rockefeller. *“Eles brigaram por causa de negócios de trigo, que na época era monopólio dos Rockefeller e meu pai também queria entrar nessa área”*. Saulo Ramos sabia que o empresário era muito agressivo nos negócios.

*“Os americanos não gostavam de um empresário da parte pobre do mundo que colocava café nas prateleiras deles e que queria vender*

*produtos estrangeiros para os brasileiros. Ele estava entrando num meio onde os americanos dominavam. Ele queria a parte dele”.*

Com o café, Simonsen fazia de tudo. Era dono de fazendas, comprava café de outros produtores, torrava, beneficiava os grãos, exportava e revendia no varejo de várias cidades europeias, eliminando justamente a intermediação de terceiros, que dava mais lucros aos grandes capitalistas estrangeiros. O maior volume dos lucros vinha depois da saída do café dos portos brasileiros e ficava com o pessoal que intermediava a exportação. Simonsen eliminou o intermediário e fazia, ele mesmo, todo o processo. Da compra da colheita até colocar o café, torrado e moído, nas gôndolas dos mercados da Europa. Wallinho tinha certeza de que o exemplo do pai não poderia ser seguido pelo plantador de bananas do Haiti porque os grandes capitalistas estrangeiros não deixariam a iniciativa do empresário brasileiro ir mais longe, dar mais frutos.

372

De volta à CPI, Herbert Levy ressaltava que a Comal fora escolhida pelo IBC para ser interventora no Estado do Paraná, no dia 5 de setembro de 1960, *“já no final da campanha sucessória da Presidência”*. Bateu firme nas *“ligações do principal titular da firma, Mário Wallace Simonsen, com Jânio Quadros e a natureza política evidente da escolha da firma interventora no Paraná”*. E Herbert Levy continuava no ataque. *“O governo federal escolheu para lidar com os assuntos do café o senhor Saulo Ramos, notoriamente ligado à firma, atualmente diretor de uma das empresas do senhor Mário Wallace Simonsen [TV Excelsior]”*. E arrematou. *“A influência de Saulo Ramos era tanta que chegou a ser chamado de ‘ministro do Café’”*.

Herbert Levy, inimigo de Simonsen, pautava a acusação num empréstimo que a Comal solicitou no valor de US\$ 6 milhões para cobrir suas obrigações internacionais decorrentes da quebra da safra com a geadas de 1963. Levy dizia que, como não foi atendida, a Comal pressionava todos os que se opunham, inclusive o ministro da Fazenda do gabinete Tancredo Neves, o banqueiro Walther Moreira Salles. *“E é para cobrir tais eventualidades que os dirigentes da Comal cuidam em primeiro*

*lugar, e acima de tudo, em obter a proteção de cima, proteção que naturalmente se deve apenas a razões de simpatia que inspiraram os anteriores presidentes da República”.*

A CPI avançava e o grupo Simonsen se tornava cada vez mais vulnerável, quando o golpe atropelou os debates da comissão. O depoimento de Wallinho ilustra como estava o ambiente na época. *“Meu pai não percebia o que estava acontecendo no Brasil, mas ele tinha feito uma coisa que gerou um grande desagrado às forças conservadoras. Ele apoiou a posse de Jango”.* E prossegue afirmando: *“apoiou Jango porque ele [o pai] era um democrata. Apoiou a legalidade. Eu até estive conversando com o Jango algumas vezes, mas ele não reagiu da maneira que deveria ter reagido. Ele não apoiou meu pai como deveria ter apoiado, em troca do que tinha recebido do meu pai. Porque ele articulou sua volta ao Brasil, e para a Presidência da República, praticamente dos escritórios que meu pai tinha no exterior”.*

Saulo Ramos concorda com Wallinho. Segundo o jurista, o empresário ordenou que o diretor da Wasin no exterior, Max Reshulski, amigo de Jango desde os tempos em que era tesoureiro do Partido Comunista, se encontrasse com o vice-presidente para colocar todo o aparato da Wasin e da Panair do Brasil à disposição de João Goulart. *“Mas depois de empossado, na viagem de Goulart aos Estados Unidos, quem estava bem ao lado do presidente?”*, pergunta Saulo Ramos, ironicamente. Era ele mesmo, o acusador de Simonsen e Jango na CPI do Café, o deputado Herbert Levy. *“Jango queria o poder a qualquer custo, esquecia dos amigos, de tudo, só para estar presidente. Eu mesmo falei com o doutor Mário, o senhor manda buscar o homem e ele logo se junta com o Levy?”.*

Durante a Campanha da Legalidade, Wallinho estava na Inglaterra se recuperando de um acidente de automóvel e não acompanhou a luta para empossar o vice-presidente constitucional. Quase três anos mais tarde, no plenário da CPI, Herbert Levy lembrava: *“Na renúncia de Jânio Quadros, o senhor Mário Wallace Simonsen agiu com presteza e*

*forneceu o avião para buscar o vice-presidente João Goulart na China e trazê-lo ao Brasil. Já aí o grupo havia adquirido o controle acionário da Panair do Brasil”.*

Mas há quem suspeite dos *“ideais democráticos e constitucionais”* do empresário. O ex-diretor da TV Rio, João Batista do Amaral Filho, por exemplo. Para ele, a perseguição a Mário Wallace Simonsen se justificava perfeitamente. *“Ele era de uma das melhores famílias de São Paulo, família tradicional, bem-nascido, rico. Quando resolveu fazer televisão, o fez por motivos políticos. Tinha ambições políticas, mas foi impaciente para esperar o pós-Jango para se realizar politicamente. Embora fosse de uma família tradicional, ele entrou na televisão para ter força política ainda com Jango, embora ele fosse antiJango. Simonsen seria o último a apoiar, digamos, um governo de esquerda. Um governo que um radical poderia dizer que pretendia entregar o país para a União Soviética, para os comunistas, o que não deixa de ser verdade. Então, é muito natural que a Revolução olhasse com desconfiança um concessionário de serviço público ligado ao regime derrubado.”*

374

O debate na CPI do Café esquentava. Herbert Levy acusou o presidente João Goulart de tráfico de influência em favor da Comal. Enquanto isso, Jango garantia a Wallinho que iria conversar com a bancada do PTB. Não deu tempo. O golpe atropelou o presidente, o regime, a CPI. Vinte e dois dias depois, em 23 de abril de 1964, terminavam os trabalhos da comissão parlamentar de inquérito que determinou à Presidência o sequestro dos bens no país e no exterior da Comal e da Wasin, inclusive dos sócios minoritários. Deliberou também que se abrisse processo penal contra as firmas e todos os diretores.

Herbert Levy achava pouco. Faltava alguma coisa que acabasse de vez com um empresário agressivo e petulante. Saulo Ramos assegura que Levy sempre esteve do mesmo lado, a não ser quando posou de papagaio de pirata de Jango durante a visita oficial ao presidente John Kennedy. *“Herbert Levy sempre defendeu os interesses das grandes corporações norte-americanas, como o Bank of America”.* Como defensor

de privilégios contrariados, em seu discurso final, pediu e conseguiu a aprovação de um parecer que considerava *“inidôneas as firmas Comal e Wasin para manterem qualquer transação com autarquia e entidade em que seja responsável ou majoritário o governo da União”*, segundo o Diário do Congresso Nacional.

O que Mário Wallace Simonsen sempre soube fazer, negociar, agora não lhe era mais permitido. Como vender café sem autorização da autarquia cafeeira, o IBC? O deputado Cantídio Sampaio, aquele que protestou no início da CPI contra a investigação quase que exclusiva da Comal, sabia agora que o regime tinha novo dono e mudava de discurso. *“O Executivo deve esclarecer estes fatos, pela melhor forma e com todo rigor, o vultuoso montante dessa operação”*.

O motivo da abertura da CPI foi o não pagamento de 500 mil sacas de café do IBC exportadas pela Comal. Documentos foram falsificados, como declarou um dos advogados do grupo, José Carlos Rao, na Revista dos Tribunais, em 1965. Mas pouco ou quase nada poderia ser feito. *“Vivíamos uma época de patologia institucional”*, diagnostica Saulo Ramos. A CPI responsabilizou *“setores do governo no período entre julho de 1963 e 30 de março de 1964, pela concessão de facilidades que tornaram possível o prejuízo ocorrido contra a receita cambial do país”*.

Mário Wallace Simonsen não queria ser derrotado. Saulo Ramos lembra-se de uma carta que o empresário escreveu ao novo governo, oferecendo como garantia do débito todo o seu patrimônio, no Brasil e no exterior, inclusive as ações de todas as suas empresas, avais e solidariedade de terceiros. *“Ele ofereceu tudo o que tinha, até sua residência particular e quadros”*. O Banco do Brasil, principal credor, até quis aceitar a proposta, como provam os pareceres jurídicos do banco, mas *“pressões de ordem superior, eminentemente políticas, fizeram o banco recuar, revogando os pareceres sob um pretexto qualquer”*. Causou surpresa para todos, inclusive para Saulo Ramos, o impedimento que o Banco do Brasil sofreu para não receber um patrimônio tão grande, num valor muitas vezes superior ao débito da Wasin. Depois

de ter sido impedido de negociar com café e de ter seus bens recusados pelo banco oficial, o novo governo ainda exigia que Mário Wallace Simonsen pagasse US\$ 23 milhões.

A CPI foi uma tragédia para Simonsen. Sua desmoralização no mercado internacional era evidente. Saulo Ramos classifica a investigação como uma luta sem quartel. *“Uma perseguição de ordem política e de baixa concorrência comercial, sempre associadas para as obras de destruição. Era preciso, no entender de certos políticos, que o Banco do Brasil ficasse a descoberto e a dívida por saldar-se, sem garantias, a fim de transformar-se o fato na bandeira de destruição das empresas do senhor Simonsen e, afinal, de sua própria vida”*, diz Saulo Ramos.

376

Para Álvaro Moya, Simonsen comprou a Panair do Brasil para usar a empresa como ponta de lança do café brasileiro na Europa, na URSS e na China. Havia certa divisão no mercado do café: os americanos vendiam café solúvel e os brasileiros, os grãos. Mas Simonsen acabou com isso e fez inimigos. Moya comenta o espírito empreendedor de Mário Wallace Simonsen: *“Ele era um crânio para os negócios. No governo Jânio fizeram uma lei que exigia que o comércio do café brasileiro no mercado internacional só poderia ser feito através de bancos norte-americanos. Ele e toda a família eram ligados aos ingleses. Contornaram a situação usando um pequeno banco norte-americano, que por sua vez era representante na América de um dos maiores bancos britânicos”*.

Interesses econômicos internacionais? Picuinhas domésticas? *“Acabar com ele, acabar com a Comal, foi uma burrice que o Brasil cometeu”*. Na opinião de Saulo Ramos *“ele era um empresário à frente do seu tempo, que pensava na globalização dos mercados em plena década de 1960”*. Mas como era comum naqueles anos, havia muita inocência e algum romantismo. Álvaro Moya não se conforma com o despreparo do diretor da TV Excelsior, Edson Leite, ao debater com Herbert Levy. *“Edson Leite não tinha nível para discutir com um homem com a cultura de Herbert Levy. O deputado arrasava com Mário Simonsen nos estúdios da televisão, tudo no ar, e o Edson não tinha jogo de cintura”*.

*para responder aos ataques”.*

A TV Excelsior inovou até nisso. Colocou no ar o caso Comal, Herbert Levy bombardeando o dono da casa, pedindo que fosse processado, impedido de negociar com café. Participou, assim, do início de sua própria destruição, porque depois de terem afastado definitivamente Mário Wallace Simonsen do comércio do café, ainda restava ao grupo a maior companhia de aviação e rede de televisão de maior audiência. Mas por pouco tempo. A Panair do Brasil e a TV Excelsior estavam marcadas. Seriam as próximas vítimas.

### **Nas Asas da Panair (v. Tom Jobim)**

Paris, 1964. Nos cinemas, estreava a mais nova produção do diretor François Truffaut: *La Peau Doce*, que no Brasil se chamou *Um Só Pecado*. Um homem casado, sempre em viagens de negócios, apaixona-se por uma bela aeromoça que acaba por destruir seu casamento. Jean Dessailly, no papel do negociante, e Françoise Dorléac, a comissária de bordo, viajavam e trabalhavam na Panair do Brasil. O avião e o símbolo da companhia brasileira são partes importantes do filme, que lhe dedica belos takes e alguns minutos.

Nos ares, a Panair não conquistou só o cinema francês. Naquela época, ela era a única companhia aérea brasileira a voar para a Europa. À Varig restava a América. Tudo ia bem, como nas histórias de cinema.

Tarde de 11 de fevereiro de 1965. Na pista do aeroporto do Galeão, no Rio, um DC-8 da Panair do Brasil estava pronto para decolar e cumprir a rota Rio – Lisboa – Roma – Frankfurt. Mas ele não voaria aquela vez, nem cruzaria jamais o Atlântico pela Panair do Brasil.

Quando o avião já começava a taxiar, chegava ao Galeão o despacho do presidente Castelo Branco, num curto e seco telex assinado pelo ministro da Aeronáutica, brigadeiro Eduardo Gomes. Determinava a imediata suspensão de todos os voos e atividades da Panair do Brasil. Enquanto escritórios e hangares da companhia eram ocupados por militares, um Boeing 707 da Varig embarcava os passageiros que desciam do DC-8

da Panair, impedido de voar. Dois dias depois, veio a falência. No mês seguinte, o Guia Aeronáutico retirava para sempre da publicação as páginas referentes aos voos e rotas da Panair e acrescentava mais uma folha à Varig, herdeira de todas as linhas da Europa tomadas da Panair.

A ditadura aplicava um golpe fatal na empresa que facilitara o regresso e a posse do derrubado presidente João Goulart. Interrompia uma história de pioneirismo e de sucesso iniciada em 1929, às vésperas de uma verdadeira revolução, a de 1930. Tudo começou com a concorrência entre a Pan American e a Nyrba, sigla da New York – Rio – Buenos Aires Lines, pelas linhas da costa leste da América do Sul. A Pan Am ganhou a disputa, absorveu a Nyrba e a companhia aérea no País mudou o nome para Panair do Brasil. Cresceu e com o fim da Segunda Guerra Mundial oferecia o serviço mais rápido para a Europa. A Panair estabeleceu ligações pioneiras para todo o território brasileiro e manteve-as durante 35 anos, até sua cassação. Um desses voos pioneiros foi o do Rio para Manaus num Catalina, em 1933. Chegou primeiro a Santos, Belém, Marabá, Buenos Aires, Santarém, Rio Branco, Porto Velho e a muitas cidades da Amazônia.

378

Mário Wallace Simonsen entrou na Panair não como passageiro, mas como dono, em 1961. Ele e o empresário Celso da Rocha Miranda, da Companhia Internacional de Seguros, adquiriram o controle acionário da empresa, tirando-a do controle da Pan American. A empresa cresceu muito sob a administração dos dois empresários, tanto que, quando foi cassada, a Panair do Brasil era considerada a segunda maior empresa privada nacional. Seu sócio, Celso da Rocha Miranda, representava no Brasil a indústria aeronáutica europeia, que ameaçava a hegemonia norte-americana. A Panair trazia para o promissor mercado brasileiro aviões modernos e revolucionários, como o Sud-Aviation Caravelle, orgulho da indústria aeronáutica francesa. Nessa época, a Varig já havia rompido laços cordiais com a Panair, com o grupo que a controlava e que vendia os Caravelles, e aliava-se definitivamente à indústria aeronáutica norte-americana. Mário Wallace Simonsen e suas empresas tinham todo interesse em facilitar a conquista do mercado brasileiro pelos fabricantes

européus de equipamento aeronáutico. A Wasin, por exemplo, era exclusiva representante do grupo Sud-Aviation, fabricante dos Caravelles.

Céu de brigadeiro para a Panair do Brasil, apesar da forte concorrência: Alitalia, Lufthansa, Air France, Tap, disputavam os mesmos passageiros. Só em novembro de 1963, o Brasil assinou com governos estrangeiros acordos de reciprocidade de linhas, o que tranquilizou a Panair. Por pouco tempo.

Veio a cassação e a concorrente, a Varig, em questão de minutos colocou suas aeronaves nas rotas da Panair. *“Tamanha façanha, sem sombra de dúvida, foi fruto de cuidadosa preparação, que não poderia ser feita em algumas horas.”* Essa é a opinião de Aldo Pereira, autor da Breve História da Aviação Comercial Brasileira. Para o especialista, já eram notórias as divergências entre Mário Wallace Simonsen e o banqueiro Walter Moreira Salles, ponta de lança do banco Chase Manhattan no Brasil. Wallinho lembra-se de que o relacionamento do pai com o banqueiro era frio e distante. Anos depois, com o concorrente quebrado e morto, Walter Moreira Salles encontrou-se com Wallinho e afirmou que nunca havia prejudicado seu pai e que respeitava muito a sua capacidade empresarial.

379

Fechou por quê? Um relatório do presidente da Panair, Paulo Sampaio, assegurava que a companhia estava em plena vitalidade operacional e financeira mas *“foi atingida pelas fagulhas da tempestade política”*. O principal executivo da Panair culpou *“as manobras insidiosas, estimuladas por uma luta empresarial em busca de melhor acomodação e suspeitos privilégios do novo regime, formam o pano de fundo dessa trama contra a Panair”*. Sem uma explicação técnica plausível, os boatos multiplicavam-se. Falavam nas estreitas ligações entre o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Eduardo Gomes, e o maior acionista da Varig, Rubem Berta. Alguns especulavam que o ministro da Guerra, Costa e Silva, era parente do presidente da companhia rio-grandense, Adroaldo Mesquita Costa, e por isso teriam cortado as asas da Panair.

Uma investigação na contabilidade da empresa e nos centros de manutenção, dirigida pelo brigadeiro Oswaldo Baloussier, nunca foi revelada. Oficialmente, a Panair do Brasil não pôde voar mais porque se encontrava numa situação econômica difícil e que não poderia oferecer segurança necessária em seus voos. Mesmo sem ter tido acesso a documentos oficiais, o colunista de aviação Mário José Sampaio, do Jornal do Brasil, não tem dúvidas de que o fechamento da Panair teve implicações políticas, *“mas ninguém pode negar a fragilidade econômico-financeira da companhia na época”*.

Quando o jornalista Millôr Fernandes escreveu sobre a morte de Mário Wallace Simonsen, pouco depois do fechamento da Panair, destacou que o caminho de pedras do empresário começara em outubro de 1963. *“Rompido com o banqueiro Walther Moreira Salles, Simonsen teve cortados os créditos externos junto ao Chase Manhattan e a outros bancos internacionais pelo seu inimigo”*. A Varig havia solicitado um empréstimo ao Chase Manhattan, com o aval do governo, no valor de US\$ 5 milhões, com carência de cinco anos e juros de 6% ao ano. O dinheiro serviria para a empresa gaúcha pagar as dívidas da Real, uma empresa aérea incorporada pela Varig, e somaria juros de US\$ 758 mil. Segundo Aldo Pereira, essa versão nunca foi contestada e pode ser justificada pela apropriação que companhias aéreas brasileiras fazem da receita gerada em dólares nas linhas internacionais.

O faturamento das empresas de aviação em moeda estrangeira não passa pelo governo, não sofre conversão imediata. Desse privilégio nenhum outro exportador goza. Por isso a Varig, com as linhas europeias da Panair do Brasil, poderia pagar suas dívidas com os desafetos de Simonsen. Antes do fechamento da Panair do Brasil, o presidente do Chase Manhattan, David Rockefeller, almoçou com Walther Moreira Salles e Rubem Berta, no restaurante da revista O Cruzeiro. A imprensa noticiou o encontro, mas o assunto foi tão sigiloso que Mário Wallace Simonsen não tomou conhecimento do que os três conversaram.

A Panair do Brasil é lembrada pelo seu pioneirismo, simpatia e também pelo primeiro sequestro aéreo do País: o de Aragarças. Durante a disputa presidencial entre Lott e Jânio, em 1959, um Constellation foi desviado da rota. Aterrissou em Aragarças. O inusitado foi que o mentor do plano e o piloto, que sabia de tudo previamente, eram funcionários da própria companhia. A partir daí, a inteligência da Aeronáutica ficou com a Panair do Brasil na alça de mira. Dois anos depois, a companhia deu assento a Jango para que tomasse posse de sua cadeira no Planalto. A desconfiança só aumentava.

A Panair do Brasil briga na Justiça pelas antigas linhas, pelos aeroportos de Recife, Salvador e Belém. Também quer de volta a Tasa (Telecomunicações da Aeronáutica), que instalou toda a infra-estrutura de tráfego aéreo do país, incorporada pelos militares. Na extensa lista de imóveis perdidos, há o valiosíssimo aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires. O principal interessado na Panair e sócio de Simonsen, Celso da Rocha Miranda, morreu em 1986, aguardando o desfecho dessa história rumorosa. Nunca mais veria sua competente companhia aérea nos ares. *"A soberana do Atlântico"*, como se chamava nas campanhas publicitárias, foi destronada pelos novos poderosos.

381

## **A Excelsior Fora do Ar**

Pelo menos em São Paulo, a programação de tevê do dia 31 de março de 1964 não estava nada má. Naquela terça-feira chuvosa, o sucesso eram as novelas diárias, lançadas pela TV Excelsior em julho do ano anterior. A TV Tupi copiou a fórmula e, no início do mês, lançou *Alma Cigana*, uma trama do mexicano Manuel Muñoz Rico, adaptada por Ivani Ribeiro. A Excelsior não ficava atrás e exibia outro primor latino, *As Solteiras* de Alberto Migré. E os seriados norte-americanos já estavam no ar, como fruto da crescente internacionalização da economia brasileira. Alguns deles da melhor safra que Hollywood já produzira. *Os Intocáveis* era um desses. A noite era de Jota Silvestre, na TV Cultura antes da estatização. Eva Wilma e John Herbert divertiam-se na Tupi com *Alô Doçura*. Dia tenso, a terça-feira foi do humor. *O Mundo Alegre*

de José Vasconcellos na Record, *Horário No...brega* na TV Paulista e *O Show é Colé* na TV Excelsior.

Um dia péssimo para risadas. As informações sobre a movimentação militar chegavam, desde as primeiras horas da manhã, elevando a tensão e fazendo com que os telespectadores procurassem ansiosamente pelos noticiários. Mas em se tratando de notícia e emoções, a programação do dia seguinte, primeiro de abril, seria melhor ainda para os telespectadores cariocas. Ao vivo, o Rio viu os rapazes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) tocarem fogo na sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), na praia do Flamengo. Pena que as câmeras não testemunharam outro show: a frustrada tentativa do apresentador Flávio Cavalcanti em invadir a redação e oficinas do jornal janguista Última Hora.

382

A cuidadosa campanha ideológica para assustar a classe média com o fantasma da comunização do País chegou ao auge depois do Comício da Central do Brasil, no dia 13 de março. Nele, diante de uma massa popular e das câmeras de televisão, o presidente João Goulart se comprometeu com as temidas Reformas de Base, uma revolucionária mudança constitucional. Apesar da serenidade que procurava mostrar ao lado da bela mulher Maria Tereza, nem Jango, nem a aterrorizada classe média que assistia pela televisão ao comício tinham dúvida de que a situação do Brasil era gravíssima. Alguma coisa iria acontecer e não tardaria muito: 18 dias.

Nada de lágrimas de novelas, nem socos dos seriados norte-americanos. A atenção dos telespectadores estava voltada para os telejornais, que cobriram o movimento golpista desde as primeiras horas da manhã. Nessa época, Wallinho estava na Excelsior do Rio e nunca se esqueceu daquele dia. Ele havia se encontrado com Fernando Barbosa Lima Sobrinho, diretor do Jornal de Vanguarda, e depois saiu para dar uma volta nas ruas. Até hoje recorda, surpreso, a alegria da classe média e a apatia dos pobres. Hoje, forçando a memória, acha que o povo gostou daquela mudança. Uma fase de inocência

democrática iniciada com a Constituinte de 1946 se acabava ali na sua frente. Como tudo, o golpe também viria mudar profundamente a televisão, reordená-la para uma era de modernização tecnológica, planejada e centralizada, feita à custa de muita intolerância e autoritarismo. Espelho róseo do regime militar, a televisão brasileira que conhecemos hoje não nasceu, nem morreu sob o signo do arbítrio.

Que função teria a TV nesses novos tempos? Para o professor Muniz Sodré, no jogo das classes sociais a televisão produz hegemonia ideológica e dominação cultural. No livro *Monopólio da Fala*, ele aponta esse efeito no Brasil: a televisão *“no interior de nosso modelo econômico-financeiro, representa um valor real no processo de acumulação do capital, um trabalho socialmente necessário para a reprodução das condições produtivas dominantes”*. Para o professor, a tevê está identificada com a concentração econômica, com o poder político e com o *“neomonolitismo das formas de pensamento.”*

Com a ditadura, a TV Excelsior foi levada à exaustão, à falência e, por fim, ao total desaparecimento. *“Foi um dia terrível”*. Maurício Sherman, funcionário da Excelsior na época, nunca se esqueceu. *“Uma turma de sujeitos invadiu a TV Excelsior com o general Gustavo Borges, chefe da polícia do Lacerda, à frente com uma metralhadora na mão. Invadiu a emissora, cujos únicos revólveres eram os da contrarregra. Revólveres Estrela e os únicos tiros que a gente dava eram de pólvora seca. Invadiram com essa violência e tomaram os estúdios, mandaram lacrar, mandaram tirar, mandaram não-sei-o-quê e o Lacerda babando no meio daquilo tudo.”*

Aliado aos golpistas, o governador da Guanabara nunca escondeu sua atração pela televisão. O primeiro político brasileiro a usar e se dar conta do poder do veículo, Carlos Lacerda, sempre teve vez e sempre falou na TV Excelsior, mesmo sendo opositor e hostil ao seu proprietário. Durante a CPI do Café, Herbert Levy sofria críticas por sua atuação parcial, mas Lacerda escreveu uma carta aberta defendendo o deputado. Para Lacerda, Levy *“estava no dever de defender o patrimônio público e punir os que o assaltaram”* e o governo Goulart

*“estava dando margem a que ladrões (no caso, o grupo Simonsen) impunes usassem instrumentos poderosos de comunicação com o público, como são os da televisão, para injuriá-lo e difamá-lo (Levy)”. Lacerda, mais agressivo do que de costume, escreveu: “me causa repugnância ver impunes ladrões usando a televisão que montaram com o dinheiro roubado à Nação e beneficiados pela inexplicável impunidade, tentarem mantê-la (TV Excelsior) negociando o seu apelo aos promotores da impunidade (governo Goulart)”. Na resposta ao governador carioca, Herbert Levy parecia estar bem informado. “Muito em breve as falcatruas que pusemos a descoberto terão a punição merecida.”*

Depois do golpe, a situação de Mário Wallace Simonsen ficou insustentável. Naquele tempo, não havia duplicatas de publicidade, como acontece em todo departamento comercial de qualquer televisão. Era tudo na base da promissória, e Wallinho viu os bancos fecharem as portas à emissora indesejável ao novo regime. Além da asfixia financeira, animado com os abusos jurídicos dos primeiros dias do golpe, Lacerda denunciou o empresário, Wallinho, e outras pessoas da família. Um juiz da Guanabara determinou o sequestro de todos os bens e o presidente do Banco do Estado da Guanabara na época, Antonio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, foi nomeado fiel depositário de tudo, inclusive das ações da Excelsior.

Assim, Lacerda ganhou uma tevê, o palanque eletrônico que tanto queria. José Carlos Rao pergunta num artigo da Revista dos Tribunais, em 1965, *“por que a Justiça da Guanabara, totalmente ausente de qualquer das raízes desse processo (Comal), de fundamentos nitidamente federais, avocou a si o pretense direito de processar criminalmente um determinado número de pessoas?”* O próprio advogado apressou a resposta. *“Não terá sido a possibilidade, através de um processo judicial decretado arbitrariamente e violentamente, de entregar-se o controle acionário de uma rede de estações de televisão a um determinado governador de estado do qual esta estranha Justiça é um dos poderes?”*

Com o sequestro dos bens de Simonsen, Carlos Lacerda ocupou a TV Excelsior, colocando-a para trabalhar pela eleição de seu candidato à sua sucessão, o professor Edgar Flexa Ribeiro. Os cariocas, espectadores ou não do Canal 2, derrotaram Lacerda nas urnas. Deu Negrão de Lima para o governo da Guanabara. Mas com Lacerda, Wallinho teve que se afastar da estação e começou a sofrer pressões para vendê-la. Passou tudo para os Frias, donos do jornal Folha de S.Paulo. Wallinho foi preso e depois solto. Tinha que suportar os próprios funcionários falando que se ele não estivesse à frente da Excelsior e se ela não pertencesse aos Simonsen, estaria crescendo e não sofreria qualquer perseguição. Exausto, farto de tudo e à beira de uma séria crise nervosa, decidiu morar na Europa.

No final da década de 1960, Wallinho estava em Paris, casado com Adelita Scarpa e foi apresentado pelo sogro a um advogado que propôs que ele comprasse a Excelsior de volta. A emissora já estava economicamente inviável, mas Wallinho não teve discernimento para saber o que estava fazendo, fazia tratamento psiquiátrico. *“Eu estava pirado”,* confessa. *“Comprei a televisão de volta e jogaram a bomba para estourar em cima de mim”.* Era um contrato leonino: transferia para ele a concessão e os equipamentos, mas os imóveis ficaram de fora.

385

Wallinho voltou para o Brasil para reassumir a TV Excelsior. A que já tinha sido um dia a mais inovadora, poderosa e criativa emissora de televisão, agora definhava. Atrasos de pagamentos, distribuidoras de filmes com contas milionárias a serem pagas e os funcionários, que em plena ditadura receberam autorização do Ministério do Trabalho para fazer uma greve, de braços cruzados. Wallinho aponta os culpados. *“Os militares queriam arrasar o que restava do grupo Simonsen e era preciso eliminar esse nome da história do Brasil.”*

A crise aumentava, a audiência desabava e Wallinho passou a Excelsior para Terezinha de Oliveira Abreu, esposa do ex-deputado cassado Dorival Masci de Abreu, por um valor que não correspondia ao patrimônio das emissoras, segundo o jornal O Estado de S. Paulo. Enquanto isso,

a rede Excelsior tinha 16 pedidos de falência, devia à Previdência, à Receita Federal, além de centenas de outros credores.

Uma novela emocionava São Paulo. Não era *Véu de Noiva* e nem *Nino, O Italianinho*. Eram os funcionários, que, durante 24 horas por dia, apelaram para a generosidade dos telespectadores e dos credores, especialmente. *“Nós, funcionários do Canal 9, TV Excelsior, assumimos a direção dessa casa. E é a você, credor, que fazemos esse apelo. Nos dê condições de trabalho para que você possa receber. Nós também somos credores e estamos trabalhando para que tudo seja solucionado.”* Eles estavam sem receber há vários meses. Artistas de outros canais prestam solidariedade aos empregados da Excelsior, como Hebe Camargo, Roberto Carlos e Blota Júnior. Os supermercados entram na campanha e fazem vendas beneficentes do casal de bonequinhos do Canal 9 paulista.

386

As dificuldades eram enormes. Com as novelas fora do ar por causa da greve e sem dinheiro para manter qualquer programação, a situação da TV Excelsior não ficaria muito tempo sem solução. Caberia ao presidente mais linha dura de todos os governos militares o golpe final contra a televisão do grupo Simonsen. No dia 28 de setembro de 1970, Médici assinou o decreto que cassava os canais do Rio e de São Paulo da rede Excelsior.

Segundo o Jornal do Brasil, o decreto da cassação teve origem numa ampla investigação sobre a Excelsior e a Rádio Mayrink Veiga, iniciada em 1964. Só o relatório da TV Excelsior tinha 120 páginas e estaria nas mãos do presidente Emílio Médici. Mas esse relatório não consta, até hoje, de nenhum arquivo do governo ou do Ministério das Comunicações.

Com a tevê fora do ar, começou o saque aos despojos da TV Excelsior. Os equipamentos foram desviados para a TV Gazeta que, segundo a revista *Veja*, *“era um mero tentáculo do grupo Folha de S.Paulo”*. No dia seguinte à cassação, o jornal O Estado de S. Paulo denunciava que *“às vésperas do fechamento, Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira*

*Filho conseguiram a posse de dois edifícios da empresa, um no Rio e outro em São Paulo". Os desvios eram tantos que a TV Gazeta, que ocupa o Canal 11 em São Paulo, recebeu da Veja o apelido de "Canal 20", porque estava somando com o butim da Excelsior. E a revista questionava sobre a herança pobre da Excelsior. "Como é que possuindo um dos melhores equipamentos entre as tevês de São Paulo, deixou pouco mais que móveis e instalações de escritório, insuficientes até mesmo para cobrir os débitos trabalhistas da empresa?"*

Sem o sinal da TV Excelsior no ar, terminava o império de Mário Wallace Simonsen. Seis anos depois do golpe militar, não havia mais o menor resquício do poderio econômico e empreendedor que esse homem teve, um dia, no Brasil. Acabávamos de conquistar o tricampeonato mundial de futebol no México, a guerrilha atormentava os militares que respondiam com prisões, torturas e desaparecimentos políticos. A imprensa estava amordaçada desde o final de 1968, com o AI-5. Mas a classe média chegava ao paraíso, com os índices da economia crescendo como nunca se vira antes. O *Brasil Grande* rasgava entradas na selva, erguia usinas hidrelétricas, ligava-se com o mundo via Embratel. A *Revolução*, como os militares obrigaram a história a chamar o golpe de estado de 1964, estava dando certo. Até na televisão, o Brasil progredia. Uma nova estação tecnicamente moderna, politicamente asséptica, assumia a liderança de audiência e a defesa do regime. Se a TV Excelsior não se prestava aos ditadores, a TV Globo cabia como uma luva. Usando todos os trunfos da emissora de Mário Wallace Simonsen, como programação horizontal e vertical, telejornal entre novelas diárias e audaciosas campanhas publicitárias, a TV Globo se consolidou. Categórico, Álvaro de Moya sentencia: *"A TV Globo é mero plágio da Excelsior"*.

387

## **Conclusão**

Perseguição política. Esse foi o provável motivo para o total desaparecimento do que um dia fora o império empresarial de Mário Wallace Simonsen. Tudo aconteceu pouquíssimo tempo depois da brusca mudança político-institucional, ocorrida no Brasil com o golpe militar de 1964.

O golpe militar de 1964 estava sendo articulado há muito tempo. Hibernava desde o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954, foi abortado com a conduta legalista do marechal Lott, e quase deu certo durante a crise da renúncia de Jânio Quadros. Mas o golpe final teve que esperar por um primeiro de abril.

Um avião da Panair do Brasil, colocado pelo empresário à disposição do vice-presidente João Goulart marcou definitivamente a quebra de confiança dos militares em Mário Wallace Simonsen. A TV Excelsior nunca atacou o governo Jango e, mais grave ainda, Simonsen nunca contribuiu para os institutos que se tornariam a inteligência do movimento golpista, como o IPES e o IBAD. Mário Wallace Simonsen estava ao lado de Brasília, solidário, quando quase todo o empresariado nacional tremia com as Reformas de Base, que Jango quis mas não chegou a implementar.

388

O filho do empresário, Wallinho, enalteceu a figura do pai. Para comprovar o seu patriotismo, contou que na época da CPI do Café, Simonsen havia sido procurado por exportadores africanos para que assumisse o controle das exportações e que colocasse o café deles no mercado internacional. Simonsen disse não. Achava que a ditadura seria uma coisa passageira e que, depois, não poderia honrar o acordo com os africanos. Wallinho também se lembra dos conselhos que o pai recebeu para que se afastasse da televisão.

*“Eram recomendações de ordem política, tanto que quando precisou ser defendido, ele não teve o apoio da imprensa, que via nele um concorrente agressivo.”*

Não restam dúvidas de que, ideologicamente ou não, o empresário esteve ao lado dos interesses do governo João Goulart. Simonsen jamais poderia ser taxado de esquerdista, mas era liberal numa época em que o mundo se dividia apenas em dois lados, esquerda e direita. *“Os interesses do meu pai se confundiam com os interesses do País. Não que ele fosse bondoso, mas havia uma coincidência, porque ele*

*lidava com uma das únicas fontes de divisa que o Brasil possuía. E meu pai dependia do governo central, fosse ele quem fosse”, constata Wallinho.*

As conexões do empresário com o poder também fazem parte das argumentações de Álvaro Moya. *“O negócio dele era tão grande que quem quer que fosse o governo estaria ligado a ele. Mário Wallace Simonsen esteve junto a Juscelino e quando Lott perdeu ele se ligou ao Jânio. Com Jango aconteceu a mesma coisa. Ele continuou apoiando o presidente porque suas empresas dependiam do governo. Só assim, tendo esses laços, ele poderia dominar o café brasileiro, o IBC e tudo mais”.* Mas Moya também credita aos capitalistas estrangeiros uma parcela de culpa. *“Rockefeller sempre quis derrubar a penetração do café brasileiro no mercado europeu. Mário Wallace Simonsen representava o início de um capitalismo brasileiro de nível internacional.”* Saulo Ramos também vê no grande capital externo motivos para que Simonsen fosse destruído. *“Ele quis competir com quem monopolizava os produtos primários no mundo.”* Ainda hoje, Álvaro Moya não reconhece em nenhum empresário brasileiro a estatura política, cultural e econômica que encontrou na figura de Simonsen.

389

Numa CPI tendenciosa, destruíram a maior exportadora de café do país. *“Uma besteira que deixou muita gente séria, politicamente independente, chocada”*, lembra Saulo Ramos. Cassaram as linhas da Panair do Brasil, o que fez com que cinco empregados se matassem. Uma injustiça relemburada em almoços anuais com antigos empregados de bordo e de terra. Além de ter sido injusto, o fim da Panair do Brasil foi benéfico para dois conhecidos desafetos de Simonsen. David Rockefeller e Walter Moreira Salles recuperaram o dinheiro emprestado à Varig que, com novas linhas internacionais, pôde pagar cada centavo da dívida. Até o Ministério da Aeronáutica saiu lucrando, incorporando a subsidiária da Panair responsável pelo controle de tráfego aéreo, a Tasa, e alojando algumas repartições em vários aeroportos, antes pertencentes à companhia. Depois de tanto tempo, ainda se pode ver o nome e o símbolo da Panair na sede do III Comando Aéreo Regional (Comar), na Praça XV de Novembro, no Rio.

E, por fim, fecharam a TV Excelsior, emissora que revolucionou a maneira de se fazer televisão e que teve um final melancólico. Fruto de má gestão aliada à má vontade do governo federal em salvá-la, a Excelsior conseguiu superar-se na história. Único ponto visível do outrora poderoso império, a televisão estava com os seus dias contados. Devia a todo mundo e foi substituída na preferência nacional pela TV Globo, imagem asséptica e acomodada do **Brasil Grande**.

Wallinho acredita que teria sido muito mais fácil apoiar os golpistas ao invés de *lutar pela democracia*. Alguns meses antes de abril de 1964, Simonsen foi procurado e não respondeu aos chamados do então governador mineiro e líder civil da *Revolução*, o banqueiro Magalhães Pinto. *“Tudo caiu em cima dele, foi uma coisa planejada”*, sentencia Saulo Ramos.

390

Álvaro Moya tem como certa a sua definição para a destruição do império Simonsen. *“A ditadura militar derrubou Jango e depois o Mário Wallace Simonsen. Foi uma perseguição política, acabaram com a família dele e ele não era ligado ideologicamente a João Goulart. Ele era a favor do dinheiro, do negócio. Ele dependia do governo e estava querendo progredir e, como todo capitalista, queria ter lucro”*.

Com o desaparecimento desse conglomerado econômico, outros surgiram. O tipo de televisão que a Excelsior sonhava transformou-se em realidade pela tela da TV Globo. E o café há muito tempo deixou de ser o maior produto de nossas exportações, superado pela produção colombiana. O curioso é que as grandes herdeiras do desaparecimento do grupo, a Varig e a TV Globo, passaram imunes à fúria estatizante do regime militar, mesmo ocupando setores que em muitos países estão ou estiveram nas mãos do estado.

Wallinho conta uma história inusitada. Durante os primeiros dias da ditadura, ele ouviu de um amigo, lotado no famigerado quartel da Rua Tutóia, em São Paulo, que havia uma cadela chamada pelos

oficiais de Comal. Para o filho, essa é a maior prova da raiva e do ressentimento que os militares tinham por seu pai. Com a vitória dos golpistas em 1964, o País perdeu democracia, liberdade, justiça, vidas humanas. Mário Wallace Simonsen perdeu tudo isso e mais um império.



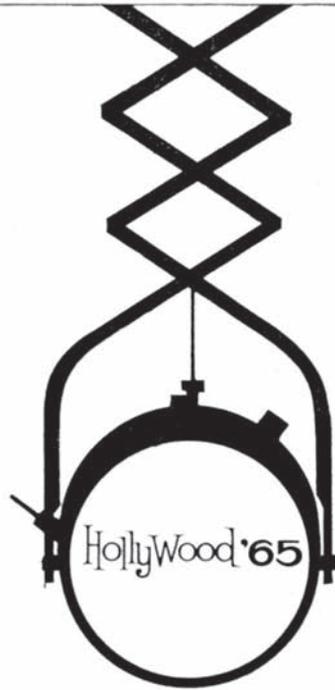
**Revista Trip:**

Pergunta: — A saída da Excelsior do mercado, com a licença cassada pelos militares, em 1970, ajudou a Globo em São Paulo?

**Joe Wallach:**

Resposta: — ajudou, sim. Era um concorrente a menos. Em São Paulo, a Record fazia musicais e a Excelsior, novelas. Mas, quando o Mário Simonsen morreu [em 1965], a Excelsior começou a ruir. No Rio, entrou o Edson Leite, que era um maluco e fazia tudo sem sucesso. Não foram os militares, foi o fracasso administrativo da Excelsior que a matou.”

**Guilherme Werneck in Revista Trip n. 169, agosto de 2008**



Esteja de olho no Canal 9,  
toda quinta-feira, às  
20 horas. Dentro da série  
"Hollywood'65" estão sendo  
exibidos filmes famosos, com  
**John Drew Barrymore,**  
**Lucille Ball, Tony Randall,**  
**Joan Fontaine, Marisa Pavan,**  
**Joseph Cotten**  
e muitos outros, de fama  
internacional. Não percam!

Patrocínio da

**ANDERSON CLAYTON**

Hoje isso não é novidade, mas em 1962, a TV Excelsior foi pioneira mundial em feitura de filmes, usando equipamento de TV. Anos depois, Francis Ford Coppola realizou *O Fundo do Coração* e Michelangelo Antonioni, com apoio da RAI-TV dirigiu *O Mistério de Oberwald*, em cores, gravando em VT e vertendo tudo em negativo de 35 mm, para exibição nos cinemas.

Na década de 1960, entretanto, somente na França, a Franscope ensaiava o *vídeo assist* e na Inglaterra, Douglas Fairbanks Jr., com a Pye Electronics tentava fazer filmes para cinema, usando o vídeotape. A vantagem, talvez a principal, além do ritmo de gravação, seria econômica, pois evitaria o desperdício de negativo com as cenas erradas. No VT, simplesmente se apagam e usamos a boa. O som direto seria outra vantagem.

395

Desde quando fizemos uma cópia 35 mm de Hipócrates, no programa *Caminhos da Medicina*, a Vídeo View, de Hollywood insistia em realizarmos uma experiência especial. Eu já não estava mais na TV, quando Lelio Castro Andrade convenceu Wallinho a investir doze mil em dinheiro da época, para fazer um curta. OK. Mas, nosso equipamento era em P&B, de má qualidade. Era preciso encontrar um tema que parecesse próximo do cinema mudo, ou seja, que a parca definição parecesse um efeito e não um defeito. Bingo!

O Manoel Carlos tinha uma adaptação do conto clássico de Ernest Hemingway, *Assassinos*. A Lynxfilm entrou no projeto com o laboratório e com o mestre Chick Fowle assessorando a iluminação de Dante Leccioli. O visor da câmera tinha sido adaptado para a tela panorâmica de cinema. A Polifilmes ficaria com a distribuição. Os dois matadores profissionais usavam chapéus coco, tipo O Gordo e o Magro. Eram para ser Lima Duarte e Jô Soares. O gordo não pôde e escalamos o Armando Bogus.

No meio da programação normal, no estúdio da Nestor Pestana, tínhamos duas noites para gravar, das 24h às 7h da manhã. Decidimos gravar a segunda parte, a mais difícil e, no dia seguinte, o bloco inicial. No primeiro dia de filmagem, o desfecho, quando os matadores assassinam o sueco, Carlos Zara, e na segunda noite, a chegada dos sicários no bar, à procura de seu alvo. Se não conseguíssemos filmar a primeira parte já teríamos uma mini-história com final. E um começo elíptico: um jovem, Walter Avancini, chega à pensão para avisar ao fugitivo que dois matadores profissionais chegaram ao bar da cidade para eliminá-lo, e o sueco, inexplicavelmente, cansado de fugir, resolve aceitar sua morte e jamais saberemos o motivo de seu fim.

396

O problema principal era que o corte eletrônico ainda não tinha chegado e o trabalho era feito com uma gilette. Gravávamos uma cena com cortes no switch, usando duas câmeras e emendávamos com a anterior, mais uma cena e nova emenda, como os degraus de uma escada. Acontece que, se houvesse um erro, tinha que gravar tudo de novo, do princípio. E o técnico de gravação, Arlindo Partiti nos avisou que às 7 da manhã, precisamente, uma fábrica ou indústria clandestina nas cercanias não localizada, começava a trabalhar e como a técnica não era blindada, desarmava toda a gravação feita. Era preciso terminar antes das sete horas da manhã.

A sequência final da primeira noite era a mais difícil: a fuzilaria dos dois assassinos contra o sueco deitado na cama da pensão. Um especialista trabalhava com tiros de festim. Zara usava um preservativo cheio de sangue, com fita durex no peito sob a camisa T-shirt branca. Quando Lima e Bogus disparavam, ele levava a mão ao peito, estourando a camisinha, encharcando de sangue seu tórax, enquanto soltava sangue pela boca. Perfeito. Faltava o último take. Uma câmera por baixo da cama captava, em primeiro plano, o braço do homem que morria, soltando a harmônica de boca, que tocava, ficando com a mão hirta, enquanto, ao fundo, os pés dos criminosos se afastavam. A mão de Carlos Zara não acertava. Partiti gritava pelo interfone que estava quase batendo sete horas e tudo iria se perder. Pânico no estúdio.

Tudo tinha corrido tão bem, em harmonia. Pela primeira vez, sem a histeria do teleteatro ao vivo, se via uma equipe organizada, trabalhando em silêncio, com um incrível sentido de autocrítica, em que cada profissional revia, em retorno no estúdio, no monitor, a cena gravada em primeira mão e um simples lembrete do diretor pelo alto-falante, todos corriam para corrigir para a próxima tentativa que saia perfeita. Eram contribuições de cada um, sequiosos de corrigir o detalhe invisível aos olhos do público, mas indispensável para uma experiência perfeccionista e inédita. O ator se via e corrigia sua interpretação. O iluminador tirava uma pequena sombra no olho do ator. O contrarregra removía uma garrafa em fundo que ligava com a cabeça do ator em primeiro plano. O câmara melhorava a enquadração ou movimento. Parecia cinema.

Diferentemente de hoje, quando o cinema nacional usa a linguagem televisiva, quando um longa-metragem brasileiro não tem sequer uma tomada cinematográfica na telona feito por gente de TV, naqueles tempos os profissionais vindos do rádio, que amavam e idolatravam o cinema, tentavam fazer da televisão a sétima arte nos inícios da TV. Tivemos, naquele momento mágico, no estúdio, a doce ilusão de que a gravação em VT iria levar a TV ao mesmo nível do nosso amado cinema. Infelizmente, esse tipo de trabalho jamais se repetiu na nossa televisão e o videoteipe virou um motivo de relaxo total na gravação. Aquele clima de TV ao vivo que parecia uma noite de estreia teatral, com pique, desapareceu no ritmo industrial, na fábrica de salsicha enlatada, na esteira rolante da produção em massa da televisão atual, que, inclusive contamina o nosso cinema.

Mas esse não é o nosso assunto.

Voltemos ao suspense hitchcockiano. A primeira badalada das sete da matina vai soar e nada de James Bond. O técnico grita pelo interfone. A direção tenta manter tudo sob controle. Eis que o jovem mensageiro, Walter Avancini, pula na cama e dubla a mão do Zara, com perfeição. A cena é emendada na anterior e todos rolam no chão.

Pausa, a equipe assiste, contrita, ao trabalho duma noite. Com a gravação de amanhã teremos 19 minutos. Quanto tempo para filmar um longa? Oito ou nove noites! Com negativo, som direto, trilha sonora e tudo. Oitenta ou noventa minutos de produto bruto num só negativo. Uma revolução na realização cinematográfica. O futuro integrará cinema e vídeo.

Na noite seguinte, o trabalho rende melhor ainda, pois já temos domínio da realização feita na noite anterior, que fora muito mais difícil. Emendamos a primeira parte gravada na segunda noite com o final, gravado na véspera.

O original vai para Hollywood. O telefone toca, os gringos estão eufóricos. Volta o negativo e uma cópia 35 mm. Corremos para o cine Coral, na Sete de Abril, emprestado pelo Dante Ancona Lopes. Jorge Ileri, Jean Manzon, Carlos Manga, Rubem Biáfara, Durst, jornalistas, críticos de cinema, atores, publicitários, todos ficam boquiabertos. Manzon: "Eu pensei que fosse esperto..." Uma exibição no Rio, no cine Paissandu e os presentes pensam que é um filme inglês, muito bem dublado em São Paulo. Aí reconhecem Jayme Barcelos como o dono do bar. Manga pergunta quem é aquele loiro bonito. Carlos Zara. Acham que o defeito é efeito de época. Imaginem quando chegar a TV em cores!

398

A TV Excelsior entra em crise. Paulinho Machado de Carvalho entra no circuito e gravamos Tio Samba, no Teatro Record, uma experiência frustrada. Vamos para os Estados Unidos, a Vídeo View está interessada em entrar na sociedade. Mas, não há mais ambiente propício no nosso país. Poderíamos enviar uma cópia para Cannes, Veneza, algum lugar para registrar que o Brasil foi pioneiro no mundo em fazer cinema via vídeotape. Como, se não temos os direitos de exibição da obra de Ernest Hemingway, que pertencem à Universal Pictures? Maldição! Por que não gravamos um conto brasileiro? Para piorar as coisas, a Embrafilme perdeu nossa cópia única. Pelo menos, o Brasil marcou seu pioneirismo. E ninguém viu.

***Assassinos***, de Ernest Hemingway

equipe técnica: um filme de Álvaro de Moya

realização da TV Excelsior, SP, Brasil, 1962

produção: Wallinho Simonsen e Lelio Castro Andrade

produção executiva: Roberto Palmari

assistentes de produção: Jayme Barcelos e Bentinho

script: Manoel Carlos

iluminação: Dante Leciulli

câmeras: Italo Morelli e Eber Barella

som: Laurino Salvador e José Bastos

maquiagem: Pisani

edição de VT e gravação: Arlindo Partiti

engenheiro: Carlos Paiva Lopes

cenografia: Cyro Del Nero

assessoria de cinema: Chick Fowle/Lynxfilm

laboratório: Bandeirantes

distribuição: Polifilmes

direção geral e direção de TV: Álvaro de Moya

elenco: Carlos Zara, Lima Duarte, Armando Bogus, Walter Avancini, Milton Gonçalves, Henrique Cesar, Riva Nimitz, Amandio Filho, Jayme Barcelos e Carmen Silva

transcrição para 35 mm: Vídeo View, Hollywood, California, USA

tempo: 19 minutos

redução para 7 minutos: v. Embrafilme.

399

**Álvaro de Moya**



No dia 2 de setembro de 1960... "Às 21 horas, a TV Excelsior anunciava a interrupção de sua programação para exibir, ao vivo, do estúdio localizado no Teatro de Cultura Artística, uma mesa-redonda com Sartre e Simone e os entrevistadores Bento Prado Jr., Fernando Henrique Cardoso e Roberto Schwarcz. Uma plateia de 1.200 pessoas acompanhou, por mais de quatro horas, a entrevista que avançou pela madrugada. Tudo em francês. Fui a Cuba e olhei fundo nos olhos de Fidel Castro. Ele não está mentindo, disse Sartre. A plateia veio abaixo. Dei um close no olho torto dele, conta Álvaro de Moya, diretor artístico da emissora. No dia seguinte, Moya foi chamado pelo dono da Excelsior. Senti que seria demitido. Não tinha pedido permissão para modificar a programação, conta Moya. De fato, foi repreendido por dar espaço a um notório comunista. Moya se defendeu exibindo as duas páginas que o jornal O Estado de S.Paulo dedicara ao filósofo. O chefe reconsiderou e deu carta branca ao diretor". cf. Graziela Beting, in Gazeta Mercantil de 11 de outubro de 2001.



Quando eu trabalhava na CBS em Nova York, em 1958, o Brasil jogou a final na Suécia e nos States não havia o menor interesse pelo soccer. Um brasileiro com rádio avisou para ficarmos no hotel, que nos telefonaria. E avisou que o Brasil era campeão mundial de futebol pela primeira vez. Naquela noite não dormi. Há anos tinha na cabeça a ideia de um script sobre futebol.

Voltei para o nosso país, escrevi *O Goleiro* e inscrevi no prêmio Fabio Prado, da União Brasileira de Escritores e ganhei, com o roteiro *A Ilha* de Walter Hugo Khoury. Ele filmou e eu, não. Durante o período da TV Excelsior, saiu o resultado do júri e foi uma festa. Eu não gostava de aparecer no vídeo, então, os técnicos me pegaram uma. Fingiram, durante o *Brasil 60*, de consertar uma câmera, e, de repente, a Bibi está falando do prêmio e minha imagem está no ar! Me pegaram...

403

**Álvaro de Moya**



É muito difícil justificar, tantos anos depois, porque pedi demissão. Ou entender, ou ainda me arrepender. Fui chamado à atenção por Paulo Uchoa de Oliveira, achei um absurdo, ele, que nada fazia, vir me censurar. O sangue espanhol me subiu à cabeça e escrevi a carta de demissão; ele me pediu para reconsiderar, abri mão, com a teimosia ibérica, deixando o pedido irrevogável por escrito na mão dele. Fim.

Arrependimentos tenho alguns na vida. Esse seria um deles? Como, se foi bom para a Excelsior contratar Edson Leite e assumir a liderança no Ibope? Como, se foi bom para a história da televisão? Como me arrepender, se graças a Edson acabou a era do detestado Convênio no rádio e na TV, no Brasil? E tudo isso serviu de degrau para o sucesso nacional da Rede Globo de Televisão.

405

Acho que esse foi o grande feito do Edson Leite na televisão brasileira: acabar com o Convênio. Os patrões das emissoras tinham um acordo entre eles, que achávamos um absurdo, de não tirar ninguém de outra emissora, a não ser que houvesse acordo entre as partes. Isso era escravidão, desrespeito humano e profissional. Eles se reuniam e decidiam o futuro de um profissional.

Corriam casos absurdos. O galã Fábio Cardoso ia ser contratado pelo Teatro Brasileiro de Comédia. (Ah, sacanear o teatro podia, TV não). Um dirigente da TV Tupi convenceu-o a ir ao TBC e abrir mão do contrato teatral. Quando voltou, o patrão deixou-o gelado, dizendo: agora você é um homem desempregado! E ofereceu o que quis.

O ministro do Trabalho de Jânio Quadros procurou alguns profissionais, marcou uma reunião secreta na casa do radialista e publicitário Aurélio Campos e buscou um testemunho de alguém que tivesse participado duma reunião do Convênio, pois ele julgava que poderia, a partir do

governo, considerar criminosa essa atitude dos patrões. Eu, como diretor da Excelsior, não fazia parte e sim Paulo Uchoa de Oliveira, assim como Cassiano Gabus Mendes não o era, e sim Edmundo Monteiro. Mas, eu tinha participado de um encontro em que tinham me acusado de usar o trabalho de Walter George Durst, que era contratado da TV Tupi. Seria arriscar meu emprego. Eu poderia testemunhar que existia o tal Convênio. Mas saiu o Jânio, tudo deu em nada.

Já o Edson Leite, tendo afastado Paulo Uchoa de Oliveira e, conscientemente, recusado a participar do grupo patronal, com o aval do Wallinho, rompeu a Excelsior com o Convênio. Isso deixou irados os donos de TV, especialmente o Pipa Amaral, da TV Rio, em que a Excelsior já tinha adquirido o canal 2, TV Mayrinck Veiga das Associadas, e não tinha equipe para pôr a emissora no ar.

406

O advogado José Carlos Rao, Edson Leite, Ricardo Amaral (amigo pessoal de anos do Wallinho) e outros, de um apartamento alugado na entrada do Forte de Copacabana assobiavam e chamavam Chico Anísio, Carlos Manga e outros que iam entrar na TV Rio, canal 13 e os contratavam na hora com salários milionários. A experiência do Edson na rádio Bandeirantes, com a implantação da Rede Verde-Amarela, conseguiu montar uma rede brasileira de TV, sendo a primeira e ter uma programação nacional, desbancando as emissoras locais: Tupi, Record, Paulista, Rio e outras, antes dos satélites.

Foi um ataque em todos os fronts. O divulgador da Excelsior, o jornalista Mário Régis Vita teve a ideia de colocar cartazes nas ruas com os dizeres *"Eu também estou na Excelsior"*. Os maiores artistas do vídeo nacional apareceram nos outdoors. Tinha mais artistas do que caberiam na programação de uma estação, pois naqueles tempos era inviável uma emissora ficar 24 horas no ar.

É verdade que isso foi uma faca de dois gumes, pois no futuro, quando a direita acusou Mário Wallace Simonsen de fazer negócios de café brasileiro no mercado internacional, beneficiando-se da crise cafeeira

nacional nas geadas, deu a impressão ao povaréu que era graças a um dinheiro apropriado do Brasil que era possível contratar tantos astros a peso de ouro. Ouro negro.

Soube-se depois, que a visão de Simonsen era a favor do café brasileiro e que tudo não passou de utilização de choques entre capitalistas nossos e a direita, que assumiu o poder no Brasil no golpe militar de 1964. Isso provocou a destruição de um grupo que poderia ter colocado a nossa pátria no cenário mundial sem depender do OK dos grupos norte-americanos de Wall Street. Este livro procura provar isso. Não só em relação à televisão, ou rede nacional de comunicação, mas principalmente com o café, trigo, aviação, supermercados, exportação e todas as possibilidades de iniciativas que de Zurique pudesse comandar a busca por um espaço brasileiro no mundo dos negócios internacionais.

Certa feita, estava eu na piscina do Herbert Levy, na fazenda de Campinas e um dos filhos dele comentou: *Que pena que papai acabou com a Excelsior. Ela era tão boa...*

407

No caso da TV, a livre concorrência, o mercado de trabalho aberto aos melhores profissionais, o progresso da comunicação, a integração do país, o noticiário nacional e local, a exportação de nosso talento artístico via televisão, a divulgação de nosso esporte, da música, dos filmes nacionais, em suma, da atitude em assumir nossa brasilidade.

Tudo isso começou com a TV Excelsior e sua posição empresarial, que foi um marco em transcender a mesquinha posição de empresários (que tiveram sua importância, implantando o progresso da comunicação, mas se comportavam como cartolas de futebol), para uma empresa com visão internacional que usava a rede de televisão para unir o país em sua nacionalidade.

E o Edson Leite, tal como outros grandes profissionais da comunicação, apoiados por homens corajosos, colocou a televisão como um dos meios

de grande empatia do povo brasileiro, tal como a música popular e o futebol, com nosso jeitinho.

E Boni, Walter Clark, Roberto Montoro, Joe Wallach, e uma grande equipe de profissionais, bancados por Roberto Marinho, continuaram esse progresso no sucesso nacional da Rede Globo de Televisão, conquistando o povo de todo o país com um comportamento empresarial. A Globo sintetizou o sonho dos que sempre tentaram fazer da música popular, do futebol, dos esportes, do noticiário, do cinema, do entretenimento, da arte, da cultura, um encontro do povo brasileiro consigo mesmo. Com todas as qualidades e defeitos de nossa gente.

Eu não consegui o resultado que Edson Leite conseguiu na Excelsior, muito menos o resultado fantástico que Boni alcançou na Globo, nem o pioneirismo de Cassiano Gabus Mendes na Tupi, como trabalhamos na mesma posição profissional – embora o termo diretor artístico tenha cambiado para superintendente de produção e programação – todos batalhamos, amparados por trabalhadores excepcionais, diante ou atrás das câmeras e apoiados por empresários modernos.

E fizemos história.

Álvaro de Moya

*Regrets, I have a few. But I did my way.*

*“O homem sensato se adapta ao mundo; o homem insensato insiste em tentar adaptar o mundo a si próprio, portanto, todo o progresso depende das pessoas insensatas.”*

409

George Bernard Shaw



## Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução-Introduction – Sidney Pike	11
Jules Dassin – Álvaro de Moya	21
O Mundo em 1960 (AM)	23
O Brasil em 1960 (AM)	27
No princípio era... (AM)	31
A Notícia na Hora Certa (AM)	43
Cinema em Casa (AM)	45
Cimento (AM)	53
Vigilante Rodoviário (AM)	61
Esportes (AM)	65
Infantis (AM)	67
Entrevista – Arlindo Partiti	69
Sidney Pike (AM)	71
Carlos Lacerda (AM)	77
Caminhos da Medicina (AM)	85
Criatividade (AM)	87
Televisão Excelsior – Lauro César Muniz	91
Bibi Ferreira – Entrevista a Álvaro de Moya	97
TV Excelsior, canal 9 – pelo Manoel Carlos	111
A TV Excelsior da Rua Nestor Pestana: Anos 60 – por Cyro Del Nero	115
TV Excelsior: O Salto Qualitativo – Maestro Júlio Medaglia	119
O Panorama Musical dos Anos 60 e a TV Excelsior – por Fátima Feliciano	123
A Excelsior e o Moya, em Quadrinhos – J.B.Oliveira Sobrinho	133
Edson, Alberto – (AM)	139
Telenovela Brasileira: A Grande Viagem de Ivani Ribeiro – por Fátima Feliciano	143
Novelas da Excelsior – Pesquisa: Mauro de Alencar	151
TV Excelsior – Aspectos Históricos. Edgard Ribeiro de Amorim	153
Carlos Manga (do livro 50/50 de Boni)	299

Daniel Filho (do livro O Circo Eletrônico de Daniel Filho)	301
O Comercial segundo Carlito Adese – entrevista a Marcelo Pires Camargo	303
Vida e Morte da TV que Criou o Conceito de Rede – Entrevista de José Dias a Gonçalo Jr.	305
O Saque ao Aeroporto de Barreiras – por Gonçalo Jr.	337
Simonsen: Um Império Que Foi Pelos Ares. Carlos Henrique Novis (Caíque)	347
Joe Wallach – Guilherme Werneck in Revista Trip nº 169, agosto de 2008	393
Cinema in VT. Álvaro de Moya	395
Sartre ( A.M.)	401
O Goleiro (A.M.)	403
Final (A.M.)	405

## Álvaro de Moya

Jornalista, professor aposentado da USP.

Autor dos livros *Shazam*, *História da História em Quadrinhos*, *O Mundo de Disney*, *Anos 50/50 Anos* e *Vapt-Vupt*.

Roteirista, produtor e diretor de cinema e TV.

Desenhou os letreiros de apresentação da TV Tupi no dia de sua inauguração em 18 de setembro de 1950.

Diretor da TV Paulista Canal 5 de SP, Diretor da TV Excelsior, Canal 9, SP. E codiretor da TV Bandeirantes, onde produziu a telenovela *Os Imigrantes*. Diretor de Criação da Rede Tupi de Televisão.

Corroteirista de *Conceição* e cenógrafo de *Arara Vermelha*, filmes em longa-metragem.

Prêmio *Fábio Prado* da UBE com o roteiro *O Goleiro*, de cinema.

Chargista e ilustrador do Jornal *O Tempo*. Colaborador do Jornal da Tarde, do Caderno 2 de O Estado de S. Paulo e da Folha de S. Paulo.

Pioneiro do estudo das histórias em quadrinhos, organizou o 1º evento no mundo em 18 de junho de 1951, a Primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, reconhecido pelos europeus e norte-americanos como o evento pioneiro nas modernas concepções dos estudos internacionais da comunicação de massa.

Desenhista das versões *A Marcha de Afonso Schmidt* para Edições Maravilhosas, *Zumbi* e *Macbeth* de Shakespeare para Clássicos de Terror.

Conferencista em Buenos Aires, New York, Roma, Lucca e Paris (no Museu do Louvre).

Chefe das delegações brasileiras aos congressos de *Comics* em Lucca na Itália, desde 1966 até 1998, em Roma.

Correspondente da revista *WittyWorld*, publicação internacional de charges editada nos EUA

Criou o *Cinema em Casa*, na TV Excelsior.

Programador do Cine Marachá Augusta de 1970 a 1977, com as famosas sessões malditas.

Assessor da diretoria da Empresa Cinematográfica Haway.

Ex-diretor internacional da Maurício de Sousa Produções.

Criou e apresentou o *Cinemúsica* na Rádio Cultura FM em 1993.

Colaborador da *Revista Abigraf*.

Colaborador de enciclopédias editadas na Espanha, Estados Unidos, França e Itália.

Correspondente da *Latin American Studies* editada pela Universidade New Mexico, nos EUA

Organizador do evento *Quadrinhos Quadro a Quadro*, realizado pelo SESC-Consolação, em 1999.

Escolhido pela Universidade La Sapienza, de Roma para, com representantes do mundo todo, ser um dos dez especialistas no estudo dos Comics e determinar a data do centenário dos Quadrinhos, na Itália, com 'sábios' dos Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Espanha, Itália, França. O único representante da América Latina.

Planejou e implantou a Gibiteca Henfil, para a Secretaria Municipal de Cultura, da Prefeitura do Município de São Paulo.

Organizador da Gibiteca da FIESP/SESI, em São Paulo.

2002/2003/2004. Professor da UniFIAM, núcleos Quadrinhologia, Teatro, Rádio e TV

2004: Vice-presidente da Pró-TV (Associação dos Pioneiros da Televisão)





## Créditos das fotografias

Todas as fotos incluídas neste volume fazem parte do acervo pessoal de **Álvaro de Moya** (fotos da página 208 de Paulo Salomão), exceto as fotos das páginas 209 e 210, gentilmente cedidas por **Arlete Montenegro**, as fotos da página 84, gentilmente cedidas por **Nydia Licia** e as fotos referentes ao programa Brasil 60 e seu sucessores, gentilmente cedidas por **Bibi Ferreira**, parte de seu inestimável acervo.

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores. Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.



### **Bibliografia Álvaro de Moya**

- AMORIM, E.R - TV Ano 40, CCSP, SP, 1990
- BONI - 50/50, Ed. Globo, SP, 2000
- CARDOSO, R. - No Princípio era o som, Madras. SP, 2000
- COSTA, A.H. - Um País no Ar, Brasiliense, SP, 1986
- DANIEL Fº - O Circo Eletrônico
- FERNANDES, I. - Telenovela Brasileira, Brasiliense, SP, 1987
- GONÇALO Jr. - País da TV, Conrad, SP, 2001.
- LESSA MATTOS, D.J., O Espetáculo da Cultura Paulista, Códex, SP, 2002
- LESSA MATTOS, D.J., Pioneiros da TV no Brasil, SP, 2004
- MEDAGLIA, J. Música Impopular, Global, SP, 1988
- MELLO, Z.H. - A Era dos Festivais, Ed. 34, SP, 2003
- MORA, Renzo - Sinatra, Lemos Editorial, SP, 2001
- MOYA, Álvaro - Anos 50/50 Anos, Opera Graphica, SP, 2001
- PORTO E SILVA, F.L. - O Teleteatro Paulista, SMC, SP, 1981
- VIVEIROS, R. - O Filho de Dona Anna, SP, Cultrix, 2008
- WHITEMORE, H. - CNN, Little, Brown and Co., Boston, 1990



## Bibliografia - Caíque Novis

- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. Pequena História da Formação Social Brasileira. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- ALVES, Albérico Barroso. O romance da revolução: como e por que aconteceu a revolução de março. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
- ARAÚJO, Inácio & outros. Rede Imaginária: Televisão e Democracia. São Paulo, Cia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
- BANDEIRA, Moniz. O 24 de agosto de Jânio Quadros. Rio de Janeiro, Nelson, 1961.
- Presença dos Estados Unidos no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- BASBAUM, Leôncio. História sincera da república: de Jânio Quadros a Costa e Silva (1961-1967). São Paulo, Fulgor, 1968.
- BENEVIDES, M. V. de Mesquita. O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política: 1956-1961. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- BORGES, Mauro. O golpe em Goiás: história de uma grande traição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- CALAINHO, Luiz & SILVA, Orlando Marques da. História Cronológica da Panair do Brasil. Rio de Janeiro, s/n, 1989.
- CALLADO, Antônio. "Jango ou suicídio sem sangue". In: Os idos de março e a queda em abril. Rio de Janeiro, J. Álvaro, 1964.
- CAPARELLI, Sérgio. Comunicação de Massa sem Massa. São Paulo, Summus, 1986.
- Televisão e Capitalização no Brasil. Porto Alegre, LP&M, 1982.
- CARVALHO, Elizabeth; KEHL, Maria Rita & RIBEIRO, Santuza. Anos 70. Televisão. Rio de Janeiro, Europa, 1980.
- COSTA, Alcir Henriques da; SIMÕES, Inimá Ferreira & KEHL, Maria Rita. Um País no Ar: A História da TV Brasileira em 3 canais. São Paulo, Brasiliense / Funarte, 1986.
- CPDOC Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, s/d.
- DORIA, Francisco Antonio. Os Herdeiros do Poder. Rio de Janeiro, Revan, 1995.

- No Tempo de Vargas. Rio de Janeiro, Revan, 1994.
- DREIFUSS, René Armand. 1964: A Conquista do Estado. Petrópolis, Vozes, 1981.
- DUTRA, Eloy. IBAD: sigla da corrupção. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1982.
- FERNANDEZ, Ismael. Memória da Televisão Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- HERZ, Daniel. A História Secreta da Rede Globo. Porto Alegre, Tchê, 1987.
- JUREMA, Abelardo. Sexta-feira, 13: os últimos dias do governo João Goulart. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.
- LEAL, Ondina Fachel. A Leitura Social da Novela das Oito. Petrópolis, Vozes, 1986.
- LEVY, Herbert. O Livro Negro do Café. São Paulo, Limonardi, 1964.
- LIMA, Fernando Barbosa; PRIOLLI, Gabriel & MACHADO, Arlindo. Televisão & Vídeo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- MACIEL, Luiz Carlos. Anos 60. Porto Alegre, LP&M, 1987.
- MATOS, Sérgio. Um Perfil da TV Brasileira (40 anos de história 1950-1990). Salvador, Abap / A Tarde, 1990.
- MELO, José Marques de. Para uma leitura crítica da Comunicação. São Paulo, Paulinas, 1985.
- MILANESI, Luiz Augusto. O Paraíso Via Embratel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- MONIZ, Edmundo. O golpe de abril. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- MOREL, Edmar. O golpe começou em Washington. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- ORTIZ, Renato. Telenovela: História e Produção. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- PEREIRA, Aldo. Breve História da Aviação Comercial Brasileira. Rio de Janeiro, Europa, 1987.

- PEREIRA, Carlos Alberto M. & MIRANDA, Ricardo. *Televisão: O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- PIGNATARI, Décio. *Signagem da Televisão*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- PRADO, João Rodolpho do. *TV: Quem Vê Quem*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.
- RAO, José Carlos & outros. *O Caso Comal*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1965.
- RITO, Lúcia; ARAÚJO, Maria Elisa de & ALMEIDA, Cândido José Mendes de. *Imprensa Ao Vivo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989,
- RYFF, Raul. *O Fazendeiro Jango no Governo*. Rio de Janeiro, Avênir, 1984.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito Além do Jardim Botânico*. São Paulo, Summus, 1985.
- SILVA, Hélio. *1964: golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- *Primeiro Século de República*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- SODRÉ, Muniz. *O Brasil Simulado e o Real*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.
- *A Máquina de Narciso*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- *Televisão, Tecnologia e Poder*, Rio de Janeiro, s/n, 1986.
- *A Comunicação do Grotesco*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- *O Monopólio da Fala*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os Senhores das Gerais*. Petrópolis, Vozes, 1986.

#### Periódicos

Correio Braziliense, Brasília, 8/5/1986.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1/4/1964.

Diário do Congresso Nacional, Suplemento 78 da CPI do Café, Brasília, 5/5/1964.

O Estado de Minas, Belo Horizonte, 3/3/1985.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26/3/1970, 31/3/1970, 27/5/1971, 28/5/1971, 16/6/1971, 1/11/1971, 29/9/1972, 23/9/1979, 13/3/1986.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 25/10/1986.

Gazeta Mercantil, São Paulo, 5/3/1985, 6/3/1985, 9/3/1985.

O Globo, Rio de Janeiro, 4/8/1977, 28/10/1979, 19/11/1986.  
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29/9/1970, 30/9/1970, 19/12/1984,  
4/2/1985, 3/3/1985, 13/3/1985, 14/3/1985, 24/10/1987.  
Jornal do País, Rio de Janeiro, 21/3/1985.  
Revista Briefing, São Paulo, setembro de 1980.  
Revista dos Tribunais, São Paulo, 1965.  
Senhor, São Paulo, 21/1/1985, 13/3/1985.  
Veja, São Paulo, 4/2/1970, 15/4/1970, 2/6/1971, 9/6/1971, 21/1/1985

## **Coleção Aplauso**

### **Série Cinema Brasil**

***Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma***

Alain Fresnot

***Agostinho Martins Pereira – Um Idealista***

Máximo Barro

***Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino***

Alfredo Sternheim

***O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias***

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

***Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro***

Luiz Carlos Merten

***Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma***

Rodrigo Murat

***Ary Fernandes – Sua Fascinante História***

Antônio Leão da Silva Neto

***O Bandido da Luz Vermelha***

Roteiro de Rogério Sganzerla

***Batismo de Sangue***

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

***Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida***

Sérgio Rodrigo Reis

***Cabra-Cega***

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

***O Caçador de Diamantes***

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

***Carlos Coimbra – Um Homem Raro***

Luiz Carlos Merten

***Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver***

Marcelo Lyra

***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

***Casa de Meninas***

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

***O Caso dos Irmãos Naves***

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

***O Céu de Suely***

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

***Chega de Saudade***

Roteiro de Luiz Bolognesi

***Cidade dos Homens***

Roteiro de Elena Soárez

***Como Fazer um Filme de Amor***

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

***O Contador de Histórias***

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

***Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade***

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

***Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade***

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:  
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

***Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser***

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Desmundo***

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

***Djalma Limongi Batista – Livre-Pensador***

Marcel Nadale

***Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro***

Jeferson De

***Dois Córregos***

Roteiro de Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***Os 12 Trabalhos***

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

***Estômago***

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

***Feliz Natal***

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

***Fernando Meirelles – Biografia Prematura***

Maria do Rosário Caetano

***Fim da Linha***

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

***Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil***

Luiz Zanin Oricchio

**Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas**

Celso Sabadin

**Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior**

Klecius Henrique

**Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo**

Luiz Zanin Oricchio

**Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas**

Pablo Villaça

**O Homem que Virou Suco**

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

**Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir**

Remier

**João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias**

Maria do Rosário Caetano

**Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera**

Carlos Alberto Mattos

**José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina**

Marcel Nadale

**José Carlos Burle – Drama na Chanchada**

Máximo Barro

**Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção**

Renata Fortes e João Batista de Andrade

**Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema**

Alfredo Sternheim

**Maurice Capovilla – A Imagem Crítica**

Carlos Alberto Mattos

**Mauro Alice – Um Operário do Filme**

Sheila Schwarzman

**Máximo Barro – Talento e Altruísmo**

Alfredo Sternheim

**Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra**

Antônio Leão da Silva Neto

**Não por Acaso**

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

**Narradores de Javé**

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

**Olhos Azuis**

Argumento de José Joffily e Jorge Duran

Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

**Onde Andará Dulce Veiga**

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

**Orlando Senna – O Homem da Montanha**

Hermes Leal

***Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela***

Rogério Menezes

***Quanto Vale ou É por Quilo***

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

***Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar***

Rodrigo Capella

***Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente***

Neusa Barbosa

***Salve Geral***

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

***O Signo da Cidade***

Roteiro de Bruna Lombardi

***Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

***Viva-Voz***

Roteiro de Márcio Alemão

***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

***Vlado – 30 Anos Depois***

Roteiro de João Batista de Andrade

***Zuzu Angel***

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

**Série Cinema**

***Bastidores – Um Outro Lado do Cinema***

Elaine Guerini

**Série Ciência & Tecnologia**

***Cinema Digital – Um Novo Começo?***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

***A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual***

Luiz Gonzaga Assis De Luca

**Série Crônicas**

***Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças***

Maria Lúcia Dahl

**Série Dança**

***Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal***

Sérgio Rodrigo Reis

**Série Música**

***Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos***

Alfredo Sternheim

**Rogério Duprat – Ecletismo Musical**

Máximo Barro

**Sérgio Ricardo – Canto Vadio**

Eliana Pace

**Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação**

Beatriz Coelho Silva

### **Série Teatro Brasil**

**Alcides Nogueira – Alma de Cetim**

Tuna Dwek

**Antenor Pimenta – Circo e Poesia**

Danielle Pimenta

**Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral**

Alberto Guzik

**Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício**

Org. Carmelinda Guimarães

**Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão**

Org. José Simões de Almeida Júnior

**Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito**

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

**Ilo Krugli – Poesia Rasgada**

Ieda de Abreu

**João Bethencourt – O Locatário da Comédia**

Rodrigo Murat

**José Renato – Energia Eterna**

Hersch Basbaum

**Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher**

Eliana Pace

**Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab**

Adélia Nicolete

**Maurice Vaneau – Artista Múltiplo**

Leila Correa

**Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem**

Rita Ribeiro Guimarães

**Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC**

Nydia Licia

**O Teatro de Abílio Pereira de Almeida**

Abílio Pereira de Almeida

**O Teatro de Aimar Labaki**

Aimar Labaki

**O Teatro de Alberto Guzik**

Alberto Guzik

**O Teatro de Antonio Rocco**

Antonio Rocco

***O Teatro de Cordel de Chico de Assis***

Chico de Assis

***O Teatro de Emílio Boechat***

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos***

Germano Pereira

***O Teatro de José Saffioti Filho***

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

***Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar***

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***O Teatro de Sérgio Roveri***

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena***

Ariane Porto

**Série Perfil**

***Analy Alvarez – De Corpo e Alma***

Nicolau Radamés Creti

***Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo***

Tania Carvalho

***Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção***

Alfredo Sternheim

***Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros***

Rogério Menezes

***Berta Zemel – A Alma das Pedras***

Rodrigo Antunes Correia

***Bete Mendes – O Cão e a Rosa***

Rogério Menezes

***Betty Faria – Rebelde por Natureza***

Tania Carvalho

***Carla Camurati – Luz Natural***

Carlos Alberto Mattos

***Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício***

Tania Carvalho

***Celso Nunes – Sem Amarras***

Eliana Rocha

***Cleyde Yáconis – Dama Discreta***

Vilmar Ledesma

***David Cardoso – Persistência e Paixão***

Alfredo Sternheim

***Débora Duarte – Filha da Televisão***

Laura Malin

***Denise Del Vecchio – Memórias da Lua***

Tuna Dwek

***Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas***

Reinaldo Braga

***Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida***

Maria Leticia

***Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz***

Erika Riedel

***Etty Fraser – Virada Pra Lua***

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética***

Reni Cardoso

***Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério***

Neusa Barbosa

***Fernando Peixoto – Em Cena Aberta***

Marília Balbi

***Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira***

Eliana Pace

***Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar***

Sérgio Roveri

***Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema***

Maria Angela de Jesus

***Ilka Soares – A Bela da Tela***

Wagner de Assis

***Irene Ravache – Caçadora de Emoções***

Tania Carvalho

***Irene Stefania – Arte e Psicoterapia***

Germano Pereira

***Isabel Ribeiro – Iluminada***

Luis Sergio Lima e Silva

***Isolda Cresta – Zozô Vulcão***

Luis Sérgio Lima e Silva

***Joana Fomm – Momento de Decisão***

Vilmar Ledesma

***John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida***

Neusa Barbosa

***Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão***

Nilu Lebert

***Jorge Loredó – O Perigote do Brasil***

Cláudio Fragata

***José Dumont – Do Cordel às Telas***

Klecius Henrique

***Leonardo Villar – Garra e Paixão***

Nydia Licia

***Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral***

Analu Ribeiro

***Lolita Rodrigues – De Carne e Osso***

Eliana Castro

***Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa***

Vilmar Ledesma

***Marcos Caruso – Um Obstinado***

Eliana Rocha

***Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária***

Tuna Dwek

***Marisa Prado – A Estrela, O Mistério***

Luiz Carlos Lisboa

***Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição***

Renato Sérgio

***Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão***

Vilmar Ledesma

***Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra***

Alberto Guzik

***Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família***

Elaine Guerrini

***Nívea Maria – Uma Atriz Real***

Mauro Alencar e Eliana Pace

***Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras***

Sara Lopes

***Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador***

Teté Ribeiro

***Paulo José – Memórias Substantivas***

Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler***

Eliana Pace

***Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado***

Tania Carvalho

***Regina Braga – Talento é um Aprendizado***

Marta Goes

***Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto***

Wagner de Assis

***Renata Fronzi – Chorar de Rir***

Wagner de Assis

***Renato Borghi – Borghi em Revista***

Élcio Nogueira Seixas

***Renato Consorte – Contestador por Índole***

Eliana Pace

***Rolando Boldrin – Palco Brasil***

Ieda de Abreu

***Rosamaria Murtinho – Simples Magia***

Tania Carvalho

***Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro***

Nydia Licia

***Ruth de Souza – Estrela Negra***

Maria Ângela de Jesus

***Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema***

Máximo Barro

***Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes***

Nilu Lebert

***Silnei Siqueira – A Palavra em Cena***

Ieda de Abreu

***Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte***

Vilmar Ledesma

***Sônia Guedes – Chá das Cinco***

Adélia Nicolete

***Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro***

Sonia Maria Dorce Armonia

***Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrighuiana?***

Maria Thereza Vargas

***Stênio Garcia – Força da Natureza***

Wagner Assis

***Suely Franco – A Alegria de Representar***

Alfredo Sternheim

***Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra***

Sérgio Roveri

***Theresa Amayo – Ficção e Realidade***

Theresa Amayo

***Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza***

Tania Carvalho

***Umberto Magnani – Um Rio de Memórias***

Adélia Nicolete

***Vera Holtz – O Gosto da Vera***

Analu Ribeiro

***Vera Nunes – Raro Talento***

Eliana Pace

**Walderez de Barros – Voz e Silêncios**

Rogério Menezes

**Walter George Durst – Doce Guerreiro**

Nilu Lebert

**Zezé Motta – Muito Prazer**

Rodrigo Murat

## **Especial**

**Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso**

Wagner de Assis

**Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta**

Elmo Francfort

**Beatriz Segall – Além das Aparências**

Nilu Lebert

**Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos**

Tania Carvalho

**Célia Helena – Uma Atriz Visceral**

Nydia Licia

**Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais**

Tania Carvalho

**Cinema da Boca – Dicionário de Diretores**

Alfredo Sternheim

**Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira**

Antonio Gilberto

**Eva Todor – O Teatro de Minha Vida**

Maria Angela de Jesus

**Eva Wilma – Arte e Vida**

Edla van Steen

**Lembranças de Hollywood**

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

**Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida**

Warde Marx

**Mazzaropi – Uma Antologia de Risos**

Paulo Duarte

**Ney Latorraca – Uma Celebração**

Tania Carvalho

**Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias Gomes – História de um Personagem Larapista e Maquiavelento**

José Dias

**Raul Cortez – Sem Medo de se Expor**

Nydia Licia

**Rede Manchete – Aconteceu, Virou História**

Elmo Francfort

***Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte***

Nydia Licia

***Tônia Carrero – Movida pela Paixão***

Tania Carvalho

***TV Tupi – Uma Linda História de Amor***

Vida Alves

***Victor Berbara – O Homem das Mil Faces***

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado***

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

---

Moya, Álvaro

Glória in excelsior : ascensão, apogeu e queda do maior sucesso da televisão brasileira Álvaro de Moya. – 2ª ed. revista e ampliada – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

440p. : il. – (Coleção aplauso. Série especial / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-922-9

1. Televisão – História – Brasil 2. Televisão – Aspectos econômicos 3. TV Escelsior I. Ewald Filho, Rubens, II Título. II. Série.

CCD 791.450 981

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Televisão: História 791.450.981

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor ou dos editores  
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal  
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Rua da Mooca, 1921 Mooca  
03103-902 São Paulo SP  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)  
[livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)  
SAC 0800 01234 01  
[sac@imprensaoficial.com.br](mailto:sac@imprensaoficial.com.br)

**Coleção Aplauso Série Especial**

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico e Editoração	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Karina Vernizzi
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão e Preparação de texto	Sárvio Nogueira Holanda

Formato: 18 x 25,5 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90g/m<sup>2</sup>

Papel capa: Triplex 250 g/m<sup>2</sup>

Número de páginas: 440

Editoração, CTP, impressão e acabamento:  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)





1º logotipo da TV Excelsior

